

dossiê temático

MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA

ORGANIZADORAS

Cristina Araripe Ferreira

Cristiani Vieira Machado



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



FIOCRUZ MULHERES
E MENINAS
NA CIÊNCIA



Catálogo na fonte

Fundação Oswaldo Cruz

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Biblioteca de Saúde Pública

D724d Dossiê temático: mulheres e meninas na ciência / organizado por
Cristina Araripe Ferreira e Cristiani Vieira Machado - Rio de Janeiro :
FIOCRUZ, SUS, MS, 2022. 264 p. : il. color.

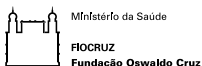
ISBN: 978-65-87063-12-6

Inclui Bibliografia.

1. Ocupações em Saúde. 2. Mulheres. 3. Grupo com Ancestrais do
Continente Africano. 4. Ciência. 5. Fatores Socioeconômicos. 6. Equidade de
Gênero. 7. Estratégias de Saúde. 8. Promoção da Saúde. 9. Institutos
Governamentais de Pesquisa. I. Machado, Cristiani Vieira (Org.). II. Ferreira,
Cristina Araripe (Org.). III. Título.

CDD - 23.ed. - 331.11913621

Realização



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



dossiê temático
MULHERES
E MENINAS
NA CIÊNCIA

ORGANIZADORAS

Cristina Araripe Ferreira
Cristiani Vieira Machado

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Presidência

Nísia Trindade Lima

Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS)

Patrícia Canto Ribeiro

Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (VPEIC)

Cristiani Vieira Machado

Vice-Presidência de Gestão e Desenvolvimento Institucional (VPGDI)

Mario Santos Moreira

Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB)

Rodrigo Correa de Oliveira

Vice-Presidência de Produção e Inovação em Saúde (VPPIS)

Marco Aurélio Krieger

Chefia de Gabinete

Valcler Rangel Fernandes

Juliano Lima

Coordenação de Estratégias de Integração Regional e Nacional

Wilson Savino

Coordenação de Vigilância em Saúde e Laboratórios de Referência

Rivaldo Venâncio da Cunha

Coordenação das Ações de Prospecção

Carlos Gadelha

Coordenação Executiva do Complexo dos Institutos Nacionais de Saúde da Fundação Oswaldo Cruz

Carlos Maurício de Paulo Maciel

Coordenação de Comunicação Social

Elisa Andries

Coordenação Geral de Administração (Cogead)

Flávia Silva

Coordenação Geral de Gestão de Pessoas (Cogepe)

Andrea da Luz

Coordenação Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic)

Ana Beatriz Alves Cuzzatti

Coordenação Geral de Planejamento Estratégico (Cogeplan)

Ricardo de Godoi Mattos Ferreira

Coordenação Geral de Tecnologia de Informação (Cogetic)

Geraldo Sorte

Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos)

Mauricio Zuma Medeiros

Casa de Oswaldo Cruz (COC)

Paulo Roberto Elian dos Santos (2017 - 2021)

Marcos José Pinheiro (2021 - 2025)

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp)

Hermano Albuquerque de Castro (2017 - 2021)

Marco Antônio Carneiro Menezes (2021 - 2025)

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)

Anakeila de Barros Stauffer (2017 - 2021)

Anamaria D'Andrea Corbo (2021 - 2025)

Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos)

Jorge Souza Mendonça

Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz Pernambuco)

Sinval Pinto Brandão Filho (2017 - 2021)

Pedro Miguel dos Santos Neto (2021 - 2025)

Instituto Carlos Chagas (Fiocruz Paraná)

Bruno Dallagiovanna Muñiz (2017 - 2021)

Stênio Fragoso (2021 - 2025)

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict)

Rodrigo Murtinho de Martinez Torres

Instituto de Ciências e Tecnologias em Biomodelos (ICTB)

Carla de Freitas Campos (2017 - 2021)

Christoph Milewski (2021 - 2025)

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF)

Fábio Bastos Russomano (2017 - 2021)

Antônio Flávio Meirelles (2021 - 2025)

Instituto Gonçalo Muniz (Fiocruz Bahia)

Marilda de Souza Gonçalves

Instituto Leônidas e Maria Deane (Fiocruz Amazônia)

Sérgio Luiz Bessa Luz (2017 - 2021)

Adele Benzaken (2021 - 2025)

Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS)

Antônio Eugênio Castro Cardoso de Almeida

Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI)

Valdiléa Gonçalves Veloso dos Santos

Instituto Oswaldo Cruz (IOC)

José Paulo Gagliardi Leite (2017 - 2021)

Tânia Araújo-Jorge (2021 - 2025)

Instituto René Rachou (Fiocruz Minas)

Zélia Maria Profeta da Luz (2017 - 2021)

Roberto Sena (2021 - 2025)

Fiocruz Brasília

Maria Fabiana Damásio Passos

Fiocruz Ceará

Antônio Carlile Holanda Lavor

Fiocruz Mato Grosso do Sul

Jislane de Fátima Guilhermino

Fiocruz Piauí

Jacenir Reis dos Santos Mallet

Fiocruz Rondônia

Jansen Fernandes de Medeiros

VICE-PRESIDÊNCIA DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação

Cristiani Vieira Machado

Coordenação Geral de Educação

Maria Cristina Rodrigues Guilam

Eduarda Cesse

Coordenação de Informação e Comunicação

Vanessa Arruda

Ana Beatriz Aguiar Slaibi Lopes

Coordenação de Gestão e Planejamento

Beatriz Velho

Beatris Duqueviz

Coordenação de Divulgação Científica

Cristina Araripe Ferreira

PROGRAMA MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA

Coordenação

Cristina Araripe Ferreira

Equipe técnica

João Marcello Boueri Rossignaux

Sabrina Behar Jorge

Valentina dos Santos Leite

Thatiana Victoria dos Santos Machado

Jornalista

Simone Kabarite

Suporte Administrativo

Maria Emília Boueri Rossignaux

Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência (Portaria nº 5506/2019-PR)

Ana Carolina de Souza Gonzalez

Cristiane Nogueira Braga

Cristina Araripe Ferreira

Érika Guedes Farias

Hilda da Silva Gomes

Leticia Batista da Silva

Maria Inês Rodrigues

Rosicler da Silva Neves

Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência / Fórum de Divulgação Científica da Fiocruz

Alexsandra Favacho

Ana Beatriz Ayres.

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Beatris Camila Duqueviz

Beatriz Alves Velho

Claudia Teresa Vieira de Souza

Corina Helena Figueira Mendes

Cristiane Nogueira Braga Percini

Cristina Araripe Ferreira

Elaine Ferreira do Nascimento

Fabiane Vinente dos Santos

Fernanda de Oliveira Bottino

Genimar Rebouças Julião

Hilda da Silva Gomes

Isabela Soares Santos

Isadora Cristina de Siqueira

Juliana Krapp Guimarães

Klena Sarges Marruaz da Silva

Luciana Pereira Lindenmeyer

Marcia Muchagata

Maria das Graças Rojas Soto

Maria Ines Rodrigues Fernandes

Mariana Conceição de Souza

Patricia Constantino

Rafaela Vieira Bruno

Renata Monteiro Maia

Rita de Cassia Prazeres de Vasconcelos

Rosicler da Silva Neves

Valeria Cristina Gomes de Castro

Vanira Matos Pessoa

Zélia Maria Profeta da Luz

Esta publicação foi editada pela Equipe do Programa Mulheres e Meninas na Ciência, vinculado à Coordenação de Divulgação Científica da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fundação Oswaldo Cruz.

Este livro foi publicado de acordo com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. Os textos constantes nesta publicação podem ser copiados e compartilhados, desde que não sejam utilizados para fins comerciais e que seja citada a fonte e atribuídos os devidos créditos. Distribuição gratuita.

Apoio: Fiocruz 120 anos: os novos desafios da Saúde Pública e da Ciência, Tecnologia e Inovação no cenário Nacional e Global.

Endereço:

Av. Brasil 4.036, sala 1016A · Maré,

Rio de Janeiro · RJ, Brasil · CEP 21040-361

e-mail: mulheres.ciencia@fiocruz.br

FICHA TÉCNICA

Organizadoras

Cristina Araripe Ferreira
Cristiani Viera Machado

Pesquisa

Cristina Araripe Ferreira
Sabrina Behar Jorge

Edição de textos

Jefferson de Matos Campos
João Marcello Boueri Rossignaux
Sabrina Behar Jorge
Thatiana Victoria dos Santos Machado
Valentina dos Santos Leite

Revisão de textos

Jefferson de Matos Campos
Marcus Marconi Palmeira Guimarães
Beth Nardelli

Transcrição de áudios

Ana Leticia Angelotti

Projeto gráfico e diagramação

dorotéia design
Adriana Campos
B. Benedicto

Colaboração

Beatris Duqueviz
Beatriz Velho
Gabriel Rosa
Inez Sodré
Luciene Moraes
Marcelo Garcia
Pedro Henrique Nunes Jorge
Rita de Cássia Duarte
Sabrina Amâncio
Wagner Nagib

Agradecimento especial às equipes da Vídeo Saúde Distribuidora/Icict e Canal Saúde/Fiocruz

Autores

Alexsandra Rodrigues de Mendonça Favacho
Aline Lopes Lacerda
Aline Pessoa
Amanda Forte Ferreira
Amanda Reyes
Ana Lucia de M. Pontes
Anakeila Stauffer
Ananda Santana Mateus
André de Faria Pereira Neto
André Luiz da Silva Lima
Andrea da Luz Carvalho
Aryella Maryah Couto Correa
Beatriz Grinsztejn
Camilly Evangelista de Almeida
Carolina Cunha Monteiro
Claudilene Silva Gonçalves
Constância Ayres
Corina Helena Figueira Mendes
Cristiana Ferreira Alves de Brito
Cristiana Grumbach
Cristiane Nogueira Braga
Cristiani Vieira Machado
Cristina Araripe Ferreira
Daiana Galdino Pinto da Silva
Daiane Rossi
Dalia Romero
Delaine Costa
Denise Nacif Pimenta
Deusilene Souza Vieira Dall'acqua
Eduardo de Castro Ferreira
Elaine Ferreira do Nascimento
Elisa Urbano Ramos
Elizabeth Leite
Emilly Yorio Camargo Barbosa
Estephane Gonçalves Santos
Fabiana Damasio
Fabiane Vinente dos Santos
Geisa Paulino Caprini Evaristo
Genimar Rebouças Julião
Gláucia Elisete Barbosa Marcon
Hilda Gomes
Hipamaallhe - Brulina Aurora
Inara do Nascimento Tavares
Isabela Soares Santos

Isadora Cristina de Siqueira
Jaqueline Goes
Jislaine de Fátima Guilhermino
João Marcello Boueri Rossigneux
José Gadelha da Silva Junior
Joziléia Daniza Jagso Kaingang
Juliana Machado Santos
Karine Araújo Damasceno
Lenira Zancan
Leticia Lucas Mattos
Letícia Nunes Barros Rodrigues
Luana Linda da Silva
Luciana Pereira Lindenmeyer
Luciana Quillet Heymann
Luiz Otávio Ferreira
Manuella Vitória Alves da Silva
Marcia Correa e Castro
Margareth Dalcolmo
Margareth Portela
Maria Cecilia de Souza Minayo
Maria das Graças Rojas Soto
Maria Eduarda Bento Sampaio
Maria Eduarda Monteiro da Silva Marques
Maria Inês Carsalade Martins
Maria Lúcia Cardoso
Maria Luiza Moreira dos Santos
Mariella Silva de Oliveira-Costa
Marilda de Souza Gonçalves
Marilda Siqueira
Marina Maria
Martha Cristina Nunes Moreira
Milena Mota da Silva Rodrigues
Mychelle Alves
Nara Azevedo
Natalia Machado Tavares
Nísia Trindade Lima
Paloma Ferreira Coelho Silva
Paula Dias Bevilacqua
Roberta Gondim
Rosana Magalhães
Rosane Cuber Guimarães
Roseane Corrêa
Simone Petraglia Kropf
Stephanie dos Santos Cabral
Valdilêa Veloso
Valentina dos Santos Leite
Vanira Matos Pessoa
Zélia Maria Profeta da Luz
Zoraida Del Carmen Fernandez Grillo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
---------------------------	-----------

PARTE 1: MULHERES E MENINAS NA FIOCRUZ

1. MULHERES E CIÊNCIA · Nísia Trindade Lima	20
2. TODA MENINA PODE SER CIENTISTA · Cristiani Vieira Machado	24
3. "TUDO TEM UMA LINHA E CRUZÁ-LA É PERIGOSO; UMA VEZ CRUZADA, É IMPOSSÍVEL VOLTAR ATRÁS." (FIÓDOR DOSTOIÉVSKI) · Cristina Araripe Ferreira	28
4. É POSSÍVEL, SIM, SER UMA CIENTISTA · Mychelle Alves	34

COMITÊ PRÓ-EQUIDADE DE GÊNERO E RAÇA DA FIOCRUZ

5. UMA FIOCRUZ QUE SEJA INCLUSIVA E DIVERSA É O CAMINHO: ENTREVISTA COM ANDREA DA LUZ CARVALHO	38
6. UMA DIVERSIDADE DE MULHERES MARCADAS PELA DESIGUALDADE · Marina Maria	44

PÓS-GRADUANDAS

7. UMA INSTITUIÇÃO COM MULHERES FORTES E ADMIRÁVEIS · Elizabeth Leite	48
---	-----------

MULHERES, COMUNICAÇÃO E SAÚDE

8. IGUALDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA: O QUE A COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO? · Marcia Correa e Castro	52
--	-----------

MEMÓRIA INSTITUCIONAL

9. HISTÓRIA DA PRESENÇA FEMININA NA FIOCRUZ - Linha do tempo baseada nas pesquisas de Nara Azevedo	56
10. MULHERES NA FIOCRUZ: TRAJETÓRIAS · Luiz Otávio Ferreira, com a participação das pesquisadoras Nara Azevedo, Simone Petraglia Kropf, Luciana Quillet Heymann e Aline Lopes Lacerda, dos bolsistas recém-doutores André Lima e Daiane Rossi, e da documentarista Cristiana Grumbach	58
11. COMPROMISSO E DEDICAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA CECILIA DE SOUZA MINAYO NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA	62

PARTE 2: FIOCRUZ EM AÇÃO - ENCONTRO DE GERAÇÕES

1. NUNCA PODEMOS ADMITIR QUALQUER ATITUDE DE SILENCIAMENTO · Beatriz Grinsztejn	72
2. A MULHER AINDA TEM QUE LUTAR CADA DIA PARA PROVAR A SUA COMPETÊNCIA · Marilda de Souza Gonçalves	76
3. SEM POLÍTICAS PÚBLICAS NÓS VAMOS CONTINUAR PERPETUANDO A EDUCAÇÃO E A CIÊNCIA SÓ PARA OS RICOS, ELITIZADA E BRANCA · Zélia Profeta da Luz	80
4. DORORIDADE, A SORORIDADE APLICADA A NÓS, MULHERES PRETAS – Jaqueline Goes	84
A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FIOCRUZ	
5. PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA: UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA · Cristiane Nogueira Braga	88
DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES	
6. PARTICIPAR DO PROVOC TORNOU POSSÍVEL SONHAR EM SER CIENTISTA · Aryella Maryah Couto Correa	92
7. O ESPAÇO QUE EU MEREÇO É O ESPAÇO QUE EU QUISER · Amanda Reyes	96
MAIS MENINAS NA FIOCRUZ - PROJETOS ESTRATÉGICOS EM TODO O BRASIL	
8. FIOCRUZ AMAZÔNIA - NUMIÔ MOMÔRO: MENINAS CIENTISTAS DA AMAZÔNIA	102
9. FIOCRUZ BAHIA - MENINAS BAIANAS NA CIÊNCIA: CONECTANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO	106
10. FIOCRUZ BRASÍLIA - #MAIS MENINAS	110
11. FIOCRUZ CEARÁ - MENINAS NA CIÊNCIA EM EUSÉBIO: DIÁLOGOS PARA A PROMOÇÃO DO PENSAMENTO E DA AÇÃO CIENTÍFICA DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	114
12. FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL - MULHERES NA CIÊNCIA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO	118
13. FIOCRUZ MINAS GERAIS - INICIATIVAS DA FIOCRUZ MINAS PARA FORTALECER DIFERENTES TERRITÓRIOS A PARTIR DA ATRAÇÃO DE MAIS MENINAS E MULHERES NA CIÊNCIA	124
14. FIOCRUZ PARANÁ - NO RASTRO DE MERIT	128
15. FIOCRUZ PERNAMBUCO - MEU VERÃO NA FIOCRUZ	132

16. FIOCRUZ PIAUÍ - INSERIDAS NA CIÊNCIA NÓS MUDAMOS O MUNDO:
MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA JÁ! 136

17. FIOCRUZ RONDÔNIA - MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA DE RONDÔNIA:
UM ELO ENTRE O PASSADO E O FUTURO 140

AÇÕES EDUCATIVAS

INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE FERNANDES FIGUEIRA

18. AGENDA LARANJA E O PROTAGONISMO JUVENIL
NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 · Corina Helena Figueira Mendes 144

CASA DE OSWALDO CRUZ

19. MENINAS NEGRAS NA CIÊNCIA: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE,
DA CIDADANIA E DO EMPODERAMENTO · Hilda Gomes e Aline Pessoa 148

VICE-PRESIDÊNCIA DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

20. OLIMPÍADA BRASILEIRA DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE:
MENINA HOJE, CIENTISTA AMANHÃ · Cristina Araripe Ferreira,
João Marcello Boueri Rossignaux e Valentina dos Santos Leite 152

21. VOZES DO FUTURO:
NARRATIVAS SOBRE MAIS MENINAS NA CIÊNCIA · Amanda Forte Ferreira,
Ananda Santana Mateus, Camilly Evangelista de Almeida, Claudilene Silva Gonçalves,
Corina Helena Figueira Mendes, Daiana Galdino Pinto da Silva, Emilly Yorio Camargo Barbosa,
Estephane Gonçalves Santos, Juliana Machado Santos, Leticia Lucas Mattos,
Letícia Nunes Barros Rodrigues, Luana Linda da Silva, Manuella Vitória Alves da Silva,
Maria Eduarda Bento Sampaio, Maria Eduarda Monteiro da Silva Marques,
Maria Luiza Moreira dos Santos, Milena Mota da Silva Rodrigues 156

PARTE 3: MULHERES NO ENFRENTAMENTO À COVID-19 NA FIOCRUZ

1. PARA O COMBATE À DESINFORMAÇÃO, O DIÁLOGO COM A SOCIEDADE · Margareth Dalcolmo.....	174
2. A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO ON-LINE COMO PROMOÇÃO DE CUIDADO DA POPULAÇÃO DURANTE O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19 · Fabiana Damásio.....	178
3. COMPROMISSO DA PESQUISA COM A INFORMAÇÃO EM SAÚDE · Margareth Portela.....	182
4. PANDEMIA DO LADO DE LÁ: VENCENDO DESAFIOS NA BANCADA DO LABORATÓRIO · Marilda Siqueira	186
5. PRODUZINDO A VACINA, SALVANDO VIDAS · Rosane Cuber Guimarães.....	190
6. UM CENTRO HOSPITALAR DEDICADO À COVID · Valdiléa G. Veloso	194
7. HOMENS E MULHERES SÃO AFETADOS DE FORMA DIFERENTE POR EPIDEMIAS? O CASO DA COVID-19 NO BRASIL · Denise Nacif Pimenta.....	198

PARTE 4: DESIGUALDADES E GÊNERO: INTERSECÇÕES

DESIGUALDADES DE GÊNERO: BREVES DENÚNCIAS E PÍLULAS DE ANÚNCIOS · Anakeila Stauffer	206
ENVELHECIMENTO, MORTE, SOBREVIVÊNCIA E VIDA · Dalia Romero	210
NO BRASIL, O DEBATE SOBRE A MULHER É UMA DUPLA CILADA · Isabela Soares Santos	214
ONDE A MULHER ESTÁ E COMO ESTÁ NESSES LUGARES QUE CONQUISTA OU QUE SE PROPÕE A ESTAR · Paula Bevilacqua	218
TRAJETÓRIA, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA NA CIRCULAÇÃO DE BENS E DESIGUALDADES NO CUIDADO · Martha Cristina Nunes Moreira	222
QUAL O LUGAR DE MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA, NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO? · Roberta Gondim	226
AS DESIGUALDADES DE ACESSO À CIÊNCIA ENCONTRADAS PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM · Roseane Correa	230
MULHERES INDÍGENAS, CIÊNCIA E SAÚDE NA FIOCRUZ · Ana Lucia Pontes	234
CIÊNCIA E SAÚDE DESDE AS INDÍGENAS MULHERES · Elisa Urbano Ramos, Braulina Aurora-Hipamaallhe, Inara do Nascimento Tavares e Joziléia Daniza Jagso Kaingang	238

MINIBIOGRAFIAS

APRESENTAÇÃO A Fundação Oswaldo Cruz é uma instituição do seu tempo. A partir de uma trajetória única no país, com mais de 121 anos de pesquisas, educação, serviços e inovações no campo da saúde pública, a Fiocruz está presente em todo o território nacional com ações, programas e projetos que buscam contribuir para transformações sociais, como aquelas que envolvem a participação e o protagonismo de mulheres na ciência. Nós temos nos dedicado à superação de iniquidades estruturais, em seus sentidos sociais e históricos, como forma de garantia do direito fundamental à saúde.

O **Dossiê Temático: Fiocruz Mulheres e Meninas na Ciência** é registro manifesto dessas ações, temporalmente demarcado nos últimos quatro anos (2019-2022). Aqui seguem registrados nossa memória institucional e o processo de institucionalização de uma política interna dedicada a incentivar que mais meninas possam fazer ciência.

Com a finalidade de combater ainda mais a desigualdade de gênero no campo científico, a **Organização das Nações Unidas** (ONU) instituiu em 2015 o **Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência**: 11 de fevereiro. A Resolução A/RES/70/212 das Nações Unidas, de 22 de dezembro de 2015, visa dar acesso e assegurar a participação plena e igualitária de mulheres e meninas na ciência e tecnologia. Em 2019, o 11 de fevereiro passou a integrar o calendário de eventos da Fiocruz. No mesmo ano, foi criado o **Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência**, com o objetivo de propor e coordenar ações de incentivo à participação delas na instituição.

Para garantir discussões inclusivas, é necessário também dialogar com todos os setores da população, especialmente com aqueles sistematicamente privados de direitos sociais fundamentados na carta constitucional brasileira de 1988. Iniciativas que promovem a igualdade de gênero são essenciais para o processo de

transformação da sociedade, e nesse sentido amparamos nossas ações nos debates e alinhamentos definidos nos diversos fóruns institucionais, entre eles, o **Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz**.

Como será possível perceber ao longo deste **Dossiê**, alcançamos internamente níveis de participação significativos de mulheres em espaços de liderança e atividades de pesquisa. Avançamos agora no sentido de aprofundar e institucionalizar nossas ações, para que no longo prazo possamos contemplar, por exemplo, grupos de mulheres que convivem com outros tipos de opressão e ainda enfrentam dificuldades para seguir carreiras científicas, especialmente mulheres negras e indígenas.

Em 2020, o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência na instituição foi marcado pelo lançamento do primeiro edital Mais Meninas na Fiocruz. Nesse mesmo ano, o Grupo de Trabalho Mulheres e Meninas na Ciência, em virtude da ampliação dos projetos da Fiocruz ligados à temática, foi incorporado ao **Fórum de Divulgação Científica**, vinculado à Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic). A presente publicação reforça uma das diretrizes do Fórum: estimular a interiorização das ações de divulgação científica como parte da estratégia nacional da Fiocruz, com foco na redução das iniquidades regionais brasileiras.

A Fiocruz cumpre aqui e nas suas diversas frentes de atuação seu papel enquanto instituição de referência em nível nacional e global. Com as suas unidades espalhadas pelo país, promovemos e lideramos o debate, impactando positivamente as comunidades nas quais estamos inseridas. Mobilizamos os serviços de saúde, escolas e toda a rede de Ciência e Tecnologia, com agentes de saúde, estudantes e professores, além de alunos de pós-graduação e universidades.

O Dossiê se constitui em mais um espaço de reafirmação da importância da CT&I para a inclusão de mais mulheres em áreas estratégicas ao desenvolvimento do país: além da visibilidade, fortalece o papel da ciência na redução de desigualdades sociais, políticas e econômicas. Reforça a necessidade de um ambiente institucional cada vez mais diverso e plural na área científica, estimula a participação de mais mulheres e meninas, enriquece todos os campos do conhecimento, em um ciclo virtuoso.

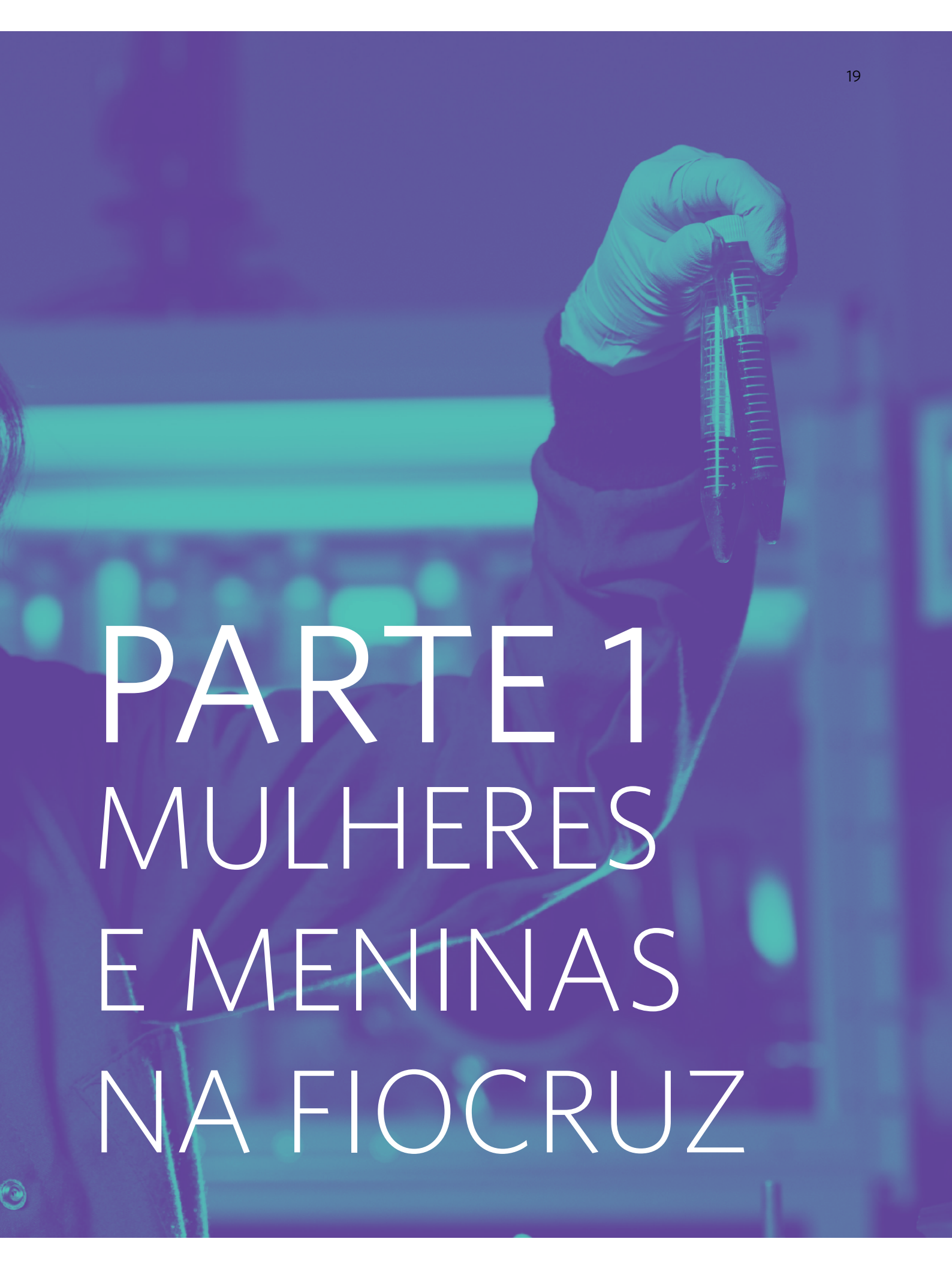
○ **Programa Fiocruz Mulheres e Meninas na Ciência** tem um início promissor, trabalhado por muitas mãos e, agora, apresentado também por textos extraídos de vivências, depoimentos e entrevistas. Pela frente, um árduo trabalho que só pôde e poderá existir devido à qualidade do conjunto de contribuições e inserções que são aportadas todos os dias ao fazer científico pelas *mulheres e meninas* da Fiocruz. Uma parte considerável desses textos foi transcrita de conferências, seminários e debates institucionais realizados nesse período, atividades que têm sido fundamentais para avançarmos na consolidação deste Programa. O aprofundamento dos nossos rumos institucionais nessa direção é sem dúvida resultado de um esforço coletivo e cotidiano empreendido nas práticas de cada uma das mulheres que atuam e representam a Fiocruz.

A emergência sanitária acarretada pela Covid-19 nos trouxe desafios que procuramos abordar com uma seção dedicada ao tema. Vimos novamente o papel fundamental de cada uma das servidoras da instituição no enfrentamento da pandemia em suas diversas frentes de atuação – seja na gestão, nos serviços de saúde, em nossas pesquisas e no desenvolvimento tecnológico. Uma rápida resposta, antes mesmo de o vírus chegar ao Brasil, planejada e executada por muitas mulheres.

Ainda que observemos um quadro relativamente otimista, não podemos ter os exemplos de quebra de paradigma como vitória definitiva. Pensando nisso, este Dossiê Temático aborda em cada uma das suas seções as seguintes vertentes do Programa Mulheres e Meninas na Ciência: 1) Eixos da política institucional de equidade de gênero, em todos os entrelaçamentos de desigualdade: gênero, raça, classe, renda etc.; 2) Encontro de Gerações, em que são narradas trajetórias de cientistas em diálogo com as de jovens alunas, somado aos projetos da instituição de inclusão de mais meninas na ciência; 3) Mulheres no Enfrentamento da Covid-19, com relatos de algumas das principais frentes estratégicas para a contenção do maior problema de saúde pública confrontado nos últimos tempos, mostrando a força do trabalho de nossas pesquisadoras; 4) Desigualdades e Gênero, em que são apresentados alguns desafios e problemas que precisam ser aprofundados.

Visamos dar voz a violências, silenciamentos, discriminações, subalternizações e epistemicídios, permitindo trazer à tona as potências e os subterfúgios de resistências. Com isso, queremos motivar e dar protagonismo às meninas e mulheres nas ciências, sejam negras, indígenas, trans, lésbicas, e com deficiências.



A person wearing a white lab coat and gloves is holding a pipette in a laboratory setting. The background is blurred, showing laboratory equipment and shelves. The text is overlaid on the image in a large, white, sans-serif font.

PARTE 1

MULHERES

E MENINAS

NA FIOCRUZ

CRIAR CONDIÇÕES,
ESTIMULAR E
VALORIZAR QUE
MAIS MULHERES
ESTEJAM NAS
POSIÇÕES
DE LIDERANÇA



MULHERES E CIÊNCIA

NÍSIA TRINDADE LIMA

As mulheres são historicamente marcadas por desigualdades; isso aconteceu de diferentes formas nas sociedades e ao longo do tempo.

É muito significativo que eu tenha sido criada pela minha avó materna, uma mulher inteligentíssima, porém analfabeta, e que, na mesma família, minha mãe tenha cursado apenas até o ginásio, enquanto meu tio tenha completado a faculdade de Engenharia na UFRJ, uma carreira muito bem-sucedida.

Para minha geração, mesmo para aquelas jovens sonhadoras do movimento estudantil, conciliar uma carreira com o casamento e a maternidade não era opção fácil. Eu acho que sou de uma geração de classe média cujas mulheres começaram a superar esses obstáculos. Não podemos esquecer, então, que isso é muito recente no Brasil. Por isso, eu faço essa referência pessoal, que naturalmente marcou também a minha busca por mais espaços, sem contar todas as dificuldades da sobrecarga de compromissos, de tarefas domésticas... Trata-se assim de uma luta histórica, é preciso mencionar, que teve avanços nos últimos tempos com muita dificuldade, mas que também vive um período de retrocessos.

Isso tem sido discutido não só no Brasil, mas em todo o mundo, e também tem sido debatido o papel da pandemia nesses retrocessos.

A desigualdade traz um impacto para a forma como essa doença nos atinge, inclusive, emocionalmente, com a perda de tantas pessoas, com a crise social e econômica. Se a desigualdade é um fator fundamental para entender sua transmissão, ela é então um fato biológico e social ao mesmo tempo. É também notório que, se não houver políticas públicas adequadas, a situação que vivemos vai resultar em mais desigualdades. Temos visto essa dificuldade no trabalho das mulheres, com o aumento da violência doméstica em 25% em todo o mundo. Esses são fatos graves que precisam de nossa atenção.

No campo científico, vemos maior participação das mulheres no nosso país, inclusive, em grupos de pesquisa, mas sabemos que isso está muito aquém do que é desejável e do que é possível. Sabemos que nós, mulheres, por exemplo, ainda somos apenas um terço na alta gestão da Fiocruz.

É preciso haver uma política institucional, criar condições, estimular e valorizar que mais mulheres estejam nas posições de liderança. Assumimos compromissos na conferência de Nairobi, conferência dedicada aos direitos das mulheres no âmbito do Fórum de Populações da Organização das Nações Unidas.

NESSA LINHA, EU PRETENDO CONTINUAR ESSE TRABALHO COM A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS NOSSOS INSTITUTOS. É IMPORTANTE SITUARMOS O PAPEL DAS MULHERES NAS ATIVIDADES CIENTÍFICAS.

Entendemos que houve um avanço em muitas áreas do conhecimento, mas sabemos que esse avanço é pequeno diante do que precisamos em nossa sociedade para que ela possa ser efetivamente mais justa. Na Fiocruz, desde 2019, realizamos ações com o objetivo de propor medidas de incentivo ao protagonismo das mulheres na ciência. Esse protagonismo existe em algumas áreas, mas ele não é correspondido com sua devida valorização. Em 120 anos, completados no ano passado, sou a primeira mulher a dirigir a instituição, e esse é um fato ilustrativo dessas dificuldades.

Nosso propósito é abrir oportunidades em prol da equidade de gênero também na ciência. Por essa razão, realizamos o programa Mais Meninas na Fiocruz, que permitiu o contato de jovens meninas com pesquisadoras da nossa instituição, em um caminho de aprendizado. Essa atividade se dá dentro de uma visão integrada da instituição, que está em todas as regiões do país. Em tempos de Covid-19, a participação da mulher na ciência se faz mais forte e muito visível.

A agenda da Fiocruz, no âmbito desse programa Mulheres e Meninas na Ciência, revela claramente a força dessa presença. Ao mesmo tempo, como vem sendo discutido em todo o mundo, há dificuldades para conciliar as atividades muitas vezes feitas a distância com a pesquisa científica e com o mundo doméstico cotidiano, os encargos dentro de casa. É importante então marcar o protagonismo, mas também lembrar as dificuldades e os obstáculos que tanto as meninas, que poderiam ter a ciência como opção, quanto as mulheres, pesquisadoras como eu, temos encontrado no engajamento com os grandes desafios da ciência e da tecnologia na nossa sociedade.

Gosto deste mote: a mulher pode ser aquilo que ela quiser. Inclusive, cientista. Precisamos mostrar que o caminho científico é um caminho possível e importante de profissionalização.



FIOCRUZ
120
ANOS
PATRIMÔNIO
DA SOCIEDADE
JUDAICA
EM
DEFESA
DA
VIDA
FIOCRUZ

FOTO: RAQUEL PORTUGAL | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ASSEGURAR O
DIREITO DE TODAS
CONHECEREM
POSSIBILIDADES,
TEREM
OPORTUNIDADES
E ESCOLHEREM
SEUS PRÓPRIOS
CAMINHOS



TODA MENINA PODE SER CIENTISTA

CRISTIANI VIEIRA MACHADO

Em que pesem as transformações sociais nas últimas décadas, em muitos países, inclusive no Brasil, persistem acentuadas desigualdades de gênero que se manifestam em diferentes planos da vida cotidiana. Dados internacionais mostram, em diversas sociedades, sub-representação das mulheres em espaços de maior poder e prestígio, seja na política, no Parlamento, no Judiciário, na alta administração pública, na área empresarial e na ciência (UN WOMEN, 2020).

O Brasil é uma das nações mais desiguais do mundo, onde várias dimensões de desigualdades se entrelaçam – de classe, de renda, de raça, de gênero, de território –, assim como observado em outros países da América Latina (JELIN, 2018). Condicionantes histórico-estruturais, institucionais e culturais, incluindo a persistência do machismo, explicam em parte as iniquidades de gênero em nossa sociedade, que incluem: disparidades no mundo do trabalho, assimetrias na divisão de responsabilidades entre homens e mulheres nas famílias, violências, preconceitos, estereótipos e barreiras impostas às meninas e mulheres. Tais dificuldades constroem as opções das meninas e repercutem na trajetória profissional das mulheres em vários campos.

No campo científico, o desequilíbrio quantitativo entre homens e mulheres é mais evidente em áreas tecnológicas, engenharias, matemática e física. Porém, as desigualdades de gênero presentes na sociedade brasileira interferem nas oportunidades de inserção das meninas e afetam, de diversas formas, as possibilidades de ascensão profissional de mulheres cientistas.

Alguns exemplos são atitudes discriminatórias ou exigências de produtividade acadêmica, que desconsideram a sobrecarga relacionada à maternidade. O enfrentamento desse cenário requer tanto políticas públicas abrangentes como políticas institucionais específicas. A Fiocruz, como uma instituição estatal de ciência e tecnologia em saúde, vem debatendo essa questão há bastante tempo e

conta com a atuação do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça desde 2009. Com maioria de trabalhadoras mulheres, em 2017 a Fiocruz elegeu pela primeira vez uma mulher como presidente e expandiu o compromisso com a promoção da equidade de gênero nas diretrizes do seu VIII Congresso Interno.

É EMOCIONANTE VER A EXPANSÃO DE ATIVIDADES NOS TRÊS EIXOS DO PROGRAMA, DESDE ENTÃO.

O Programa Mulheres e Meninas na Ciência foi lançado em 2019, como prioridade da Presidência e com grande envolvimento das diretoras de unidades, as “Mulheres do Conselho Deliberativo” da Fiocruz. É emocionante ver a expansão de atividades nos três eixos do Programa, desde então. Uma primeira vertente é a valorização das mulheres cientistas, que tem se expressado em uma série de iniciativas de memória institucional, com participação importante da Casa de Oswaldo Cruz, incluindo a elaboração de documentários e vídeos com depoimentos de pesquisadoras.

Em uma segunda vertente, situa-se o Mais Meninas na Ciência, que compreende experiências relevantes e inovadoras das várias unidades da Fiocruz em todo o país, tais como: Verão das Meninas na Ciência, Meninas Baianas na Ciência, Agenda Laranja Mais Meninas, trabalhos nas escolas, ações junto às populações indígenas na Amazônia, desenvolvimento de jogos e de blogs da Ciência, com participação de estudantes, promoção de concursos de desenho, visitas e oficinas. É comovente ver o envolvimento e a dedicação das pesquisadoras da Fiocruz a essas atividades, bem como a mobilização de professoras e professores das escolas parceiras.

Por fim, uma terceira vertente se relaciona ao incentivo a estudos e publicações que valorizem a dimensão de gênero nas análises sobre ciência e saúde, sob variados enfoques e recortes.

A nossa mensagem central tem sido de que toda menina pode ser cientista, mas sobretudo toda menina pode ser o que ela quiser. Precisamos defender que ninguém pode impor o que uma menina ou mulher deve ou não deve fazer. É necessário assegurar o direito de todas conhecerem possibilidades, terem oportunidades e escolherem seus próprios caminhos.

Concluo com trechos de um poema muito significativo de Cora Coralina, um diálogo entre gerações. O poema intitula-se “Ofertas de Aninha (aos moços)” e começa assim: “Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou, ensinou a amar a vida, não desistir da luta, recomeçar na derrota.” Ela prossegue, de forma bela, dialogando com os (e as) jovens, e termina de maneira bastante atual: “Creio nos milagres da ciência e na descoberta de uma profilaxia futura dos erros e violências do presente. Aprendi que mais vale lutar do que recolher dinheiro fácil. Antes acreditar do que duvidar”.

**SIGAMOS JUNTAS, ACREDITANDO.
AFINAL, DE QUE VALEM A EDUCAÇÃO E
A CIÊNCIA, SE NÃO PARA PROMOVER O
BEM-ESTAR DAS PESSOAS E CONSTRUIR
UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA?**

REFERÊNCIAS

CORALINA, C. Ofertas de Aninha (aos moços). In: CORALINA, C. Vintém de cobre: meias confissões de Aninha. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1997. p. 145.

JELIN, E. Unequal differences. Gender, ethnicity/ race and citizenship in class societies (historical realities, analytical approaches). In: JELIN, E.; MOTTA, R.; COSTA, S. (ed.). Global Entangled Inequalities. Conceptual debates and evidence from Latin America. London; New York: Routledge, 2018.

UN WOMAN. Visualizing the data: women’s representation in society. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/multimedia/2020/2/infographic-visualizing-the-data-womens-representation>. Acesso em: ago. 2021.



FOTO: VINICIUS MARINHO | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ESTAMOS FAZENDO
HISTÓRIA E VAMOS
MOSTRAR QUE AS
MULHERES PODEM,
SIM, TRABALHAR
COM CIÊNCIA E
TECNOLOGIA



“TUDO TEM UMA LINHA E CRUZÁ-LA É PERIGOSO; UMA VEZ CRUZADA, É IMPOSSÍVEL VOLTAR ATRÁS”

(FIÓDOR DOSTOIÉVSKI)

CRISTINA ARARIPE FERREIRA

Um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), publicado em 2018, mostra que 1/3 das meninas no mundo não têm acesso à educação básica completa. No Brasil, os números são igualmente desalentadores. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), esse percentual varia bastante nos diferentes estados e municípios, mas, ao final, o que pesa é que uma em cada quatro meninas não conclui o ensino fundamental. Apesar dos progressos ocorridos nos primeiros anos do século XXI, com o aumento do número de alunos e alunas concluintes dos ensinos fundamental, médio e superior, observa-se que as desigualdades de oportunidades persistem e, em alguns casos, são extremamente preocupantes porque demonstram que nas regiões mais pobres do país taxas baixíssimas de escolaridade ainda permanecem. E estão muito aquém das metas, mundialmente, formuladas por organismos internacionais. As análises mais contundentes referem-se à falta de perspectivas animadoras em relação ao cumprimento das metas estabelecidas pela [Agenda 2030 das Nações Unidas \(ONU\)](#)¹. No que tange, especificamente, ao Objetivo do Desenvolvimento Sustentável nº 5 (ODS 5), que previa o acesso de todos e todas à educação básica de qualidade, como sabemos, não será alcançado. Isso é muito grave e nos impõe uma reflexão inicial mais cautelosa. Quando nos referimos à educação de meninas, do que estamos precisamente tratando? Se falamos de meninas na ciência, o que estamos visando? Por quê?

Estudos da OCDE mostram que mulheres representam 33,3% da força de trabalho na pesquisa científica no mundo. Mas somente 12% das mulheres cientistas participam de academias nacionais. Se nós examinarmos, por exemplo, uma área que é atualmente considerada de prestígio, como a de Inteligência

Artificial, somente 22% dos pesquisadores são mulheres. Dados divulgados pelo British Council no Brasil, em 2021, apontam para uma situação ainda mais inquietante. Apesar de as mulheres serem maioria nos cursos de pós-graduação avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

1. A Agenda 2030 é um plano adotado por representantes dos 193 Estados-membros da ONU. Indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas, para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. Orienta as escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro. Disponível em:



e representarem 51% dos autores de artigos científicos, de acordo com dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), elas ocupam apenas 2% dos cargos de liderança política na área da ciência, tecnologia e inovação (CT&I).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lançou, recentemente, uma campanha cujo mote é: Para ser inteligente, a revolução digital precisará ser inclusiva. E isso abrange fundamentalmente as meninas. Estudos ligados ao crescimento do mercado de trabalho para mulheres, por exemplo, nas engenharias e áreas tecnológicas como a da informação/informática, de um modo geral, apontam para a necessidade imperiosa de revisão de critérios de seleção que sejam mais inclusivos. De maneira mais ampla, a história da inclusão das mulheres na vida pública, compreendendo também o mundo da ciência e tecnologia, é marcada por muitos senões. Nas universidades e sociedades científicas, os empecilhos históricos disfarçados com meras formalidades administrativas e burocráticas foram constantes – das convicções políticas pautadas pela misoginia à falta de autorização do marido para estudar e trabalhar – e marcam para sempre os numerosos preconceitos e tabus. Ao mesmo tempo, provocaram a lentidão do processo político-social, que visa ampliar a participação das mulheres na esfera pública e, especialmente, nas posições de poder que podem contribuir para a conquista da cidadania plena, emancipatória e democrática por definição.

Em pleno ano de 2021, no século XXI, depois de mais de um século de lutas pela defesa dos direitos das mulheres, que começaram no início do século XX e atingiram o seu ápice com o movimento internacional sufragista, mobilizando milhares e milhares de mulheres, em diferentes

países, para a conquista do direito ao voto. Essa vitória histórica no Brasil se deu em 1932, e envolveu inúmeros desafios, entre eles, o do direito de ter acesso à educação. Sem letramento, não haveria como avançar. Grande parte das sufragistas brasileiras eram professoras. Talvez o direito à educação seja, ainda hoje, uma das nossas principais batalhas no campo da conquista da cidadania plena.

Depois de tantas lutas importantes, ao olharmos para trás, nós ainda percebemos que existem lacunas a serem preenchidas com fatos (cronologias), biografias e objetos de estudo e, assim, mais do que nunca, queremos também buscar novas inspirações para continuarmos lutando. O acesso das mulheres e meninas aos direitos humanos, políticos, à saúde não existirá no Brasil sem o acesso à educação e aos espaços de poder para as decisões necessárias no tempo presente.

NA MINHA PERSPECTIVA DE PESQUISADORA QUE ATUA NA INTERFACE EDUCAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM SAÚDE, ESSE DUPLO OBJETIVO É FUNDAMENTAL E TEM QUE ACONTECER SE QUISERMOS TRANSFORMAR A REALIDADE ATUAL.

A Fundação Oswaldo Cruz, instituição centenária de pesquisa em saúde pública, não é diferente de nenhuma outra instituição no mundo que atua, concomitantemente, em muitas áreas do conhecimento científico e tecnológico. Existem especificidades de áreas e diferenças socioculturais que marcam a sua trajetória e reforçam a percepção de que estamos fazendo progressos no tocante às políticas afirmativas e de igualdade de gênero, mas, ao mesmo tempo, enfrentamos disputas que atravessam os

diversos campos de sua atuação institucional. Dos estudos em políticas de saúde ao cotidiano na área dos cuidados em saúde, observa-se uma grande e óbvia diferença de gênero. É evidente que existem importantes avanços na construção de discursos e práticas profissionais menos desiguais, mas, a despeito de conquistas históricas, ainda temos uma tendência a esbarrar no “teto de vidro”, como batizado por cientistas que estudam carreiras científicas de mulheres. Existem obstáculos persistentes que impedem pesquisadoras com alta qualificação e performance acadêmicas de alcançarem postos elevados de direção dentro de grupos, laboratórios, universidades e centros de pesquisa. Este “teto” implica com frequência assumirem posições subalternas dentro de equipes de trabalho. Alguns mecanismos de subordinação ao chefe de laboratório do gênero masculino passam pela ausência de políticas para que levem em consideração o papel das mulheres como mães, cônjuges, cuidadoras, entre outros.

Na Fiocruz, o Programa Mulheres e Meninas na Ciência, criado na gestão da professora e socióloga Nísia Trindade Lima, primeira mulher a dirigir nacionalmente a instituição, é resultado de uma articulação que tem características plurais e pluralistas. Sem perder de vista as políticas estruturantes de saúde, de CT&I e, em particular, de igualdade de gênero e raça, as quais são essenciais para dar maior envergadura ao processo de construção democrática da sociedade brasileira. Por que plurais? Por que pluralistas? Plurais porque temos a ambição de envolver todos os trabalhadores e as trabalhadoras, os alunos e as alunas, os colaboradores e as colaboradoras, de todas as categoriais profissionais, nessa empreitada de grande amplitude que envolve dar maior visibilidade ao trabalho das mulheres cientistas e suas colaboradoras diretas e, com isso,

fortalecer e ampliar as iniciativas voltadas para as jovens estudantes que querem seguir carreiras científicas. E pluralistas porque entendemos que precisamos atrair a atenção de múltiplos e diversos atores sociais independentemente de suas convicções religiosas, interesses político-econômicos ou filiações político-partidárias.

Temos que nos preocupar com o futuro da ciência, que se mostra muito mais feminino, tanto na perspectiva das discussões sobre gênero quanto das etnias/raças, que precisam de políticas para se somar ao conjunto dos esforços voltados para afirmação da CT&I como um requisito essencial para o desenvolvimento social e econômico das nações que pleiteiam um lugar de destaque na história contemporânea.

No meu microuniverso cultural e profissional, algumas ideias-força têm sido valiosas. Uma certa clareza em relação às finalidades de uma política institucional que privilegie as relações entre ciência, gênero, raça e educação foi determinante no início das minhas reflexões. Atualmente, muitas perspectivas têm sido abertas com a intenção de compreender melhor o que está em jogo ao nos debruçarmos sobre a necessidade de aceleração do trabalho voltado para as políticas institucionais afirmativas. Além do imperativo de inclusão das mulheres e meninas no debate sobre o futuro da CT&I no Brasil e no mundo, podemos ponderar que existe urgência em termos do empoderamento feminino. Voltamos ao ODS 5 da Agenda 2030 da ONU, que prevê a eliminação de desigualdades extremamente básicas.

OS DIREITOS UNIVERSAIS SÃO FUNDAMENTAIS, MAS HÁ TAMBÉM QUESTÕES DE PODER ENVOLVIDAS.

Para terminar esta apresentação, vou citar a experiência da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente da Fiocruz, que vem abrindo espaço para esse debate junto às escolas, professores e alunos da educação básica e homenageou com um prêmio especial, na sua 10ª. edição, a cientista Bertha Lutz. Para juntas buscarmos inspirações, criamos, em 2019, o Prêmio Menina Hoje, Cientista Amanhã para que tentássemos fazer com que chegassem aos ensinamentos fundamental e médio as políticas e estratégias de apoio e incentivo às mulheres e meninas na ciência. As lutas iniciadas por Bertha Lutz, que organizou e mobilizou outras mulheres para que ocorressem mudanças de comportamento em relação ao papel de todas na sociedade, ainda estão presentes e nos guiam em momentos decisivos. Suas lutas nos movem! Passadas décadas e décadas, mulheres sofrem com discriminações de diferentes origens, dos preconceitos machistas às lutas pelo poder, passando pela falta de incentivos. Muitas de nós vivem a realidade do patriarcado enraizado há séculos em todas as regiões do país e/ou territórios de vulnerabilidade social manifestamente conhecidos. A grande maioria não tem a menor chance de se contrapor aos desígnios que lhe impõe a cultura macho-ocidental, que usa com frequência a violência para se impor.

E, assim, uma multidão de mulheres e meninas enfrentam no seu dia a dia o peso das iniquidades de gênero, sem terem acesso a oportunidades que poderiam transformar a vida de muitas delas, em todos os setores da vida social, econômica, política, profissional e, até mesmo, acadêmica! Não entraremos em detalhes, porém, é imprescindível assinalar que essas discussões passam pelo tema do empoderamento feminino. Tampouco trataremos aqui dos problemas decorrentes do conceito de interseccionalidade de gênero e sua aplicação no campo das pesquisas sociais. Como Helena

Hirata (2014) nos advertiu, assumimos que o conceito de interseccionalidade nos faz “avançar no conhecimento da dinâmica e da interdependência das relações sociais e na luta contra as múltiplas formas conjugadas de opressão”.

À guisa de conclusão, vou fazer uma avaliação geral do quadro de percepções que se me avizinha. No nosso mundo da CT&I ainda ouvimos piadas machistas e convivemos com a misoginia nas mais diversas situações. Apesar de mudanças estarem ocorrendo em várias instâncias e áreas ligadas ao mundo do trabalho e da ética em pesquisa, muitas percepções negativas em relação aos problemas contumazes aparecem bem claramente nas falas públicas das mulheres e meninas que atuam nas instituições científicas, incluindo o período em que estão iniciando os estudos universitários. Tanto em termos da ausência de avanços significativos no contexto de adversidades políticas enfrentadas atualmente no Brasil quanto no que diz respeito às necessárias críticas e reflexões que precisam acontecer para que mudanças possam mais facilmente ocorrer. Se uma mulher precisa acompanhar crianças, idosos, familiares em momentos especiais da vida privada, de vulnerabilidade ligada a doenças ou agravos (intercorrentes ou de longa duração), nada mais óbvio do que garantir regras específicas para ela no mundo do trabalho. Desde o início da pandemia de Covid-19, as mulheres têm falado bastante sobre esse acúmulo de funções e tarefas domésticas ligadas aos cuidados com a família, portanto, trata-se de levarmos em consideração as condições materiais e psicossociais que envolvem cada indivíduo. Se alguém tinha dúvida em relação a essas questões básicas do cotidiano, não podemos mais titubear: família, saúde e doença ainda são “coisas de mulheres”.

Na Fiocruz, outro elemento de grande interesse para definições estratégicas do nosso Programa Mulheres e Meninas na Ciência refere-se às prioridades que estão sendo elencadas pelo conjunto dos atores sociais e institucionais presentes na arena pública. No que tange a políticas que incentivam meninas a seguir carreiras científicas e conferem visibilidade a mulheres que atuam na pesquisa, é inegável que existem conjunturas e circunstâncias a serem assumidas e tratadas coletivamente. Entre esses atores, algumas cientistas e entidades têm desempenhado o papel de porta-vozes de movimentos que envolvem mulheres na luta por direitos e contra as iniquidades. Muitas dificuldades práticas referem-se à consolidação de suas carreiras, as quais são construídas a partir de índices e avaliações da produtividade científica atrelados a um conjunto de critérios que não levam em consideração os diferentes papéis sociais atribuídos às mulheres, que envolvem a maternidade, os cuidados, entre outros. Além do aprisionamento social ligado aos papéis específicos de mãe, avó e esposa, que está fartamente descrito na literatura clássica dos estudos de gênero, temos que lidar, cada vez mais, com controvérsias relativas ao cuidado que, de uma maneira geral, não estão estabilizadas. Como uma categoria de análise que traz dimensões pouco exploradas no que se refere às mulheres cientistas, vale a pena registrar que com a pandemia de Covid-19 aumentou, enormemente, o número de inquéritos e pesquisas a respeito do assunto, incluindo em muitos deles as imposições profissionais da própria área da saúde. Que o acúmulo de atividades/papéis está sendo pesado para as mulheres cientistas e meninas que estudam, não é em si uma novidade, mas apresenta um problema persistente que traz questionamentos históricos acerca da divisão sexual do trabalho nas sociedades contemporâneas.

E, por fim, não vamos nos esquecer de que as meninas ainda privadas de acesso pleno à

educação e às oportunidades de estudo são majoritariamente as meninas negras e pobres. Com tantas desigualdades persistentes, não são poucas as tarefas que se apresentam com o propósito de mudarmos a realidade das meninas excluídas das escolas, universidades, instituições de pesquisa. Iniciativas como a nossa, que visam estimular e apoiar a inserção de mais meninas na ciência, precisam partir dessas muitas desigualdades sociais. Ao propormos a estruturação de um programa institucional, temos como orientação básica as diretrizes político-institucionais aprovadas no VIII Congresso Interno da Fiocruz com o objetivo de ampliar o acesso da sociedade à saúde, à educação e aos conhecimentos científicos e tecnológicos. Eu citarei, para concluir, um texto muito curto que está no Portal Geledés em defesa de mulheres e negros, escrito por uma jovem mulher negra, Tatiane Souza, que diz assim:

Se você estuda demais, você é arrogante. Se não estuda, você é preguiçosa. Se trabalha demais, é egoísta. Se fala algo ou tem uma opinião, é metida. Se temos qualidade, não consideram. Se temos defeito, somos julgadas. Se somos persistentes, somos apenas suficientes. Não podemos ser humanas? Por que o nosso esforço tem que ser sempre melhor e maior do que o dos outros? (SOUZA, 2020, [S./p.]

Estamos fazendo história e vamos mostrar que as mulheres podem, sim, trabalhar com ciência e tecnologia. E a última frase não poderia ser outra: lugar de mulher é onde ela quiser, inclusive na ciência!

REFERÊNCIAS

HIRATA, H. Gênero, classe e raça. *Tempo Social*, São Paulo, vol. 26, n. 1, p. 61-73, 2014

SOUZA, Tatiane. Quando fere minha existência, serei resistência. Portal Geledés, 18 fev. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quando-fere-minha-existencia-serei-resistencia/>.

CRIAR ESPAÇO DE
REPRESENTATIVIDADE,
PORQUE AS
MULHERES NEGRAS
PRECISAM SABER
QUE PODEM
ESTAR EM TODOS
OS ESPAÇOS



É POSSÍVEL, SIM, SER UMA CIENTISTA

MYCHELLE ALVES

Eu me emociono muito com o projeto “Mais Meninas na Ciência”, criado em 2019, porque não tive essa oportunidade no início de minha trajetória. E saber que hoje as meninas oriundas de escola pública, como eu, tiveram essa oportunidade de estar em contato conosco, mulheres cientistas, é muito gratificante. Recebi três delas no projeto.

Sou pesquisadora do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde e, mesmo sendo hoje presidente do Sindicato, também tenho a minha atuação profissional como pesquisadora. Essa oportunidade para as meninas foi muito importante porque, às vezes, nós, que temos pouco acesso, pouco recurso, não sonhamos em ser cientistas. Não passa pela nossa cabeça ser cientista, principalmente por falta de representatividade. E vivendo um momento de pandemia, percebemos a importância de romper essa barreira por meio da educação. Projetos como esse impulsionam as meninas a sonharem ser cientistas e a se enxergarem capazes.

Na minha época, mesmo sem haver muita representatividade nessa área, tive oportunidade de fazer um curso técnico de química e fiz. Por isso digo que não fui eu que escolhi a química, a química é que me escolheu. A ciência transformou a minha vida e hoje fico feliz de ver que as meninas têm mais oportunidades. Tenho que

saudar também o movimento negro e o feminismo negro por essa luta pela representatividade, pelo fato de tornarem possível sermos o que nós quisermos ser, porque durante tantos anos não nos permitiram estar nesses locais, nesses lugares de liderança. Ainda falta muito para nós caminhar, para ocuparmos mais espaços. Eu falo que, na questão de gênero, o machismo ainda predomina e, em relação à raça, também sofremos muito racismo. O racismo está atrelado fortemente ao fato de que não tivemos políticas públicas que permitissem a inserção do negro e da negra na sociedade, e que o melhor caminho ainda é ampliar a educação pública e de qualidade, ampliar o acesso e promover condições de os negros se manterem na universidade.

Nós, mulheres negras, somos a maioria da população, mas infelizmente estamos na base da pirâmide. Mulheres negras cientistas são poucas. Além de sermos poucas, vivemos muito na invisibilidade. Precisamos criar espaço de representatividade,

porque as negras precisam saber que podem estar em todos os espaços. Não ocupar somente os espaços que reservaram para a gente, mas conquistar espaços nos quais somos capazes de estar. Ainda há bastante a avançar.

NO BRASIL, O RACISMO É MUITO VELADO. CAPACIDADE E INTELIGÊNCIA NÓS TEMOS, MAS SOMOS PRETOS.

Então, já percebi que, quando as pessoas me veem pessoalmente, elas têm um olhar de espanto, de que não era o que esperavam como uma pesquisadora ou gestora. Nós, mulheres negras, nos cobramos demais. Por mais que eu esteja trabalhando muito, acho que não posso errar. Isso porque, se errarmos, como mulheres negras vamos ser cobradas imediatamente por conta do racismo. E com a mulher não negra, isso é diferente. Quando falo da minha trajetória, sempre relato um episódio de racismo que sofri, pois participei de uma seleção de estágio em uma multinacional e, de acordo com a seleção, os primeiros três colocados iriam para a próxima fase. Eu fiquei em terceiro, mas chamaram a pessoa que ficou em quarto lugar, que era uma mulher branca. Mas isso só me deu forças para conquistar cada vez mais meus sonhos e contrariar as estatísticas.

Eu sei do papel importante que a Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic) da Fiocruz e a Escola Politécnica Joaquim Venâncio, da mesma instituição, desempenham para dar acesso aos nossos estudantes, às nossas estudantes, mas isso, infelizmente, não é a realidade da população brasileira. Nós, trabalhadores e trabalhadoras da Fiocruz, sabemos também que essa exclusão fez com que milhões de alunos não tivessem acesso ao ensino de qualidade e eles serão prejudicados também na

inserção na universidade. Então, eu acho que a Fiocruz, com o compromisso que tem com a população brasileira, precisará dar sequência aos estudos de políticas públicas porque vamos ver futuramente o impacto disso na educação – principalmente, na população mais pobre desse país, que engloba a população negra. A desigualdade social vai ser um empecilho. Nós sabemos a grande evasão que está ocorrendo, mas é importante não desanimarmos, com certeza.

Acho importante também pontuarmos que daqui a quatro, cinco anos vai aumentar esse cenário de mulheres cientistas aqui no Brasil. Não desanimem. É possível, sim, ser uma cientista. Claro que é preciso muita dedicação, estudo e apoio.

Eu tenho muita gratidão à Fundação Oswaldo Cruz. Ingressei aqui como terceirizada, como técnica em Química, e a Fundação me deu a oportunidade de fazer o mestrado e o doutorado. Aqui passei primeiro para técnica de Saúde Pública; depois, no último concurso, passei como pesquisadora, então eu sou uma mulher negra cientista. A minha instituição me deu essa oportunidade de ser pesquisadora e eu sei desse papel transformador, social e comprometido com a ciência que a Fiocruz desempenha.

EU TENHO MUITO ORGULHO DE SER A PRIMEIRA PRESIDENTA NEGRA DO SINDICATO NACIONAL DOS SERVIDORES DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, PRODUÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA (ASFOC-SN), SOB O NOME DE ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (ASFOC).

Fundado em agosto de 1976, o sindicato nacional das trabalhadoras e trabalhadores da Fiocruz atua como entidade sindical desde 1986 e tem entre os principais objetivos defender os direitos dos associados, representá-los em ações judiciais coletivas, organizar movimentos políticos e sindicais.

Mais do que isso, defende políticas que protejam a saúde do trabalhador, dos ambientes e das condições saudáveis de trabalho; participa das macrodecisões institucionais da Fiocruz em nome dos servidores, integrando as instâncias coletivas de decisão; representa também o interesse deles diante das demais entidades sindicais, instâncias governamentais e da sociedade; promove a circulação de informação e comunicação, bem como realiza atividades culturais, esportivas e sociais que levem ao conagraçamento, à união e ao bem-estar dos associados.

E para finalizar, trago uma reflexão sobre a minha vida:

“Desde menina eu tinha um sonho de fazer uma faculdade e, à medida que o tempo passava, fui tendo mais oportunidades que me levaram para área da ciência, me formei em Química Industrial, e não fiquei satisfeita com apenas esse título, fui em busca de novos sonhos e desafios, me tornei mestre em tecnologia de processos químicos e bioquímicos, professora universitária e doutora em tecnologia de processos químicos e bioquímicos. Só que me faltava algo para me realizar no campo da ciência, e fui em busca de um novo sonho, que foi me tornar pesquisadora em saúde pública da Fiocruz”.

REFERÊNCIAS

SINDICATO DOS SERVIDORES DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA, PRODUÇÃO E INOVAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA - ASFOC. Portal. Disponível em: <http://www.asfoc.fiocruz.br/portal/>.



DAR PROTAGONISMO
ÀS PESSOAS QUE
HISTORICAMENTE
ESTIVERAM OU
ESTÃO NA
BASE SOCIAL



COMITÊ PRÓ-EQUIDADE DE GÊNERO E RAÇA DA FIOCRUZ

UMA FIOCRUZ QUE SEJA INCLUSIVA E DIVERSA É O CAMINHO

ENTREVISTA COM ANDREA DA LUZ CARVALHO

Valentina Leite: Andrea, quando foi criado o Comitê Pró-Equidade? Você poderia falar um pouco sobre o contexto dessa criação?

Andrea da Luz: O Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz foi criado em 2009. Havia na Fiocruz um grupo que vocalizava a necessidade de discutir a violência contra a mulher, liderado por Maria Helena Barros, que hoje coordena o Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP). Faziam parte Elizabeth Fleury, do Instituto René Rachou, de Minas Gerais; a diretora de Recursos Humanos da Fiocruz, Leila Mello; Roseli Rocha (IFF)- que ainda hoje faz parte do Comitê -, Marcia Agostini, da ENSP... Não me lembro agora de todo mundo! Esse primeiro grupo, do qual depois fiz parte, fundou o Comitê. Na época, houve a passagem na Diretoria de Recursos Humanos da Leila Melo para o Juliano Lima, e eu era chefe de Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Direh.

Por muito tempo, o Comitê Pró-Equidade se dedicou às pautas relacionadas à violência contra a mulher e ao assédio moral e sexual. Nessa linha, o Comitê participou da elaboração da primeira cartilha de combate ao assédio moral e sexual na Fiocruz, lançada em 2014. Publicou também o Dicionário Feminino da Infâmia, por Beth Fleury e Stela Meneghel.

O Comitê assume as pautas mais relacionadas aos temas de gênero e raça a partir de 2018. Gênero compreendido no sentido mais amplo - não só mulher, mas todo o universo que envolve LGBTQIA+ -, e a questão racial, principalmente voltada para os negros.

A INSERÇÃO DE CELEBRAÇÕES DE DATAS SIGNIFICATIVAS NO CALENDÁRIO ANUAL DA FIOCRUZ É MARCO IGUALMENTE IMPORTANTE DO COMITÊ, COMO A COMEMORAÇÃO DO DIA DA CULTURA AFRICANA E DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER NEGRA.

COMEÇAMOS A OFERECER FORMAÇÕES E DEBATES RELACIONADOS ÀS QUESTÕES DE GÊNERO E RAÇA E PASSAMOS A CELEBRAR O DIA DO ORGULHO LGBTQI+ (28 DE JUNHO), DIA NACIONAL DA VISIBILIDADE TRANS (29 DE JANEIRO), DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA (20 DE NOVEMBRO), DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES (8 DE MARÇO).

Valentina: Quais foram os principais desafios no momento de implantação do Comitê? Fale um pouco sobre as questões que permearam os debates no início. Seria possível fazer um paralelo das questões e desafios iniciais com os de hoje?

Andrea: A partir da gestão de Nísia Trindade, presidente da Fundação desde 2017, a nossa instituição adquire maior sensibilidade para as questões de gênero e raça. Afinal, Nísia é a primeira mulher a assumir o cargo após 100 anos de homens no poder.

A partir de 2018, o Comitê passa a ter uma gestão colegiada, constituída de quatro mulheres: uma branca e três negras. Com isso, fazemos o exercício de maior representatividade de negras na gestão.

No campo das discussões LGBTQIA+, o que está em pauta é permitir a liberdade desse grupo de *ser, existir* e ter o *direito* de livre circulação. Infelizmente, existem denúncias de pessoas trans que foram proibidas de entrar no *campus* da Fiocruz do Rio de Janeiro. Por conta do preconceito,

essas pessoas não têm total acesso aos nossos serviços. A partir de 2018, começaram a ser promovidos treinamentos sobre esta questão junto aos porteiros e recepcionistas da Fiocruz do Rio de Janeiro por Bruno Vantini e Nilo Martinez Fernandez, integrantes do Comitê, em parceria com a Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (Cogic). Outra ação importante foi a campanha “Liberdade de ser” realizada pela jornalista Erika Farias, da Coordenação de Comunicação Social (CCS) da Fiocruz, em que foram espalhados cartazes em toda a instituição com fotos de integrantes do Comitê e mensagens de respeito às diferenças de raça, gênero e religião.

O Comitê atuou recentemente na expansão da política de cotas. As cotas para os cursos de pós-graduação da Fiocruz eram 20% das vagas em sua totalidade, incluindo negros, pessoas com deficiência e indígenas. Agora, as cotas contemplam 20% das vagas para negros, 7% para pessoas com deficiências, e 2% para indígenas.

Valentina: Quais pautas e projetos foram implementados no Comitê após a aprovação da Tese 11 do VIII Congresso Interno de dezembro de 2017¹, que se posiciona na “luta por uma sociedade mais justa e equânime, comprometida com a diversidade”?

Andrea: Quando conseguimos incluir a Tese 11 no Congresso Interno, chamamos atenção da comunidade Fiocruz para o fato de que não existe separação entre uma ética interna e externa. Portanto, o compromisso e a posição ética institucional devem ser coerentes com os nossos valores e lutas, seja por mulheres, negros ou pelo grupo LGBTQIA+. As discussões possibilitaram ao Comitê incluir essas questões na agenda das unidades.

O “Trajetórias Negras” foi um projeto muito bonito do Comitê, abordando a trajetória de servidores públicos negros da Fiocruz. Um dos focos da iniciativa é evidenciar as dificuldades que se entrecruzam nas jornadas individual e institucional no enfrentamento do racismo.

Ainda hoje temos um mar de denúncias de assédios sexuais e morais. Por isso, estamos revisando e atualizando nossa cartilha sobre assédio, incluindo outras violências no trabalho, como racismo, xenofobia, LGBTfobia e as questões geracionais.

Valentina: De que forma as pessoas podem realizar essas denúncias (trabalhadores e comunidade Fiocruz)?

Andrea: Em 2018, foi implantado um Sistema de Gestão de Integridade na Fiocruz composto por Ouvidoria, Comitê de Ética, Corregedoria, Controladoria, Auditoria Interna, Comitê Gestor da Lei de Acesso à Informação, Comissão Permanente de Acesso à Informação, Comissão de Integridade Científica e Agentes de Integridade. O Sistema apura as denúncias², que podem ser feitas por qualquer pessoa a partir da Ouvidoria, via internet³. A Ouvidoria analisa e encaminha a denúncia. Ela pode propor uma mediação, se for um conflito entre as partes; encaminhar para a apuração do Comitê de Ética da Fiocruz, se envolver desvios éticos, ou para a Corregedoria, se for uma suspeita de assédio (moral ou sexual) ou uma outra forma de violência. Se a denúncia se constitui em algo que já tenha uma previsão legal, como no caso de assédio e importunação sexual, ela deve também ser encaminhada para a delegacia.

Valentina: Muitas mudanças ocorreram na Fiocruz, no país e no mundo no que diz respeito às relações de trabalho. Você gostaria de destacar alguma conquista política dos últimos anos?

Andrea: No nosso contexto, a conquista política é resistir, não deixar que essas questões, raciais e de gênero, fiquem invisibilizadas.

Eu queria destacar a importância do projeto “Mulheres e Meninas na Ciência” por visibilizar a necessidade de formação das meninas em ciências – e, particularmente, a

1. O texto da Tese 11 pode ser lido, na íntegra, no Relatório Final do VIII Congresso Interno Fiocruz, disponível em:



2. É possível conhecer mais sobre o Sistema de Gestão de Integridade na Fiocruz por meio do documento síntese do Programa de Integridade Pública Fiocruz, disponível em:



3.



4. Já é possível visualizar o Regimento de Pós-Graduação Stricto Sensu, Especialização Lato Sensu e Cursos de Qualificação da Fundação Oswaldo Cruz de 2021 por meio do documento disponível abaixo



formação das meninas negras. É uma iniciativa que podemos chamar de estruturante, envolvendo uma rede de fortalecimento de mulheres, para que essas meninas não sejam submetidas ao que é dado por seu contexto social. Várias pessoas na instituição estão mobilizadas nessa empreitada.

Valentina: Para o futuro, quais são as ações pela valorização étnico-racial e de gênero projetadas pelo Comitê?

Andrea: Continuar a incluir ações na agenda das unidades é um desafio. Além da regulamentação das políticas afirmativas voltadas aos estudantes da pós-graduação em vias de publicação pela Vpeic⁴, precisamos acompanhar a implementação das comissões de heteroidentificação racial e da verificação da documentação de pessoas com deficiências nos processos seletivos para os cursos de pós-graduação nas unidades. Precisamos zelar por essas políticas e ampliar a inclusão de outros grupos vulneráveis. Sabemos da dificuldade de acesso de mulheres a cargos mais elevados e precisamos pensar em uma política de cotas para mulheres em cargos de gestão. É pertinente pensar em espaços de inclusão e combate ao preconceito LGBTQIA+. Além do suporte financeiro (com bolsas), esses estudantes muitas vezes precisam de assistência psicológica. Existem grandes desafios com relação a coisas mínimas, como o banheiro a ser utilizado pelas pessoas trans.

Os Estados Nacionais Modernos foram constituídos no final do século XVIII, fundados sob a bandeira liberal, e emergiram junto ao capitalismo. Quando consideramos essa formação, é inaceitável um Estado que elimine as alteridades. Mas enfrentamos, no Brasil, um certo apagamento das diferenças. O conceito de maioria e de democracia implicam ampliação das ações existentes, acrescendo o espaço disponível para que mais pessoas tenham acesso ao que é público e ao que é responsabilidade do Estado.

Apesar de o artigo 5º da Constituição declarar todos iguais, a cidadania não é evidente para todos. Os sujeitos são sujeitos históricos, têm posições históricas e tal historicidade deve ser o ponto de partida: não existindo *a priori*, a democracia precisa ser estimulada para alguns grupos.

Gosto da noção de equidade – igualdade considerando a diferença – para pensar a maioria não como habitada apenas pelo que é padrão, mas pelo que é desigual e dissensual. O combate da desigualdade significa dar protagonismo às pessoas que historicamente estiveram ou estão na base social. A mulher, em especial a negra, trabalha na base do sistema, no cuidado dos lares como empregada doméstica, por exemplo. E além de ganhar muito pouco, é mais abusada e violentada. São desafios da sociedade brasileira cujos problemas também atravessam a nossa instituição.

É necessário reforçar o papel institucional de eliminar as barreiras que impedem o acesso dos indivíduos. Uma Fiocruz inclusiva e diversa é um caminho que estamos ainda trilhando. Para que o direito seja ampliado de forma evidente, para que as pessoas possam ter a liberdade de ser, combatendo toda a violência que naturalizamos, minimizamos e reproduzimos no nosso cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Assédio moral e sexual no trabalho: prevenção e enfrentamento na Fiocruz. [S./l.]: Fiocruz, 2014. Disponível em: http://www.asfoc.fiocruz.br/portal/sites/default/files/2cartilha_assedio_moral_e_sexual.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Relatório Final do VIII Congresso Interno Fiocruz. A Fiocruz e o futuro do SUS e da democracia. jun. 2018. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/viii_congresso_interno_-_relatorio_final.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Documento síntese do Programa de Integridade Pública. Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/programa_de_integridade_fiocruz_pagina_da_fiocruz.pdf.

FLEURY-TEIXEIRA, Elizabeth; MENEGHEL, Stela Nazareth. Dicionário Feminino da Infância. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015.

REFORÇAR O PAPEL INSTITUCIONAL DE ELIMINAR AS BARREIRAS QUE IMPEDEM O ACESSO DOS INDIVÍDUOS



FOTO: VINÍCIUS MARINHO | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

NÓS DEFENDEMOS A EQUIDADE COMO UM VALOR



UMA DIVERSIDADE DE MULHERES MARCADAS PELA DESIGUALDADE

MARINA MARIA

Eu represento o Icict, o Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz, no Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fundação, e integro a coordenação colegiada desse coletivo juntamente com as minhas companheiras e inspirações de vida, Hilda Gomes, do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz (COC); Roseli Rocha, do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz); Andreia da Luz, da Coordenação Geral de Gestão de Pessoas (Cogepe/Fiocruz). E eu estou aqui em nome dessas minhas companheiras para falar de toda disponibilidade e carinho do nosso comitê por essa mobilização do projeto “Mulheres e Meninas na Ciência”, vinculado à Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic).

Para quem ainda não conhece o nosso comitê, acho que vale aproveitarmos este momento para compartilhar algumas informações. Somos um coletivo vibrante e potente que vem atuando desde 2009 na Fiocruz, em sua diversidade. Reunimos pessoas de diferentes unidades e o nosso objetivo é consolidar uma agenda institucional pelo fortalecimento da equidade de gênero e das relações étnico-raciais na nossa instituição, no cotidiano. Temos buscado colaborar constantemente para atualização e reorientação das nossas políticas, das nossas ações, seja nas relações de trabalho, seja no atendimento ao público e na produção e popularização do conhecimento científico. E na pluralidade de áreas que a ciência apresenta neste processo de desenvolvimento do conhecimento.

O nosso comitê tem o objetivo de colaborar para que a diversidade de meninas e mulheres seja garantida e seja, sobretudo, reconhecida como um valor, como uma potência, pela nossa instituição. Temos buscado formas de ampliar essas possibilidades na prática, cientes do quanto essas desigualdades e desafios para o desenvolvimento da carreira de cientista são atravessados pelas questões de gênero e raça.

**É IMPORTANTE PENSARMOS NAS
POSSIBILIDADES TAMBÉM DE
ENFRENTAR ESSAS SITUAÇÕES DE
VULNERABILIDADE QUE FAZEM PARTE
DO NOSSO PAÍS E QUE IMPACTAM O
PROCESSO DE DIREITO À EDUCAÇÃO,
À SAÚDE E À DIGNIDADE HUMANA.**

Nesse sentido, temos tentado buscar formas de elaborar estratégias para garantir que mais meninas e mulheres negras, trans, com deficiências – ou seja, essas meninas e mulheres, nas suas diversidades – tenham o direito de sonhar, de se desenvolver, de se tornar cientistas a partir da nossa Fiocruz. Nós defendemos a equidade como um valor. E a equidade está no nome do nosso comitê. Vale lembrar, neste momento de abertura dessa programação tão potente, que temos a tese 11, aprovada no 8º Congresso Interno da Fiocruz, no final de 2017, que reafirma o nosso compromisso institucional na luta por uma sociedade mais justa, mais equânime, comprometida com o reconhecimento da diversidade do povo brasileiro, das suas demandas e do enfrentamento das formas de discriminação. Esse referencial é muito importante para a atuação do comitê e para o comprometimento da Fiocruz com a defesa dessa diversidade.

Essas realidades de violência e desigualdade que temos visto sendo denunciadas e relatadas, sobremaneira neste contexto de pandemia, é a realidade de muitas mulheres para além da pandemia.

ACHO MUITO IMPORTANTE ENTENDERMOS QUE ESTAMOS FALANDO DE UMA DIVERSIDADE DE MULHERES, MARCADAS POR ESSA DESIGUALDADE, QUE ESTÃO NO NOSSO PAÍS.

Acho que termos a nossa presidenta Nísia Trindade à frente da Fiocruz, assim como toda essa mobilização do projeto “Meninas e Mulheres”, nos dá uma sensação de inspiração, alento e esperança de que temos, sim, a possibilidade de seguir adiante com a nossa força.

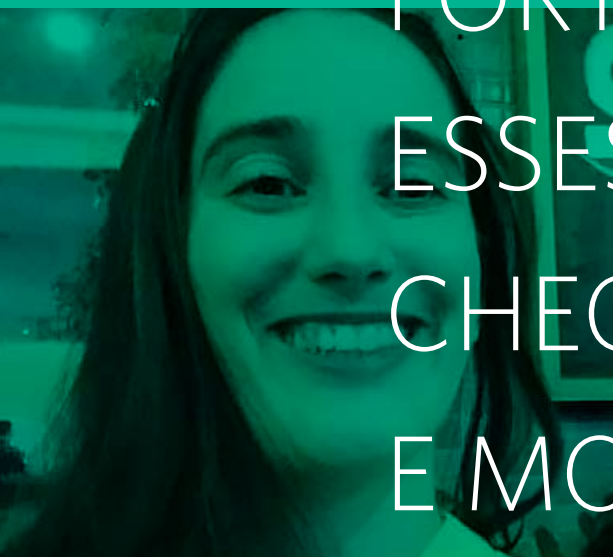
E para encerrar, gostaria de compartilhar o papel determinante que a Fiocruz teve na minha vida como instituição catalisadora de sonhos e destacar esse papel catalisador da Fundação, capaz de fazer meninas sonharem, crescerem e se tornarem cientistas. Este castelo da Fiocruz, com todo seu encantamento, sua luta, sua resistência, me inspirou, me fazia sair diariamente, com 14 anos, de Duque de Caxias (RJ), encarar trem, ônibus cheio, nos anos em que eu estudei na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, e entender que eu poderia ser uma cientista. E não tinha um dia que eu não visse, na minha escola Politécnica, o saudoso professor Jairo nos perguntar “o que era ciência”. Era engraçado que eu tinha a sensação de que eu e meus colegas de turma nunca sabíamos como responder à pergunta “o que era ciência”. E a cada dia, a cada ano, aquela resposta ficava mais difícil. Eu desconstruí também esse imaginário de que cientista tem que ser aquela pessoa das Ciências Biomédicas, da bancada do laboratório, com as pipetas, buretas, enfim... Eu sou uma cientista das ciências humanas, da comunicação, tecnologista em saúde pública da Fiocruz e estou no Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz. Sou servidora da casa colaborando para que a Fiocruz não seja privilégio, mas condição fundamental e direito para que tantas meninas e mulheres de origem periférica também sonhem e se tornem o que desejarem ser como cientistas.

ESTE CASTELO DA FIOCRUZ, COM TODO
SEU ENCANTAMENTO, SUA LUTA, SUA
RESISTÊNCIA, ME INSPIROU



FOTO: RAUL SANTANA | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

NÓS TEMOS
FORTALECIDO
ESSES ESPAÇOS
CHEGANDO ATÉ ELES
E MOSTRANDO QUE
TAMBÉM PODEMOS
OCUPÁ-LOS



PÓS-GRADUANDAS

UMA INSTITUIÇÃO COM MULHERES FORTES E ADMIRÁVEIS

ELIZABETH LEITE

Em nome da **Associação de Pós-Graduandos da Fiocruz do Rio de Janeiro (APG-RJ)**, gostaria de agradecer o convite para compor este Dossiê Temático Mulheres e Meninas na Ciência. É uma honra para mim, pós-graduanda, estar ao lado de mulheres que representam tanto para a Fiocruz e para o Brasil. Nós sabemos que existem muitos desafios para as mulheres, mesmo antes da pandemia, e alguns se intensificaram nesse período. Eu vou trazer alguns dados que foram apresentados na última aula da disciplina da qual participei - Ciência e Saúde em Tempos de Pandemia - sobre os desafios das mulheres na ciência, abordados pela professora Letícia de Oliveira, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Esses dados me trouxeram várias reflexões para mostrarmos o quanto eles ainda são importantes e impactantes. Por exemplo, segundo dados do IBGE (2015), os homens ganham em média 30% a mais que as mulheres para ocupar o mesmo cargo e as mulheres dedicam o dobro de horas às atividades domésticas em relação aos homens¹. Além disso, ainda existe uma baixa representação de mulheres em posição de destaque e liderança na ciência e na academia, como nas universidades, nas reitorias, na Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes), no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e nos espaços de presidência. E, nesse ponto, eu fico muito feliz em termos hoje na Fiocruz mulheres à frente da Presidência, da Vice-Presidência de Educação,

Informação e Comunicação (Vpeic), e do sindicato dos trabalhadores da Fiocruz. Então, nós temos fortalecido esses espaços chegando até eles e mostrando que também podemos ocupá-los.

Já em relação à graduação e pós-graduação vemos que existem hoje mais meninas e mulheres nesses espaços, contudo esse número cai para cargos de docência. E é ainda menor para mulheres negras, com menos de 3% de docentes doutoras negras na pós-graduação. E, então, começamos a refletir sobre esses dados mais impactantes. Sabemos que temos menos espaços, mas quando colocamos isso em números, conseguimos ter uma visualização melhor.

1. Estudo Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil, do IBGE:



ÀS VEZES, MUITOS JULGAM A CAPACIDADE DE UMA MULHER JUSTAMENTE POR ELA SER MULHER, ACREDITANDO QUE O FATO DE SER MÃE OU TER QUE CUIDAR DA CASA IRÁ IMPEDI-LA DE PRODUZIR OU TER CAPACIDADE DE ESTAR EM ESPAÇOS DE DEDICAÇÃO E TEMPO PARA O ESTUDO OU TRABALHO.

Isso mostra como ainda somos cobradas na sociedade. Ademais, nós, pós-graduandas, e também as pesquisadoras, podem adiar a maternidade por causa desse julgamento, ou as que já são mães têm mais dificuldade em ser aceitas e valorizadas. Dados da literatura mostram que um dos fatores mais importantes para que uma pessoa se torne investigadora principal em um grupo de pesquisa é justamente o gênero, ou seja, com o mesmo registro de publicações, os homens têm mais probabilidade que as mulheres de se tornarem os pesquisadores principais. Essas são algumas reflexões e dados que precisamos mostrar e discutir para mudarmos e transformarmos essa realidade. Este espaço para valorizar meninas e mulheres na ciência é um movimento importante da Fiocruz, é um movimento que tem crescido mundialmente.

Finalizo ao trazer uma frase de uma poetisa, Rupi Kaur:

“Todas nós seguimos em frente quando percebemos como são fortes e admiráveis as mulheres em nossa volta”.

Eu fico muito feliz em ter várias mulheres fortes e admiráveis à minha volta, desde a minha graduação até a minha pós-graduação. Gostaria de finalizar parabenizando a todas as meninas e mulheres que estão transformando e ressignificando o espaço do meio científico.

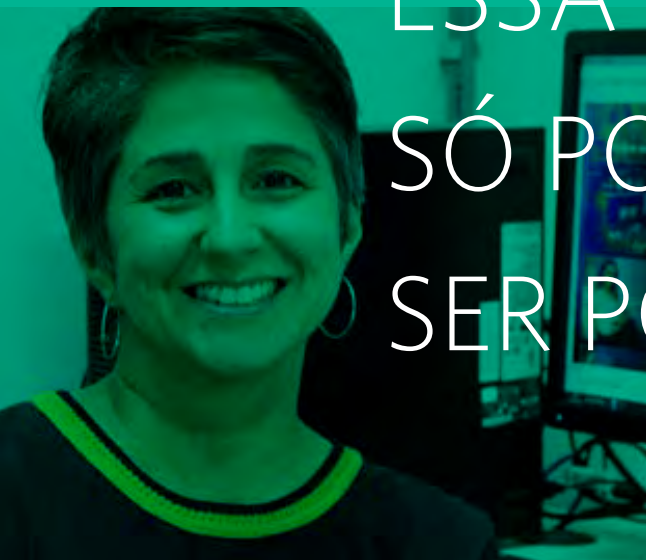
REFERÊNCIAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=o-que-e>.

VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (org.). Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, 2006.



CONTAR COM
ESSA DIVERSIDADE
SÓ PODERIA
SER POSITIVO



MULHERES, COMUNICAÇÃO E SAÚDE

IGUALDADE DE GÊNERO NA CIÊNCIA: O QUE A COMUNICAÇÃO TEM A VER COM ISSO?

MARCIA CORREA E CASTRO

Não foi à toa que, em 2015, a Organização das Nações Unidas declarou o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. O campo científico reproduz o machismo que estrutura a sociedade. No Brasil, apenas 40% dos pesquisadores cadastrados na plataforma Lattes são mulheres. E ainda há as desigualdades por área. Nas engenharias, por exemplo, as mulheres são apenas 26% dos pesquisadores. Os dados são do Open Box da Ciência, um levantamento da empresa Gênero e Número, financiada pelo Instituto Serrapilheira.

O cenário – como não poderia deixar de ser, já que o machismo é estrutural – se repete na comunicação. Em 2019, a plataforma de comunicação corporativa *Work*, desenvolvida pelo portal *Comunique-se*¹, apontou que existem 15.654 mulheres jornalistas empregadas em veículos de comunicação no país. O número corresponde a somente 37% do mercado da imprensa nacional. Nos cargos de comando dos veículos de comunicação (incluindo as diretoras de redação, editoras-executivas, editoras-chefes, presidentes e vice-presidentes), as mulheres não chegam a um terço, de acordo com a mesma pesquisa. São resultados que não deixam de ser surpreendentes, considerando que as mulheres costumam ser maioria nos cursos de comunicação social. Em pesquisa de 2008, Guedes apontava que elas correspondiam a 64% dos estudantes desse campo.

Em outras áreas da comunicação, a desigualdade de gênero também se expressa. De acordo com matéria publicada em 2015, no site G1, apenas 7% dos diretores dos principais filmes produzidos por Hollywood no ano anterior eram mulheres². E em 2017, de acordo com um levantamento da San Diego State University, eram do sexo feminino apenas 42% dos personagens com fala na dramaturgia para a televisão estadunidense³. No Brasil, analogamente, quase 73% das obras nacionais de literatura publicadas entre 1965 e 2014 foram escritas por homens (PEREIRA; COUTINHO, 2021). E na indústria nacional do entretenimento, as mulheres correspondem a menos de 28% dos postos de trabalho atrás das câmeras.

1.



2.



3.



4. A autora desafiou padrões da época, mas na primeira metade do século XIX ia ser pedir demais uma protagonista feminina no papel de cientista.

Sabemos que a situação da desigualdade de gênero se repete nos dois campos (científico e da comunicação) porque o machismo é estrutural na sociedade. Mas nos interessa olhar especificamente como as duas áreas dialogam, ao retroalimentar esse problema.

SOMOS O QUE OUVIMOS, LEMOS E ESCUTAMOS. É A PARTIR DAS MENSAGENS DISSEMINADAS COLETIVAMENTE, QUE CONSTRUÍMOS OS SENTIDOS PARA O QUE NOS CERCA.

O American Way of Life foi difundido mundialmente pelo cinema; a princesa Isabel tornou-se a “salvadora dos negros” graças à linguagem empregada nos livros didáticos. Viver em um mundo em que os homens escrevem e comandam a mídia e as produções artísticas significa moldar e enxergar o mundo através do homem. É essa mídia e essa indústria cultural que nos legaram “o cientista” (no masculino), excluindo as mulheres desse campo.

Temos Victor Frankenstein, do romance publicado por Mary Shelley⁴ em 1818. As revistas em quadrinhos nos apresentaram o vilão Lex Luthor (1940), os heróis cientistas “Senhor Fantástico” (1961) e “Tony Stark” (1963), além dos vários inimigos do Homem Aranha (todos homens, quase todos cientistas). No cinema

podemos citar o “Doutor Brow” da trilogia “De Volta para o Futuro”, nos anos 1980, e na TV o químico Walter White, da série Breaking Bad, de 2008. Para as crianças, os desenhos animados entregam o “Dr Duffer Smith”, de “Phineas e Ferb” e “Dexter” do “Laboratório de Dexter”. Todos homens: o gênero masculino integra o conjunto de características do profissional de ciência estereotipado pelo campo da comunicação.

Em artigo de 2017, Carvalho e Massarani apresentaram os resultados de uma pesquisa a partir da grade de programação de duas emissoras de TV aberta no Brasil (TV Globo e TV Record). Elas analisaram 672 horas de programação, somando as duas emissoras. Em 0,8% desse total (cinco horas, 39 minutos e 45 segundos), apareceram 137 cientistas, em matérias jornalísticas e em propagandas: 109 eram homens e apenas 28 eram mulheres.

Diante dessa avalanche de representações, o mais provável é que uma menina, ao idealizar seu futuro, não vislumbre a possibilidade de uma carreira científica, o que contribui para a manutenção de uma presença feminina reduzida nesse campo. Com menos mulheres fazendo ciência, a chance de um jornalista entrevistar uma mulher, quando decidir fazer uma reportagem sobre ciência, será menor. E assim alimentamos o ciclo vicioso que, por sua vez, alimenta o machismo estrutural.

No Canal Saúde buscamos, cotidianamente, encarar essa situação e contribuir para o enfrentamento da desigualdade de gênero. Somos uma equipe coordenada por uma mulher. Das dez gerências, seis também são ocupadas por mulheres. As mulheres também são quatro de sete apresentadores. E apenas 2% das peças jornalísticas produzidas não trazem pelo menos uma mulher entrevistada. Na direção contrária, 52% das produções contam com a participação exclusiva de mulheres. Isso é um feito e tanto, considerando que o Canal Saúde trata basicamente de divulgação científica, e que as mulheres – como já vimos – são minoria na ciência.

Essas vitórias construídas com esforço ao longo de 27 anos de história (nem sempre foi assim) permitem que, hoje, consigamos uma atenção maior aos aspectos de gênero na escolha e na abordagem dos temas. Mas não estamos livres de contradições. Por exemplo, a equipe de 72 pessoas tem uma maioria de homens (57%). Eles estão em maior número principalmente nas áreas técnicas (operação de câmera, edição, controle mestre, manutenção etc.). Pode parecer preciosismo rumo ao “politicamente correto”, mas, na verdade, uma operadora de câmera do sexo feminino teria formas diferentes de enquadrar cenas e personagens, uma diretora de imagens pode estar atenta a detalhes que passariam despercebidos por um homem. Contar com essa diversidade só poderia ser positivo⁵.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Vanessa Brasil de.
MASSARANI, Luisa. Homens e Mulheres Cientistas: questões de gênero nas duas principais emissoras televisivas do Brasil. *Intercom*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 213-232, jan./abr. 2017.

GUEDES, Moema de Castro. A Presença Feminina nos Cursos Universitários e nas Pós-Graduações: desmistificando a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 15, suplemento, p. 117-132, jun. 2008.

PEREIRA, Maria do Rosario A.; COUTINHO, Samara Mirian. *Padê Editoria e Nega Lilu: Representatividade Feminina no Mercado Editorial Independente*. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 62, e.621, 2021.

5. Para ver mais sobre mulheres na comunicação da Fiocruz, acesse o Boletim Ciência – Mulheres Comunicando Ciência. Disponível em:



HISTÓRIA DA PRESENÇA FEMININA NA FIOCRUZ¹

LINHA DO TEMPO BASEADA NAS PESQUISAS DE NARA AZEVEDO



Ampliação da escolarização feminina em nível secundário e superior, no Brasil, que abre possibilidades de ingresso de mulheres nas ciências e nas instituições científicas e universidades.

1920

A Fundação começa a receber as primeiras mulheres.

Muitas ingressam por cursos oferecidos pelo Instituto Oswaldo Cruz.

Mas elas só passam a ter mais oportunidades profissionais, depois da Segunda Guerra, com a maior valorização dos cientistas.

1930/40



¹. Dados retirados do e-book "Menina Hoje, Cientista amanhã" editado pela Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente.



Incentivadas por seus professores, mulheres chegam para atuar em laboratórios. Assim como acontecia com os alunos homens, vinham como estagiárias, na maioria das vezes sem remuneração. Na década de 1960, com a abertura de concurso público, várias são aprovadas e **começam a receber salário**.



1960

Com o passar dos anos, **a presença feminina na instituição foi aumentando e se equiparando a dos homens**. Em 2018, a Fundação elege Nísia Trindade Lima como a sua primeira presidente. Em 2019, dos 4.689 servidores da Fundação, 2.626 eram mulheres (56%).

1990 até hoje



1970

Com o aumento no número de vagas nas universidades, esse período é marcado por mais oportunidades de **formação em nível superior para ambos os sexos**. Em 1974, faziam parte do quadro de pessoal 70 cientistas, sendo 18 mulheres (ou seja, cerca de 25%). Em 1975, um projeto de reconstrução da Fiocruz, após momentos turbulentos durante a Ditadura Militar, possibilita que profissionais de ambos os sexos sejam reconhecidos por seus trabalhos e pesquisas em outras universidades e organizações.



Para ver mais:

Dossiê temático:
Mulheres no acervo de
uma instituição científica
– O Instituto Oswaldo
Cruz (1930-1970)
Autores: Nara Azevedo;
Luiz Otavio Ferreira;
Daiane Rossi



É POSSÍVEL CONHECER
SUAS HISTÓRIAS
DE VIDA, SUAS
CAMINHADAS DENTRO
DA INSTITUIÇÃO,
REFLETIR GÊNERO, RAÇA,
LUGARES DE FALA, ENTRE
OUTRAS POTENCIAIS
ANÁLISES QUE PODEM
SER FEITAS, GERANDO
FRUTOS A PARTIR
DESSAS PRODUÇÕES



MULHERES NA FIOCRUZ: TRAJETÓRIAS

LUIZ OTÁVIO FERREIRA, COM A PARTICIPAÇÃO DAS PESQUISADORAS NARA AZEVEDO, SIMONE PETRAGLIA KROPF, LUCIANA QUILLET HEYMANN E ALINE LOPES LACERDA, DOS BOLSISTAS RECÉM-DOCTORES ANDRÉ LIMA E DAIANE ROSSI, E DA DOCUMENTARISTA CRISTIANA GRUMBACH

Em 2019 teve início na Casa de Oswaldo Cruz (COC), no Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (Depes), o projeto “Memória Institucional: mulheres na Fiocruz”, vinculado ao Programa de Desenvolvimento Institucional (PIDI).

O projeto objetivou a produção de registros audiovisuais visando documentar, preservar e divulgar a memória coletiva da instituição, especialmente tendo em vista as comemorações dos seus 120 anos de fundação, em 2020. Foram privilegiadas as trajetórias de mulheres, buscando, por meio delas, revelar aspectos da organização e dinâmica institucionais e, de forma mais abrangente, das próprias condições de emergência de profissionais dedicadas aos campos da saúde e da ciência no Brasil. Em uma instituição marcada pela trajetória e pelos feitos de cientistas do gênero masculino – Oswaldo Cruz sendo o mais emblemático desses personagens –, nada mais oportuno do que apresentar trajetórias de mulheres que, histórica e contemporaneamente, tenham contribuído para o fortalecimento da missão institucional em suas várias dimensões.

A produção de registros sobre a presença feminina na Fiocruz contemplou duas linhas de ação: 1) a produção de um documentário sobre as mulheres “pioneiras” envolvidas em atividades de pesquisa/ensino (1940-1980); 2) a gravação de depoimentos sobre a trajetória pessoal e profissional de pesquisadoras, que se constituem como registros da memória institucional e fonte documental para a história das ciências e da saúde no Brasil, e que serão incorporados ao acervo de história oral da COC; e a produção de vídeos sobre a trajetória de 21 mulheres representativas dos campos do ensino, pesquisa, produção e assistência (1980-2020), cada uma delas com atuação em uma das unidades da Fiocruz.

1. Para Mulheres na Fiocruz



A série de vídeos “Mulheres na Fiocruz: trajetórias” e o documentário “Mulheres na Fiocruz: pioneiras” estão disponíveis no canal do YouTube da Casa de Oswaldo Cruz. Os primeiros vídeos, lançados em junho de 2020, contam as trajetórias das pesquisadoras **Yara Traub-Cseko** (IOC), **Maria da Luz Fernandes Leal** (Bio-Manguinhos) e **Lileia Diotaiuti** (IRR/Fiocruz Minas). A produção foi elaborada a partir de depoimentos gravados, realizados presencialmente em 2019, que foram agregados ao acervo de história oral da COC e futuramente estarão disponíveis para pesquisa e acesso na íntegra.

Já o documentário “**Mulheres na Fiocruz: pioneiras**”¹ foi integralmente produzido a partir de fontes arquivísticas, sobretudo do vasto acervo documental sob a guarda do Departamento de Arquivo de Documentação (DAD) da COC que contempla, além das mais de 3.000 horas de entrevistas já realizadas com pesquisadoras da Fiocruz, um vasto conjunto de documentos: currículos, notícias de jornal, publicações, fotografias, documentos textuais, diários de viagens e de laboratório, entre outros. Para produção do documentário, utilizamos sete entrevistas gravadas oriundas dos projetos “Memória das Coleções Científicas do Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz”, liderado por Magali Romero de Sá, e “Gênero e ciência:



carreira e profissionalização no IOC, Museu Nacional e Instituto de Biofísica”, liderado por Nara Azevedo. Por meio de um intenso trabalho de escuta, elaboração de roteiro, pesquisa histórica e edição, o filme contempla a trajetória das pesquisadoras Anna Kohn, Delir Correa Gomes Maués da Serra Freire, Dyrce Lacombe, Luiza Krau, Monika Barth e Ottilia Affonso Mitidieri, que ingressaram na instituição entre as décadas de 1950 e 1960.

Durante 2020 e 2021 o projeto seguiu, adaptando-se à realidade pandêmica, e a partir de então os depoimentos foram gravados remotamente pela plataforma Zoom, através da mesma dinâmica, com a presença de dois entrevistadores, da documentarista e da depoente. Com isso, finalizamos o trabalho com a produção de mais sete vídeos, tendo como personagens as pesquisadoras: Alzira Maria de Paiva Almeida (IAM/Fiocruz Pernambuco), Keyla Belizia Feldman Marzochi (INI), Marilda de Souza Gonçalves (IGM/Fiocruz Bahia), Maria Cecília de Souza Minayo (ENSP), Nubia Boechat Andrade (Far-Manguinhos), Rachel Niskier Sanchez (IFF) e Tizuko Shiraiwa (Centro de Saúde/ENSP). Há expectativa de que os filmes sejam lançados até o final de 2021, ficando disponíveis também no canal do YouTube da Casa de Oswaldo Cruz.

Além de serem importantes elementos de preservação da memória institucional da Fiocruz, os audiovisuais são meios de divulgação para o público ampliado sobre a presença



de mulheres na ciência brasileira, principalmente em uma perspectiva histórica, ressaltando o potencial da pesquisa para dar visibilidade a essas trajetórias até então, na maioria das vezes, desconhecidas. É possível conhecer suas histórias de vida, suas caminhadas dentro da instituição, refletir gênero, raça, lugares de fala, entre outras potenciais análises que podem ser feitas, gerando frutos a partir dessas produções.

**FICA O CONVITE PARA QUE
MENINAS E MULHERES SE
INSPIREM NESSAS HISTÓRIAS!**

NÓS
TEMOS FORTALECIDO
ESSES ESPAÇOS
CHEGANDO ATÉ
ELES E MOSTRANDO
QUE TAMBÉM
PODEMOS
OCUPÁ-LOS



COMPROMISSO E DEDICAÇÃO: A CONTRIBUIÇÃO DE MARIA CECILIA DE SOUZA MINAYO NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA

Entrevista¹ concedida para o projeto “Memórias e Práticas”, do Departamento de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz), realizada em 4 de dezembro de 2019, com a presença das pesquisadoras Lenira Zancan, Maria Inês Carsalade Martins e Rosana Magalhães. A redação deste texto síntese da entrevista é de autoria de Lenira Zancan, com a colaboração de Delaine Costa e Maria Lúcia Cardoso. O projeto “Meninas e Mulheres na Ciência” apoiou a edição da entrevista em formato audiovisual.

Entrevistadoras: Cecília, como foi a sua aproximação com o campo da saúde e inserção no Departamento de Ciências Sociais da ENSP/Fiocruz?

Cecília: A aproximação com o campo da saúde foi ocasional. Victor Valla, que tinha entrado para o Departamento de Ciências Sociais da ENSP, era muito amigo do meu marido, Carlos Minayo, e comentou que havia uma vaga no departamento. Eu me apresentei e fui aceita como professora visitante. Fiquei com esse status até 1989, quando fiz o concurso público e passei em primeiro lugar. No Departamento, encontrei um grupo querendo fazer pesquisa de campo, mas com pouca tradição de pesquisa empírica, o que era “minha praia”. Eu tinha terminado, à época, o mestrado em antropologia social. O eixo da minha vivência, tanto pessoal como acadêmica, é e sempre foi a questão social. Antes de entrar para

a área de saúde, fui para o exterior em função da instauração da ditadura militar. Quando voltei, já não tinha emprego e fiquei vários anos “vivendo de bico”. De 1981 até 1984, trabalhei na PUC do Rio de Janeiro, numa grande pesquisa chamada “Configuração de situação de pobreza” e fui convidada para organizar o material de uma discussão sobre a fome, que culminou na publicação do livro “Raízes da Fome” (MINAYO, 1989). No mestrado, na UFRJ, orientada pelo José Sérgio Leite Lopes, fiz um trabalho que depois se transformou no livro “Os Homens de Ferro” (MINAYO, 1985). Foi tudo pesquisa empírica. Então, quando entrei para o Departamento de Ciências Sociais (DCS), trouxe essa contribuição. A gente começou a aceitar pessoas de iniciação científica para uma grande pesquisa de conhecimento sobre a saúde da população carioca, que originou artigos

1. O vídeo da entrevista está disponível neste endereço e no QRCode abaixo:



de duas coletâneas: “Demandas Populares e Políticas de Saúde” (MINAYO; COSTA; LEITÃO; STOTZ, 1989) e “Saúde em Estado de Choque” (MINAYO, 1987). Coordenei esse trabalho de campo, por exemplo, nas favelas da Penha, que para mim foram a primeira entrada nas questões de saúde. Quando entrei na ENSP, percebi que a preocupação social como condição de saúde era o foco da Fiocruz. Essa articulação da pesquisa com a questão social, com a população, com o comprometimento com a política de saúde, com o comprometimento com a sociedade foi nicho de trabalho com o qual sempre sonhei. O que eu queria fazer, o que eu poderia contribuir era com a pesquisa empírica, com a pesquisa qualitativa que, de certa forma, eu trouxe para o departamento.

ACHO QUE ESSA FOI MINHA GRANDE CONTRIBUIÇÃO PARA O DEPARTAMENTO, DO PONTO DE VISTA INTELLECTUAL. ENTÃO, DECIDI FAZER UM DOUTORADO SOBRE ISSO.

Ao mesmo tempo começou o mestrado do Instituto Fernandes Figueiras (IFF) e o Paulo Buss, diretor da ENSP, me chamou para ajudar. Eu dava uma aula de metodologia qualitativa na ENSP da qual participavam os mestrandos do primeiro curso do IFF. Eu me lembro muito deles porque eram todos médicos, e falar em pesquisa qualitativa para médicos era um grande desafio. Da mesma forma que tentava passar os fundamentos e discutir a utilidade da pesquisa qualitativa para a medicina, tentava passar os conceitos sociológicos condizentes com o campo da saúde, como o positivismo, as teorias compreensivas, a fenomenologia e o marxismo, numa linguagem o mais acessível possível para um médico. Então, essa experiência me ajudou a escrever a tese, porque eu preparava a aula, dava

aula e depois corrigia a mim mesma, tentando melhorar o texto com as questões que eles traziam, com as dificuldades que eles traziam. O livro “O Desafio de Conhecimento” (MINAYO, 2000), de certa forma, é uma memória desse esforço como professora e, ao mesmo tempo, como pesquisadora.

Entrevistadoras: Qualquer projeto que a gente pegue, a referência é Cecília Minayo.

Cecília: O Abel Parker diz que eu sou a autora brasileira mais citada nas ciências sociais – não é na área de saúde, não, é nas ciências sociais. Isso é possível porque eu fiz um livro para ser utilizado, para ser lido, para servir.

Entrevistadoras: E ao mesmo tempo com rigor...

Cecília: Com rigor, não é um livro tão fácil assim. O “livrinho azul” (MINAYO; DELANDES; GOMES, 2012) chegou à trigésima oitava edição e é mais fácil porque foi escrito para a graduação. Já o da tese tem uma forte fundamentação teórica, mas não traz uma linguagem complicada, porque eu conversei muito com os médicos, e todos saímos ganhando. Eu devo muito a eles.

Entrevistadoras: Você desempenhou um papel crucial na estruturação da pós-graduação stricto sensu da ENSP e em toda a Fiocruz, além da atuação junto aos programas em todo o Brasil através da Abrasco. Conte-nos como foi esse processo.

Cecília: Em 1990, Paulo Buss chamou um grupo para fazer uma avaliação da pós-graduação da ENSP. Éramos Joaquim Alberto Cardoso de Melo, Cristina Possas, Marco Antônio Barbieri, Marília Bernardes Marques, e eu fiquei com a coordenação. À época havia 31 alunos no mestrado e doutorado e nós descobrimos que a

ENSP tinha apenas cinco doutores. Só que esses cinco doutores não orientavam, quem orientava eram os mestres. Acho que só o Victor Valla orientava. Era imensa a tarefa de reestruturação. O conceito do doutorado era D, o do mestrado era C, além do curso ser avaliado dentro da área de medicina. Comecei a trabalhar com os doutores para fazermos a proposta das subáreas de concentração e grupos de pesquisa. Tinha muita gente relutante em mudar, e os mestres se sentiram meio ameaçados. Ao mesmo tempo, comecei a atuar em Brasília, porque na época não era a Capes que aprovava os cursos, era o Conselho Federal de Educação, e cada curso tinha um conselheiro-mor. Nós tínhamos o nosso, só que ninguém sabia quem era. Uma pessoa da Capes me ajudou a identificá-lo e fui conversar com ele; levei um projeto, falei que estávamos em pleno processo de reestruturação, e consegui iniciar uma interlocução. Afinal, não dá para fazer as coisas sem entrar na política institucional e acadêmica. Enquanto isso, eu conversei com Paulo Buss e falei o seguinte: “- Paulo, nós vamos arrumar orientador para todos, mas nós vamos dar um prazo para conclusão das dissertações, particularmente”. Um prazo de um ano para os mestres se titularem. Todos já estavam com as matérias concluídas, era só escrever o trabalho. Isso aconteceu e todos defenderam antes de 31 de dezembro. Em seguida, retomamos o doutorado com um currículo estabelecido pela Comissão de Pós-Graduação, com ênfase nos mestres da casa. Ou seja, as duas primeiras turmas de doutorado foram para qualificar o pessoal interno. Foi maravilhoso! Nós temos grandes teses dessa época com discussões excelentes. Isso porque tínhamos pessoas muito bem formadas, pessoas com muita capacidade. Faltava-lhes um complemento e escrever a tese. Foi uma intensificação da formação em saúde pública da própria ENSP. Sinto que contribuí também na avaliação da medicina

e eles contribuíram conosco porque passei a ser chamada pelo coordenador de área na Capes. Assim, após quatro anos, o mestrado e o doutorado estavam com nota 5, que era a maior à época. Acho que o Paulo [Buss] tem um mérito muito grande nisso, porque era um chefe que dava apoio. Ele bancou o projeto, ficava bravo, exigia, e não transigiu, e eu também não transigi. Todas eram pessoas muito queridas, mas havia as normas, havia regras às quais nos submetíamos.

Quando terminei meu período na pós-graduação, em 1995, Paulo Buss, escolhido para ser vice-presidente de ensino, me convidou para coordenar a pós-graduação da instituição como um todo. Aí eu comecei aquele trabalho de formiguinha com cada programa existente, e os reuni pela primeira vez, porque nunca tinham se reunido. Vinha o pessoal do Instituto Fernandes Figueiras (IFF), da ENSP e dos programas do Instituto Oswaldo Cruz (IOC). Depois fomos criando programas em Recife e Belo Horizonte. Aí redigimos, juntos, um regulamento geral dos Programas de Pós-Graduação da Fundação Oswaldo Cruz. Essa transversalidade não existia, porque cada um respondia independentemente por si.

Acho que dei algumas contribuições também quando fui vice-presidente de Comunicação, Informação e Ambiente da Fiocruz na gestão do Eloi Garcia, de 1997 a 2000, e eu não sabia nada de informação e comunicação. Fui aprender. Começamos por organizar cursos com o próprio pessoal do Ict, para aqueles funcionários que ficavam na biblioteca e nunca haviam tido oportunidade de estudar. Ao mesmo tempo, mandamos gente fazer mestrado e doutorado, qualificamos. Até que se abriu o mestrado e doutorado lá. Minha contribuição foi colocar a área de comunicação e informação como uma área científica respeitável na Fiocruz, o que continua cada vez mais. E a outra era ambiente.

O que era ambiente, quando eu entrei? O pessoal do IOC trabalhava com a ecologia dos bichos, o saneamento trabalhava com saneamento e o pessoal do Cesteh (Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana - Fiocruz) já estava mais afinado, tinha uma visão mais ampla de ambiente. Muitos pesquisadores tinham participado da Rio-92. Então, comecei a juntar gente que quisesse discutir ambiente. Tem um artigo sobre isso na Revista da Academia Brasileira de Ciência, sobre esse processo na Fiocruz, que publiquei junto com Carlos Machado (MINAYO, 1999). Enfim, começamos a fazer grupos de discussão de abrangência interinstitucional e nacional e fizemos dois eventos. Um seminário dentro da Fiocruz com a contribuição dos oito grupos de trabalho e regado com a “comida viva” do projeto “Terrapia”, do Centro de Saúde Escola. Depois fizemos um grande seminário nacional com mais de 300 pessoas, no Hotel Glória. Também criei aqui na Fiocruz algo que continua a existir, coordenado por Ana Luzia do IOC: o “Fiocruz saudável”, que é o cuidado com o ambiente aqui dentro. Descobrimos internamente vários problemas nos laboratórios e no campus e passamos a atuar.

Entrevistadoras: E foi nesse mesmo período que, entre a reestruturação da pós-graduação na ENSP e na Fiocruz, você esteve à frente da Abrasco consolidando o campo da chamada Saúde Coletiva.

Cecília: O Arlindo Fabio, que presidia a Abrasco, me convidou para compor a nova gestão para o período 1993 a 1997. Ele queria que o substituísse na presidência, alguém que trabalhasse para levantar o conceito da área de saúde coletiva, naquele momento muito desacreditado tanto no CNPq quanto na Capes. Eu fui eleita. Então, comecei a trabalhar como eu sei trabalhar, juntando gente para fazer um

projeto de avaliação. Os resultados desse projeto de avaliação estão publicados na segunda e terceira edições da Revista Ciência e Saúde Coletiva (MINAYO, 1997). Foi um projeto de dois anos, nós fazíamos reuniões periódicas com o grupo composto pelos mais importantes pesquisadores e pensadores das áreas, cujos nomes estão nos artigos. Foi um grupo grande. Ao mesmo tempo, a gente decidiu que ia fazer um congresso de ciências sociais, porque só a Comissão de Epidemiologia até então fazia congresso. As ciências sociais trabalhavam com seminários e simpósios. Na minha gestão, fizemos um simpósio em Belo Horizonte, que foi sobre o ensino das ciências sociais na saúde, e o 1º Congresso de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, em 1995, em Curitiba. Foi na minha gestão também o primeiro congresso dos conselhos municipais de saúde, uma coisa belíssima, concomitantemente ao Congresso Internacional de Epidemiologia. Depois de dois anos de iniciado meu mandato, realizamos um grande seminário para apresentar os resultados da pesquisa avaliativa das pós-graduações em saúde coletiva. Tivemos dois ouvintes externos que nos ajudaram: Dr. Sherman, da Carolina do Norte, EUA, e Claudine Herzlich, da França. Convidamos CNPq, Capes e Opas, e os resultados foram apresentados nesse seminário. Descobrimos que a área de saúde coletiva não estava atrás de área nenhuma. Os problemas existentes eram os mesmos que outras áreas tinham. Houve várias recomendações a partir do estudo e elas estão na edição que publicou os resultados da pesquisa. Bem, o resultado desse movimento foi a criação do Fórum de Coordenadores de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - à época, eram 31 e hoje são mais de 50.

Depois de 10 anos, quando o Cavalheiro foi presidente da Abrasco, ele me pediu outra vez para replicar a avaliação. Então a gente analisou

o percurso nessa etapa e outra vez a avaliação também foi publicada na revista Ciência e Saúde Coletiva (SOUZA; MINAYO; FRANCO, 2007). Junto com João Canossa, incrementamos mais a livreria. Fizemos muitas coisas, as que a diretoria considerou necessárias. Faltou uma avaliação dos cursos de pós-graduação lato sensu, que prometemos e não conseguimos realizar. Tudo isso ocorreu com uma diretoria unida e solidária, que tinha também representações institucionais no Congresso Nacional e no Conselho Nacional de Saúde. Eu fui representante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no Conselho Nacional de Saúde. A NOB 96, de que tanto falam, foi feita naquela época e fiz parte do comitê que a discutiu. Parece que há um estudo que compara as gestões da Abrasco e faz uma crítica da minha gestão, dizendo que ela se preocupou pouco com a política e mais com a política institucional, com o papel da Abrasco.

EU SEMPRE DIZIA: “- ACHO QUE NÓS, DA ABRASCO, TEMOS QUE FALAR E ATUAR NA POLÍTICA SIM, MAS DE FORMA QUALIFICADA. NÃO É PORQUE EU SENTEI NESSE LUGAR QUE EU ESTOU INVESTIDA DE AUTORIDADE, TENHO QUE ESTUDAR, TENHO QUE SABER DO QUE ESTOU FALANDO”. ENTÃO, ACHO QUE HÁ GESTÕES DIFERENTES CONFORME AS CONJUNTURAS.

Entrevistadoras: Uma pergunta que a gente faz é por que os seus artigos fazem tanto sucesso, suas publicações despertam esse interesse. Como é que você avalia isso?

Cecília: Acho que há duas coisas combinadas, e isso também vem desde a graduação. A primeira é que eu escrevo para as pessoas lerem. Quando estou escrevendo alguma coisa, estou conversando o tempo todo com o leitor. Ele está na minha cabeça. Por exemplo, voltando para a questão da metodologia. Quando entrei aqui na Fiocruz, falava em metodologia e o pessoal achava que era bicho de sete cabeças, que metodologia era uma coisa abstrata, aí fiz o diálogo com os médicos. A outra questão é que não me furto ao diálogo com os leitores, particularmente com os jovens.

Entrevistadoras: Como foi a criação do Centro Latino-americano de Violência e Saúde Jorge Careli, o Claves?

Cecília: Em 1990, Sérgio Arouca e Paulo Buss queriam alguém da área de ciências sociais para trabalhar na ENSP com o tema da violência. A epidemiologia, de certa forma, já estudava violência utilizando o conceito de “causas externas”. Mas a violência é muito mais do que isso. O Claves começou ligado aos departamentos de ciências sociais, por meio de Otávio Cruz Neto e eu, junto com Edinilsa Ramos de Souza e Simone Gonçalves de Assis, da Epidemiologia. A gente tentou ter alguém do Departamento de Planejamento, mas ninguém quis. Violência sempre foi um tema estranho na área de saúde coletiva, até que se universalizou. Nós nos organizamos em cima de projetos de pesquisa e com foco. Mas um foco que bebia na fonte da epidemiologia e na das ciências sociais, acho que fomos conseguindo criar essa riqueza. Porque entendemos que a violência é interdisciplinar. Conversei muito sobre isso com a Sheila Mendonça, então coordenadora de pesquisa da ENSP. Eu a convidei para vir ao Claves e começamos a apresentar todos os trabalhos que fazemos, e mostramos que publicamos as

conclusões de nosso trabalho em forma de manual ou sumário executivo visando à intervenção na política de saúde. Ela ficou encantada, tanto que hoje ela mostra o Claves como um modelo de pesquisa que tem consequências.

Por exemplo, neste momento estou coordenando dois projetos. Um projeto que é nacional, com idosos dependentes, porque uma pesquisa anterior que a gente fez mostrou que eles são as maiores vítimas da violência. Nesse projeto, há oito municípios, de Manaus a Porto Alegre, trabalhando junto conosco. Semana passada, tivemos a reunião do grupo aqui. Criamos um manual de pesquisa, em que toda a parte teórica é explicada, depois o método, depois a operacionalização para todo mundo ter conhecimento do que fazer. E estou coordenando outra sobre os idosos presos. Vocês não podem imaginar a calamidade! E nós estamos junto sabe com quem? Com o Ministério Público, porque ao mesmo tempo em que a gente pesquisa e compartilha os resultados, eles vão atuando. Então, é fazer pesquisa, mas é fazer política social e de saúde também. Esse é o tipo de trabalho do Claves, fazer pesquisas estratégicas que não se confundam com o conceito de pesquisa operacional. Por exemplo, a Simone orientou uma tese sobre crianças e famílias com estresse pós-traumático. Hoje, sua aluna está trabalhando no Centro de Saúde, orientando os profissionais.

EU GOSTARIA MUITO QUE O CLAVES TIVESSE UMA APROXIMAÇÃO MAIOR COM AS PESSOAS, NÃO COM O SERVIÇO, COM AS PESSOAS, MAS A DEMANDA DE PESQUISA QUE CHEGA PARA NÓS É MUITO GRANDE. E SOMOS POUQUÍSSIMOS PARA COBRIR AS NECESSIDADES.

REFERÊNCIAS

- MINAYO, M. C. S. Os Homens de Ferro. Rio de Janeiro: Dois Ponto, 1985. 210p.
- MINAYO, M. C. S. Saúde em Estado de Choque. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- MINAYO, M. C. S. Raízes da Fome. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MINAYO, M. C. S. Pós-Graduação em Saúde Coletiva: um Projeto em Construção. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. II, n.1-2, p. 53-72, 1997.
- MINAYO, M. C. S. O Programa Institucional sobre Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento da Fundação Oswaldo Cruz. Anais da Academia Brasileira de Ciência, Rio de Janeiro, v. LXXI, n. 2, p. 279-288, 1999.
- MINAYO, M. C. S. O Desafio do Conhecimento. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2000. 269p.
- MINAYO, M. C. S. O Programa Institucional sobre Saúde e Ambiente no Processo de Desenvolvimento da Fundação Oswaldo Cruz. An. Acad. Bras. Ci., Rio de Janeiro, v. LXXI, n.2, p. 279-288, 1999.
- MINAYO, M. C. S. Pós-Graduação em Saúde Coletiva: um Projeto em Construção. Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. II, n.1-2, p. 53-72, 1997. <https://doi.org/10.1590/1413-812319972102132014>
- MINAYO, M. C. S.; COSTA, N. R.; LEITÃO, C.; STOTZ, E. (org.). Demandas Populares e Políticas de Saúde. Petrópolis: Vozes, 1989.
- MINAYO, M. C. S.; DELANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. v. 1. 110p.
- SOUZA, E. R.; MINAYO, M. C. S.; FRANCO, L. G. Avaliação do processo de implantação e implementação do Programa de Redução da Morbimortalidade por Acidentes de Trânsito. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 16, n. 1, p. 19-32, 2007.
- MINAYO, M. C. S. (org.) Consolidação e perspectivas da pós-graduação em saúde coletiva no Brasil. Revista Ciência e Saúde Coletiva, vol. 15, n.4, 2010.



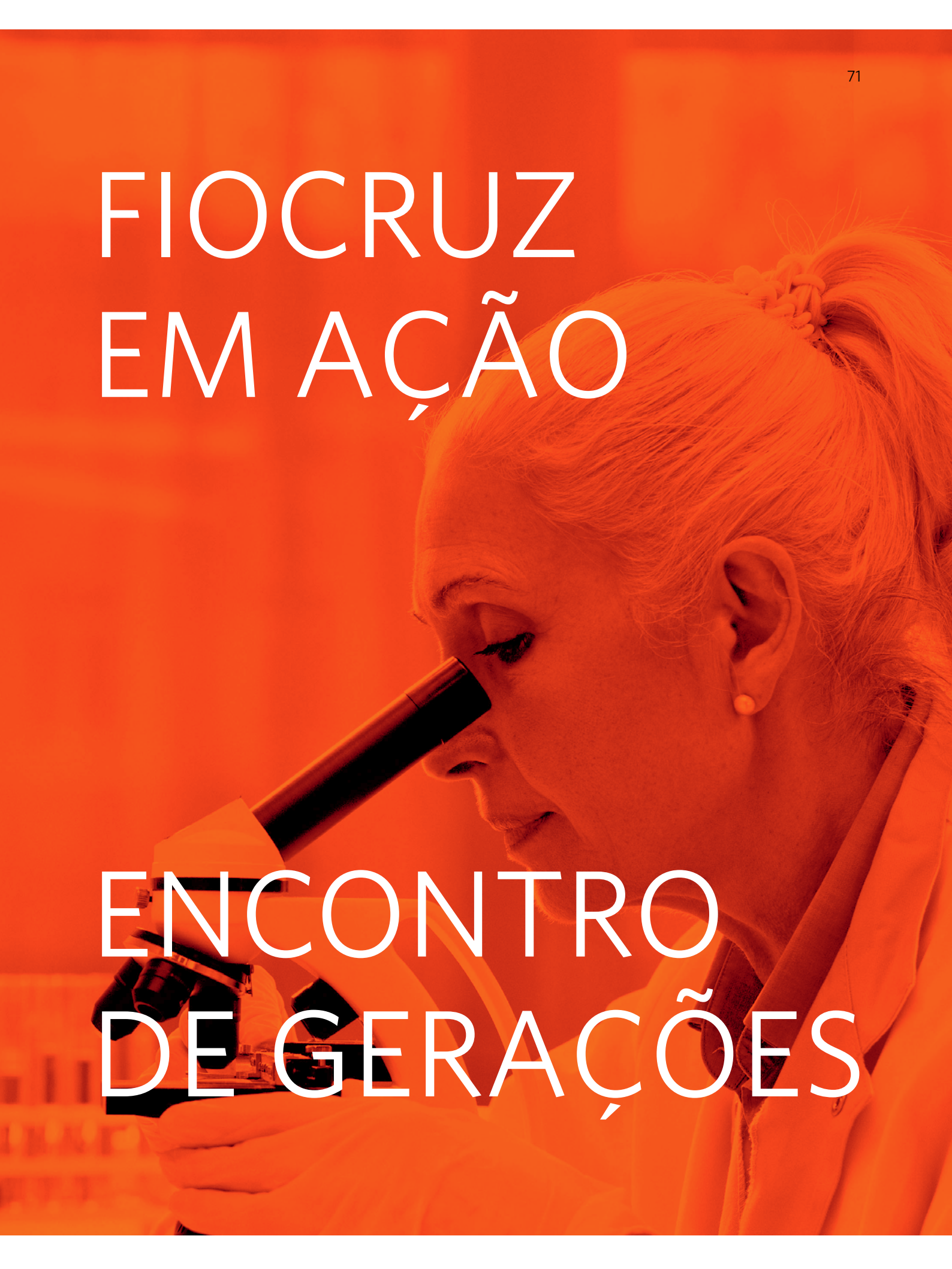
FOTO: PETER ILLICIE | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ



PARTE 2

FIOCRUZ EM AÇÃO

ENCONTRO DE GERAÇÕES



A DEDICAÇÃO TEM
QUE SER CONTÍNUA,
E NÓS SEMPRE
PRECISAMOS ESTAR
ATENTAS A COMO A
MULHER SE COLOCA
NO MUNDO
DA PESQUISA



ENCONTRO DE GERAÇÕES

NUNCA PODEMOS ADMITIR QUALQUER ATITUDE DE SILENCIAMENTO

BEATRIZ GRINSZTEJN

Quando penso no início da minha carreira, alguns pontos me chamam atenção. Eu me formei em medicina na Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1985. A UFF, apesar de ser uma instituição fundamental na minha carreira, onde tive uma formação clínica maravilhosa, não tinha, naquele momento, a pesquisa em sua essência. Não tive absolutamente nenhum acesso ao que poderia ser uma iniciação científica durante a minha faculdade, nem nenhum contato com pesquisa durante o período de minha residência médica, no Hospital Universitário Antônio Pedro.

Eu tinha o desejo de fazer pesquisa, mas naquele momento o desejo maior era o de exercer a medicina na sua plenitude – a pesquisa sempre foi um desejo oculto.

A partir do fim da minha residência médica, a possibilidade de compor o corpo clínico do Hospital Evandro Chagas (HEC) mudou minha vida. Na época, o HEC estava ressurgindo de uma fase difícil da sua história, as vésperas de ser desativado. A partir de um convênio com o Inamps¹, buscando montar um serviço de assistência e combate à Aids, foi formado um novo corpo clínico e de pesquisa. Aos 26 anos, sem experiência prévia em pesquisa, ingressei nesse corpo clínico, junto a outros profissionais egressos da residência médica, em sua maioria sem pós-graduação. Alguns dos nossos colegas tinham interesse em doença de Chagas, outros em

paracoccidioomicose², outros em leishmaniose. Entretanto, ainda que não tivéssemos um mentor na área de HIV/Aids no hospital, esse grupo, em sua maioria com vinte e poucos anos, estruturou o que seria hoje o maior serviço de Aids do Rio de Janeiro.

Sem mentoria, nós tivemos que, por nós mesmos, trilhar o caminho de outros serviços de HIV/Aids. A nossa grande inspiração foram, na verdade, as diretoras que assumiram o comando do Evandro Chagas: Dra. Keyla Marzochi e a Dra. Albanita Viana de Oliveira, que tinham a proposta sólida de que nós seríamos pesquisadoras.

A maior parte de nós éramos mulheres, e esse impulso, essa estrutura que nos foi dada pelas Dras. Keyla e Albanita (além de toda a sua equipe, composta de muitas mulheres que trabalhavam com elas), nos colocaram com uma meta.

1. Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, anterior ao Sistema Único de Saúde. Sua assistência não era universal.

2. Paracoccidioomicose, ou paracoco, como é mais conhecida, é uma micose brasileira que ataca qualquer órgão ou sistema do organismo e prejudica, principalmente, a saúde do trabalhador rural. Ela está entre as dez doenças crônicas que mais causam mortes no país. No Brasil, ocorrem 80% dos casos da doença, que se restringe à América Latina.
Fonte: *Campus Virtual da Fiocruz.*

Nós tínhamos essa proposta de estudar e produzir em HIV/Aids. Era um momento diferente da história: a Fiocruz tinha programas como o Papes³, por meio do qual recebi meu primeiro financiamento em pesquisa e eu não tinha nem mestrado. Tinha um bom projeto, e não havia obrigatoriedade da pós-graduação. A instituição propiciou que jovens pesquisadores pudessem se lançar. Nada disso poderia ter acontecido em outro lugar que não fosse a Fiocruz, onde recebemos suporte para construção de uma carreira, o que não necessariamente acontece em outras instituições.

A partir daí, foi uma feliz sucessão de eventos: fiz meu mestrado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, em paralelo, o Evandro Chagas também progredia. A minha carreira e a de outros colegas que ingressaram no hospital comigo, na década de 1980, foi permeada pelo crescimento da própria unidade.

Éramos um departamento do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), depois passamos a ser o Centro de Pesquisa Hospital Evandro Chagas (CPQHEC), evoluímos para o Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (Ipec) – ou seja, nos tornamos um instituto, já uma unidade separada do IOC – até que, bem mais recentemente, passamos a ser o Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI).

O fato de não termos uma mentoria específica para os jovens pesquisadores que estavam se dedicando ao HIV nos deu uma enorme responsabilidade. Além de construir a nossa carreira, também teríamos de ser mentores, para que pudéssemos criar uma nova geração de pesquisadores que pudessem seguir essa trilha e construir uma sólida linha de pesquisa em HIV/Aids.

Nós somos hoje, muito provavelmente, o maior grupo de pesquisa clínica em HIV/Aids do Brasil. Isso também é fruto de estabelecermos parcerias internacionais, como as que temos com redes de pesquisa vinculadas aos institutos de saúde do governo americano, o NIAID/NIH², às quais somos vinculados desde 2000.

Dentro dessas redes de pesquisa existe um propósito fundamental, que é fomentar jovens pesquisadores. Com toda a nossa trajetória dentro das redes de pesquisa do NIAID/NIH desde o início dos anos 2000, aprendemos que isso é um valor que precisa ser cultivado. Sempre tivemos como meta, dentro da nossa evolução como grupo de pesquisa, ter alunos que pudessem vislumbrar que a pesquisa clínica pode ser uma carreira bastante interessante. No Brasil, infelizmente, a pesquisa clínica não é uma área muito valorizada. Nós sempre tivemos como objetivo fomentar a importância da pesquisa clínica, a construção de uma carreira em pesquisa clínica como uma possibilidade a ser considerada.

Durante esses anos, tive especial dedicação em orientar jovens pesquisadoras, na construção de uma carreira em pesquisa.

EU GOSTARIA ESPECIFICAMENTE DE FALAR PARA AS MENINAS: TUDO PARECE MUITO BONITO, MAS NADA É SIMPLES, AS COISAS SÃO COMPLEXAS. O QUE NOS LEVA A UM CAMINHO QUE TENHA FRUTOS É O TRABALHO.

A dedicação tem que ser contínua, e nós sempre precisamos estar atentas a como a mulher se coloca no mundo da pesquisa. Eu falo com essa bagagem de mais de 30 anos e, no início, eu não

tinha a menor noção de como era, no mundo da pesquisa, a relação dos homens com uma pesquisadora jovem.

Como mulher, naquela época, eu não tinha a percepção de identificar e lidar com o machismo, com a misoginia, coisas que hoje são muito claras para mim e que há vários anos eu percebo como podem ser prejudiciais à nossa carreira. Eu acho que o mais importante hoje, além da dedicação e do estudo, do trabalho árduo, é ter o entendimento de que nós nunca podemos admitir qualquer atitude de silenciamento, ou isso sempre permeará a nossa vida profissional como mulheres pesquisadoras. Se

nós não percebermos que isso é uma realidade, não nos estruturamos para lidar com ela, estaremos vulneráveis. Eu levei muitos anos para entender que isso era uma questão. Nós temos que, obviamente, garantir que estamos fazendo o melhor trabalho técnico, mas também entender que existem outras forças que podem exercer uma influência muito importante na nossa carreira. Estarmos cientes disso é o primeiro passo para que possamos atuar, mitigando a interferência dessas forças e persistindo no ideal de construir uma carreira de pesquisadora no nosso país.

2. Programa Estratégico de Apoio à Pesquisa em Saúde.

Da sigla em inglês, Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, parte do NIH (Institutos Nacionais de Saúde), instituição estadunidense.

FOTO: RAQUEL PORTUGAL | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ



APOIAR AS
OUTRAS MULHERES
É MUITO
IMPORTANTE:
TEMOS QUE
DAR AS MÃOS



A MULHER AINDA TEM QUE LUTAR CADA DIA PARA PROVAR A SUA COMPETÊNCIA

MARILDA DE SOUZA GONÇALVES

Sou farmacêutica bioquímica. Concluí o curso na Universidade Federal da Bahia (UFBA) antes de completar 21 anos. Logo após, fui aprovada em um concurso para professora auxiliar daquela universidade e, assim, ingressei bem jovem na carreira acadêmica.

O que aconteceu durante a minha graduação foi muito importante para definir a minha carreira. Encontrei mulheres muito fortes que já estavam nessa luta antes de eu entrar e que me incentivaram muito, entre elas, a Dra. Elza Andrade, pioneira na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal da Bahia.

Eu concluí a graduação, ingressei na UFBA como professora, fui para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde fiz mestrado e doutorado. Foi um doutorado sanduíche na Geórgia, nos Estados Unidos, e um momento muito difícil na minha carreira. Quando fui para a Unicamp, nunca tinha saído da Bahia. E, um tempo depois, eu estava pegando um avião e indo para os Estados Unidos! Foi um momento de coragem. As oportunidades aparecem somente uma vez nas nossas vidas, e nós temos que ficar muito atentos ao trem que está parando na estação. Se o trem parou, mesmo em dúvida, entre no trem. Se não der certo, pare na próxima estação e desça, mas não

perca as oportunidades. Eu peguei o trem – tinha muito medo do que poderia acontecer, mas deu certo e essa é uma lição que eu também deixo para as pesquisadoras mais jovens.

Retornei para Salvador e comecei como colaboradora na Fiocruz Bahia. Fiz o concurso para pesquisadora e, nesse momento, eu já tinha feito pesquisa na Fiocruz. Havia uma restrição a pessoas não médicas de atuarem na instituição e eu fui a primeira não médica a ingressar como pesquisadora da Fundação. Em um concurso seguinte, Milena Soares entrou como pesquisadora também não médica – isso abriu um horizonte para as outras profissões dentro da Fiocruz Bahia. Foi um marco importante para mulheres de outras carreiras entrarem e fazerem ciência, construindo ali uma equipe multiprofissional.

Na ocasião, o Dr. Mitermayer Galvão dos Reis era diretor e o Dr. Manoel Barral era o coordenador da pós-graduação. Os dois foram sagazes na abertura da pós-graduação para as outras profissões.



Eu me dediquei e me dedico à Fiocruz. Desde a minha formação, a minha tese até o meu estágio fora do Brasil, sempre tive um olhar para a população negra e a consciência de que nós devemos lutar também pelas nossas origens, pela nossa raça, e isso foi algo que levei para o meu trabalho de pesquisa. Eu trabalho com doença falciforme¹ e acho que isso, na verdade, me leva a colocar pessoas negras, com essa doença, no nosso grupo de pesquisa. Essa foi uma maneira que eu encontrei de servir a um ideal, dentro da profissão: o ideal de contribuir para a saúde da população negra.

Eu gostaria de ressaltar um projeto que desenvolvemos com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Conseguimos trazer alunos africanos para cursarem a pós-graduação aqui no Brasil em várias instituições, como a Fiocruz,

a UFBA, a Unicamp e a Escola de Medicina da Universidade Federal de São Paulo. Foram 16 alunos que vieram. Alguns fizeram mestrado; outros, concluíram o doutorado agora.

São diversos pontos significativos na minha trajetória e me sinto, na verdade, com uma vida agraciada por estar em uma instituição como a Fiocruz. Participei de vários comitês (biossegurança, comitê de ética) e hoje estou no cargo de diretora, incentivada pelo Dr. Manoel Barral – eu estava no cargo de vice-diretora de pesquisa, mas foi difícil decidir concorrer à diretoria do Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz BA). Foi um passo grande: eu tinha convicção de ter uma formação dentro da Fiocruz que me dava essa possibilidade, mas a gente fica sempre em dúvida. Há uma corrente negativa, digamos, uma coisa que é invisível, mas que se percebe.

Foi desafiador estar na diretoria do IGM. Tem sido uma nova provocação a cada dia, porque a mulher ainda tem que lutar diariamente para provar a sua competência.

UMA MULHER TEM SEMPRE QUE APOIAR A OUTRA MULHER. ESSA É UMA LIÇÃO QUE EU TAMBÉM TOMEI PARA MINHA VIDA, QUE EU PRATICO NO MEU DIA A DIA.

Eu quero viver para ver o momento em que as mulheres terão um tratamento igual ao dos homens e eu quero ver essa equidade de gêneros na pesquisa, em todos os cargos públicos. Eu quero que as mulheres sejam creditadas pela competência que têm: nós conseguimos lidar com as pessoas de uma maneira que elas, na verdade, se sintam respeitadas, ouvidas, atendidas nos seus desejos, e que realmente possam dar o seu melhor. Apoiar as outras mulheres é muito importante: temos que dar as mãos. Eu tenho duas mulheres muito fortes ao meu lado na diretoria: a Dra.

Patrícia Veras, que é vice-diretora de ensino, e a Dra. Camila Indiani – são mulheres que têm nos dado muito apoio na diretoria. Somos uma diretoria colegiada e, assim, as decisões são tomadas conjuntamente.

A Fiocruz é uma instituição que abraça o pesquisador independentemente do sexo, e isso tem sido mais visível na presidência, com Nísia Trindade no comando da instituição. Realmente, eu tenho um orgulho imenso de ser Fiocruz, também como eu tenho um orgulho imenso de ser da Universidade Federal da Bahia, que foram as instituições que me deram todo o subsídio para eu chegar aonde eu cheguei.

A LUTA É GRANDE, MAS A VITÓRIA É CERTA. CONFIEM EM VOCÊS, ESSA CONFIANÇA É MUITO IMPORTANTE. NÃO DESISTAM. SE VOCÊS ACREDITAM, PODEM IR EM FRENTE, QUE EU TENHO CERTEZA DE QUE DARÁ CERTO.

1. A doença falciforme é uma enfermidade genética com prevalência mundial elevada, principalmente na população africana ou de origem africana. Ela afeta a molécula de hemoglobina, presente nas hemácias e responsável pelo transporte do oxigênio. Fonte: Fiocruz Bahia.

É PRECISO ESTAR
ATENTA, ATÉ PORQUE
A CIÊNCIA É UMA
CONSTRUÇÃO
SOCIAL



HISTORICAMENTE
EXERCIDA POR
HOMENS BRANCOS

SEM POLÍTICAS PÚBLICAS NÓS VAMOS CONTINUAR PERPETUANDO A EDUCAÇÃO E A CIÊNCIA SÓ PARA OS RICOS, ELITIZADA E BRANCA

ZÉLIA PROFETA DA LUZ

Eu fiz a graduação na Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, no último ano do curso, uma professora que fazia doutorado na Fiocruz me avisou que a Fiocruz Minas Gerais, naquela época Centro de Pesquisa René Rachou (CPqRR), estava com uma vaga aberta para técnico. Comecei como técnica de laboratório no Laboratório de Malária do CPqRR em 1986.

Sou muito encantada com a missão da Fiocruz, desde meu ingresso na instituição. Trabalhar com a saúde é pensar na vida das pessoas no seu sentido mais amplo e, no nosso caso – e não poderia ser diferente – além de gerar conhecimento, tecnologias para melhorar a qualidade de vida da população brasileira, temos como missão atuar para o fortalecimento e a consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), para o fortalecimento do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (SNCTI) do país, para a redução de desigualdades.

Para mim, a Fiocruz sempre foi uma “fábrica de sonhos”. A instituição atua numa infinidade de campos e áreas e tem uma característica muito interessante, que é a sua gestão participativa em todos os níveis.

É uma instituição que nos permite falar, interagir, que abraça a diversidade e na qual a construção coletiva é muito estimulada, e isso faz toda a diferença.

Eu entrei como técnica quando o diretor da Fiocruz Minas era o Naftale Katz, um pesquisador brilhante, com quem eu aprendi muito. Naquela época, nós tínhamos muitos problemas com a criação de animais de laboratório, e o meu trabalho de técnica exigia camundongo o tempo todo. Precisávamos discutir melhorias para o biotério, e foi quando procurei o Naftale pela primeira vez. A conversa com ele foi excelente e discutimos vários temas, incluindo a importância de o servidor participar ativamente da vida institucional, de sonhar e de “pensar grande”.

Atuei fortemente no biotério, participei de Câmaras Técnicas – que na Fiocruz são espaços privilegiados de discussão. Fui delegada do Congresso Interno várias vezes. Participei da Comissão de ética no uso de animais de laboratório (Ceua) da Fiocruz, coordenei o Centro de Referência em Leishmanioses do René Rachou, coordenei a Rede de Laboratórios de Referência em Leishmanioses da Fiocruz, fui vice-diretora de pesquisa e estou, em junho de 2021, encerrando o meu segundo e último mandato como diretora da Fiocruz Minas.

TODA ESSA TRAJETÓRIA FOI MUITO RICA PARA MIM, MAS, CLARO, NÃO FOI SIMPLES, POIS A GENTE SE DEPARA COM MUITAS DIFICULDADES.

Embora a participação de mulheres na ciência tenha tido avanços nos últimos 10 anos, há um caminho longo a ser percorrido para a equidade de gênero. Ainda temos um ambiente hostil, machista na ciência, que torna mais difícil a participação das mulheres. Essa participação é menor ainda quando essas mulheres são negras. É preciso estar atenta, até porque a ciência é uma construção social historicamente exercida por homens brancos.

São muitos os exemplos da desigualdade de gênero na ciência no país. Um artigo publicado por estudantes¹ (a maioria mulheres) do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Fiocruz Minas analisou a condição da mulher e da mulher negra na ciência brasileira no período de 2013 a 2018. Os resultados foram obtidos por meio de levantamentos a partir de bases bibliográficas do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

(CNPq), do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e da Academia Brasileira de Ciências (ABC). Verificou-se que na ABC, fundada em 1916, o número de mulheres só começou a crescer a partir de 2010, e que ainda é muito baixo quando comparado com o número de homens. No CNPq, temos um número maior de mulheres cadastradas, mas, por exemplo, quando se analisa um indicador, que é bolsa de produtividade, verificou-se um número maior de homens. Quando vamos ver o nível da bolsa, os homens estão com a bolsa 1A e as mulheres com bolsa 2. Na distribuição de bolsas segundo a cor, em 2015, as mulheres brancas são 62%, as pardas 20,5% e as pretas 4,6%, e ainda se observa maior participação dos(as) negros(as) nas bolsas de iniciação científica e menor percentual nas de doutorado e de produtividade em pesquisa.

Outro aspecto importante refere-se às áreas nas quais estão distribuídos homens e mulheres. Ainda existem na ciência “territórios” essencialmente masculinos – por exemplo, em áreas das ciências exatas, como a Ciência da Computação. O Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2010 mostrou que as mulheres brasileiras representam apenas 22% das turmas de Ciências da Computação. A imagem de um programador é, de modo geral, masculina e branca. Ainda existe muita disparidade nesses indicadores que precisamos enfrentar.

No Brasil, estamos vivendo, especialmente, desde o impeachment da presidente Dilma Rousseff, um período de forte desmonte da educação, ciência, tecnologia e inovação, o desfinanciamento do SUS (vide a EC 95), a desindustrialização etc. Com a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), estamos vendo vários outros problemas se exacerbarem.

O desmonte do SUS e do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, em todos os seus níveis, irá se refletir fortemente nos próximos anos.

A PANDEMIA TEM MOSTRADO MUITO A RELAÇÃO FUNDAMENTAL ENTRE CIÊNCIA E DESENVOLVIMENTO, CIÊNCIA E SOBERANIA, QUE TEM MUITO A VER COM TUDO O QUE FAZEMOS NA NOSSA INSTITUIÇÃO.

Na Fiocruz, a agenda das mulheres tem sido fortalecida. Ter a Nísia Trindade Lima primeira mulher presidente da Fiocruz, uma socióloga, é muito expressivo e importante para essa agenda. Uma das atividades que fizemos em 2018, já na gestão e com a Nísia, foi um **Manifesto das Mulheres da Fiocruz pela Democracia** e ressaltar aqui alguns trechos:

[...] Ocupamos um lugar de resistência na ciência e na sociedade, e gostaríamos de nos manifestar publicamente sobre a importância do tempo histórico que temos vivido na luta pelos direitos humanos, pelo Sistema Único de Saúde e pela democracia. Em outubro, a Constituição brasileira completa 30 anos... Desejamos contribuir para um país mais justo e equânime e, para isso, precisamos não apenas de uma ciência mais feminista, mas de uma sociedade mais feminista. Trata-se de uma mudança de perspectiva, que somente será possível pelo fortalecimento e pela defesa do Estado Democrático de Direito... O movimento de mulheres da Fiocruz entende que é necessário contribuir para um diálogo mais

amplo com a sociedade sobre a necessidade de uma luta pela equidade de gênero e pelos direitos humanos, com estímulo às novas gerações e à formação de redes [...].

É importante fortalecermos a nossa atuação e estarmos juntos(as) com os movimentos organizados. É fundamental que nós persigamos com persistência, com clareza, o que queremos, e é fundamental também termos políticas públicas, pois sem elas vamos continuar perpetuando a educação e a ciência só para os ricos, elitizadas e brancas.

1. Mulheres na Ciência: uma reflexão sobre desigualdade de gênero e raça- Núcleo de Estudos de Gênero- Caderno, 2020.



FOTO: PETER ILICIEV | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A MINHA
MENSAGEM, PARA
AS MENINAS,
É DE PERSISTÊNCIA.
O CAMINHO
NÃO É FÁCIL,
MAS É POSSÍVEL



DORORIDADE, A SORORIDADE APLICADA A NÓS, MULHERES PRETAS¹

JAQUELINE GOES

Farei referência às mulheres que marcaram a minha história na ciência até eu chegar neste momento: quero começar falando justamente da minha graduação. Eu sou biomédica, graduada pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, e tive a vivência da ciência logo no início da graduação. Nos primeiros semestres, tive contato com muitas pessoas que me possibilitaram despertar para esse lado da ciência.

Eu entrei na faculdade com uma perspectiva de fazer análises clínicas. Logo no segundo semestre da graduação, fui descobrindo que existia uma possibilidade muito maior dentro da ciência. A pessoa responsável por isso é a Dra. Aline Cristina Andrade Mota Miranda Mascarenhas. Foi essa minha professora de bioquímica que, com toda a sua vivência, o seu jeito de ser, me inspirou. Eu tinha essa vontade de ser como a Aline, de ter essa experiência do doutorado, de fazer pesquisa. Ela me convidou para participar de um processo seletivo na Fiocruz para iniciação científica: foi onde tudo começou na minha carreira.

A Aline me direcionou para a dra. Gisele Calazans de Souza Costa, na época ainda doutoranda. No grupo de pesquisa do professor Luiz Alcântara, no qual fiquei por 10 anos, eu tive contato tanto com a professora Aline quanto com a Gisele que foi, de fato, a minha coorientadora, essencial para o meu processo de entendimento do que era fazer ciência.

Os meus primeiros passos, aprendi com essas duas mulheres. Isso foi fundamental para que depois eu obtivesse êxito no mestrado. Nessa transição – da graduação para o mestrado –, trago mais duas mulheres importantes: as professoras Simone Kashima, da Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, e Enilza Espreadico, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

Recebi uma proposta do meu orientador, na época, para viajar para Ribeirão Preto, compondo uma equipe que trabalhava com cultura de células e tinha mais expertise no estudo que eu tinha me proposto a fazer. Foi uma viagem muito longa, mas uma viagem em que eu pensava a todo momento que estava saindo da minha cidade pela primeira vez, com 22 anos, para começar o meu projeto de mestrado. Eu nunca tinha saído de Salvador, eu não tinha experiência nenhuma de morar fora, de não estar com a minha família.

1. Texto transcrito e editado a partir da **fala da autora** no Evento do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência da Fiocruz em 2021. Disponível no link:



Encarei o desafio, não foi fácil, mas me adaptei rapidamente e contei com o apoio dessas duas mulheres.

No meu retorno para a Fiocruz, em 2014, tive a oportunidade de conviver mais com a professora Marilda Gonçalves. A Dra. Marilda é uma das principais responsáveis pela minha chegada até aqui. Uma das mulheres dessa rede de apoio que nós tanto preconizamos nos tempos atuais, que me acolheu, me ouviu, me deu conselhos e que deu colo, inclusive, para as minhas lágrimas. Eu sou muito grata pela sua existência, pela mulher que ela é, e por ter vindo antes de mim, porque eu tenho certeza de que o caminho aberto, sem dúvidas, teve a sua contribuição.

Dra. Marilda passou a integrar, com o professor Luiz, um grupo de pesquisa em conjunto. Sou muito grata por ter tido a oportunidade de conviver com a sua simplicidade, a sua serenidade e, mais do que isso, com a sua sabedoria.

Nesse processo, eu conheci também a Valéria Borges. Val – como eu a chamo, carinhosamente – foi a pessoa que, no meu doutorado, visualizou em mim o potencial para uma carreira brilhante e para participar da premiação de teses da Capes. Eu lembro que, depois da minha qualificação, ela conversou com o Luiz e disse que a minha tese tinha potencial para participar do Prêmio Capes, que ela queria muito que eu me inscrevesse.

Com o incentivo da dra. Valéria, participei de algumas premiações e venci, trazendo essas premiações para a Fiocruz. Val foi, nesse período de término do doutorado, uma pessoa que me incentivou muito. E hoje ainda me incentiva. Sou muito grata a ela.

Agora, mais recentemente, no pós-doutorado na Universidade de São Paulo, tive a oportunidade de conhecer uma mulher incrível, que é a Dra. Ester. Uma mulher que está à frente do seu tempo, que me deu a oportunidade de estar em evidência, porque nós sabemos o quanto o racismo e o machismo nos retiram dos lugares de destaque. Ela me incentivou com toda a sua sabedoria e também com o seu apoio.

Eu vou trazer duas palavras: primeiro, sororidade, porque eu acho que essas ações de incentivo fazem parte da rede de sororidade. Além disso, o conceito que eu aprendi recentemente com Wilma Reis é o conceito de dororidade, que é a sororidade aplicada a nós, mulheres pretas. Eu vivencio isso todos os dias com a Dra. Ester, uma mulher que me deu oportunidade de mostrar o que eu tinha, de fato, para mostrar, não somente para o grupo de pesquisa, não somente para a comunidade científica, mas para o Brasil e para o mundo.

A Fiocruz faz parte da minha história há 10 anos. Ainda que eu esteja na USP, eu sei das minhas origens, eu sei de onde eu vim e eu não esqueço disso. Acho que a minha mensagem, para as meninas, é de persistência. O caminho não é fácil, mas é possível.

EU TENHO APRENDIDO MUITO NÃO SOMENTE A APOIAR OUTRAS MULHERES, MAS TAMBÉM A RECEBER ESSE APOIO. ÀS VEZES, NÓS NOS FECHAMOS POR CONTA DE UMA TRAJETÓRIA SOFRIDA, DE APAGAMENTO, DE SILENCIAMENTO QUE NÓS VIVEMOS.

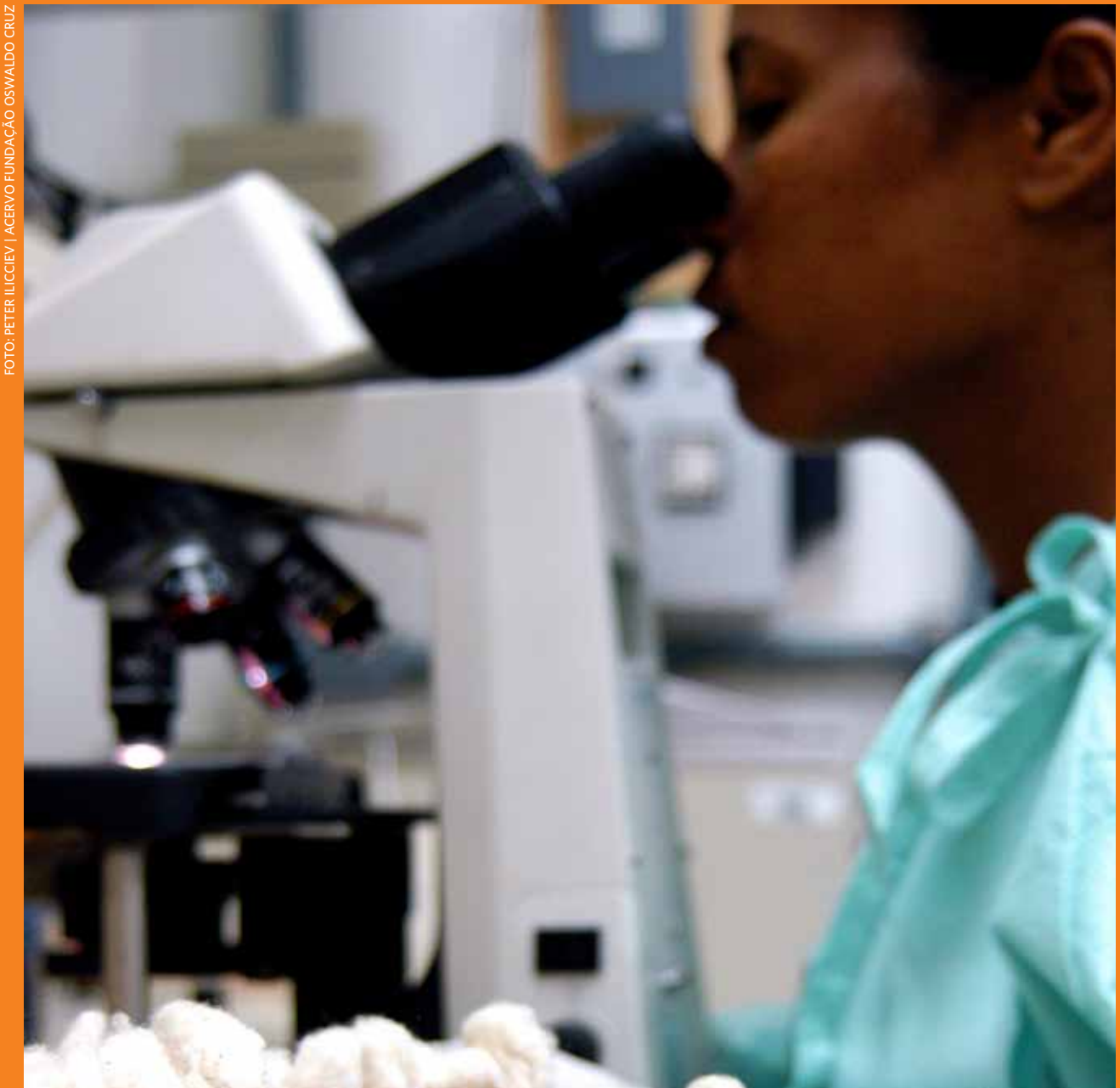


FOTO: PETER LICCIEV | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ESPERAMOS QUE
EM CADA CANTO
DO NOSSO PAÍS,
ONDE HÁ PRESENÇA
INSTITUCIONAL DA
FIOCRUZ, JOVENS
POSSAM VIVENCIAR
O PROCESSO DE
PRODUÇÃO DE
CONHECIMENTO



A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FIOCRUZ

PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA DA FIOCRUZ: UMA EXPERIÊNCIA BEM-SUCEDIDA

CRISTIANE NOGUEIRA BRAGA

É com alegria e entusiasmo que recebemos o convite para integrar este dossiê, de grande relevância na luta pela equidade de gênero, pelo reconhecimento e pela valorização do papel das mulheres na ciência, pelo estímulo à criação de projetos e programas que propiciem às meninas, às jovens o acesso à produção do conhecimento científico.

Nesse contexto, cabe ressaltar o papel desempenhado pelo Programa de Vocação Científica (Provoc) – uma iniciativa de iniciação científica inovadora e pioneira no Brasil, para estudantes de ensino médio. Desenvolvido há 35 anos pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, uma das unidades técnico-científicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), e coordenado pelo Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica (LIC), o **Provoc** vem propiciando a inserção de jovens no ambiente de produção de conhecimento nos diversos laboratórios e setores da Fiocruz, mediante aprendizagem dos conhecimentos técnicos e científicos e a partir da experimentação de práticas de pesquisa.

Participam do Programa, no Rio de Janeiro, estudantes de instituições de ensino médio conveniadas, sendo dez públicas (Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – CAp UERJ; Colégio de Aplicação da Universidade Federal do

Rio de Janeiro – CAp UFRJ; e Colégio Pedro II – unidades Centro, Duque de Caxias, Engenho Novo, Humaitá, Niterói, Realengo, São Cristóvão e Tijuca), duas privadas (Centro Educacional Anísio Teixeira – Ceat; Colégio São Vicente de Paulo) e três organizações da sociedade civil (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – Ceasm; Rede de Desenvolvimento da Maré – Redes e Rede de Empreendimentos Sociais para o Desenvolvimento Socialmente Justo, Democrático, Integrado e Sustentável – Rede CCAP) localizadas na Maré e em Manguinhos, territórios vulnerabilizados situados no entorno do campus da Fiocruz, no Rio de Janeiro.

O Programa é dividido em duas etapas: Iniciação e Avançado. Na Iniciação os(as) estudantes do primeiro ano do ensino médio, após processo seletivo, desenvolvem durante 12 meses, sob a orientação de pesquisadores(as), atividades que os(as) familiarizam com a pesquisa científica – pesquisa bibliográfica, coleta e organização de materiais, operação de equipamentos

e técnicas básicas de investigação nas diversas áreas de pesquisa nas quais atua a Fiocruz. Ao final dessa etapa, os(as) estudantes elaboram relatório e apresentam seus trabalhos na modalidade pôster. Os(as) que optarem pela continuidade no programa poderão concorrer à Etapa Avançado, com duração de 22 meses, por meio da qual aprofundarão algumas questões identificadas na Iniciação, participando de todas as fases de execução de um projeto de pesquisa, desde a sua elaboração até a divulgação de seus resultados em eventos científicos, com publicação dos resumos.

O incentivo à participação em eventos científicos é um dos objetivos do Programa, que anualmente organiza a Jornada de Iniciação Científica para apresentação de trabalhos dos(as) estudantes da etapa Iniciação e a Semana de Vocação Científica para os(as) estudantes do Avançado, que também participam da Reunião Anual de Iniciação Científica (Raic) da Fiocruz e da Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE). Consideramos esses eventos também oportunidades de divulgação científica para o público escolar, porque neles os estudantes podem conhecer, discutir e difundir os resultados, a relevância e o impacto das pesquisas científicas e tecnológicas e suas aplicações.

Podemos afirmar que o Provoc é um modelo de iniciação científica no ensino médio consolidado, e difundido para outras instituições e áreas de conhecimento. Na década de 1990, enquanto modelo educacional estabeleceu parcerias com outros centros de produção de conhecimento técnico-científico, promovendo processos de descentralização para os centros regionais da Fiocruz (Instituto Aggeu Magalhães – PE, Instituto Gonçalo Moniz – BA e Instituto René Rachou – MG) e de ampliação do Programa para as áreas de física (Centro Brasileiro de Pesquisas

Físicas – CBPF); química (Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo A. Migues de Mello – Cenpes/Petrobrás); matemática (Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA); engenharia e informática (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio). Seu modelo também serviu de base para outros projetos e programas, como Jovens Talentos para a Ciência (Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro), Iniciação Científica Júnior (ICJ), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (Pibic-EM), dentre outros.

Dando continuidade à disseminação de seu modelo pedagógico, desde 2018 o LIC-Provoc vem desenvolvendo o projeto da Rede Integrada de Programas de Vocação Científica Luiz Fernando Rocha Ferreira da Silva – nome escolhido em homenagem ao cientista idealizador do Provoc. O objetivo do projeto é consolidar o programa nas unidades técnico-científicas onde já foi implantado (Instituto Aggeu Magalhães, Instituto René Rachou e Instituto Gonçalo Moniz) e expandi-lo para escritórios e unidades técnico-científicas da Fiocruz onde não há Provoc (Fiocruz Amazônia, Fiocruz Brasília, Fiocruz Ceará, Fiocruz Mato Grosso do Sul, Fiocruz Paraná, Fiocruz Piauí e Fiocruz Rondônia).

A perspectiva da proposta é que nas unidades e nos escritórios regionais da Fiocruz que manifestarem interesse e possibilidades de integrar a Rede, o Provoc seja desenvolvido a partir do segundo semestre de 2022, de modo interligado, em uma rede que compartilhe experiências e análises de iniciação científica em nível de ensino médio.

Esperamos que em cada canto do nosso país, onde há presença institucional da Fiocruz, jovens – a partir do contato pessoal com pesquisadores(as) – possam, assim como os mais

de 2.000 estudantes que passaram pelo Provoc/RJ desde 1986, vivenciar o processo de produção de conhecimento, pela aquisição de novos conhecimentos em diferentes áreas das ciências; ampliar os conceitos sobre a produção científica; expandir a cultura científica, desenvolver/aprimorar habilidades e características pessoais; e realizar uma escolha profissional mais consciente.

Enfatizando o papel das meninas e mulheres na ciência, cabe registrar que embora o Provoc não seja um programa específico para moças, dos(as) 2.052 estudantes que participaram até 2020 na Fiocruz/Rio de Janeiro, 1.410 são meninas (68,7%). Essa predominância feminina acontece também no Provoc/Fiocruz-Recife, sendo inclusive objeto de pesquisa: Gênero e iniciação científica: a predominância feminina no Programa de Vocação Científica na visão de seus alunos (SOUSA et al., 2007, p. 145-165). Nessa pesquisa, buscou-se compreender como as questões de gênero influenciam o processo de escolha de moças e rapazes para participar do Programa de Vocação Científica no Rio de Janeiro e em Recife. Como desdobramento, outros estudos têm sido realizados abordando as relações entre gênero e emoções, e entre classe social e escolha profissional. Nesse movimento em prol da equidade de gênero nas áreas científicas e da garantia ao pleno direito à educação de meninas, enfatizamos a participação das jovens no Provoc. É comum recebermos relatos, por meio das pesquisas realizadas, publicações ou do acompanhamento pedagógico, sobre o impacto positivo do programa em suas trajetórias, sejam elas acadêmicas, profissionais e de vida. Além do alcance dos objetivos formais propostos pelo programa, as jovens compreendem o compromisso do(a) cientista e da ciência com a vida e com a sociedade, ressaltando especialmente o relevante e impactante papel desempenhado pelas mulheres, especialmente

da Fiocruz, onde a ciência é praticada por muitas de nós, contribuindo para a produção do conhecimento científico para o desenvolvimento social, cultural, econômico e histórico do país.

Como forma de ilustrar as percepções e impactos do Provoc, destaco as falas das nossas egressas que abrilhantaram as atividades realizadas pela Fiocruz em comemoração ao dia 11 de fevereiro de 2020 - Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência.

QUE ASSIM COMO A ARYELLA CORREA, OUTRAS JOVENS POSSAM ACREDITAR QUE É POSSÍVEL REALIZAR O SONHO DE SER CIENTISTA E QUE NUNCA ESQUEÇAM, COMO DIZ A AMANDA REYES, QUE “O ESPAÇO QUE AS MENINAS E MULHERES MERECEM É O ESPAÇO QUE ELAS QUISEREM”.

REFERÊNCIAS

SOUSA, I. C. F.; BRAGA, C. N.; FRUTUOSO, T. M.; FERREIRA, C. A.; VARGAS, D. S. Gênero e iniciação científica: a predominância feminina no Programa de Vocação Científica na visão de seus alunos. In: PEREIRA, I. B.; RIBEIRO, C. G. (org.). Estudos de politecnia e saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2007. v. 2.

PARTICIPAR
DO PROVOC
TORNOU POSSÍVEL
SONHAR EM
SER CIENTISTA



DEPOIMENTOS DAS ESTUDANTES

PARTICIPAR DO PROVOC TORNOU POSSÍVEL SONHAR EM SER CIENTISTA

ARYELLA MARYAH COUTO CORREA

Eu sempre digo que toda trajetória tem um ponto de partida e um momento decisivo. A minha trajetória foi marcada por grandes oportunidades e, a partir dessas oportunidades, tive a possibilidade de sonhar. Eu tive o grande sonho que posso realizar a cada dia: ser uma cientista.

A minha trajetória acadêmica e na Fiocruz, especificamente, tiveram como ponto de partida o meu ingresso no Colégio Pedro II *Campus Realengo*: uma educação pública, que foi o ponto inicial e que me permitiu chegar ao momento decisivo da minha trajetória. Dentro da escola eu sempre fui altamente estimulada a ter curiosidade, a ter visão crítica e a buscar o conhecimento.

Ao chegar ao ensino médio, tive a grande oportunidade de conhecer o Programa de Vocação Científica da Fiocruz, o Provoc. Esse foi o meu momento decisivo: quando ingressei no Provoc Fiocruz no nível médio, eu pude sonhar e tive o desejo de seguir a carreira como cientista.

Isso aconteceu no ano de 2013, quando ainda tinha 15 anos e estava ingressando no nível médio. No Provoc, surgiu a grande oportunidade de ter, precocemente, um encontro com a minha vocação e profissão. Nessa experiência, eu vivi na prática uma

fala da Sally Ride, que nos diz, em tradução livre: *“As meninas precisam ver modelos de comportamento em quaisquer carreiras que escolham, apenas para que elas possam se imaginar fazendo esses trabalhos algum dia”*. Isso porque você não pode ser aquilo que você não pode ver. Participar do Provoc tornou possível sonhar em ser cientista.

Tive a oportunidade de vivenciar no programa o trabalho realizado em laboratório de pesquisa, o que foi fundamental para a minha escolha de carreira. Para além disso, essa oportunidade fez com que eu pudesse formar quem eu sou hoje e quem eu, um dia, ainda serei. Ao longo desse processo, tive a oportunidade de crescer e amadurecer nas mais diferentes esferas da minha vida: como aluna, como profissional e como pessoa. Vejo que quem eu sou hoje é resultado da metamorfose de “provocar”, e, por conta disso, sou extremamente grata ao Provoc Fiocruz pelas vivências inigualáveis.

Ao ingressar na graduação, no curso de Farmácia na UFRJ, eu dei continuidade no mesmo laboratório onde eu iniciei como aluna do Provoc. Permaneci no mesmo laboratório e com a mesma orientadora por seis anos, e sou extremamente grata, pois se hoje eu sei o que eu quero para a minha vida profissional, e se eu tenho sonhos profissionais, é graças às orientações que eu recebi por lá no IOC. Eu aprendi muito e aproveitei ao máximo todas as oportunidades que tive nessa casa.

Chegou um momento em que eu percebi que precisava fazer o movimento de sair da minha zona de conforto e precisava ampliar e diversificar os meus conhecimentos e experiências acadêmicas. Desde então, eu estou no Laboratório de Farmacologia Aplicada em Farmanguinhos na Fiocruz, no qual eu faço tanto ciência na bancada quanto divulgação científica, que se faz extremamente necessária no nosso atual contexto.

O FATO DE EU TER SIDO INCENTIVADA E ESTIMULADA DENTRO DO COLÉGIO PÚBLICO, DE QUALIDADE, E POR TER TIDO A OPORTUNIDADE DE INGRESSAR EM UM PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA AINDA NO NÍVEL MÉDIO FORAM DECISIVOS PARA A MINHA FORMAÇÃO COMO CIDADÃ.

Dessa forma, eu vi o quanto é necessário inspirar e incentivar as meninas às carreiras científicas. É um grande desafio, não é fácil colocar um aluno de ensino médio dentro de um laboratório de pesquisa, pois envolve grande responsabilidade, entretanto eu sei o quanto esse movimento é totalmente necessário. É preciso desenvolver programas voltados para inserir meninas de

nível médio no mundo acadêmico para mostrar a essas meninas que a carreira científica é uma carreira possível. Mostrar que há ciência no Brasil – mostrar que nós temos cientistas brasileiros. Principalmente para as meninas, devemos apresentá-las às cientistas brilhantes de nosso país.

Acredito que programas e atividades voltadas para inspirar jovens e promover identificação com carreiras científicas darão a elas a possibilidade de tomarem decisões em suas vidas, tornando-as protagonistas das suas próprias histórias. Por isso, o meu grande desejo é que programas como o Provoc Fiocruz e ações como a Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, o Mais Meninas na Ciência e o Meninas Negras na Ciência, da Fiocruz, continuem sendo desenvolvidas ao longo de todo o nosso território nacional, incentivando e transformando vidas, “para que o amanhã não seja apenas um ontem com um novo nome”, como nas palavras de Emicida, em Amarelo.

Devo agradecer também a todas as pesquisadoras brasileiras, porque fazer ciência no Brasil é tarefa de grande resiliência, é preciso acreditar todos os dias. Fazer ciência como uma mulher no Brasil, a resiliência é redobrada. Espero que todas as meninas que sonham em ser cientistas vejam que este é, sim, um caminho possível.



VOCÊS SÃO INCRÍVEIS
- SÃO MENINAS,
SÃO MULHERES E,
PRINCIPALMENTE, SÃO
O FUTURO -; SE INSPIREM
EM OUTRAS GRANDES
MULHERES E VAMOS
CONTINUAR, QUE A
LUTA É DIFÍCIL, MAS A
GENTE CONSEGUE



O ESPAÇO QUE EU MEREÇO É O ESPAÇO QUE EU QUISER

AMANDA REYES

Eu sou ex-aluna do Colégio Pedro II, estudei na unidade São Cristóvão. Também sou ex-Provoc, que concluí no Laboratório de Helmintos Parasitos de Peixes (LHPP), do Instituto Oswaldo Cruz. Eu conheci o Provoc antes mesmo de entrar no colégio. Um amigo da minha irmã fazia parte do programa e convidou a família para assistir à apresentação final dele. Ao assistir, eu me encantei com a possibilidade de imaginar que durante o ensino médio eu poderia ter contato com uma pesquisa e estar em um laboratório. Isso sempre me pareceu algo distante, eu via em filmes e séries e pensava que seria uma experiência que eu teria somente na graduação ou na pós-graduação, que seria difícil de conquistar. Ali, eu vi que teria uma oportunidade.

Eu prestei o concurso para o Pedro II, passei, comecei a estudar lá em 2017. Fui pesquisar e, quando vi que tinha aberto o processo seletivo para o Provoc Fiocruz, me inscrevi e, felizmente, fui selecionada. A Fiocruz e o Colégio Pedro II são duas instituições de muita importância, e nós, que vivemos esse momento absurdo de descaso governamental com o público, precisamos lutar para que instituições como essas recebam a importância que elas merecem.

Ao chegar ao laboratório, fiquei apaixonada pelo ambiente: era diferente do que eu imaginava, pois era muito melhor. Com certeza, o laboratório até hoje é uma segunda casa para mim, como também o Colégio Pedro II. O que mais me marcou foi conhecer toda a equipe e descobrir que as pessoas responsáveis

pelo laboratório – que, de brincadeira, chamávamos de “chefe” – eram três pesquisadoras mulheres.

Durante todo o ensino médio eu tive professores homens: aprendi física, matemática e as fórmulas historicamente introduzidas por cientistas homens, brancos e europeus. Assim, a ciência acabou se tornando distante. Ao entrar para o laboratório com a doutora Simone Cohen, a doutora Márcia Justo e a doutora Melissa Cárdenas (que também é ex-Pedro II e ex-Provoc), eu vi três mulheres poderosas, com um peso tão importante para a ciência, e percebi que eu tinha como conquistar também aquele espaço. Porque o espaço que eu mereço é o espaço que eu quis. Não é um espaço que alguém tem que dar por pena, é um espaço que nós merecemos.

A mulher tem capacidade de produzir ciência como qualquer um: é um espaço que precisamos continuar lutando para conquistar. O Provoc mostra isso. A minha experiência com o Provoc foi gratificante por questões acadêmicas e pessoais. Academicamente, a presença no laboratório nos leva a refletir se é isso que queremos. O contato com diversas áreas de pesquisa e o cotidiano do trabalho nos permite decidir melhor qual curso seguir. Por outro lado, o crescimento pessoal é fruto da responsabilidade de uma rotina de pesquisa científica: prazo de entrega, relacionamento com os colegas, horário para chegar.

EU PERCEBO HOJE QUE A EXPERIÊNCIA DO PROVOC É AMPLIADA, PARA UMA MENINA, PORQUE NÓS VIVEMOS UM CONTEXTO NO QUAL OS EXEMPLOS FEMININOS NÃO SÃO APRESENTADOS. AS MENINAS NÃO RECEBEM ESSE AMPARO, ELAS VÃO VIVER EM UM MUNDO NO QUAL NÃO TERÃO ESSA REPRESENTATIVIDADE. ELAS NÃO SE ENXERGAM COMO CIENTISTAS POR ACHAREM QUE NÃO SÃO CAPAZES.

O Provoc, o Mais Meninas na Ciência e tantos outros projetos ajudam a quebrar esse paradigma e esse estigma de que o lugar da mulher não é na ciência. Eu sou absolutamente grata pela oportunidade do Provoc, um programa que tem uma capacidade

transformadora muito grande. Eu espero que ele continue existindo por muito tempo e inspirando outras instituições a fazerem programas semelhantes para garantirmos que essa juventude atual produza um futuro melhor. Nós precisamos de um futuro que seja menos preconceituoso, menos machista, menos racista, menos homofóbico, menos xenofóbico, nós precisamos construir esse mundo. Quando olhamos, principalmente no contexto de pandemia de Covid-19, fica difícil ter esperanças na humanidade, pois todos os dias somos bombardeados com notícias ruins. Mas eu acredito que, se continuarmos tentando, vamos garantir que a mulher conquiste seu lugar na ciência.

Se eu pudesse dar um recado para outras meninas, eu diria que sempre fui uma pessoa que não acreditava em mim mesma, tinha baixa autoestima, achava que não seria capaz de conquistar nada, mas vocês são capazes. Não se comparem com os outros. Vocês são incríveis – são meninas, são mulheres e, principalmente, são o futuro –; se inspirem em outras grandes mulheres e vamos continuar, que a luta é difícil, mas a gente consegue.



$$E=MC^2$$



HELIANA QUER SER CIENTISTA

100



Agência Mulheres na Ciência
construindo alternativas para superar as desigualdades raciais e de gênero

INSCRIÇÕES até 14/2020

11 de fevereiro de 2020
Auditório da Fiocruz CE

MENINAS BAIANAS NA CIÊNCIA
conectando passado, presente e futuro



MENINAS NA CIÊNCIA: DIÁLOGOS PARA A PROMOVER O PENSAMENTO E DA AÇÃO CIENTÍFICA NA MULHER NA SOCIEDADE

PARTICIPADAÇÃO

Luciano Lindenmeyer/Fiocruz-CE
Luciana Jaki
Arineia Soares

Mediação: Luciano Lindenmeyer/Fiocruz-CE
Data: 11 de fevereiro de 2020
Horário: 09h30
Local: Auditório da Fiocruz Ceará
End. R. Rui Paes, 12 - Fortaleza

INSCREVA-SE!



No Rastro de Neris

A graphic of a DNA double helix with a silhouette of a woman in the center, surrounded by various scientific icons.

AGÊNCIA LARANAL MAIS MENINAS APRESENTA

DE VOLTA A FEVEREIRO
MINHA CIENTISTA FAVORITA

MEDIADORAS:
Cristiane Gonçalves
Letícia Lemos
Márcia Chaves
Rafaela de Silva

ALGUMAS DAS CIENTISTAS:
Cristiane Araújo
Márcia Chaves
Rafaela de Silva



VAMOS OCUPAR NOSSOS ESPAÇOS

FAÇA SEUS PRÓPRIOS PROJETOS

PRODIGADASH!

Homenagem à Maria Deane
11ª edição da Obsema/Fiocruz



Para meninas de 1º e 2º ano de ensino médio

Apenas para escolas pré-selecionadas

O Verão das Meninas na Fiocruz

Para meninas de 1º e 2º ano de ensino médio

Apenas para escolas pré-selecionadas



MAIS MENINAS NA FIOCRUZ PROJETOS ESTRATÉGICOS EM TODO O BRASIL

A Presidência da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) reconhece e busca fortalecer o papel fundamental que as mulheres desempenham nas áreas de pesquisas científicas e tecnológicas. E neste sentido foi instituída a “Chamada Interna Mais Meninas na Fiocruz”, que se alinha às resoluções das Nações Unidas, visando garantir acesso e assegurar a participação plena e igualitária de mulheres e meninas na ciência e tecnologia. Como forma de aprofundar este comprometimento, foi incluído também, no calendário de atividades institucionais, o “Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência”, celebrado durante o mês de fevereiro, que tem como foco central a realização de atividades educativas e de sensibilização para a desigualdade de gênero que permeia todos os campos

da sociedade. Com a definição deste marco, temos sistematicamente avançado em direção a uma maior articulação e consolidação das iniciativas institucionais voltadas para a troca dialógica com jovens, compreendendo o papel central da inclusão de meninas na construção de um futuro mais justo e sustentável para o Brasil e para o mundo.

As iniciativas que seguem são uma breve amostra do trabalho empreendido até aqui e apontam para o futuro.

ESTIMULAR
PROCESSOS DE
APROXIMAÇÃO
COM A REALIDADE
DE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES
NA AMAZÔNIA



MAIS MENINAS NA FIOCRUZ PROJETOS ESTRATÉGICOS EM TODO O BRASIL

NUMIÔ MOMÔRO: MENINAS CIENTISTAS DA AMAZÔNIA

[FIOCRUZ AMAZÔNIA - INSTITUTO LEÔNIDAS & MARIA DEANE]

FABIANE VINENTE DOS SANTOS

O estímulo da presença de mulheres no meio científico passa pela ampliação das redes de inclusão social para alcançar aqueles segmentos em que o acesso à educação de qualidade é ainda mais difícil. Somam-se à desigualdade social as assimetrias entre as regiões do país, dentre as quais se destaca a Região Norte.

Indígenas migram para as cidades em busca de melhores condições de vida, saúde e educação, e constituem comunidades urbanas onde lutam para manter viva sua cultura e seu modo de vida. Tais comunidades sofrem os revezes da ausência do Poder Público: localizadas em regiões periféricas, em locais muitas vezes insalubres, sem cobertura apropriada da rede de saneamento básico, de transporte público e de energia elétrica e com altos indicadores de violência. Pesquisas recentes, como a de Sobrinho (2019), mostram que, mesmo no ambiente escolar das cidades, as crianças indígenas enfrentam conflitos orientados pelo preconceito e discriminação.

Outro dos processos sociais que perpassam a Amazônia é a migração transfronteiriça.

Em função da grave crise econômica que acomete a Venezuela, um contingente significativo da população venezuelana tem saído do país rumo a outros territórios do continente latino-americano. Abrigos improvisados vêm sendo criados para alojar as famílias venezuelanas em Manaus. E, para além das ações emergenciais, há grande dificuldade em incluir os imigrantes. O caso mais grave, certamente, é o das crianças que não frequentam a escola.

Levantamentos recentes do Unicef (2018) mostram que, na Amazônia, as crianças têm maior risco de morrer antes de completar um ano de idade, assim como de não completar o ensino fundamental. Outros indicadores mostram que o quadro é ainda mais dramático, com altas taxas de gravidez na adolescência e de vulnerabilidade

a vários tipos de violência, incluindo exploração sexual e trabalho infantil, o que piora quando se adiciona o corte de etnia e raça. Nesse cenário, é preciso fomentar ações de promoção ao conhecimento e do enfrentamento à exclusão dessas crianças e desses adolescentes. E, ainda, são mais necessárias iniciativas que mobilizem positivamente as crianças, em especial as meninas, para experimentação do conhecimento.

O Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD), por sua posição de unidade regional da Fiocruz na Amazônia, tem como parte de seu papel institucional incentivar processos de estímulo à ciência. O ILMD participou da iniciativa “Mais Meninas e Mulheres na Ciência”, da Fiocruz, com o projeto “Numiô Momôro: Meninas cientistas da Amazônia”, utilizando a oportunidade para estimular processos de aproximação com a realidade de crianças e adolescentes na Amazônia. Dois contingentes da população local foram eleitos como público-alvo do projeto: meninas de 7 a 14 anos indígenas/ imigrantes venezuelanas e meninas oriundas dos movimentos de moradia urbana de Manaus.

NUMIÔ MOMÔRO É UMA EXPRESSÃO QUE VEM DO IDIOMA INDÍGENA YE’PÂ MASA (CONHECIDO NA LITERATURA COMO TUKANO, FALADO PELO POVO DE MESMO NOME, HABITANTE DA REGIÃO DO ALTO RIO NEGRO, NOROESTE DA AMAZÔNIA) E SIGNIFICA “MENINA-BORBOLETA”. AS PALAVRAS EXPRESSAM A IDEIA DE TRANSFORMAÇÃO, PROPORCIONANDO A ESSAS JOVENS O CONTATO COM O UNIVERSO DA CIÊNCIA.

As atividades tiveram como objetivo “abrir as portas” do ILMD às meninas, aproximá-las do universo da ciência e dos jovens cientistas que poderiam inspirá-las. Apesar de as falas consistirem em exposições, foi privilegiado o modelo de interação “roda de conversa”, em que as meninas eram estimuladas a interagir com as painelistas e a responder a perguntas – como em um jogo, em que os prêmios eram trufas. O dia 11 de fevereiro de 2020 foi promovido em grande estilo, graças ao apoio de duas organizações sociais: o Instituto Mana, que articulou a participação das meninas venezuelanas indígenas da etnia Warao de dois abrigos de imigrantes, e o Movimento de Mulheres por Moradias Orquídeas (MMMMO). A representação do escritório de Manaus do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) colaborou com uma tradutora simultânea do português para o espanhol, a fim de possibilitar a compreensão das meninas Warao não versadas em língua portuguesa.

No intervalo entre um bloco de atividades e outro, foram feitas as dinâmicas “O que você quer ser quando crescer?”, em que imagens de mulheres exercendo variadas funções foram mostradas para que as meninas dissessem que tipo de profissionais elas seriam. Além de profissões tradicionais “de mulheres”, como professora e cozinheira, foram exibidas mulheres em atividades pouco comuns, como engenheira civil, motorista, física etc. Outra dinâmica realizada foi “É bom para a saúde ou não é?” em que imagens de objetos, elementos da natureza e animais eram mostradas para que as meninas discorressem sobre suas aplicações na saúde.

Elaboramos um vídeo e um material gráfico de estímulo à vocação de meninas cientistas da Amazônia do “Numiô Momôro”. No material gráfico foi desenvolvida a personagem Heliana pelo ilustrador amapaense Cristyêe Santos, representando as meninas etnicamente. Heliana é protagonista do minijogo do projeto “Numiô Momôro”, a ser distribuído em escolas da rede de educação do Amazonas. O material consiste em um cartaz com uma sequência de casas, a ser jogado com a ajuda de um dado de mesa. Nos espaços do “caminho” que a menina percorrerá para se tornar uma cientista estarão percalços e oportunidades (Escola, Programa Ciência na Escola, Institutos de Pesquisa, Programa de Iniciação Científica etc.).

Ao longo de 2021, produziremos ainda camisetas e certificados para as crianças participantes e um folheto de estímulo às meninas na ciência, a ser impresso e enviado para as escolas da rede pública da capital e do interior.

POR SE TRATAR DE SEGMENTOS MAIS EXCLUÍDOS SOCIALMENTE, NOSSO PÚBLICO-ALVO POSSUI DIFICULDADE DE ACESSO À INTERNET, IMPOSSIBILITANDO O USO DE TECNOLOGIAS DE ENCONTROS VIRTUAIS PARA AS ATIVIDADES.

Em função da pandemia do novo coronavírus, que atingiu profundamente a cidade de Manaus desde os primeiros meses de 2020, impedindo até mesmo o uso regular do espaço físico de nossa unidade e seus recursos, as atividades planejadas no projeto original ficaram amplamente prejudicadas.

O projeto “Numiô Momôro” quer ir além da chamada interna que oportunizou seu surgimento, tornando-se um programa transversal dentro da unidade, com atividades de aproximação de meninas e mulheres do universo científico por meio de rodas de conversas, feiras de ciência e outros eventos. Dizia Raul Seixas na letra de “Prelúdio” que “Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só, mas sonho que se sonha junto é realidade”.

REFERÊNCIAS

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA - UNICEF. Agenda pela infância e adolescência na Amazônia. Brasília: Unicef, 2018.

SOBRINHO, Roberto Sanchez Mubarac. Jeitos de ser criança Sateré-Mawé: dos elementos da cultura aos determinismos sociais da escola urbana. Revista Antropológica da UFSCar, v. 11, n. 1, 232-252, jan./jun. 2019.



MULHERES
E MENINAS
INSPIRARAM OU
FORAM INSPIRADAS
PELAS LINDAS
HISTÓRIAS E
EXPERIÊNCIAS
COMPARTILHADAS

MENINAS BAIANAS NA CIÊNCIA: CONECTANDO PASSADO, PRESENTE E FUTURO

[FIOCRUZ BAHIA - INSTITUTO GONÇALO MONIZ]

ISADORA CRISTINA DE SIQUEIRA, KARINE ARAÚJO DAMASCENO
E NATALIA MACHADO TAVARES

A finalidade do projeto “Meninas baianas na ciência: conectando passado, presente e futuro”, do Instituto Gonçalo Moniz (IGM) – Fiocruz Bahia é motivar meninas estudantes do ensino médio de escolas públicas de Salvador (BA) para as carreiras de ciência e tecnologia (C&T).

A proposta teve como objetivos: 1) sensibilizar as comunidades mais carentes sobre o papel da mulher na sociedade; 2) identificar e registrar a memória de mulheres que, em suas trajetórias, contribuíram para a pesquisa, o ensino e o desenvolvimento tecnológico em saúde, na Bahia; 3) demonstrar que ciência no Brasil também é feita por mulheres; 4) estimular a participação de alunas de graduação e pós-graduação a atuarem como disseminadoras de conhecimento e divulgação científica; 5) incentivar a curiosidade, o pensamento científico e, dessa forma, contribuir para a eliminação de estereótipos de gênero.

No dia 11 de fevereiro de 2020, foi realizada a primeira etapa, marcando o Dia das Meninas e Mulheres na Ciência. A iniciativa “Meninas baianas na ciência: conectando passado, presente e futuro” foi apresentada à comunidade do Instituto Gonçalo Moniz (composta por pesquisadores, alunos e servidores) e colaboradores do projeto externos à instituição.

No primeiro momento, foi apresentada a proposta do evento que seria realizado em abril deste ano. Nesse dia, contamos com a participação do diretor da Casa de Oswaldo Cruz (COC – Fiocruz), Paulo Elian, o qual ministrou palestra abordando um breve histórico de importantes pesquisadoras e servidoras da Fiocruz.

Na sequência, foi realizada a mesa-redonda com a participação de representantes das secretarias do Estado da Bahia, tais como Fabya Reis, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, e Shirley Costa, coordenadora do projeto “Ciência na Escola”, da Secretaria de Educação.

No campo da tecnologia e inovação, estavam presentes Adélia Pinheiro, da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado da Bahia (Secti); Mara Souza, assessora da Secti; Sahada Luedy, diretora de Políticas e Programas, da Superintendência de Desenvolvimento Científico da Secti, responsável pela Popularização da Ciência; e Ilnah Oliveira, coordenadora de Políticas e Programas da Superintendência da Secti. Nessa mesa-redonda, foram discutidas importantes ações e estratégias de apoio do Estado a esse evento que seria realizado em abril, bem como possíveis ações de extensão das atividades ao longo do ano.

Para realização da segunda etapa, foi elaborado o **edital** com a chamada pública para seleção de meninas matriculadas em escolas de ensino médio da rede pública de Salvador e região metropolitana. Tivemos a inscrição de 114 meninas de todo o estado da Bahia, interessadas em atender ao encontro virtual do dia 25 de março de 2021. Foram selecionadas alunas de Iniciação Científica (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic –, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – Pibiti – e Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia – Fapesb) e das pós-graduações PGBSMI (IGM/Fiocruz-BA) e PGPAT (UFBA/Fiocruz-BA) para monitoria. As monitoras participaram ativamente da seleção e do acolhimento das alunas do ensino médio, bem como das práticas no dia do evento.

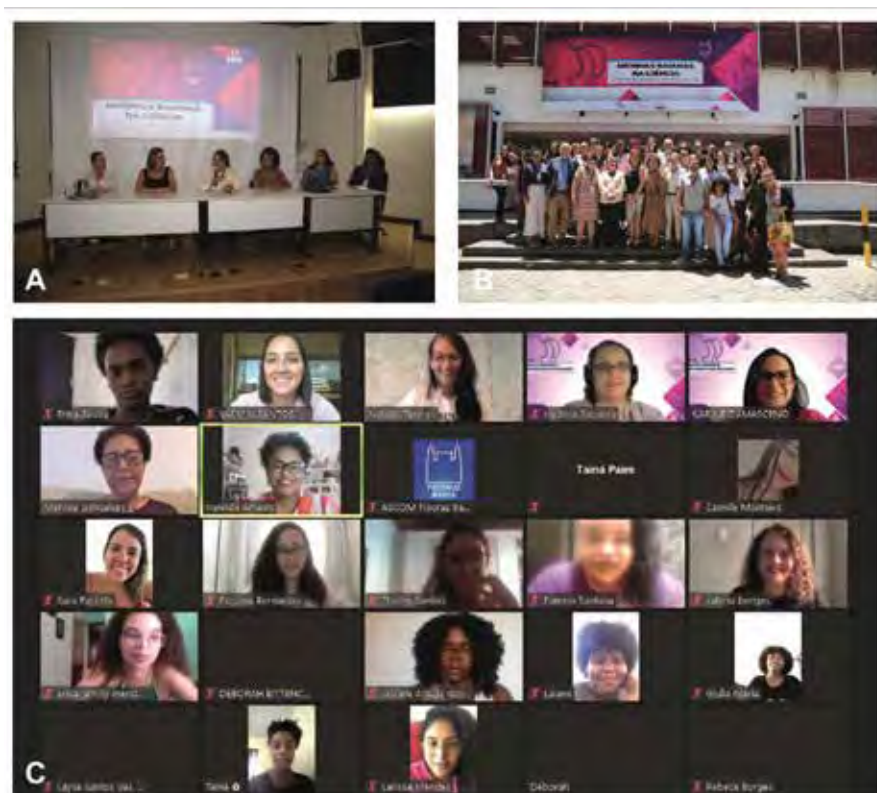


FOTO: ACERVO DO PROJETO

Figura 1. Apresentações do projeto “Meninas baianas na ciência”.

A. Mesa-redonda com a participação de Julieta Palmeira, da Secretaria de Política para Mulheres; Adélia Pinheiro, da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação; Fabya Reis, da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial; Shirley Costa, representante da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

B. Registro final com os participantes do evento em 11 de fevereiro de 2020.

C. Participantes e palestrantes no evento do dia 25 de março de 2021, realizado pela plataforma digital.

As atividades¹ permitiram que as meninas participantes tivessem a oportunidade de conhecer mulheres cientistas e os campos de atuação delas, em uma tentativa de minimizar a desigualdade de gênero nas profissões relacionadas à ciência e tecnologia. As jovens surpreenderam-se com a trajetória das pesquisadoras, o que serviu de motivação para as que ainda tinham dúvidas sobre a carreira científica. Na palestra “A participação das mulheres no desenvolvimento tecnológico no Brasil: a vivência da Fiocruz/BA” foram abordadas questões nacionais e internacionais sobre desigualdade de gênero nas ciências. As meninas propuseram apontamentos que justificassem esse fenômeno e possíveis soluções para amenizar seus efeitos.

Depois, em uma mesa-redonda com mulheres de diferentes áreas de atuação, apresentou-se a trajetória de cada uma, com seus desafios e conquistas individuais. A mesa foi aberta pela Dra. Aldina Barral, da Fiocruz; seguida por Érika Souza, do Instituto Odara de Mulheres Negras; pela Dra. Estela Aquino, da Universidade Federal da Bahia; e, por fim, Dra. Luciana Leite, da Rede Kunha Asé para Mulheres na Ciência.

No evento ocorreram oficinas sobre Genética, Microbiologia e Gamificação, que apresentaram às meninas novas possibilidades de carreiras e modos de fazer ciência. Elas ficaram fascinadas pelo fato de os jogos poderem ser informativos de conteúdo científico e motivadores enquanto campo de atuação. As oficinas foram ministradas

pelas cientistas Dras. Jaqueline Goes (Universidade de São Paulo), Luciane Amorim (Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública), Isa Beatriz da Cruz Neves (Universidade Federal da Bahia), Joice Pedreira (Universidade Federal da Bahia) e Soraia Machado (Universidade Federal da Bahia). O dia de evento foi encerrado com a certeza de que o objetivo foi cumprido. Mulheres e meninas inspiraram ou foram inspiradas pelas lindas histórias e experiências compartilhadas.

1. As diversas conferências podem ser assistidas no endereço:



Figura 2. Oficinas.

A. Luciane Amorim e **B.** Jaqueline Goes ministraram a oficina de Genética. **C.** Isa Neves ministrou a oficina de Gamificação. **D.** Joice Pedreira ministrou a oficina de Microbiologia. **E.** Soraia Machado ministrou a oficina de Microbiologia. **F.** Isadora Siqueira, comissão organizadora. **G.** Karine Damasceno, comissão organizadora. **H.** Natália Tavares, comissão organizadora.

O COMPROMISSO
DA FIOCRUZ PARA
A DIMINUIÇÃO DAS
INIQUIDADES E PARA
O RECONHECIMENTO
DE QUE A CIÊNCIA É
UM CAMPO POSSÍVEL
DE ATUAÇÃO E QUE
PODE FAZER PARTE
DA TRAJETÓRIA DE
TODAS AS MENINAS



#MAIS MENINAS

[FIOCRUZ BRASÍLIA]

FABIANA DAMASIO E MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA-COSTA

“Que as meninas tenham mais vez e voz”. Essa frase foi parte da mensagem de boas-vindas da presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima, na abertura do evento #maismeninasnafiocruzbrasília, em 11 de fevereiro de 2020.

Pela primeira vez, a Fiocruz Brasília abriu as portas da instituição para que meninas de 12 a 18 anos, estudantes de escolas públicas da periferia do Distrito Federal e do entorno, vivessem uma experiência única ao lado de pesquisadoras com diferentes perfis e trajetórias, para reforçar a presença feminina na ciência. O evento deu visibilidade ao tema, propôs reflexão sobre a inserção das mulheres na ciência e possibilitou contato próximo com cientistas e acesso à informação sobre as diferentes possibilidades de pesquisa, a partir do escopo da Fiocruz Brasília. Mais de 200 participantes estiveram presentes à atividade. Além das 160 meninas estudantes, professores, familiares e representantes de importantes instituições públicas passaram pela Fiocruz Brasília.

Contamos com autoridades em nível nacional: Câmara dos Deputados, Instituto Federal de Brasília (IFB), Ministério da Saúde e Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, e em nível distrital, Secretaria

de Educação do Distrito Federal, Secretaria da Mulher do Distrito Federal e Administração do Plano Piloto. As meninas foram recebidas com um kit de participante, contendo bolsa, bloco, credencial, caneta e camisetas com a identidade visual do evento. Para mostrar que a ciência não tem idade, três jovens estudantes de ensino fundamental, graduação e pós-graduação também compartilharam suas experiências.

As histórias das cientistas da Fiocruz Brasília e convidadas, bem como a experiência de estudantes em início de carreira científica, foram apresentadas ao longo do evento, e a série com depoimentos¹ foi exibida nos intervalos. A proposta incluiu a abordagem da pauta “Ciência, equidade de gênero, territorialidade e raça”, com relatos de pesquisadoras e convidadas acerca de aspectos econômicos, sociais, territoriais e de raça, determinantes para a conformação da ciência no país, e também do lugar ocupado pelas mulheres. A troca de vivências entre

1. Os depoimentos e o evento na íntegra podem ser acessados por meio do link:



estudantes e cientistas foi enriquecedora e possibilitou que as meninas vissem a carreira científica como possível, conhecendo histórias de mulheres com diferentes perfis e realidades.

No intervalo de almoço, houve a apresentação do Grupo de Percussão Batalá – formado exclusivamente por mulheres, em sintonia com a pauta, reforçando o protagonismo e a presença feminina também na arte, na música e na cultura.

As estudantes ainda tiveram a oportunidade de ficar frente a frente com as pesquisadoras em sete diferentes oficinas para conhecer as atividades científicas realizadas na Fiocruz Brasília, reforçando a ideia de que a ciência é diversa e vai além da bancada de um laboratório de pesquisa clínica. Como as pesquisadoras atuam, suas respectivas áreas e a importância da pesquisa para mudar a realidade local foram questões enfatizadas nessa atividade. Em diálogo informal sobre a ciência, as estudantes puderam escolher duas das sete opções de oficinas, a saber:

- 1.** Quem escolhe o que você consome? (Núcleo de Estudos Sobre Bioética e Diplomacia em Saúde).
- 2.** O que as perguntas têm a ver com as pesquisas? (Programa de Evidências em Políticas e Tecnologias).
- 3.** Conversando sobre a saúde das meninas e das mulheres (Núcleo de Epidemiologia e Vigilância em Saúde).
- 4.** Escola é lugar de fazer ciência? (Programa de Alimentação, Nutrição e Cultura; Programa de Educação, Cultura e Saúde; e Escola de Governo Fiocruz – Brasília).
- 5.** “Oi, meninas, tudo bom? Blogueiras e youtubers na pesquisa em Comunicação em Saúde” (Assessoria de Comunicação).

6. Podcast: Como fazer? Do roteiro à gravação (Comissão de Divulgação Científica da Fiocruz Brasília).

7. Drogas: o olhar de uma mãe e cientista (Núcleo de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas).

Outro diferencial da programação foi a mostra de ilustrações “A Ciência da Vida: Minha Vida é na Ciência”. O concurso teve como objetivo promover a reflexão sobre o tema Mulheres e Meninas na Ciência, além de expor a visão das estudantes sobre a mulher cientista, por meio das ilustrações e dos relatos. Para participar do concurso, as estudantes produziram uma ilustração e relataram sobre o que é ser cientista, atividades avaliadas segundo critérios como criatividade, originalidade, pertinência do tema, traçado, impacto visual e ortografia das ilustrações e dos relatos. As 30 ilustrações selecionadas formaram a mostra lançada no evento #Mais Meninas na Fiocruz Brasília, e exposta na área externa da instituição ao longo do mês de fevereiro de 2020. Ao final do evento, foram anunciadas as premiadas².

Das 160 participantes, 32 estudantes tiveram a oportunidade de elaborar um roteiro e gravar trechos para o podcast Mais Mulheres e Meninas na Ciência, lançado pela Fiocruz Brasília em março de 2020. Dando continuidade às ações relacionadas ao tema, o podcast apresenta a trajetória da vida e da carreira profissional de cientistas mulheres, contada por elas, mostrando os seus desafios na ciência, bem como oportunidades para jovens que querem seguir essa carreira científica.

“O encontro foi ótimo, prazer conhecer todas essas mulheres lindas e valorizadas.” “Amei conhecer a Fiocruz, acho que vocês fazem um trabalho incrível, me inspiram demais.” Essas foram duas das várias mensagens deixadas pelas participantes em pesquisa de opinião realizada logo após o evento, que reforçou o lugar da Fiocruz enquanto instituição de saúde, pesquisa, ensino, ciência, tecnologia e inovação no ano em que se celebram 120 anos, e da atuação da Fiocruz Brasília nos territórios considerando suas especificidades, em busca da criação de espaços saudáveis e sustentáveis.

A iniciativa da Fiocruz Brasília repercutiu positivamente na imprensa local e também nas mídias sociais, contribuindo para ampliar o alcance da temática Mais Mulheres e Meninas na Ciência.

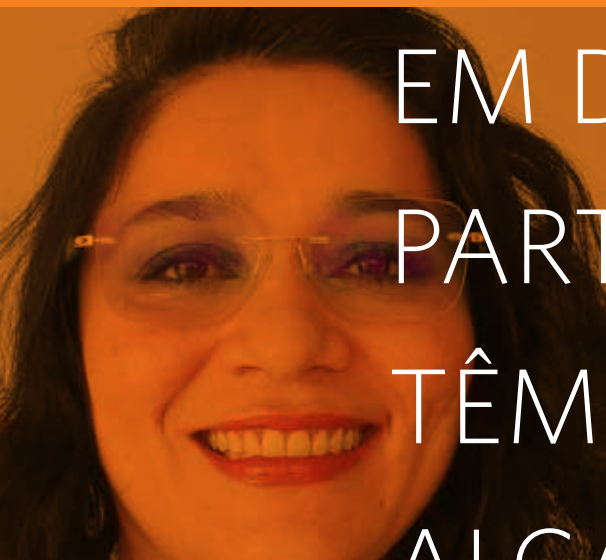
ABRIU CAMINHOS PARA O APRIMORAMENTO DA ARTICULAÇÃO DA FIOCRUZ COM AS ESCOLAS DO DF E PARA PROMOÇÃO DO DEBATE SOBRE A CIÊNCIA ENTRE MENINAS, BUSCANDO CRIAR ESPAÇOS PERMANENTES DE DIÁLOGO E DE ESCLARECIMENTO SOBRE AS INÚMERAS POSSIBILIDADES QUE A CIÊNCIA OFERECE COMO CAMPO DE PRÁTICAS.

Além disso, reafirmou o compromisso da Fiocruz para a diminuição das iniquidades e para o reconhecimento de que a ciência é um campo possível de atuação e que pode fazer parte da trajetória de todas as meninas.

2. O vídeo de lançamento do Concurso de Ilustrações está disponível em:



AS MULHERES,
EM DIVERSAS
PARTES DO PLANETA,
TÊM CONSEGUIDO
ALCANÇAR
ESPAÇO POLÍTICO
E CIENTÍFICO



MENINAS NA CIÊNCIA EM EUSÉBIO: DIÁLOGOS PARA A PROMOÇÃO DO PENSAMENTO E DA AÇÃO CIENTÍFICA DA MULHER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

[FIOCRUZ CEARÁ]

VANIRA MATOS PESSOA E LUCIANA PEREIRA LINDENMEYER

Historicamente, as mulheres têm seus trabalhos invisibilizados ou desvalorizados na sociedade, e no âmbito da ciência não é diferente. Considerando o conceito amplo de ciência e suas diversas áreas, as mulheres sempre se depararam com preconceitos e com o machismo da sociedade, que insiste em delegar a elas somente as profissões ditas ou reconhecidas como femininas. Desse ponto de vista, tem sido negada às mulheres a possibilidade de coexistência entre a maternidade e a carreira científica, como também a de ocupar cargos de poder. Todavia, as mulheres, em diversas partes do planeta, têm conseguido alcançar espaço político e científico. Neste último, tem-se fortalecido a presença feminina nas áreas biológicas, sociais, humanas, exatas ou tecnológicas, com uma atuação científica cada vez mais reconhecida em diversos países e instituições, sendo capazes de transformar a vida de populações e resolver problemas que afligem a sociedade.

A Fiocruz busca reafirmar e fortalecer institucionalmente a eliminação da discriminação, da exclusão e da violência tanto no espaço organizacional como na sociedade. Cumpre, assim, seu papel na promoção da justiça social e da equidade de gênero e de raça, afirmando a valorização da ciência, tecnologia e inovação para a inclusão de mais mulheres em áreas estratégicas, bem como

o papel da ciência para a redução das desigualdades sociais. E a Fiocruz Ceará tem um papel basilar na divulgação e na ampliação do conhecimento acerca da ciência e dos direitos humanos, especialmente na região em que está inserida, a região metropolitana de Fortaleza, que contabiliza altos índices de violência, como os feminicídios.

Visando ampliar o debate e contribuir na extensão das políticas de equidade adotadas pela Fiocruz à comunidade externa, o projeto “Meninas na Ciência em Eusébio: diálogos para a promoção do pensamento e da ação científica da mulher na sociedade contemporânea” teve como público as meninas estudantes do ensino médio com acesso limitado a informações, dificultando a tomada de decisões que as ajudariam a escolher e conduzir melhor suas carreiras profissionais.

A iniciativa parte dos objetivos de:

1) discutir os desafios contemporâneos de jovens mulheres para atuar em ciência e tecnologia no Ceará; 2) desenvolver a percepção crítica sobre as relações de dominação e subordinação vivenciadas pelas mulheres em seu cotidiano e as repercussões disso sobre suas trajetórias profissionais; 3) compartilhar resultados de pesquisas de saúde ambiente, saúde da família e biotecnologia realizadas por mulheres da Fiocruz Ceará; e 4) exercitar a construção coletiva de protótipos de projetos de pesquisa com as meninas, visando ao desenvolvimento local.

O projeto incentiva a participação de meninas no meio científico e discute os desafios da mulher na vida em sociedade desenvolvendo múltiplos papéis e funções que lhe são atribuídas. Além disso, aborda o tema da carreira científica exercida por mulheres e algumas temáticas defendidas pelos movimentos feministas, focando na difusão de informações sobre o acesso ao mercado de trabalho, a importância da auto-organização das mulheres, a sororidade, o reconhecimento das diversas formas de violência sofridas pelas mulheres, o racismo, e a divisão justa do trabalho doméstico.

Inicialmente, o projeto envolveu 60 meninas, 20 de cada uma das três escolas públicas de ensino médio do município de Eusébio – Escola Ana Bezerra de Sá, Escola Francisca Linhares e Escola Manoel Ferreira. O primeiro passo foi promover o contato e a articulação com cada uma das escolas. Foram realizadas visitas da equipe do projeto às três unidades escolares e iniciadas conversas para formação do grupo de 20 meninas em cada uma delas

NESSE MOMENTO SE DISCUTIU A PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NO PROJETO, A IMPORTÂNCIA DAS MENINAS NA CIÊNCIA E COMO JUNTAS PODERÍAMOS AVANÇAR NO DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES PREVISTAS.

A equipe do projeto foi composta por pesquisadores da Fiocruz Ceará e por estudantes de iniciação científica, doutorandos e técnicos, de forma colaborativa.

A atividade na Fiocruz Ceará foi realizada presencialmente no auditório da unidade no dia 11 de fevereiro de 2020. Para o evento, denominado de “Meninas na Ciência em Eusébio: diálogos para a promoção do pensamento e da ação científica da mulher na sociedade contemporânea”, foram convidadas mulheres e professoras externas à Fiocruz Ceará e houve entrega de kits às participantes.

Em decorrência da pandemia de Covid-19, o projeto foi adaptado e as atividades, realizadas remotamente. Tal adaptação consistiu na realização de lives “**Meninas na Ciência Fiocruz Ceará**” com temas relevantes, que culminaram na produção de um vídeo, com todo o processo do projeto¹, lançado na semana de 11 de fevereiro de 2021.

Foram realizadas quatro lives para tratar alguns dos assuntos que seriam abordados com as meninas das escolas. Criou-se um perfil no Instagram específico do projeto “Meninas na Ciência” Fiocruz Ceará [@meninasnacienciafiocce - <https://www.instagram.com/meninasnacienciafiocce/>] para esses eventos, com mais de 150 inscritos, a fim de continuar divulgando ações relacionadas a meninas e mulheres na ciência e assuntos de interesse geral.

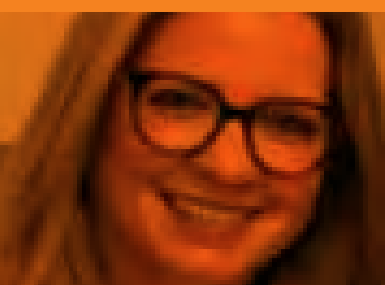
Como atividade de encerramento do projeto, foi realizada uma live em 11 de fevereiro de 2021 para lançar o vídeo e dialogar com a professora Zuleide Queiroz sobre a trajetória de mulheres negras na ciência e na educação, e enviados kits escolares com máscara de proteção para as meninas das escolas. A iniciativa foi valorizada pelos professores, desejando que nossa parceria possa ser retomada em momento mais propício para manter essa discussão em aberto e estimular a participação mais efetiva das meninas em projetos que as despertem para a ciência.

1. O vídeo está disponível em:



FOTO: THAIS MESQUITA / O POVO

Laeticia Jalil, Andrea Sousa e Sônia Guimarães estiveram em roda de conversa sobre o pensamento e a ação científica da mulher na sociedade, na sede da Fiocruz em Eusébio.



ESTUDAR A
PRESENÇA DE
MULHERES NA
CIÊNCIA, NO
PASSADO E NO
PRESENTE, TENDO EM
VISTA O INCENTIVO
E A ATRAÇÃO DE
MENINAS, CIENTISTAS
DO FUTURO

MULHERES NA CIÊNCIA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

[FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL]

EDUARDO DE CASTRO FERREIRA, ALEXSANDRA RODRIGUES DE MENDONÇA FAVACHO, ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO, GLÁUCIA ELISETE BARBOSA MARCON, JISLAINE DE FÁTIMA GUILHERMINO E ZORAIDA DEL CARMEN FERNANDEZ GRILLO

Vivíamos no Brasil, e ainda vivemos, em larga medida, uma sociedade patriarcal (AGUIAR, 2000). Essa realidade estrutural também apresenta sua face no ambiente científico. Por essa razão, analisar as dificuldades que a mulher tem atualmente de se inserir no meio científico pressupõe uma compreensão mais ampla do processo histórico relacionado com o ingresso da mulher no mercado de trabalho formal nos últimos séculos. Gebrim e Borges (2014) destacam que a violência contra a mulher tem se perpetuado, apesar de sua posição de insubordinação à ordem patriarcal. Nesses casos, as vítimas são as mulheres que se opõem à exploração e aos estereótipos, que são transmitidos de uma geração para outra e reproduzidos tanto no âmbito público (governo, política, religião, escolas, meios de comunicação) como no âmbito privado (família, parentes, amigos).

“Ao longo da história, o sexo feminino em geral permaneceu alijado do livre pensamento e as mulheres que ousaram transgredir esta discriminação, via de regra, eram condenadas à morte, ao isolamento ou à loucura” (FREITAS; PEREIRA, 2017, p. 190). A história do trabalho no mundo ocidental relegou papel secundário à mulher. Sua função desde os primórdios restringiu-se ao

cuidado da casa e da prole.

Ela esteve submetida a diversas formas de confinamento, seja em casa, no convento ou no bordel.

O espaço público não lhe era franqueado. Nesses ambientes fechados, ela realizava um trabalho invisível e silencioso, e raramente lhe era dado o direito de aprender a ler e a escrever. Concluir um curso profissional de nível técnico ou superior era uma exceção até o início do século XX.

Imersa na cultura e na estrutura patriarcais, a trajetória das mulheres na ciência é frequentemente restringida pelo “modelo masculino de carreira” (VELHO, 2006). Esse padrão inclui o compromisso em tempo integral para o trabalho, a alta produtividade em pesquisa e o estabelecimento de relações academicamente competitivas (SILVA; RIBEIRO, 2014). O mundo da ciência se estruturou historicamente em bases quase exclusivamente masculinas, ora excluindo as mulheres, ora dificultando seu acesso e projeção. Freitas e Pereira analisam a persistente ausência de mulheres nas principais academias científicas do Brasil, bem como entre os vencedores do Prêmio Nobel.

A Escola Estadual Professor Silvio Oliveira dos Santos situa-se no bairro Aero Rancho, setor VII. É o maior bairro de Campo Grande (MS) em população. O bairro Aero Rancho ocupa um dos últimos lugares em termos de qualidade de vida urbana na cidade (FIGUEIREDO et al., 2008). Essa situação pode ser percebida por meio dos diversos problemas sociais e dos altos índices de violência que chegam ao espaço escolar. Devido às baixas condições econômicas em que os moradores vivem e à necessidade de sobreviver, a escola apresenta índice significativo na distorção série/idade, pois os alunos interrompem os estudos durante o ano letivo para trabalhar. Nesse cenário, a escola tenta oferecer, por meio do seu espaço físico e das suas propostas

pedagógicas, uma educação de qualidade em busca de metas comuns que intervenham na realidade sociocultural da comunidade escolar.

O projeto da Fiocruz Mato Grosso do Sul “Mulheres na Ciência – Passado, Presente e Futuro”, idealizado e incentivado pelo Dr. André de Faria Pereira Neto (pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz e pesquisador sênior-visitante do escritório da Fiocruz MS), contribuiu para a modificação dessas bases estruturais, permitindo que meninas estudantes da E. E. Professor Silvio Oliveira dos Santos e moradoras de territórios vulneráveis despertassem seu interesse pela carreira científica. A iniciativa se propôs a estudar a presença de mulheres na ciência, no passado e no presente, tendo em vista o incentivo e a atração de meninas, cientistas do futuro.

Quatro estudantes do sexo feminino, regularmente matriculadas no ensino médio da E. E. Professor Silvio Oliveira dos Santos, foram selecionadas para participar do projeto na elaboração de uma pesquisa e na criação de um blog denominado “Elas na Ciência”. Uma professora da escola foi indicada como mediadora do projeto e o professor de informática orientou as estudantes na criação do blog. Desse modo, a criação do blog “Elas na Ciência” foi realizada pelas alunas, juntamente com os professores mediadores, sob supervisão dos pesquisadores da Fiocruz. Devido ao grande alcance proporcionado pela internet,

a construção de um blog permite a troca de experiências entre unidades, institutos e escritórios da Fiocruz de todo o país, além de dar acesso ao material produzido, para todos que se interessarem pelo tema. Durante todo o projeto, houve a orientação das jovens na pesquisa na internet, por meio de reuniões presenciais (no início) e on-line (durante o período de distanciamento social).

Nas primeiras reuniões, foi discutido e elaborado o roteiro a ser seguido nas entrevistas (presenciais e on-line). As meninas foram encorajadas a identificar mulheres que ocupam posições de destaque no meio científico na cidade de Campo Grande, além de jovens pesquisadoras, como bolsistas de Iniciação Científica, mestrandas, doutorandas, pós-doutorandas e demais acadêmicas que contribuem para o avanço da ciência em Mato Grosso do Sul. Essa identificação permitiu entrevistas e bate-papos das meninas com as cientistas, gerando material midiático, que foi incluído no blog. Dentre os temas debatidos nas entrevistas, destacamos: “A carreira científica e o fazer ciência”; “A motivação, inspiração e conquistas femininas”; “A desigualdade de gênero no exercício da atividade científica”; “A existência de entraves para a participação da mulher na ciência”; e “A carreira e ascensão da mulher no universo científico”. Com destaque para as “Histórias de Vida” (NOGUEIRA et al., 2017) de mulheres cientistas, em que se perguntou a cada entrevistada

como ela conseguiu conquistar um espaço no meio científico em Campo Grande e quais as perspectivas futuras para uma jovem que se interesse pela carreira científica no estado de Mato Grosso do Sul.

Foram também selecionadas reportagens, artigos, teses acadêmicas e filmes disponíveis no YouTube sobre a presença da mulher no meio científico, no passado, no presente e no futuro, utilizados para a pesquisa e para a alimentação do blog¹.

Por iniciativa das alunas, acatada pelos moderadores e amplamente incentivada pelos pesquisadores, as meninas criaram também o perfil @**elasnaciencia**² no Instagram, que atualmente conta com 248 seguidores.

Nesse perfil, criado e administrado pelas alunas, elas divulgam o projeto. O lançamento do blog “Elas na Ciência” foi realizado na Câmara Municipal de Campo Grande, no Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, em 11 de fevereiro de 2020. Durante o evento, também foi divulgado o documentário produzido a partir das primeiras entrevistas das meninas com as pesquisadoras da Fiocruz MS, intitulado “**Elas na Ciência - Fiocruz**”³. A convite da direção da E. E. Professor Silvio Oliveira dos Santos, um segundo evento de lançamento ocorreu na própria escola, no dia 12 de março de 2020, em alusão ao Dia Internacional da Mulher (8 de março).

1. Pode ser visualizado no site:



2. Instagram



3. Disponível em:



Em 11 de fevereiro de 2021, durante o webinar “Elas nos Games: apostando na Ciência”, organizado pela equipe de pesquisadores da Fiocruz, em parceria com professores da Universidade Anhanguera-Uniderp, como atividade da “Mostra Educacional Gamer: Jogando com a Saúde Única”, a professora mediadora apresentou sua percepção sobre o desenvolvimento do projeto. No final da apresentação, ela destacou a importância e o sucesso da ação: “Como professora mediadora, tive contato direto com as meninas e vejo quais as vantagens de se colocar essas alunas em contato com as instituições de pesquisa, desenvolvendo um olhar diferenciado, uma escola pública, de periferia, conseguir se aproximar dessas pesquisadoras, descobrir qual a sua história, quais as suas trajetórias, de que forma elas conseguiram alcançar os méritos, quais as pesquisas vêm sendo realizadas por elas, sob o enfoque de aproximar, conscientizar essas meninas sobre o engajamento, despertando nelas a vontade de fazer ciência”.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. *Sociedade e Estado*. v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000.
- FIGUEIREDO, Alice Sueiro et al. Índice de qualidade de vida urbana de Campo Grande-MS. Campo Grande: PLANURB, 2008. 31 p.
- FREITAS, Marcel de Almeida; PEREIRA, Eduardo Godinho. A inexpressiva representação feminina nas academias científicas brasileiras e no prêmio Nobel. *Ex aequo*, n. 36, p. 189-202, 2017.
- GEBRIM, Luciana Maibashi; BORGES, Paulo Cesar Correa. Violência de gênero: tipificar ou não o femicídio/feminicídio? *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 51, n. 202, p. 59-75, abr./jun. 2014.
- NOGUEIRA, Maria Luisa Magalhaes; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide; PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 12, n. 2, p. 466-485, 2017.
- SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência & Educação* (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.
- VELHO, L. Prefácio. In: SANTOS, L. W.; ICHIKAWA, E. Y.; CARGANO, D. F. (org.). *Ciência, Tecnologia e Gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento*. Londrina: IAPAR, 2006.





FORTALECER
TERRITÓRIOS POR
MEIO DA ATRAÇÃO
DE MAIS MENINAS
E MULHERES
À CIÊNCIA

INICIATIVAS DA FIOCRUZ MINAS PARA FORTALECER DIFERENTES TERRITÓRIOS A PARTIR DA ATRAÇÃO DE MAIS MENINAS E MULHERES NA CIÊNCIA

[FIOCRUZ MINAS GERAIS - INSTITUTO RENÉ RACHOU]

ZÉLIA MARIA PROFETA DA LUZ, CAROLINA CUNHA MONTEIRO, CRISTIANA FERREIRA ALVES DE BRITO, PALOMA FERREIRA COELHO SILVA, PAULA DIAS BEVILACQUA E STEPHANIE DOS SANTOS CABRAL

Atualmente, há um número expressivo de mulheres em muitas universidades e instituições de pesquisa. Contudo, tendem a se concentrar em ciências sociais e da saúde (SILVA; RIBEIRO, 2014). Nas áreas tecnológicas, como engenharia, matemática e computação, as mulheres compreendem apenas cerca de 25%. A participação das mulheres como inventoras também é baixa, embora se perceba um pequeno aumento entre os períodos 1996 - 2000 (10%) e 2011 - 2015 (14%) (ELSEVIER, 2017).

O ambiente científico é baseado em valores e padrões masculinos que ainda restringem, dificultam e direcionam a participação e trajetória das mulheres. Também são recorrentes os preconceitos de gênero, como discursos que inferiorizam a mulher em função do sexo. Mulheres são estereotipadas como detentoras de um desenvolvimento cognitivo inferior ao dos homens, dotadas de emoção em vez de razão. Isso ocorre mesmo de modo velado e banalizado, associado a uma naturalização de características masculinas como

mais adequadas para a produção do conhecimento científico.

Essas desigualdades são ainda maiores quando abordamos a condição das mulheres negras, sujeitas a uma combinação de opressões - gênero e raça. Suas vidas e trajetórias, quando mencionadas na história, são contadas pela perspectiva de homens brancos, vinculando-as às representações da escravizada e da mãe preta. A elas é destinado o mero papel de servir, enraizado no imaginário social. Portanto, mesmo

na contemporaneidade, a mulher negra sofre o reflexo do passado colonial, colaborando para que até hoje lhe sejam destinadas ocupações de menor prestígio e remuneração (SILVA, 2016). O projeto “Iniciativas da Fiocruz Minas para fortalecer diferentes territórios a partir da atração de mais meninas e mulheres na ciência”, do Instituto René Rachou (IRR), objetivou estimular tanto o desenvolvimento de projetos na perspectiva da ciência cidadã quanto o interesse de alunas de escola pública pela ciência, além de fortalecer as atividades da instituição no seu entorno. A agenda deu início a um programa intitulado “Enfrentamento da violência de gênero e raça e iniciativas promotoras da igualdade de gênero e raça”, que visa fortalecer territórios por meio da atração de mais meninas e mulheres à ciência. A iniciativa previa a formação de mulheres e meninas para a elaboração e execução de pesquisas que abordassem questões relevantes em dois territórios: a cidade de Brumadinho e o Barro Preto, bairro onde se localiza a Fiocruz em Belo Horizonte. O programa se dividiu em três eixos de atuação: 1) iniciação científica de alunas de ensino médio de escola pública; 2) construção da memória do Barro Preto a partir das trajetórias de vida de mulheres residentes ou trabalhadoras do bairro; 3) pesquisa-ação com as mulheres atingidas pelo rompimento das Barragens da Vale.

Tal projeto foi apresentado para a chefe da equipe de Agentes Comunitários de Saúde (ACS). O objetivo da reunião foi identificar junto aos ACS moradoras que pudessem participar do projeto. Além disso, foi feito um contato com duas costureiras muito conhecidas no bairro e, a partir disso, recebemos indicações de outras mulheres. Reunimos quatro dessas mulheres em uma conversa informal na casa de uma delas para que pudessem falar sobre histórias, acontecimentos

e memórias do bairro, relacionando-os com a sua trajetória de vida. Foi produzido um **vídeo**¹ desse encontro, exibido em evento que contou com a presença das moradoras.

Com o eixo que se direciona aos territórios atingidos por barragens, foram feitos contatos com mulheres dali, identificadas por suas atuações como representantes das comunidades nos debates em defesa dos direitos dos atingidos.

As atividades se iniciaram com a realização de um evento no dia 11 de fevereiro de 2020, em comemoração ao Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência, no qual foi debatido, em roda de conversa, o tema “O conhecimento produzido por mulheres”. Participaram alunas de duas escolas estaduais, moradoras do Barro Preto, mulheres representantes do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e as pesquisadoras do Instituto René Rachou. Durante a roda, as participantes apresentaram as suas produções e saberes, em uma programação que envolveu debate, exibição e discussão do filme “Semeando vida - Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (Pics)”, exposição de bordados sobre os problemas enfrentados pelas mulheres que vivem em áreas de mineração, do projeto “Arpileras”, além de sessão de fotos no muro da Fiocruz Minas.

O encontro representou uma oportunidade para as participantes conhecerem o Instituto René Rachou e a trajetória acadêmica e profissional de algumas pesquisadoras. Houve, ainda, o início de uma aproximação da Fiocruz Minas com a comunidade local, interação que as moradoras ressaltaram ser importante no âmbito de atuação do Instituto. A roda de conversa foi um momento marcante de contato inicial e de troca de experiências entre as participantes dos três

eixos do projeto e a comunidade da Fiocruz Minas. Por fim, a discussão sobre ciência cidadã suscitou um debate relevante em torno da pluralidade de formas de produção do conhecimento, ideia que norteia o desenvolvimento do **projeto**².

As medidas de distanciamento social adotadas para a prevenção da Covid-19 impossibilitaram a continuidade do projeto. Frente a essas dificuldades, o encerramento ocorreu mediante a participação do IRR no evento on-line do “Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência”, realizado pela Fiocruz entre os dias 10 e 12 de fevereiro de 2021, com transmissões abertas ao público nos dois últimos dias, através do canal da Fiocruz no YouTube.

Embora o contexto da crise sanitária tenha impossibilitado o desenvolvimento do projeto como planejado, acredita-se que as propostas dos três eixos poderiam ser executadas em outro momento, principalmente após o retorno das aulas das escolas públicas estaduais, ainda que no modo remoto. Se antes da paralisação já tivessem sido feitas as articulações necessárias para o desenvolvimento das atividades, teria sido possível dar seguimento utilizando o recurso do projeto na aquisição de equipamentos e de condições de acesso à internet para as alunas das escolas participantes. Por isso, cabe ressaltar a importância da continuidade das ações neste momento em que

as instituições de ensino e pesquisa, como a Fiocruz, vêm se adaptando às ferramentas tecnológicas no desenvolvimento de suas atividades, o que permitiria planejar novos formatos para a realização de pesquisas e de cursos de formação.

REFERÊNCIAS

ELSEVIER. Gender in the Global Research Landscape. [S./l.]: Elsevier, 2017.

SILVA, Daiane Severo da. Gênero, Raça e Classe: Discursos de Mulheres negras. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.

SILVA, Fabiane Ferreira; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. *Ciência & Educação* (Bauru), v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

1. O vídeo das moradoras do Barro Preto pode ser acessado no link:



2. O vídeo sobre o evento pode ser visualizado no site:



VALORIZANDO A
DIVERSIDADE PARA
UM MUNDO MAIS
INCLUSIVO E UMA
CIÊNCIA MELHOR,
PORQUE MAIS
ABRANGENTE E
POTENCIALIZADA



NO RASTRO DE MERIT

[FIOCRUZ PARANÁ – INSTITUTO CARLOS CHAGAS]

MARIA DAS GRAÇAS ROJAS SOTO

O projeto do Instituto Carlos Chagas (ICC – Fiocruz Paraná) intitulado “No Rastro de Merit” tem a proposta de resgatar a história de cientistas mulheres do passado, valorizar as cientistas do presente e inspirar vocações científicas de meninas para o futuro.

Considerada por muitos anos a primeira mulher cientista da história, Merit Ptah viveu no Egito, possivelmente, em 2700 a.C. Nascida na África, teria praticado as artes medicinais da cura. Estudos atuais questionam sua historicidade, atribuindo a Peseshet, nascida no Egito, aproximadamente, em 2100 a.C., o primeiro registro de mulher praticando ciência.

Seguindo o rastro dessas mulheres, esta proposta envolve o reconhecimento das que historicamente se destacaram na atuação científica, aquelas cujas carreiras científicas estão em construção, e as que, ainda meninas, aspiram trilhar esse caminho. Por meio de encontros informais, mediados por jogos e representações, tem o intuito de fortalecer a importância e o reconhecimento da atuação da mulher na ciência, valorizando a diversidade para um mundo mais inclusivo e uma ciência melhor, porque mais abrangente e potencializada.

Desse modo, o projeto consistiu em três ações ao longo de um ano: “Cafeminina”, “Cientista-Madrinha” e criação do jogo de tabuleiro no “Rastro de Merit”. Teve como objetivos estimular o interesse de crianças e adolescentes pela ciência e tecnologia; incentivar meninas para o ingresso em carreiras científicas; e possibilitar a troca de experiências e expectativas entre jovens aspirantes à carreira científica e profissionais contemporâneas dedicadas à área de Ciência e Tecnologia (C&T).

A primeira ação, **Cafeminina**¹, ocorreu no dia 11 de fevereiro de 2020, em comemoração ao Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência. Foi enviado um convite para mulheres que atuam nas instituições científicas ICC – Fiocruz Paraná, Instituto de Biologia Molecular do Paraná (IBMP) e Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar) para participar de um coffee break seguido de roda de conversa após a exibição do filme “Estrelas além do Tempo”.

Foram 40 participantes ao todo, das quais 30 permaneceram na roda de conversa. Dentre estas, 26 responderam a um questionário, que serviu de base a uma caracterização das participantes. Entre os fatores que dificultam a performance das mulheres na instituição, 50% das participantes apontaram a ausência de credibilidade, seguida por assédio (25%) e pela dificuldade de participar de congressos (25%). Discriminação, machismo, problemas de saúde e excesso de responsabilidade com os filhos foram citados como razões que diminuem a produtividade na instituição científica.

A ação “Cientista-Madrinha” foi realizada com estudantes meninas do ensino fundamental I e II, ensino médio e ensino médio profissionalizante, de escolas públicas e particulares de Curitiba e região metropolitana. Por meio de uma **chamada pública**², foram selecionadas 57 estudantes para passar um dia no Instituto Carlos Chagas, acompanhadas de cientistas mulheres designadas como suas madrinhas, para lhes mostrar o dia a dia da profissão, formas de atuação, possibilidades e desafios, e relatar as experiências na área de ciência e tecnologia. Houve adesão de 30 pesquisadoras para adotar uma ou duas afilhadas por um dia.

As meninas inscritas escreveram uma carta às suas aspirantes a madrinhas relatando o seu desejo, iniciada pela frase “Cientista-Madrinha, que queria tanto...!”.

AS CARTAS RECEBIDAS REVELAM AS PERSPECTIVAS INSPIRADORAS DAS MENINAS SOBRE AS CIÊNCIAS E O LUGAR DA MULHER NAS CIÊNCIAS. ALGUNS DOS FRAGMENTOS DAS CARTAS MOSTRAM A EMOÇÃO DAS MENINAS A PARTIR DA OPORTUNIDADE:

Desde pequena, sempre fui muito curiosa. O microscópio e o telescópio que meu pai comprou foram meus melhores brinquedos! Quando me machuquei, coloquei meu sangue na lâmina e me impressionei com o que estava vendo. O máximo que podia ampliar era 450 vezes, mas me sentia “A Pesquisadora”.

Assistindo a Titãs, me deparei com a Doutora Eve Watson, que juntou os genes de duas pessoas e criou um ser nos Laboratórios Cadmus. Não que eu planeje fazer o mesmo, mas comecei a me interessar mais por genética desde então. Será com orgulho que, quando ganhar meu primeiro Prêmio Nobel, direi que o Instituto Carlos Chagas me ajudou a determinar meu ramo de pesquisas e contribuir com o destaque feminino nas ciências.

O último eixo consistiu na elaboração e no lançamento do **jogo de tabuleiro**³ “No Rastro de Merit”, que resgata a história das mulheres na ciência, valoriza as cientistas contemporâneas e incentiva meninas às carreiras científicas, sintetizando o projeto todo em um instrumental lúdico. O lançamento do jogo foi realizado pelas plataformas Zoom e YouTube, no dia 20 de abril de 2021, e contou com a presença da presidente da Fiocruz, Dra. Nísia Trindade Lima, que inspirou as estudantes da ação Cientista-Madrinha presentes ao **evento**⁴. Após o lançamento, a direção do ICC produziu e enviou o jogo a todas as estudantes participantes da ação “Cientista-Madrinha”.

A última ação, que envolve visita ao instituto, ainda não foi concluída devido à pandemia. No entanto, foi mantido contato com as estudantes que estiveram presentes ao lançamento do jogo e vêm participando de encontros para discussão de assuntos científicos, aguardando o momento em que lhes será possível ter o seu dia de cientista com suas madrinhas no ICC.

1. O vídeo de divulgação da ação Cafeminina está disponível em:



2. O edital encontra-se disponível no link:



3. O jogo pode ser acessado e baixado pelo site:



O vídeo tutorial, ensinando a jogar, está na plataforma YouTube:



4. Pode ser visualizado no link:



AMPLIAR O NÚMERO DE
MULHERES QUE ATUAM
NA CIÊNCIA, TRAZENDO
PARA A INSTITUIÇÃO
MENINAS QUE VIVEM
EM TERRITÓRIOS
VULNERÁVEIS



MEU VERÃO NA FIOCRUZ

[FIOCRUZ PERNAMBUCO – INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES]

CONSTÂNCIA AYRES

Muitas meninas que iniciam a vida acadêmica e cursam universidades na área das ciências decidem abandonar a carreira por terem que optar entre casamento e maternidade e o trabalho acadêmico, que requer dedicação extra na maioria das vezes. Dessa forma, há uma urgente necessidade de meninas conhecerem exemplos de mulheres que foram bem-sucedidas em suas escolhas e que optaram por ser cientistas. É preciso conhecer histórias de sucesso para mostrar que é possível ser mulher, ter filhos, casar e ser cientista!

A ideia do projeto “Meu Verão na Fiocruz” do Instituto Aggeu Magalhães (IAM) surgiu com o intuito de ampliar o número de mulheres que atuam na ciência, trazendo para a instituição meninas que vivem em territórios vulneráveis, com interesse em fazer pesquisa científica. A iniciativa visa à valorização da participação dessas meninas do ensino médio na ciência, garantindo-lhes acesso às tecnologias de ponta e à prática de atividades científicas. Ao mesmo tempo, a oportunidade foi utilizada para discutir e debater o tema das mulheres na ciência na comunidade científica da Fiocruz.

Nosso objetivo foi dar oportunidade para que essas meninas vivam na prática a experiência de fazer ciência, com o intuito de aumentar seu interesse e mostrar a realidade da vida profissional das mulheres cientistas, e, ao mesmo tempo, alertar

para a necessidade e importância da ocupação dos cargos de poder na academia por mais mulheres, visando à equidade de gênero. As jovens foram orientadas por pesquisadoras altamente qualificadas, dos diferentes departamentos do IAM.

O Projeto “Meu Verão na Fiocruz” foi executado em sua totalidade. Foram selecionadas 12 meninas, divididas em duplas para realização de estágio de 60h nos laboratórios do Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz PE), em janeiro de 2020. A gestão do projeto foi realizada pelo Observatório Feminista do Nordeste (OFNE). No dia 11 de fevereiro de 2020, realizamos o seminário “Mulheres na Ciência: construindo alternativas para superar as desigualdades raciais e de gênero” no auditório do IAM, a fim de debater temas referentes ao machismo institucional e às desigualdades de gênero e raça na academia.

Efetuamos o pagamento de uma bolsa a cada uma das participantes para custear o transporte e a alimentação durante o estágio. Além das atividades de laboratório, as meninas realizaram curso de biossegurança, trabalho de campo, apresentações científicas, e assistiram à aula sobre ética e integridade em pesquisa. Também participaram de rodas de conversa com o OFNE sobre racismo, machismo e questões de interseccionalidade.

O projeto teve grande visibilidade na mídia, inclusive em programas de TV nacionais. A visibilidade foi tanta que houve quatro reportagens de rádio e TV apresentando o projeto e entrevistando as meninas¹.

Ao final, foi elaborado **documentário**² em vídeo para registrar o projeto. Além disso, uma reportagem relatando a história de vida das meninas participantes da Chamada foi publicada pela Revista Radis na matéria intitulada **Meninas que fazem o Verão**³.

Lançamos, assim, uma campanha que, além de divulgar a Fiocruz, promoveu a participação das mulheres na ciência, atraindo novas jovens. Acreditamos que projetos como este devem ser institucionalizados na Fiocruz e ampliados para atender a um número maior de meninas.

1. Links das Entrevistas:

- Com ciência ninguém pode: Meninas e mulheres na ciência (2021).



- Mais Meninas na Ciência (2020).



- Fiocruz-PE oferece estágio para incentivar jovens meninas na área da ciência. (Bom dia Brasil, 2020)



- No dia 10 de fevereiro, o Revista Difusora debate sobre “Mulheres na Ciência” e convida para roda de conversa, Constância Ayres da Fiocruz, e Ingrid Farias do Observatório Feminista do Nordeste, Rádio Frei Caneca.



2. Disponível no link:



3. Link para o site da publicação:





NÃO EXISTE A
MULHER UNIVERSAL
BRASILEIRA. AS
MULHERES SÃO
PLURAIS, COM
NECESSIDADES
DIVERSAS



INSERIDAS NA CIÊNCIA NÓS MUDAMOS O MUNDO: MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA JÁ!

[FIOCRUZ PIAUÍ]

ELAINE FERREIRA DO NASCIMENTO

Desde 2013, em parceria com as instituições de ensino e pesquisa, além das secretarias municipais de saúde, a Fiocruz Piauí capacitou 172 profissionais nos cursos de mestrado e doutorado para a docência no ensino superior nas áreas de Medicina Tropical, Saúde Pública e Coletiva, Epidemiologia, e Saúde da Criança e Saúde da Mulher. A instituição também proporcionou a qualificação de profissionais do SUS de nível médio nas áreas de treinamento de recursos humanos em ações educativas sobre doenças negligenciadas e de registro e informação em saúde.

Para combater as desigualdades sociais da comunidade piauiense como um todo, a instituição realiza ações de popularização da ciência. A proposta é aproximar a população do saber científico e, assim, promover melhoria da qualidade de vida.

Na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia 2018 e 2019, a Fiocruz Piauí deu ênfase à participação das mulheres e meninas nas ações de fazer ciência, por meio da iniciativa do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Durante as edições realizadas, o Escritório executou atividades relacionadas a doenças negligenciadas, popularização da ciência, água, bioeconomia e sustentabilidade, além de discussões acerca das sexualidades saudáveis.

O projeto “Mulheres e Meninas na Ciência” está ancorado nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4 e 5 da Agenda 2030, que visam, respectivamente, “assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” e “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Em consonância com os ODS, as práticas realizadas pela instituição promovem o acesso de meninas em idade escolar ao universo da ciência e instigam a participação das mulheres cientistas como forma de contribuir para a redução das disparidades de gênero e das desigualdades sociais.

A iniciativa da Fiocruz Piauí “Inseridas na ciência nós mudamos o mundo: mulheres e meninas na ciência já!” desenvolveu ações de ciência, tecnologia e inovação com mulheres e meninas de escola de comunidades rurais. O projeto contribuiu para aproximar e motivar a população de mulheres e meninas a discutir as implicações da ciência no dia a dia, além de se comprometer a ampliar o conhecimento sobre temas científicos. Com isso, também foi possível incitar meninas que recém chegaram à escola, ou seja, as bem pequenas, a se interessarem pelas áreas da ciência, tecnologia e inovação, e incentivar as que já estavam há mais tempo nesses campos, a permanecerem neles.

O contato inicial e a apresentação do projeto foram realizados no curso técnico de Desenvolvimento de Sistemas do Instituto Federal do Piauí (IFPI) campus Teresina. Durante a reunião, a proposta foi apresentada. A equipe do IFPI aceitou a colaboração e a finalidade dessa parceria foi permitir que alunas do ensino fundamental e médio de localidades rurais tivessem acesso ao conhecimento científico produzido nesses cursos. Além disso, foi firmada uma parceria com o curso de biologia. No segundo momento, houve o contato inicial e a apresentação do projeto “Eu Menina sendo Cientista” à Escola Municipal Joca Vieira, localizada na BR-343, km 14, localidade rural Estaca Zero, em Teresina.

Para comemoração do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência de 2020, a Fiocruz Piauí promoveu dois dias de atividades. No primeiro (10 de fevereiro), foi realizado um dia de cientista mirim para 286 meninas (6 a 14 anos) do 4º ao 7º ano do ensino fundamental da mesma escola. As atividades compreenderam uma exposição denominada “Bem-vindas ao mundo da ciência”, com o objetivo de promover o despertar científico entre mulheres e meninas de comunidades rurais, de forma lúdica e

acessível, explorando as áreas do meio ambiente e da saúde humana e animal.

No evento, a popularização da ciência foi realizada com a apresentação de seis atividades dispostas nas salas da “Feira de Ciência”:

- 1) insetos vetores com a possibilidade de visualização pela lupa;
- 2) parasitos invisíveis com um modelo intestinal confeccionado artesanalmente, em que era possível um passeio interno por ele;
- 3) interação saúde humana e saúde ambiental, com a maquete de uma caverna e morcegos empalhados mostrando a interação desses animais com humanos;
- 4) um jogo em forma de tabuleiro gigante em que o jogador-cientista, ao fazer uma viagem de trem para chegar à Fiocruz, teria que ajudar a melhorar a saúde da comunidade em cada parada;
- 5) biossegurança, enfatizando a indispensabilidade do uso correto de luvas, jalecos e máscaras, crucial à pesquisa científica;
- e 6) corpo humano, com a discussão de, por exemplo, o sistema respiratório e doenças de impacto na saúde pública mundial como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (provocada por coronavírus).

Para despertar nas crianças a vontade de sonhar, na última mesa foi incentivado que escrevessem em um “post it” o sonho delas para o futuro. Esse “post it” foi colado em uma árvore intitulada “Árvore do sonho”. Nela foi possível ver os desejos das crianças, que iam de ser professor a ser cientista¹.

No segundo dia, 11 de fevereiro ou Dia M, houve palestras e rodas de conversa sobre “O alcance da igualdade de gênero de mulheres e meninas na ciência” na Fiocruz Piauí. Um painel intitulado “Encontro de Gerações Femininas para a Ciência” apresentou as histórias de vida e superação de cada participante, enaltecendo que as mulheres e meninas podem ocupar o espaço

que elas desejarem. Parte do painel teve a interação da plateia, por meio do relato de histórias vivenciadas por mulheres e meninas em seu mais amplo espectro e de perguntas às que faziam parte do encontro. O público do evento foi de 55 pessoas.

Também foi idealizado e produzido um documentário intitulado “Os meus passos me levam aonde eu quiser: mulheres e meninas na ciência já” sobre as atividades realizadas com mulheres e meninas na Escola Municipal Joca Vieira, no dia 10 de fevereiro de 2020, e a roda de conversa, no dia 11 de fevereiro de 2020, na Fiocruz Piauí em menção ao Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência. O vídeo traz também a experiência desse dia por parte de uma estudante e o depoimento de outra aluna sobre o que é ser uma cientista. Também há relatos das mulheres e meninas matriculadas nos cursos tecnológicos de frequência majoritária masculina.

A retomada da proposta em janeiro de 2021 foi destinada a 286 mulheres e meninas com idade entre 6 e 15 anos, da mesma escola rural de Teresina, e suas dinâmicas foram reorganizadas conforme as limitações de trabalho e o “Plano em defesa da vida – convivência com a covid-19”. A divulgação científica baseou-se na confecção de uma revista científica mirim e juvenil intitulada “**Revista científica mirim/juvenil ciência se faz todo dia: mulheres e meninas na ciência já!**”. A ideia foi desenvolver o lado

cientista de cada mulher e menina. A revista apresentou a estrutura de um artigo científico (introdução, material e métodos, resultados, discussão, conclusão, agradecimentos e referências bibliográficas) e constituiu-se de observações sobre o que uma cientista faz, se as estudantes conhecem uma cientista mulher, o que é ciência e, ainda, o que elas fariam caso tivessem a possibilidade de realizar uma descoberta para ajudar a sua comunidade.

É fundamental refletir sobre a dimensão continental que o Brasil tem como país, e lembrar que este foi estruturado em cima de uma organização escravocrata em que as mulheres negras têm menos oportunidades em nossa sociedade e, no interior desse segmento, alguns grupos terão menos oportunidades ainda. As mulheres negras quilombolas e indígenas acessam os direitos sociais, que são constitucionais, de forma muito diferenciada. Para elas, o estímulo ao mundo da ciência é um grande desafio. Esse obstáculo precisa ser transposto na formulação de políticas públicas com diretrizes interseccionais. Não existe a mulher universal brasileira. As mulheres são plurais, com necessidades diversas. As meninas precisam ser vistas nas suas singularidades e incentivadas a permanecer na educação e a explorar o máximo das suas potencialidades. O Estado-Fiocruz precisa se fazer presente quanto mais distante os grupos estiverem do centro dos serviços e das oportunidades.

1. A reportagem com algumas fotos das mesas podem ser acessadas no link:





PERPETUAR
O DEBATE DA
PARTICIPAÇÃO
FEMININA NA
CIÊNCIA E A HISTÓRIA
DAS MULHERES
CIENTISTAS

MULHERES E MENINAS NA CIÊNCIA DE RONDÔNIA: UM ELO ENTRE O PASSADO E O FUTURO

[FIOCRUZ RONDÔNIA]

GENIMAR REBOUÇAS JULIÃO, DEUSILENE SOUZA VIEIRA
DALL'ACQUA, GEISA PAULINO CAPRINI EVARISTO E
JOSÉ GADELHA DA SILVA JUNIOR

A Fiocruz Rondônia é uma comunidade relativamente nova: o estabelecimento do Escritório Técnico da Fiocruz no estado ocorreu em 2009, com sua sede na capital, Porto Velho. O grupo é composto por várias pesquisadoras, técnicas, alunas, colaboradoras da gestão e do setor administrativo, que se dedicam ao fortalecimento e reconhecimento da Fiocruz regionalmente, como uma instituição que luta pela saúde, ciência e educação democráticas. A execução do projeto “Mulheres e Meninas na Ciência de Rondônia: um elo entre o passado e o futuro” mudou a rotina e ampliou o sentimento de união e valorização da força feminina na Fundação. A participação das alunas do ensino fundamental e médio da Escola Estadual E.F.M. Professor Daniel Neri da Silva foi basal, pois, além de estender o círculo de debate sobre o papel da mulher na ciência e estimular a participação delas (ainda que jovens) na pesquisa, fomentou a missão da Fiocruz Rondônia quanto à divulgação de seus resultados e produtos, fazendo-os chegar à população rondoniense.

Em janeiro de 2020, iniciamos o planejamento de nossas atividades e no dia 11 de fevereiro as comunidades da Fiocruz Rondônia e Escola Daniel Neri comemoraram o Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência. Foram realizadas diversas atividades nas dependências da escola, nos turnos matutino,

vespertino e noturno, para todas as turmas do ensino fundamental e médio. Na quadra esportiva foram colocados stands de alunas de pós-graduação e das escolares sobre variados temas da ciência. Nas paredes da quadra, banners ilustravam um grupo de Pesquisadoras Pioneiras na Ciência Mundial e Brasileira.

Nas salas de aula, em regime rotativo, houve exibição de filmes e documentários e Rodas de Conversa sobre a vida das pesquisadoras de neurofarmacologia, microbiologia, virologia, entomologia, epidemiologia genética, imunologia, engenharia de anticorpos, bioprospecção etc., além de explorar o debate sobre a cientista mãe com dupla jornada, cientista na Amazônia e cientista emigrante. Estima-se que cerca de 1.600 estudantes dos três turnos, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA), tenham participado do evento comemorativo.

No dia seguinte, houve sorteio (duas meninas por turma) para visita à sede da Fiocruz Rondônia, participando 83 estudantes ao todo – tanto da visita aos laboratórios da Fiocruz Rondônia quanto das palestras ministradas por alunas de pós-graduação (mestrado e doutorado). As atividades desenvolvidas tiveram ampla cobertura da mídia digital, da televisão (entrevistas) e do rádio (debate).

Em 2021, devido às restrições sanitárias da pandemia de Covid-19, os eventos da Fiocruz ocorreram de forma remota, em plataformas digitais. No primeiro dia de ações por mais mulheres e meninas na ciência, houve apresentação das unidades regionais. A Fiocruz RO resumiu as atividades desenvolvidas em um vídeo com cerca de 10 minutos, no qual constavam fotos e registros do evento realizado em 2020, depoimentos de estudantes, acadêmicas de pós-graduação e pesquisadoras, e ao final, homenagem às mulheres de Rondônia que se encontram na linha de frente ao combate do novo coronavírus. De modo remoto, formou-se um grupo de estudo para o resgate histórico das principais personalidades femininas, tanto as pioneiras do Brasil em suas áreas temáticas quanto aquelas cientistas da atualidade que têm visibilidade graças às suas conquistas.

Esse resgate foi executado pelas alunas de pós-graduação do Laboratório de Entomologia-1 da Fiocruz RO e pelas meninas do Clube “A Teia”, da Escola Daniel Neri, e gerou uma cartilha digital.

Houve também a produção de um podcast, com arquivos de áudio (MP3, MP4 e OGG) Primeiramente, as alunas da Escola Daniel Neri redigiram questões, revisadas pelo professor supervisor, Gonçalo Soares Monteiro, e direcionadas às pesquisadoras da Fiocruz. Em seguida, gravaram arquivos de áudio com as questões, que foram respondidas pelas cientistas, compiladas e editoradas, formando o podcast. Ainda em 2021, a equipe da Fiocruz Rondônia organizou uma mesa-redonda sobre a situação das mulheres na ciência e em cenários cotidianos, sob diferentes óticas. A abertura foi feita pela Dra. Deusilene Souza Vieira, vice-coordenadora de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz Rondônia, e pesquisadora integrante do projeto Movimento de Mulheres Camponesas (MMC-RO). Os avanços, as conquistas e as lutas vivenciados pelas mulheres foram debatidos pelas professoras Christiane Silvestrini, do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), Lilian Moser, da Universidade Federal de Rondônia (Unir) e Ana Karina Salman, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa RO), com a mediação de Geisa Evaristo (Fiocruz RO). Durante a mesa-redonda, além do papel da mulher na ciência, no tema de Saúde Pública e na atualidade da pandemia de Covid-19, debateu-se a importância da participação feminina nas inovações tecnológicas do campo, seu protagonismo em iniciativas empreendedoras, além de uma contextualização histórica das mulheres rondonienses. Destacou-se o papel de nossas alunas e das meninas das escolas públicas – que constituem nossos futuros alicerces e irão perpetuar o debate da

participação feminina na ciência e a história das mulheres cientistas e suas experiências, de forma a reduzir as desigualdades sociais, promovendo avanços na saúde, educação e ciência, em especial, no estado de Rondônia¹.

1. Outras imagens de nosso projeto podem ser obtidas na Assessoria de Comunicação da Fiocruz Rondônia.

A EXECUÇÃO DESSE PROJETO NÃO SERIA POSSÍVEL SEM A ATUAÇÃO DINÂMICA E O EMPENHO DAS MULHERES E MENINAS DA FIOCRUZ RONDÔNIA, DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA EXPERIMENTAL (PPGBIOEXP/UNIR) E DA REDE DE BIODIVERSIDADE E BIOTECNOLOGIA DA AMAZÔNIA LEGAL (BIONORTE), PARA AS QUAIS DEIXAMOS NOSSOS AGRADECIMENTOS, EM ESPECIAL ÀS PESQUISADORAS NAJLA, SORAYA, CAROLINA E JULIANA, E ÀS ALUNAS ANNE, FLÁVIA, PAULA FRASSINETTI, CARLA E EVELYN.



ESSA GERAÇÃO
VISLUMBROU
HORIZONTES
QUE ESTÃO
SOB AMEAÇA



AGENDA LARANJA¹

E O PROTAGONISMO JUVENIL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

CORINA HELENA FIGUEIRA MENDES

A Agenda Laranja foi criada no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) em 2016, com o objetivo de construir espaço de diálogo institucional e com a sociedade, para a promoção de cultura pelo fim das violências contra mulheres e meninas, a partir do marco dos direitos humanos.

A iniciativa alinha-se com a campanha “Una-se pelo fim da violência contra as mulheres”, apoiada pela Organização das Nações Unidas, que tem 25 de novembro como data para mobilização global pelo enfrentamento e fim da violência contra mulheres e meninas, assim como para a promoção da equidade de gênero, sendo a cor laranja utilizada como símbolo.

Até 2019, a Agenda Laranja realizou 20 encontros presenciais, com a participação de professoras, pesquisadoras e alunas de diferentes instituições de ensino e pesquisa; gestoras de políticas públicas, representantes da sociedade civil e de organismos internacionais; trabalhadoras e usuárias dos sistemas de saúde, educação, assistência social, justiça e demais instituições; e pessoas interessadas em temáticas relacionadas às pautas da Agenda Laranja. Nesse período, buscando a articulação com as atividades

do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher (PGSCM), as professoras do programa atuaram como curadoras e mediadoras dos encontros, e as alunas, como relatoras.

AGENDA LARANJA + MENINAS: CIÊNCIA, GÊNERO E JUVENTUDE

No início de 2020, a Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic) da Fiocruz promoveu ações em celebração do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência. No Rio de Janeiro, as atividades envolveram pesquisadoras de diferentes unidades que, nos dias 10 e 11 de fevereiro, receberam 51 alunas do ensino médio da rede pública para conhecerem laboratórios, processos de trabalho, ensino e pesquisa e, o mais importante, as trajetórias dessas pesquisadoras, suas escolhas profissionais e suas ações na defesa da ciência, reafirmando o espaço acadêmico como lugar também das mulheres.

1. A Agenda Laranja foi idealizada e é coordenada desde sua criação pela autora e pelo Prof. Marcos Nascimento, ambos professores do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueira (IFF).

No segundo dia do evento, houve um encontro na Tenda da Ciência Virgínia Schall para troca de experiências. Nessa ocasião, tive a oportunidade de falar sobre a Agenda Laranja e, ao final, uma das meninas pediu o meu contato, pois desejava saber mais sobre a iniciativa. No fim de semana seguinte, ela me procurou e formamos um grupo de WhatsApp com a participação de 27 meninas.

Iniciei então uma relação de mentoria com as jovens, que tem incluído encontros coletivos e conversas individuais com o objetivo de refletir sobre gênero, representatividade, educação e ciência. Dentre as atividades realizadas, destaco a Oficina de escrita de cartas para si mesmas no futuro, como estratégia de elaboração e registro da experiência de terem participado do Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência na Fiocruz. O acervo dessas cartas foi utilizado como fonte primária para a elaboração de manuscrito (relato de experiência) submetido a uma revista de saúde coletiva em que 16 jovens foram autoras, tendo elas criado seus currículos Lattes e Orcid, de forma colaborativa, em função das dificuldades de acesso digital. O material também foi utilizado para a criação do roteiro do vídeo **Cartas ao futuro**² produzido pela Vpeic, em 2021.

Outra ação em 2020 foi a produção da série de lives Agenda Laranja+Meninas, composta de cinco encontros em que as pautas, produção de arte, divulgação, mediação e relatoria foram realizadas pelas jovens. Os eixos das pautas eram gênero, ciência, representatividade e juventude; nos encontros, abordaram-se os temas: projetos de vida; divisão sexual do trabalho e do cuidado; o trabalho acadêmico durante a pandemia de Covid-19; privacidade, segurança e sociabilidade nos espaços digitais; trajetórias e lugares de poder; representatividade política; racismo, LGTB+ e sexismo; ativismos e participação social; e juventude e direitos

humanos. Os encontros ocorreram de agosto a dezembro e foram transmitidos pelo **canal da Agenda Laranja IFF**³. No YouTube, houve mais de 1.500 visualizações.

Antes do início das *lives*, a partir de entrevista coletiva ao portal Mulheres e Meninas na Ciência na Fiocruz, algumas das meninas resolveram se organizar como grupo. Nascia o Motirõ, que em tupi guarani significa reunião de pessoas para colher ou construir algo juntas, umas ajudando as outras. Em seguida, criaram no Instagram o perfil **@grupo.motiro**⁴, com o objetivo de divulgar atividades da Agenda Laranja + Meninas e pautas voltadas para divulgação científica, saúde pública e direitos humanos.

O trabalho com as jovens teve apoio do Programa Mais Mulheres e Meninas na Ciência da Fiocruz, que me convidou para coordenar uma atividade com o Motirõ, voltada à programação do Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência de 2021. O objetivo foi a proposição de pautas sobre gênero, juventude e ciência, que pudessem contribuir para o planejamento de políticas institucionais, a partir das perspectivas das jovens.

AGENDA LARANJA E MOTIRÕ: ANO 2 DA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia de Covid-19 incrementou iniquidades, já que em momentos de crise securitária global são expostos antigos problemas estruturais, como a desigualdade de gênero. No caso de períodos prolongados de isolamento, é preciso estar atento às disparidades de gênero e geracionais, que colocam mulheres de diferentes idades em situação de maiores vulnerabilidades, local e globalmente.

Algumas meninas não voltarão às escolas ou não manterão seus planos de ser acadêmicas e cientistas no futuro, e muitas adaptarão seus projetos de vida em função de gravidezes



precoces. A desigualdade de gênero permanece nas relações públicas e privadas, retratadas pela divisão sexual do cuidado e do trabalho; interrupção do processo de escolarização; vulnerabilidade a diversas expressões de violência, além do racismo, misoginia e LGBTfobia, que se exacerbaram durante a pandemia. A ruptura e as irregularidades no processo de escolarização, incrementados pela conjuntura em que a ciência é negada e o desemprego e o subemprego crescem, ampliam as demandas dirigidas às jovens para acumularem responsabilidades domésticas e participarem do orçamento familiar. O risco de ampliação das iniquidades de gênero e de perda geracional é uma real ameaça para as meninas que sonharam um dia ser também parte da Fiocruz.

Devemos estar atentos aos desafios para construirmos novas estratégias.

A AGENDA LARANJA SE REAFIRMA NESSE LUGAR DE PROMOÇÃO DE ESPAÇOS DE REFLEXÃO SOBRE O FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E MENINAS, ASSIM COMO O ENFRENTAMENTO DE INIQUIDADES SOCIAIS, EM ESPECIAL AS DE GÊNERO, AS RACIAIS E AS GERACIONAIS.

2. Link para o Cartas ao Futuro:



3. Canal Agenda Laranja/Motirõ:



4. Perfil do Grupo Motiro



O Motirõ fez um ano, oito meninas entraram para universidade, outras persistem em seus planos de carreiras acadêmicas. Como uma delas me disse, quando eram crianças “existia o Ciência sem Fronteiras, hoje não existe mais”. Essa geração vislumbrou horizontes que estão sob ameaça com o desinvestimento em educação de qualidade, ameaça às instituições de ensino e pesquisa, retrocesso nas políticas públicas de inclusão e ampliação de direitos. Pela frente, elas têm que enfrentar velhos problemas estruturais, como violência de gênero, racismo estrutural e barreiras no acesso à saúde sexual e reprodutiva, além de novos desafios, como a atenção à saúde mental e a iniquidade digital. Mas também são elas que engendram outras formas de ativismo e que, com seus engajamentos juvenis, começam a tirar da invisibilidade violações à dignidade humana, como o caso da pobreza menstrual que afeta milhões de pessoas.

FORTALECER AS
POSSIBILIDADES
DE INSERÇÃO DE
MENINAS NEGRAS NO
CAMPO CIENTÍFICO



CASA DE OSWALDO CRUZ

MENINAS NEGRAS NA CIÊNCIA: A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE, DA CIDADANIA E DO EMPODERAMENTO

HILDA GOMES E ALINE PESSOA

Em 2017, o projeto **Meninas Negras na Ciência** foi idealizado por nós – Hilda Gomes e Aline Pessoa –, no âmbito do Museu da Vida/Fiocruz, a partir do trabalho desenvolvido como educadoras na relação com diferentes públicos. Para reforçar o compromisso social e político, reconhecemos a importância da Agenda 2030, adotada em 2015 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, cujo mote é “não deixar ninguém para trás”, fazendo referência à promoção do desenvolvimento de mulheres e meninas, durante os próximos 15 anos. Dados da ONU Brasil de 2017 evidenciam que, apesar dos importantes avanços das políticas de ações afirmativas, apenas 12% das mulheres negras têm acesso ao ensino superior, contra 23% dos(as) brancos(as). Assim, esse projeto dialoga com nove metas atreladas ao ODS 5, que vislumbra, de forma global, o alcance da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas.

Considerando esse contexto, o projeto foi delineado com o propósito de divulgar e popularizar a ciência como estratégia de promoção da saúde e da cidadania para meninas negras estudantes do ensino médio de escolas públicas localizadas em territórios socialmente vulnerabilizados da cidade do Rio de Janeiro. Cabe destacar que esse público foi escolhido por ser invisibilizado nas carreiras de ciência e tecnologia. Em 2019, a proposta foi submetida pela terceira vez, agora a um edital de fomento internacional, e, com isso, a farmacêutica multinacional

Merck S/A tornou-se parceira e viabilizou a realização do projeto.

Contudo, em virtude da pandemia de Covid-19, o projeto que aconteceria por meio de atividades educativo-culturais realizadas presencialmente precisou ser adaptado ao formato on-line. Assim, através de plataformas digitais, seguiu-se o percurso e realizaram-se os processos de seleção para composição da equipe – uma cientista social, uma estudante de jornalismo e uma designer – e das participantes do projeto.



Embora houvesse a expectativa de selecionar 25 meninas, o retorno das inscrições não foi como o esperado e, por esse motivo, alguns ajustes na chamada pública foram necessários, inclusive a ampliação do recorte geográfico de participação para estudantes de escolas públicas de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro. Analisamos a questão da baixa procura nos territórios socialmente vulnerabilizados de Maré, Manguinhos, Jacarezinho e Alemão (foco inicial do projeto) e reafirmamos como o atravessamento da desigualdade social acumula impossibilidades, como a dificuldade no acesso à internet e na aquisição de notebooks. Esses aspectos são fundamentais para uma segunda edição do projeto.

Uma vez configurados os ajustes necessários, essa etapa do projeto aconteceu entre dezembro de 2020 e julho de 2021 com a presença de dez meninas negras, na faixa etária entre 16 e 19 anos, residentes nas zonas norte e oeste do Rio de Janeiro. Foram realizadas 21 atividades síncronas e 15 assíncronas, que aconteceram em parceria com uma rede de trabalho colaborativo e participação de cientistas e movimentos sociais. As metas envolveram a produção de um vídeo, a criação do perfil [@meninasnegrasnaciencia](https://www.instagram.com/meninasnegrasnaciencia)¹ no Instagram, com postagens semanais de conteúdo relacionado aos temas debatidos no projeto e a seção “Cientistas Negras”, a participação em lives e a produção de artigo acadêmico (em curso).

A produção do audiovisual **“Meninas Negras na Ciência: fortalecendo a diversidade”**² encerra esta edição como um produto do projeto.

Por força do contexto pandêmico e da necessidade de distanciamento social, o curta foi elaborado a partir de conteúdo digital multimídia produzido nos encontros e de postagens nas redes sociais, protagonizado pelas integrantes do projeto, por convidadas e pela equipe. Seu objetivo está centrado em fortalecer as possibilidades de inserção de meninas negras no campo científico, destacando a importância das redes de apoio e políticas públicas. A narrativa apresenta a história e identidade do projeto, entrelaçando vozes, desejos, conquistas e desafios. Destaca ainda um recorte da realidade no que tange às questões que envolvem todas as formas de violência e as que atingem a população negra, em especial as juventudes periféricas.

Chegamos ao final desta edição com muita gratidão por termos feito o possível, dentro de uma realidade caótica de pandemia. Trabalhamos muito e superamos os desafios que se impuseram desde o início. Estamos dizendo um “até breve”, porque temos certeza de que o Meninas Negras na Ciência não termina aqui! Como equipe, construímos uma rede de relacionamento interpessoal e, com as dez integrantes do

projeto, ultrapassamos limites que pareciam intransponíveis. A cada convidada, nosso agradecimento por generosamente participar conosco, contribuindo para reflexão e empoderamento do grupo.

FIZEMOS ACONTECER POR MEIO DO TRABALHO COLETIVO, E ACREDITAMOS NA POTÊNCIA DO PROJETO, QUE TEM MUITO MAIS A DESENVOLVER.

Este “até breve” se faz necessário e urgente para que a resiliência presente e o esperar sigam firmes na luta em favor dos direitos de as meninas negras ocuparem todos os espaços que desejarem. Esse esforço não pode ficar somente no desejo, pois a construção de políticas públicas é que fortalece as ações afirmativas, promove a representatividade e contribui para a redução das desigualdades sociais.

1. Perfil do projeto Meninas Negras na Ciência:



2. Link do teaser documentário “Meninas Negras na Ciência: fortalecendo a diversidade”





PROMOVER A
IGUALDADE DE
GÊNERO É UM
COMPROMISSO
INSTITUCIONAL
DA FIOCRUZ

VICE-PRESIDÊNCIA DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

MENINA HOJE, CIENTISTA AMANHÃ

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE SAÚDE E MEIO AMBIENTE

CRISTINA ARARIPE FERREIRA, JOÃO MARCELLO BOUERI
ROSSIGNEUX E VALENTINA DOS SANTOS LEITE

“Ninguém fica para trás”. Esse é o lema principal da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada em setembro de 2015 por 193 países-membros durante a Cúpula das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) está alinhada aos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Agenda 2030, o que frisa o compromisso estratégico da instituição de promoção da saúde e de garantia dos direitos dos cidadãos brasileiros. Em consonância com o Artigo 225 da Constituição Federal de 1988, a Fiocruz busca um futuro mais igualitário, solidário e sustentável para as atuais e as próximas gerações.

Um dos projetos da Fundação responsáveis pela promoção dos 17 ODS é a **Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente (Obsma)**¹.

Voltada a alunos de colégios públicos e privados de todo o Brasil, a Olimpíada acontece a cada dois anos desde 2001, incentivando estudantes, professores e escolas da Educação Básica a realizarem trabalhos ou projetos pedagógicos. Sendo um dos seus pilares a promoção das discussões de saúde e meio ambiente, a Obsma cria espaços de discussão e reflexão sobre a construção de outra realidade possível. O objetivo é fortalecer nos estudantes o desejo de aprender, conhecer, pesquisar, investigar e estimular a realização

de trabalhos que contribuam para a melhoria das condições ambientais e de saúde no país.

Com a Obsma, a Fiocruz colabora também para uma sociedade com menos iniquidades e mais justiça social e ambiental. Os temas da redução das desigualdades e da valorização da diversidade, tais como previstos no Plano Nacional de Educação (2014-2024), são considerados pela instituição como “caminhos imprescindíveis para a equidade”.

Nesse sentido, o ODS 5 busca reduzir as desigualdades no acesso à educação, à saúde, à propriedade e à produção científica entre homens

1. É possível acessar diretamente o site da Obsma: .



e mulheres, objetivando garantir e promover vida digna para todas as mulheres (cis e transgênero) dentro dos limites planetários. Entendendo seu papel como agente de transformação social desde a sua origem, a Fiocruz também estimula iniciativas que permitam às meninas de hoje se tornarem cientistas amanhã, de modo a ampliar a presença delas nos campos da ciência e tecnologia.

É nesse contexto que nasce o prêmio “Menina Hoje, Cientista Amanhã”, lançado em 2020 – na 10ª edição da Olimpíada – junto a um livro digital homônimo em comemoração aos 120 anos da instituição. A finalidade do **Prêmio**² é incentivar o debate sobre igualdade de gênero e trajetórias profissionais femininas, além de realçar a importância de que as mulheres obtenham acesso à educação de qualidade e aos recursos de ciência e tecnologia.

A cada uma das edições do Prêmio, uma cientista de destaque terá a sua trajetória homenageada. Na edição de estreia, a escolhida foi a pesquisadora herpetóloga Bertha Maria Júlia Lutz, uma das cientistas brasileiras mais brilhantes da história e da Fiocruz. A homenageada na 11ª edição da Obsma (2021) é a protozoologista Maria von Paumgartten Deane, que, junto a seu marido, nomeia a Fiocruz Amazônia – Instituto Leônidas e Maria Deane³.

O prêmio é destinado a alunas e professoras do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e de todos os anos do Ensino Médio (incluindo Educação de Jovens e Adultos – EJA). A cada premiação, será selecionado um trabalho ou projeto inscrito que tenha sido desenvolvido exclusivamente por meninas e mulheres.

Afinal, promover a igualdade de gênero é um compromisso institucional da Fiocruz.

2. Para saber mais sobre o prêmio da 10ª edição, visite o link:



O livro digital pode ser baixado pelo link:

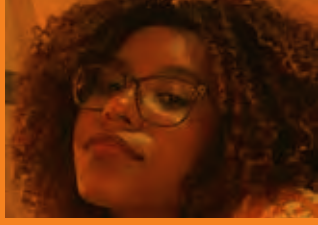
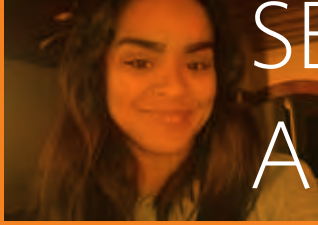


3. Link do prêmio da 11ª edição:



menina hoje, *cientista* *amanhã*





CANTE, ESTUDE,
SE DIVIRTA, FAÇA
ARTE E LEVE O
CONHECIMENTO
AO MUNDO, POIS
O CONHECIMENTO
MOVE MONTANHAS!

VOZES DO FUTURO: NARRATIVAS SOBRE MAIS MENINAS NA CIÊNCIA

AMANDA FORTE FERREIRA, ANANDA SANTANA MATEUS, CAMILY EVANGELISTA DE ALMEIDA, CLAUDILENE SILVA GONÇALVES, CORINA HELENA FIGUEIRA MENDES, DAIANA GALDINO PINTO DA SILVA, EMILLY YORIO CAMARGO BARBOSA, ESTEPHANE GONÇALVES SANTOS, JULIANA MACHADO SANTOS, LETICIA LUCAS MATTOS, LETÍCIA NUNES BARROS RODRIGUES, LUANA LINDA DA SILVA, MANUELLA VITÓRIA ALVES DA SILVA, MARIA EDUARDA BENTO SAMPAIO, MARIA EDUARDA MONTEIRO DA SILVA MARQUES, MARIA LUIZA MOREIRA DOS SANTOS E MILENA MOTA DA SILVA RODRIGUES

O COMEÇO

Em fevereiro de 2020, celebrando o Dia Internacional de Mulheres e Meninas na Ciência, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por meio do Programa Mais Mulheres e Meninas na Ciência, da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic), realizou atividades em diversas de suas unidades com o intuito de promover a equidade de gênero na ciência. No Rio de Janeiro, professoras, pesquisadoras, técnicas, estudantes e gestoras receberam em seus espaços de práticas sociais, acadêmicas e científicas, 51 estudantes do ensino médio da rede pública da região metropolitana do Rio de Janeiro. Para as meninas, esse encontro foi uma experiência motivadora que as fez pensar sobre seus sonhos e sobre como

se viam diante de possíveis cenários profissionais, suas trajetórias e projetos de vida, e a possibilidade de estar em lugares que antes não julgavam possíveis, como a Fiocruz.

O evento aconteceu em 10 e 11 de fevereiro, sendo que no primeiro dia as meninas se viram pela primeira vez no campus de Manguinhos e foram conduzidas para diversas unidades, de acordo com seus interesses informados na etapa de seleção do projeto. No dia seguinte, houve um grande encontro que as reuniu com trabalhadoras da Fiocruz, em um talk show transmitido pelo Canal Saúde. Na manhã de interação, evidenciou-se a emoção entre as presentes e, com participação ampla que envolveu familiares, foram dados depoimentos

sobre o que é fazer ciência, projetos de vida, representatividade e inclusão, com ênfase nas questões de gênero e raciais.

Como pesquisadora¹ da instituição, participei dessas atividades e, passados alguns dias, uma das meninas fez contato comigo, buscando conhecer a Agenda Laranja², trabalho que eu mencionara durante o evento. Essa iniciativa, originada no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) em 2016, consiste em encontros voltados para trocas de informações e reflexões sobre gênero, saúde e iniquidades sociais, a partir do marco dos direitos humanos, tendo o propósito de contribuir para o fim da violência contra mulheres e meninas. A partir do contato inicial, foi criado um grupo de WhatsApp que incluiu 27 meninas e os coordenadores da Agenda Laranja. O objetivo era planejar uma sessão que seria organizada por elas, cuja pauta, preliminarmente definida, foi O impacto psicológico da rivalidade feminina. Por consenso, decidiu-se que o encontro ocorreria nas férias escolares, no campus de Manguinhos, em função de sua localização facilitadora para os deslocamentos das participantes que residem na região metropolitana do Rio de Janeiro.

A proposta ficou suspensa devido à pandemia de Covid 19. No entanto, o entusiasmo das meninas e a construção de vínculo entre elas, conosco e com as ideias que tinham sobre a Agenda Laranja foram se incrementando através de encontros virtuais. Nesse processo foram sendo delineadas pautas a partir dos interesses delas, que sinalizavam não só para as temáticas discutidas até então pela Agenda Laranja, mas principalmente para as repercussões do evento de fevereiro em suas vidas. Os interesses e indagações foram então sistematizados nas seguintes propostas para encontros virtuais: a ampliação das fronteiras do que é ciência e a realização de pesquisa nas diferentes áreas de conhecimento; as representatividades de gênero e racial na ciência e nas escolhas profissionais; os projetos de vida e desafios entre maternidade e trabalho, e a divisão sexual do cuidado e do trabalho. Assim, começou em agosto a série de encontros denominada Agenda Laranja Mais Meninas, em que as meninas foram protagonistas na concepção, organização, construção de identidade visual, mediação e divulgação de atividades mensais que se estenderam até dezembro³.

As pautas refletiam o vínculo e o sentimento de pertencimento que elas construiriam com a Fiocruz. A experiência de fevereiro as emocionava, e ainda as emociona, fazendo com que questionassem se as pesquisadoras que as receberam também haviam sido, como elas, afetadas pelo encontro. Desejavam expressar para a Fiocruz o quanto o evento as marcou, esperando que o mesmo se repetisse nos anos seguintes, possibilitando para outras meninas a oportunidade que tiveram, e almejando, no futuro, ocuparem lugares na ciência brasileira juntamente com as pesquisadoras que lá conheceram.



FOTO: PETER ILICIEV | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

CORRESPONDÊNCIA: EXPERIMENTAÇÃO E ESCRITA DE SI

As meninas, em sua grande maioria, em função da pandemia de Covid-19, não voltaram a se ver desde fevereiro de 2020, sendo o encontro presencial adiado pelo isolamento social. No entanto, com a destreza do que Michel Serres (2018) nomeia de “geração Polegarzinha”, elas são nativas do mundo virtual, utilizando e se apropriando dos recursos digitais disponíveis.

Mas as entradas e saídas inesperadas das salas virtuais sinalizam que o processo de transitar nas esferas digitais não se dá de forma equânime. É preciso compartilhar celulares e outros equipamentos com seus familiares, é preciso compartilhar espaços físicos e virtuais nos desafios de sociabilidade no contexto do isolamento social, nas restrições

do ir e vir, nas fraturas das linhas do tempo, que passou a não ser mais contado em minutos, horas, dias, meses, anos, como fazíamos antes. Elas estavam em tempo de espera e de suspensão.

Dentre as meninas, havia as que tinham aula remotamente, assim como aquelas que precisavam buscar motivação e meios para estudar diante da interrupção do ano letivo. Isso em um ano em que quase todas pensaram que a maior preocupação seria o Enem. Como nunca havia sido imaginado antes, a não ser na ficção, o acesso às tecnologias digitais de informação e

comunicação se configuraram como um novo mundo, este também marcado pelas desigualdades estruturais.

Imersa nessas reflexões e na tagarelice das meninas nos encontros pelo Meet e conversas pelo WhatsApp, pensei na proposta de um exercício de elaboração sobre a experiência de fevereiro daquele ano e, também, que as aproximasse do processo de escrita acadêmica. Surgiu então a ideia de escrevermos um texto coletivo, em formato de relato de experiência, e submetê-lo à chamada do número especial Mulheres, Ciências e Saúde na revista Saúde em Debate, que integra as comemorações dos 120 anos da Fiocruz.

Construir essa narrativa com elas também me pareceu uma oportunidade para conversar sobre diferentes elementos da prática científica, além da escrita acadêmica e o lugar da criatividade e motivação, como ética e responsabilidades em pesquisa, autoria e trabalho colaborativo. E qual não foi minha surpresa ao saber que algumas delas já tinham seus currículos Lattes.

A construção de um manuscrito coletivo se configurava um caminho para além do exercício de registrar as experiências de cada uma de nós, pois naquele momento o “nós” já se fazia presente na relação com elas. Foi a partir desse momento, após refletir sobre o lugar que ocupava junto às meninas – considerando os afetos, as delegações, as repercussões e as responsabilidades institucionais – que comecei a trabalhar e nomear o meu lugar como de mentora. Compartilhar com meus pares a experiência da relação peculiar construída com elas passou também a ser algo que eu buscava. Mas o desafio não era só sobre o que eu tinha para dizer sobre essa experiência com as meninas e sobre o que elas tinham a rememorar sobre fevereiro, mas também sobre como é possível a escrita que se reconheça autoral, considerando diferentes competências e habilidades de cada uma.

A escrita de cartas foi a estratégia escolhida para a construção de narrativas sobre os efeitos da experiência inaugural na Fiocruz. Após conversarmos sobre a utilização desse gênero de escrita, acordamos que possibilitaria o compartilhamento de suas histórias, trazidas oralmente nos encontros on-line e que isso criaria um jogo biográfico coletivo. A proposta foi que cada uma escrevesse uma carta para si no futuro, narrando a experiência do evento de fevereiro.



No exercício que denominamos “Cápsula do Tempo”, 16 meninas escreveram cartas que foram compiladas por mim no que chamamos acervo de cartas, e compartilhado com todas do grupo. Elas propuseram que eu também escrevesse uma carta, seguindo as mesmas regras em relação a minha destinatária futura, mas que nesse caso, eu a leria para elas antes de compartilhar o texto. No entanto, decidimos que minha carta não comporia o acervo trabalhado nesse manuscrito.

Escrever cartas foi pensado com elas como uma antiga forma de comunicação entre pessoas que desejam compartilhar sentimentos, conhecimentos, ideias sobre si e o mundo. O uso de cartas na escrita foi exemplificado pelos livros *Para educar crianças feministas*⁵, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adiche⁶ e *Se não fosse por você, eu não estaria aqui. Cartas para quando eu era adolescente*⁷, e-book da Flipop 2020⁸.

Nem todas as meninas do grupo de WhatsApp escreveram cartas. No entanto, quatro meninas que participaram do evento de fevereiro, ao saberem dessa proposta, enviaram suas cartas. O exercício possibilitou a construção de espaços de escrita, nos quais o jogo sutil em que elas escreviam a si e liam seus escritos e os das outras, foi encadeando, através da sensibilidade, a produção de uma memória que ainda não haviam alcançado.

Concomitantemente a esse movimento de escritas, após participarem de uma entrevista para o Portal Mulheres e Meninas na Ciência da Fiocruz, algumas das meninas decidiram escolher um nome que representasse o novo coletivo que surgia. Após alguns dias de discussões das quais não participei, surgiu o *Motirõ*, palavra que em tupi-guarani significa reunir pessoas para a colheita ou a construção de algo em conjunto, sempre ajudando umas às outras. As meninas, com suas delicadezas e vontades de fazer algo significativo, propunham um caminho a ser construído de forma colaborativa, com a ousadia necessária em tempos difíceis.

Após a leitura de cada carta e do acervo como uma unidade, comecei a decompor seus textos, considerando a sequência temporal que utilizaram, que começava quando elas souberam da chamada para o projeto “Mais Meninas na Ciência”, continuando até as repercussões posteriores e as reflexões sobre seus projetos de vidas. A seguir, com atenção à representatividade de todas, agreguei trechos, frases e parágrafos na forma de uma nova carta. A proposta era que o texto se configurasse como uma unidade com muitas vozes, em registro polifônico, reconhecido por elas como uma obra coletiva.

DE VOLTA A FEVEREIRO:**16 cartas ao futuro**

Cara eu do futuro.

Estou aqui para relembrar um momento muito importante e decisivo na sua vida. Tenho esperança que você esteja onde sonhou e com a mesma motivação que cobriu todo o seu corpo durante o “Mais Meninas na Ciência”.

Ao abrir essa carta, espero que ainda seja esplêndida e singela a memória dos dois dias mais fascinantes do ano de 2020, que foram o combustível que faltava para nos dedicarmos à nossa jornada.

Vamos voltar no tempo? Gostaria de voltar aos dias 10 e 11 de fevereiro de 2020, um mês e poucos dias antes do início da quarentena. Ou talvez até um pouquinho antes.

Tudo começou em 13 de janeiro, quando minha professora mandou um e-mail falando sobre a seleção de alunas da rede pública para conhecer a Fiocruz de perto. As estudantes escolhidas acompanhariam a rotina de mulheres cientistas. Aquele e-mail veio no melhor momento!

Para fazer a inscrição era preciso responder a duas perguntas. Qual a mensagem que uma mulher cientista traz para a sociedade? Qual o impacto que isso causa na vida de meninas que sonham em ser cientistas, porém ainda têm certo receio? Quando li a primeira comecei a pensar sobre a questão da representatividade feminina e a sua importância. Pensar que, ao fazer a inscrição no projeto, você não fazia ideia do quão permanentemente transformada sairia.

As visitas diárias ao site Fiocruz resultaram na descoberta do projeto “Mais Meninas na Ciência”. Sua inscrição foi um momento de muita alegria. O mês de janeiro passou voando

e pouco depois o resultado final saiu. Infelizmente você não estava entre as selecionadas, mas para surpresa de todos a notícia não te entristeceu. Acredito que no fundo você sabia que algo bom ocorreria. Mais alguns dias e o cenário mudou completamente, pois havia uma vaga livre e você era a primeira na lista de espera.

Com certeza você vai se lembrar do surto que você deu quando olhou seu e-mail: Você foi selecionada para o Mais Meninas na Ciência 2020.

Uma ansiedade enorme preencheu o meu peito quando voltei da escola e minha mãe falou que haviam ligado da Fiocruz e que eu, nós, você do futuro, tínhamos sido escolhidas. Depois de ter pensado muito, prorrogado a inscrição e conseguido dizer em até 100 palavras qual a importância da mulher na ciência!

Lembro como se fosse ontem quando meu pai disse que a Fiocruz tinha me chamado. Gritei muito, pois naquele momento, percebi que o meu sonho de conhecer aquele lugar maravilhoso iria se realizar, e quando entrei por aqueles portões em fevereiro, meu coração pulou.

Tantas meninas igualmente incríveis se inscreveram, mais de cem, e alguém leu minha inscrição e pensou que eu seria necessária ali, que tinha um lugar para mim. Foi a primeira coisa que eu pensei quando recebi o e-mail dizendo que tinha sido aprovada. Acho que ao mesmo tempo em que eu estava eufórica, ainda tinha medo de algo dar

errado. Além das inseguranças sobre carreira, tinha o não saber se merecia de fato aquela vaga, ser mulher e querer ser acadêmica, mas não achar que pode. Medo de não conseguir mostrar quem eu sou de verdade.

Você aguardou ansiosamente pelo dia da visita e descobriu que não estava sozinha nessa, um grupo com todas as meninas que participariam do evento foi criado e você pôde compartilhar com elas suas expectativas. Aquele grupo onde a gente já foi se conhecendo, se tornando uma irmandade.

Eu mal tinha acordado e já estava a mil e com várias perguntas na minha cabeça: como eram as pesquisadoras? Qual o laboratório eu ia visitar? Será que vou fazer amizades?

Um dia, não como qualquer outro, um dia em que, a cada passo dado, o coração batia mais forte, o sangue fervia, mas de uma maneira gostosa. As borboletas no estômago eram diferentes, o nervosismo era bom.

No primeiro dia, já estávamos lá, às seis da manhã, conversando com outras meninas na recepção da Fiocruz, quando estava marcado para as oito horas!

Acordei cinco horas da manhã para sair de Niterói, eu e minha mãe não sabíamos como chegar à Fiocruz, chegamos lá duas horas antes, mas sem problemas. Foi incrível, acabei conhecendo melhor algumas meninas.

Eu fui de trem de Queimados à estação Manguinhos. Quando cheguei, queria correr para chegar logo, mas decidi andar normalmente, para não chegar suada. Chegando lá, logo recebi um kit com alguns itens bastante úteis, além da blusa memorável.

Confesso que no primeiro dia de evento cada detalhe foi uma grande descoberta. Ao chegar na Fiocruz você caminhou sozinha durante uns minutos até encontrar as meninas. O primeiro contato com elas foi um pouco acanhado, mas logo todas se soltaram, depois das apresentações, selfies e “abrações”.

CONHECI VÁRIAS MENINAS INCRÍVEIS, PARECIAMOS SER TÃO IGUAIS, TODAS COM OS OLHOS BRILHANDO POR ESTAREM LÁ, MAS AO MESMO TEMPO TÃO DIFERENTES. CADA UMA TINHA SEU OBJETIVO E QUERIA VISITAR UMA PARTE DISTINTA DA FUNDAÇÃO.

Por muitas vezes vivemos momentos e não percebemos o quanto eles irão ser importantes para nossa trajetória, não percebemos o quanto aquilo nos fez mudar de alguma forma. Mas naquele dia, a cada vez que nosso coração batia, tínhamos certeza que nossa vida mudaria.

No horário combinado fizemos a abertura do evento, as meninas foram divididas em grupos, de acordo com a área de interesse que escolhemos na inscrição.

Ao chegar lá, eu me deparei com uma instituição maravilhosa, cuja essência vai muito além de cientistas com jalecos, laboratórios e amostras. Tive a honra de conhecer o Icict. A biblioteca é aberta ao público, são mais de 19 bibliotecas além da principal, que era no Castelo, mas agora lá só ficou a seção de obras raras. Aprendemos sobre o acesso aberto, que é onde podemos ver pesquisas, que são liberadas e que não são patenteadas.

Estou aqui para lembrar um momento muito importante e decisivo na sua vida. O dia que você conheceu o Instituto Fernandes Figueira⁷. De início você se sentiu confusa, como tinham associado psicologia a um instituto que cuida da saúde da mulher, da criança e do adolescente? Chegando lá, conheceu algo além das suas expectativas e finalmente se encontrou profissionalmente. Espero que tenha alcançado o sonho de ser uma psicóloga e pesquisadora da Fiocruz. Estar no meio de mulheres extremamente qualificadas e acolhedoras te motivou a estudar e conquistar seu espaço na sociedade. Eu lembro o nome de cada uma até hoje, porque enquanto falavam eu fui gravando por pura emoção.

Você pode conhecer a área de “paleoparasitologia” e um laboratório composto por mulheres. Pode ver o acervo, ver alguns animais em conserva e participar de uma reunião com a equipe. Enquanto andávamos, por onde a pesquisadora passava era nítido os olhos das pessoas brilhando, principalmente os seus.

Ver pela primeira vez um laboratório foi algo que marcou nossa vida, pois foi a primeira oportunidade que tivemos de imaginar aquele lugar como o nosso futuro local de trabalho. Estar num ambiente tão acolhedor nos fez acreditar que diversas pessoas acreditam na nossa capacidade, de um dia, talvez, ser uma futura colega de trabalho daquelas pesquisadoras.

Posso afirmar que foi um dia atípico, tanto para você quanto para os funcionários do laboratório, afinal eles estavam recebendo uma visitante tagarela e curiosa. Uma roda de conversa com todas as mulheres da equipe e cada uma pôde compartilhar sua carreira profissional. Durante

a conversa, você se sentiu acolhida e uma esperança nasceu em seu peito, pois depois de escutar muitas histórias de vida, você se sentiu motivada e percebeu que a área da pesquisa também é possível para a mulher brasileira. Eu pude conhecer como os animais de laboratórios são cuidados no ICTB, como os profissionais, a maioria mulheres, têm dedicação e carinho no cuidado com os animais da unidade. As profissionais nos mostraram que elas estão sempre tentando reduzir o número de animais usados em experimentos e o sofrimento deles.

Alguns anos atrás, quando você visitou a Fiocruz pela primeira vez, nunca imaginou que teria a honra de estar na ENSP. Todo o conhecimento e emoção que sentimos foram extraordinários, leve isso até o seu último respirar.

Houve algo que você ouviu que nos marcou e, desde então, carrego a Fiocruz no meu coração com um amor incondicional: *A Fiocruz faz muita inclusão e a maioria do nosso corpo técnico é mulher*. Tínhamos acabado de dar carona para uma pessoa surda. Ouvir isso sobre uma instituição tão importante e que, ainda sim, busca dar oportunidades a pessoas que são rejeitadas pelos mercados de trabalho, me traz um arrepio e um choro orgulhoso.

Aprendemos que lá tem muitas mulheres, sem jaleco e com jaleco, negras e brancas, e que saúde é tudo, e o SUS é mais que tudo, e que te acompanha a vida toda, do seu nascimento a sua morte. Desmistificamos a imagem de cientista como homem, branco de jaleco e que saúde é só hospital, laboratório, onde tem tubos de ensaios e experimentos.

TALVEZ OS NOMES NÃO ESTEJAM COM EXATIDÃO, MAS VOCÊ LEMBRA DE CADA ROSTO E NITIDAMENTE DAS PALAVRAS. PRINCIPALMENTE SOBRE REPRESENTATIVIDADE.

Quero que você saiba que escutar de uma mulher, que podemos ter calma e que não precisamos embarcar nessa realidade imediatista, lhe gerou um grande conforto e você conseguiu confiar ainda mais nas suas próprias escolhas.

Eu notei o jeito das mulheres que nos acompanharam na visita. Anos mais velhas, trataram a gente com um jeito carinhoso e meio materno. Mas elas entendiam que nós, possivelmente, seríamos elas daqui a alguns anos. Que talvez aquela experiência fosse só o empurrãozinho que faltava. Elas nos olhavam com o olhar afetuoso de quem um dia já sentiu o entusiasmo que a gente estava sentindo com aquelas mil coisas novas e com um futuro de possibilidades. É doido como uma coisa dessa muda, de algum jeito, a forma como você vê o mundo, sabe? Embora ainda com 15 anos na época e muitas dúvidas sobre o que eu quero ser, ver 51 meninas que eram tão diferentes e tão parecidas comigo ao mesmo tempo e conhecer tantas mulheres em dois dias me fez enxergar algumas coisas de forma diferente.

O dia 11 foi épico, aquelas câmeras e todas as meninas juntas, provocaram uma sensação de euforia. Nesse dia, eu ri de tanta emoção e alegria, minha face chegou a doer! O evento foi uma espécie de talk show, você teve a oportunidade de conhecer mulheres fortes, inteligentes e incríveis. Ao sair do evento senti que podia conquistar o mundo. Elas te mostraram que, ao contrário do que te disseram, a ciência está presente em todas as áreas e em todos os detalhes do seu dia.

Minha primeira vez em um auditório, cheio de câmeras, ao vivo, só com mulheres protagonistas, como a presidente da Fiocruz, Nísia Trindade Lima; Cristiani Machado, vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação; Mychelle Alves, doutora em Química, pesquisadora e vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz; Hilda Gomes, do Comitê Fiocruz Pró-Equidade de Gênero e Raça, bióloga e educadora do Museu da Vida da Casa de Oswaldo Cruz; e Astrid Bant, representante do Fundo de População das Nações Unidas no Brasil.

Foi uma experiência única, eu pude compartilhar minhas experiências, minha mãe também. Foi superemocionante, agradeço à tecnologia e ao Canal Saúde por ter feito a transmissão ao vivo e deixar disponível no YouTube. Quando sinto saudades, eu posso assistir novamente e aprender.

A mensagem da presidente da Fiocruz, em Genebra, foi a parte que mais me tocou, porque eu pensei: se ela chegou lá, eu também tenho potencial de chegar aonde eu quiser.

Durante aquela manhã o que mais te alegrou foi conhecer mulheres negras que ocupavam aquele espaço, mulheres que enfrentaram diversas questões sociais e naquele momento puderam compartilhar “o saber” com dezenas de estudantes. Cada menina vinha de uma realidade diferente, mas todas se sentiram representadas.



Confesso que chorei muito com os depoimentos, dava vontade de abraçar cada pessoa lá presente.

ESPERO QUE DAQUI A ALGUNS ANOS EU ESTEJA NO PROJETO, MAS COMO PESQUISADORA!

Há dois anos você apresentou seu primeiro projeto naquela Feira e você escutou que aquilo não era ciência, no máximo algo filosófico, que mulheres não conseguiriam estar em todas as áreas.

Às vezes nós achamos que não somos tão dignas assim, ou capazes ou até mesmo inteligentes o suficiente para participar de coisas

acadêmicas. Através das histórias contadas você conseguiu expandir os seus horizontes, e a partir daí teve mais um motivo para tentar romper o mundo limitado que o sistema oferece para pessoas como você.

Passar por essa experiência lhe gerou uma mudança, você conseguiu ter esperança no seu futuro profissional. Espero do fundo do meu coração que você tenha conseguido concretizar seus sonhos, sejam eles quais forem, mas o meu desejo mais profundo é que você siga a sua vida com felicidade e harmonia.

PORTANTO, NÃO DESISTA DE SI, NÃO DESISTA DA CIÊNCIA! ENCARE TUDO QUE VIVEU LÁ E VIU COMO EXPERIÊNCIA GRATIFICANTE, DE TER EXEMPLOS E UM DIA PODER SER EXEMPLO E INSPIRAR NOVAS MENINAS. MOSTRE QUE CADA UMA TEM SEU LUGAR E TEM O DIREITO DE REIVINDICÁ-LO.

Mulher, essa é a chave de tudo, sua essência, seu dever de existir. Independentemente do que tenha escolhido, seja a área da saúde que tanto ama ou algo totalmente diferente do que eu, do passado, imagino. Lembre-se das mulheres e meninas que conheceu, se inspirando na Fiocruz.

No dia em que escrevo, eu ainda não sei a carreira que quero seguir, provavelmente será Biologia, atuando como pesquisadora, mas no meio disso tudo, eu ainda posso virar uma cineasta. A escolha sobre o que seguir é difícil, contudo, uma certeza eu tenho: eu quero ser uma mulher que influencie outras mulheres assim como todas aquelas me influenciaram.

Espero que a visita a Fiocruz tenha sido tão importante para você como agora está sendo para mim. Ela me ajudou a tomar a decisão do meu futuro. Espero que você esteja feliz, trabalhando com o que gosta, num laboratório importante (talvez na Fiocruz) e com as meninas que conheci no evento. Seria incrível poder acompanhar a jornada delas, cada uma na sua área de interesse e continuarmos juntas, para que possamos fortalecer a atuação das mulheres na área científica do nosso país.

Lembre-se do rosto, da voz, desse grito de resistência e bravura que vinha dos olhos das pesquisadoras e te dava arrepios de emoção. Lembre-se de seu coração batendo acelerado quando o impossível, de repente, tornava-se possível: mulheres ocupando posições que são consideradas historicamente masculinas.

Como uma menina, que em breve se tornará uma mulher, não se esqueça que a ciência te acolhe de braços abertos. Que houve e há muita luta, mas portas foram bravamente abertas por outras mulheres que vieram antes de você e fertilizaram o solo para que hoje você pudesse ocupar esse lugar.

Só nós sabemos o quanto foi difícil conseguir chegar até a Fiocruz, principalmente tendo um pai analfabeto e uma mãe com pouco estudo, que não deram tanta importância para essa conquista. Lembre-se que é possível e que você não está sozinha.

Desistir nunca foi e nunca será uma opção. Então, viva! Cante, estude, se divirta, faça arte e leve o conhecimento ao mundo, pois o conhecimento move montanhas!

Agora, você tem um compromisso com o futuro, para dar continuidade ao que foi iniciado, para inspirar mais meninas e mostrar que não importa se o machismo estrutural tentar nos oprimir, o conhecimento científico também é feminino e há, e sempre há de haver, espaço para nós.

Escrevo-te para quando pensar com carinho e lágrimas nos olhos sobre aqueles dois dias, recordar-se das mulheres incríveis que abriram não só as portas de suas salas e laboratórios, mas o coração para compartilhar a história que as atravessava.

ESPERO QUE DAQUI A ALGUNS ANOS, QUANDO ESTIVER LENDO ESTA CARTA, VOCÊ ESTEJA NO LUGAR ONDE VOCÊ QUEIRA ESTAR.

Vai ser bom olhar para tudo isso no futuro e pensar no quanto fui feliz naqueles dois dias, no quanto isso tudo foi enriquecedor pra mim.

Eu espero que você tenha tanto orgulho de você quanto eu tenho. Sempre que pensar em desistir ou se sentir insegura, pense em como você se sentiu naquele dia e em como as oportunidades podem tocar o nosso coração de uma forma que nunca mais iremos esquecer.

Espero poder escrever para vocês novamente daqui a alguns anos e relatar que nós conseguimos, e ainda estamos juntas mudando esse “mundão”.

Que esta enorme carta te ajude a reconhecer um pouco dessa experiência, como ela me ajudou a lembrar aqueles dias que foram um divisor de águas na minha vida, e na nossa futura carreira.

Sua carta é pequena, mas você vai ressignificar cada palavra para o que você vive no seu agora!

Desde já, agradeço pela pessoa que você se tornou.

PS1. Logo após o evento você recebeu a notícia que já passou para a faculdade. Eu espero que você vá muito além do que ousou sonhar. E que não se esqueça do que esses dois dias do evento te ensinaram: **o lugar da mulher é onde ela quiser.**

O seu lugar é na bancada do laboratório, é na biblioteca, é na sala de aula, é escrevendo, é na Antártica, é acreditando que pode mudar o mundo, assim como elas mudaram o seu. Espero que você seja um pouco do que elas te inspiraram.

PS2. A Fiocruz vai ter que abrir muito edital daqui a alguns anos para essas 51 meninas trabalharem lá, cada uma na sua área (TI, Educação Física, Veterinária, Designer, Fotografia, Medicina, Computação, Física, Jornalismo, Psicologia, Química, Biomedicina ...). Aprendi isso também, a Fiocruz é muito plural.

TÃO LONGE, TÃO PERTO: JOGOS COM O TEMPO E DIÁLOGOS FANTÁSTICOS

Como evitar a corrosão e sedimentação do tempo a não ser por suas dobras, onde estão alojadas nossas memórias? E ao dobrá-lo, entender que as memórias não são ilusões, passam a ser criação.

Que maravilhoso seria podermos reter aquele momento em que nossas vidas tomaram um novo rumo. A cada segundo, a cada decisão, pensada ou não, um novo caminho se bifurca. Como seria se, por um capricho da vida, alguns grãos do tempo permanecessem em nossas mãos e se juntando aos que também ficaram nas mãos das outras, pudessem ser vistos e nomeados, não mais como grãos, mas como terra. Terra como lugar de origem onde estão os brotos de nossos caminhos.

Para um grupo de meninas, algo começou ao saberem de uma chamada pública e terem seguido a curiosidade e o sonho. Através da professora, da amiga, da irmã ou de um gesto casual, 51 meninas chegaram à Fiocruz no dia 10 de fevereiro de 2020. Mesmo antes de se verem pessoalmente, já se conheciam pela noite que antecedeu ao primeiro encontro. Não por acaso, mas pelo afeto, foram se conectando pelos seus celulares. Quanto mais o relógio contava o tempo daquela noite, mais próximo ficava o momento do encontro.

Com as habilidades das nativas da geração Z, uma noite sem dormir não representa nada diante da vida que desejam ter pela frente. Era mais um capítulo da história que estão escrevendo.

Os encontros com elas, as conversas e as trocas de mensagens ao longo dos dois últimos anos trouxeram à tona pautas esboçadas para as cinco sessões da Agenda Laranja Mais Meninas e outras ações que se estenderam em 2021. Porém, foi pela escrita das cartas e da leitura destas que ficou claro sobre o que elas querem falar, ouvir e serem ouvidas.

Através do jogo de envios e recebimentos de cartas, compartilhamos o exercício criativo de enquadrar um acontecimento, no qual memórias e identidades se desvelaram em suas potências, tensionando as fronteiras da experiência individual, eclodindo em uma narrativa coletiva.

Mesmo antes do encontro em fevereiro, algumas das meninas já haviam investigado umas sobre as outras nas redes sociais, outras se conheciam da escola, mas nada garantia as afinidades e as combinações que não dependiam só delas. Envolve o que iriam encontrar num certo reino da ciência encravado na Av. Brasil para onde foram se aventurar. Os limites desse reino são maiores que o esperado, ele se espalha pela cidade, está em bairros tão distantes dos trajetos cotidianos, pelo país, pelo mundo. Elas descobriram que ele está em cada uma delas. Tudo aventura! Tudo excitação! Nada será como antes, já chegamos até aqui, estamos na Fiocruz!

AGRADECIMENTOS

A Cristina Araripe e à equipe da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação (Vpeic) pela criação e condução do Programa Mais Mulheres e Meninas na Ciência e pelo apoio às iniciativas posteriores que envolveram as parcerias da Agenda Laranja com o Motirô e demais meninas autoras desse texto.

A Marco Antônio Ferreira do Nascimento pela parceria, estímulo e generosidade na condução da Agenda Laranja e engajamento nas pautas sobre gênero e juventude.



REFERÊNCIAS

GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nácia Battella (org.). *Prezado senhor, Prezada senhora: estudo sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

1. O texto é escrito na primeira pessoa do singular por Corina Helena Figueira Mendes, a não ser na seção “De volta a fevereiro: 16 cartas ao futuro” e algumas frases do final. Tal decisão foi tomada para que houvesse uma narradora que conduzisse os caminhos da escrita. No entanto, a decisão de que a autoria do texto é colaborativa denota uma posição ética, estética e política com relação ao trabalho desenvolvido com as meninas, que não são participantes, colaboradoras ou coautoras, mas autoras. Essa foi uma condição inegociável para a publicação do texto.

2. Iniciativa criada e coordenada conjuntamente com Marcos Antônio Ferreira do Nascimento, professor e pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz atuando no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF).

3. Os cinco encontros estão disponíveis no canal do YouTube da Agenda Laranja IFF



4. O material também foi utilizado para a criação do roteiro do vídeo *Cartas ao futuro* produzido pela Vpeic em 2021



5. E-book publicado pela editora Companhia das Letras; 1ª edição (26 set. 2014). Disponível gratuitamente pela Amazon.com.br.

6. As meninas receberam em casa, de surpresa, um dos três livros da autora – *Sejamos todos feministas, Para educar crianças feministas: Um manifesto e O perigo de uma história única*. Os livros contribuíram para reflexões sobre relações de gênero, cultura, feminismo, representatividade e literatura.

7. Festival de literatura pop com foco nos jovens leitores, que discute temas como representatividade e leitura na adolescência, que em 2020 teve sua 4ª edição, a primeira em plataforma digital.





PARTE 3

MULHERES
NO ENFRENTAMENTO
À COVID-19
NA FIOCRUZ

ESSA TEM SIDO
UMA EXPERIÊNCIA
QUE ME ENSINOU
MUITA COISA, SEM
DÚVIDA NENHUMA.
ACHO QUE EU
PUDE CONTRIBUIR
EM NOME DA
INSTITUIÇÃO



PARA O COMBATE À DESINFORMAÇÃO, O DIÁLOGO COM A SOCIEDADE

MARGARETH DALCOLMO

Como pneumologista e pesquisadora clínica da Fiocruz, neste momento eu desenvolvo protocolo de pesquisa de fase três com a vacina BCG para a Covid-19, que é outro estudo da Fiocruz, desenvolvido em dois sites da Fundação, aqui e em Mato Grosso do Sul. É uma nova contribuição que a Fiocruz poderá dar a este processo. Como pneumologista, fui a Brasília com os colegas do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI) assessorar o ministro Mandetta, no início do mês de março. Lá, nós revimos os algoritmos, tivemos contato com colegas de outros países, de especialidades intensivistas, basicamente, visto que tratei os primeiros pacientes de Covid-19 logo após o carnaval. Ou seja, a doença chegou para nós como uma pneumonia atípica de pacientes de classe média alta que chegavam de avião da Europa ou da Ásia. Foi isso que chegou para nós.

Fui de lá para São Paulo, gravei uma live para um site de pneumologia, que me pediu para fazer um resumo da reunião de Brasília da qual havíamos participado com vários médicos da Fiocruz, do Instituto Fernandes Figueira, do INI. Eu gravei essa live e foi muito curioso. Só no dia seguinte entendi o impacto causado, porque eu era um pouco inocente em relação a essa força das redes sociais, para o bem e para o mal. Hoje, eu tenho uma visão muito crítica, e declarei isso recentemente: como as redes sociais têm feito mal na divulgação de informações equivocadas, maliciosas etc. E, naquele momento, sete ou oito horas depois, o colega com quem eu tinha gravado me enviou uma mensagem dizendo que a live que tínhamos feito, com o resumo do que tinha sido a reunião

em Brasília, tinha mais de 200 mil visualizações. No dia seguinte, eu recebi a mesma mensagem, que aquilo tinha 600 mil visualizações. Era alucinante. E, então, a Rede Globo me telefonou dizendo que a minha live estava chegando a 1 milhão de visualizações e me perguntando se eu poderia falar com eles. Eu fiquei um pouco surpresa, disse que estava no aeroporto em São Paulo voltando para o Rio. Disse que iria. Foi a primeira vez, no dia 13 de março exatamente, que eu fiz uma entrevista com a Rede Globo, dando um pouco o estado da arte do que nós imaginávamos, naquele momento, que teríamos.

Uma doença epidêmica, uma epidemia de uma pneumonia diferente. Nós já tínhamos visto isso. Integrei o grupo de médicos que trabalhou junto ao Ministério da Saúde quando houve a Sars. Revimos os tratamentos, as condutas, então, eu já tinha uma vivência nesse sentido. E nós, rapidamente, entramos nisso que eu chamo hoje de profunda, intensa e permanente curva de aprendizado. Nós logo entendemos que não estávamos diante de uma pneumonia diferente. Não era isso. Era uma doença sistêmica, com alta capacidade de matar. Nós começamos a perder nossos primeiros pacientes, todos de classe média alta internados na rede privada. Depois, fomos acompanhando paralelamente essas iniciativas, a começar pela iniciativa do nosso hospital da Fiocruz, que tanto nos orgulha, junto aos colegas do INI, que eu pude acompanhar bastante. Enfim, com muitas chances afortunadas de poder discutir e aprofundar assuntos.

Rapidamente entendemos que se tratava de uma doença sistêmica de alta capacidade de morbimortalidade, marcada por um comportamento, clinicamente falando, bifásico, uma fase virêmica e, posteriormente, uma fase inflamatória mais grave ainda, e que os pacientes morriam por fenômenos de natureza trombogênica. Era uma doença com uma enorme capacidade inflamatória, com uma liberação brutal de citocinas muito tóxicas. Precisávamos começar a estudar os primeiros trabalhos publicados, mostrando aqueles medicamentos que rapidamente se revelaram ineficazes ao longo dos meses subsequentes. Remédios que tinham passado por processos de reposicionamento de fármacos, como a hidroxicloroquina, cloroquina, enfim, e começou isso que eu chamaria hoje de a maior tsunami científica, que eu nunca pensei em ver na minha vida.

Hoje, se entrarmos no PubMed e colocarmos Covid-19, vamos encontrar mais de 100 mil publicações. Eu nunca pensei na vida que fosse ver isso. Aqui ao meu lado tem pilhas de papers, porque temos que ler muita coisa, estudar o tratamento, a vacina, o diagnóstico, os métodos diagnósticos. Uma profusão. Grupos de pesquisa conhecidos, grupos de pesquisa novos, uma necessidade nossa de interagir. Eu participei de inúmeras, realmente inúmeras lives, com o doutor Estevão Portela, do INI, por exemplo, com colegas da Espanha, da Itália, enfim, nós estávamos tentando entender. Eles tinham vivido o mesmo drama que nós começávamos a ver, naquele momento, no Brasil. E ficava claro para nós, já em abril, quando Manaus estava encontrando seu primeiro pico epidêmico - porque o primeiro pico epidêmico da primeira onda em Manaus foi no fim de abril -, aqui a epidemia ainda estava crescendo.

A FIOCRUZ TRABALHANDO SEM PARAR PARA FAZER DIAGNÓSTICO.

A rede privada com uma pressão enorme. Importante lembrar que as doenças crônicas não pararam, na epidemia de Covid-19. Não foram interrompidas as doenças crônicas, pelo contrário, a Covid-19 teve um enorme impacto na tuberculose. Nós hoje estamos pagando um preço muito dramático, com 40% a menos de diagnósticos feitos, 22% a menos de casos notificados, ou seja, um prejuízo social e humano muito grande. Essa tem sido uma experiência que me ensinou muita coisa, sem dúvida nenhuma. Acho que eu pude contribuir em nome da instituição.



ATUAR NA
PANDEMIA TEM SIDO
DESAFIADOR E EXIGE
DE NÓS SERENIDADE,
DISCERNIMENTO
E ATENÇÃO
PERMANENTE
ÀS MUDANÇAS
DE CONTEXTO E,
PRINCIPALMENTE,
AO AGRAVAMENTO
DAS DESIGUALDADES
SOCIAIS E HISTÓRICAS



A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO ON-LINE COMO PROMOÇÃO DE CUIDADO DA POPULAÇÃO DURANTE O ENFRENTAMENTO DA PANDEMIA DE COVID-19

FABIANA DAMÁSIO

No início da pandemia, pensamos: de que forma poderíamos nos organizar para dar suporte aos trabalhadores e às trabalhadoras da saúde? Como conseguiríamos e com qual conteúdo precisaríamos trabalhar? Naquele momento, as pesquisas estavam começando e os resultados a partir das experiências dos outros países ainda eram incipientes. Então, foi com base nos diálogos com vários laboratórios, universidades e diversas especialistas que nós começamos a pensar no desenho inicial de ofertas na Secretaria Executiva da [Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde \(UNA-SUS\)](#)¹. No texto prévio, a Dra. Margareth Dalcomo nos apontou iniciativas convergentes dentro da Fiocruz: saber como conseguiríamos colocar recursos educacionais que tivessem um conhecimento atualizado e de forma permanente para os trabalhadores e trabalhadoras, mas também para os usuários da saúde, para a população, de um modo geral.

Nas pandemias anteriores, trabalhamos com a zika e conseguimos nos organizar em torno de 60 dias, o que naquela época foi um tempo recorde, contando com a participação de 45 mil trabalhadores e trabalhadoras. Agora, com a pandemia de Covid-19, organizamos cursos ofertados pelo sistema UNA-SUS em 15 dias, trabalhando sábados, domingos e feriados, para garantir que o conhecimento pudesse chegar rapidamente em função da situação de emergência. Trabalhamos com temas como

manejo clínico na atenção primária e na atenção especializada, doenças ocasionadas por vírus respiratórios, incluindo a Covid-19, orientações gerais ao paciente. Essa primeira iniciativa com a UNA-SUS gerou uma participação de aproximadamente 400 mil trabalhadores e trabalhadoras nos nossos cursos, com a taxa de conclusão de mais de 60% nos processos de formação, e um acesso médio, a todo o conteúdo que tínhamos produzido, de 80 mil pessoas por dia, entre março e setembro.

1. Confira a página Covid-19 UNA-SUS:



E nós tínhamos essa interlocução direta com o Observatório Covid-19, que está lá no nosso portal da UNA-SUS. Ainda no reforço às ações de EaD, buscamos, por meio do Núcleo de Educação a Distância da Escola de Governo Fiocruz Brasília, em parceria com o Campus Virtual Fiocruz – que também é liderado por outra mulher, a Ana Furniel – ampliar as ofertas educacionais on-line para outros temas, dentre os quais se destaca a saúde mental. Esse tema foi elencado por nós como prioridade. Assim, constituiu-se uma rede de doutorandas e pós-doutorandas, e falo assim porque a turma é basicamente de mulheres que se organizaram para sistematizar todo o conteúdo em torno desse campo de conhecimento. Nós sabíamos, até pelo histórico de pandemias, pelas atuações anteriores, que havia uma necessidade de olharmos cuidadosamente para as consequências psicológicas que as pandemias tendem a causar nas pessoas, inclusive de forma permanente, com uma necessidade de atentarmos também para o pós-pandemia.

Foi com esse espírito que começamos a trabalhar na organização, a princípio, de uma tradução de material publicado pela Organização Mundial de Saúde, que já vinha sendo adotado em outros países, e que se transformou na elaboração de cartilhas de recomendações, em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde da Fiocruz (Cepedes). Essas cartilhas foram feitas de acordo com as necessidades presentes em cada comunidade e expressas pela sociedade local. Ao todo, foram 20 cartilhas, um ambiente interativo na plataforma Moodle, dez lives que estruturamos e mais de 145 pesquisadores e técnicos envolvidos na concretização da estratégia de formação. Nós tivemos mais de 69 mil pessoas inscritas, a partir de uma parceria que fizemos com o Conselho Federal de Psicologia. Foi

uma experiência solidária e colaborativa, que reforçou o cuidado com os trabalhadores e trabalhadoras da saúde e da população.

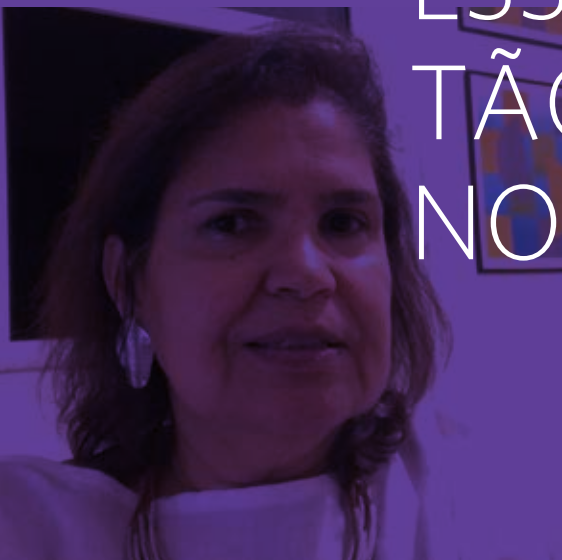
As cartilhas também ganharam a capilaridade entre cerca de 35 sites de universidades, prefeituras, conselhos e órgãos de controle. Todo o material foi organizado em, basicamente, cinco áreas: gestão e organização dos serviços e cuidados de saúde; questões relacionadas ao isolamento e distanciamento; especificidades no cuidado dos ciclos de vida, considerando os idosos e as crianças; cuidados das populações socialmente vulneráveis; e proteção social da pandemia. Debates temas como luto, atendimento on-line, violência doméstica, atuação nos hospitais, migrantes, refugiados, povos indígenas e população privada de liberdade. Assim, houve uma diversidade grande de assuntos em função da demanda e dos impactos psicossociais que têm acometido a sociedade. O meu relato reuniu aqui três das experiências desenvolvidas, mas existe outro conjunto de esforços que se somam à agenda de enfrentamento da Fiocruz.

Atuar na pandemia tem sido desafiador e exige de nós serenidade, discernimento e atenção permanente às mudanças de contexto e, principalmente, ao agravamento das desigualdades sociais e históricas. Mesmo diante de todos os desafios, é gratificante ver a nossa presidente, Nísia, como referência e exemplo de atuação com integridade, sensibilidade e compromisso com as políticas públicas sociais e de saúde.

CONTAR COM A PARCERIA E A SOLIDARIEDADE DE MULHERES NA NOSSA INSTITUIÇÃO NOS ESTIMULA A SEGUIR EM FRENTE, REAFIRMANDO O NOSSO COMPROMISSO COM O SUS E COM A SOCIEDADE.



ESTAMOS
PRODUZINDO UMA
DOCUMENTAÇÃO
IMPORTANTE SOBRE
ESSE MOMENTO
TÃO ÚNICO NA
NOSSA VIDA



COMPROMISSO DA PESQUISA COM A INFORMAÇÃO EM SAÚDE

MARGARETH PORTELA

Com o início da pandemia, todos nós nos sentimos na obrigação, de certa forma, de dar algum tipo de resposta para o que estava acontecendo, da melhor maneira possível, dentro das nossas áreas. Acho que isso é uma coisa que caracteriza bastante o pesquisador, o compromisso é muito grande. Em geral, nós trabalhamos por paixão pelo que fazemos. Vou falar um pouco do Observatório e da nossa atuação ali. Inicialmente, o **Observatório**¹ foi uma iniciativa impulsionada pela própria Presidência da Fiocruz e que terminou envolvendo um grande grupo de pesquisadores, porque muitos deles contribuem com documentos, trabalhos, discussões, webinars. Mas há no Observatório um grupo mais duro que, quinzenalmente, produz um boletim de observação do que está acontecendo durante a Covid-19.

A OMS preconiza alguns indicadores para o monitoramento da pandemia, e nós temos monitorado esses indicadores. Alguns deles são epidemiológicos, tais como a incidência nos últimos quinze dias, e, com isso, temos uma noção da tendência da pandemia – se está crescendo, se está estabilizada, se está reduzindo. Temos monitorado os óbitos e as síndromes respiratórias agudas graves – o que terminou sendo um grande marcador no início da pandemia. Foi uma informação importante, porque houve um aumento muito grande das hospitalizações por essas síndromes ainda no momento em que não se diagnosticava com muita precisão a própria Covid-19. Esses dados são monitorados até hoje e ainda se mantêm em níveis altos. E temos monitorado também outro indicador, a ocupação dos leitos de UTI, que está

mais no escopo da minha área. Nós temos produzido muitas informações no Observatório tanto em relação a essa questão do monitoramento dos dados epidemiológicos quanto em relação à questão da estrutura e da utilização dos serviços de saúde, observando o que está acontecendo nas hospitalizações por Covid-19 no Brasil.

Ainda temos taxas de mortalidade muito altas nas nossas UTIs, se comparadas com os dados internacionais. Ainda há um imenso trabalho a fazer. Existem dificuldades, às vezes, nos dados, um atraso em relação a alguns deles. Por exemplo, temos certa dificuldade de acesso para comparar os dados do setor público com os do setor privado do Brasil.

1. O Observatório tem como função produzir informações para ação. Organiza-se em quatro eixos: 1) Cenários Epidemiológicos; 2) Medidas de Controle e Organização dos Serviços e Sistemas de Saúde; 3) Qualidade do Cuidado, Segurança do Paciente e Saúde do Trabalhador; 4) Impactos Sociais da Pandemia. Para mais detalhes acesse:



Assim, há alguns desafios, que vamos vencendo de alguma forma, buscando produzir o melhor de informação que podemos, com grande esforço.

Também há no Observatório uma área dedicada à questão da segurança do paciente e do trabalhador. De certa forma, ficou uma junção. Nós falamos muito da qualidade do cuidado e da segurança do paciente, mas, por toda a característica da Covid-19 e pelo tanto que a Covid, de fato, afetou os trabalhadores da área da saúde, em especial, temos feito documentos e trabalhos em relação a essa temática. E há também a área das Ciências Sociais com um grupo ativo, muito importante na abordagem da questão indígena, da questão das favelas. Na realidade, é um conjunto de ações e de estudos, dentro do Observatório. Nós temos o senso de responsabilidade de que estamos produzindo uma documentação importante sobre esse momento tão único na nossa vida, na nossa geração, e que, certamente, daqui a 100 anos, será acessada por historiadores.

EU SEI QUE SOU MUITO APAIXONADA PELO QUE EU FAÇO E, ÀS VEZES, COMO TUDO NA VIDA, NÓS TEMOS DÚVIDAS, TEMOS CRISES. ESTAMOS EM UM MOMENTO MUITO DIFÍCIL NO PAÍS.

Por exemplo, em 2019, eu, particularmente, estava me sentindo triste com todo o desmantelamento, com a dificuldade de financiamento para projetos. Ao mesmo tempo, como pesquisadores, estamos sempre encontrando uma brecha e uma paixão para continuar, porque trabalhamos realmente com muita paixão.

De modo geral, não somos tão movidos pela questão do dinheiro (não que a gente não queira viver uma vida confortável), mas somos muito movidos realmente pelas nossas questões, pelo prazer e pela liberdade de pensar e de produzir o que a gente realmente acha interessante e que também interessa a outras pessoas.



É UMA LUTA DE
TODOS NÓS, DA
SOCIEDADE E DE
CADA UM FAZENDO
A SUA PARTE PARA
QUE CONSIGAMOS
VENCER O MAIS
RAPIDAMENTE
POSSÍVEL ESSE
GRANDE DESAFIO



PANDEMIA DO LADO DE LÁ: VENCENDO DESAFIOS NA BANCADA DO LABORATÓRIO

MARILDA SIQUEIRA

A ocorrência de pandemias é recorrente em termos biológicos e históricos, sendo esperado que de tempos em tempos elas tomem proporções relevantes. Assim, o trabalho do Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), enquanto laboratório de referência para o Sistema Único de Saúde (SUS), no Brasil, e para a Organização Mundial da Saúde (OMS), em nível global, é, em grande parte, direcionado à preparação de protocolos e manuais para possíveis eventos epidêmicos e pandêmicos que possam irromper.

Em se tratando de pandemias, com seus potenciais efeitos globais, a OMS assume papel importante na coordenação das ações em nível internacional, enquanto no Brasil, assim como em outros países, as autoridades sanitárias locais são responsáveis por articular todas as estratégias de controle e monitoramento. Nesse cenário se inserem Laboratórios de Referência, como o nosso, por exemplo, em eventos como os provocados pelo coronavírus SARS-CoV1, em que a comunicação constante com pesquisadores de outros países é determinante.

É parte contínua do nosso trabalho nos prepararmos para pandemias ligadas ao vírus Influenza, o vírus da gripe, cuja mutação acontece de modo bastante característico de um ano para o outro e ao longo dos anos. Há uma rede monitorada pela OMS voltada para

a detecção rápida da introdução de variantes com potencial pandêmico. O vírus Influenza apresenta potencial pandêmico em algumas variantes em espécies animais.

Mais recentemente, em 2003, ocorreu uma pandemia de um coronavírus (SARS-CoV) semelhante ao que está circulando agora, SARS-CoV1. Em 2009, ocorreu, também, a pandemia do Influenza H1N1. Já em 2013, o MERS-CoV, outro tipo de coronavírus, circulou principalmente nos países do Oriente Médio.

Nesse contexto, em dezembro de 2019, a OMS anunciou um surto de pneumonia, não característico e não identificado. Foram relatados números significativos de infecções e ocorrência de óbitos, na China, acionando assim um sinal de alerta.



Então, a OMS comunicou publicamente que o patógeno seria um coronavírus e percebemos que nosso laboratório poderia rapidamente identificá-lo. Ainda preliminarmente, havendo casos suspeitos, poderíamos detectar que se tratava de um coronavírus. Em janeiro de 2020, ainda não tínhamos acesso aos insumos para a identificação daquele coronavírus específico, entretanto, logo nos primeiros dias, iniciamos uma preparação para identificar esse coronavírus circulante.

Em primeira instância, discutimos com a Organização Pan-americana de Saúde (Opas) como as Américas – principalmente, América Latina – poderiam ser organizadas, inclusive no treinamento de pessoas. Alguns dias depois, a OMS publicizou em conjunto com a China um sequenciamento genômico desse novo coronavírus. Rapidamente, um laboratório em Berlim (na Alemanha) padronizou o teste, com o método de PCR em tempo real, para a detecção desse vírus.

A partir de uma demanda da Opas, o Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do IOC/ Fiocruz promoveu o treinamento de nove países latino-americanos para identificação desse coronavírus. Em uma iniciativa bem-sucedida e com uma resposta ágil, na semana seguinte à solicitação, nove profissionais, de nove países latino-americanos, iniciaram o treinamento com a metodologia do nosso laboratório, com os insumos adquiridos pela Opas e pelo nosso grupo de pesquisa.

Enquanto o treinamento ocorria, o Ministério da Saúde nos informou do primeiro contingente populacional brasileiro chegando diretamente de Wuhan, local com alta transmissibilidade da doença. Esse grupo ficou hospedado numa base aérea no estado de Goiás. O Ministério nos convidou a ir para Goiânia, onde daríamos suporte ao Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen), de Goiás, para a detecção do SARS-CoV1. Cabe

destacar que Lacens são laboratórios estaduais de saúde pública, parte integrante do Sistema Nacional de Laboratórios de Saúde Pública (Sislab), do Ministério da Saúde. Há um Lacen em cada capital estadual e no Distrito Federal.

Entramos em contato com o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), uma das unidades técnico-científicas da Fundação Oswaldo Cruz responsável pela produção e desenvolvimento de vacinas e de kits diagnósticos para laboratórios. O instituto confirmou que possuía capacidade técnica para desenvolver um kit diagnóstico de detecção do SARS-CoV1 para o Brasil.

Iniciamos uma colaboração intensiva, com troca de informações diárias. Naquele período, a vida estava um pouco mais fácil: com máscaras, podíamos transitar à vontade. Frequentávamos Bio-Manguinhos ou a equipe deslocava-se para o nosso laboratório. Em menos de um mês, no dia 17 de março de 2020, já produzíamos um kit nacional de testagem e detecção do SARS-CoV1 padronizado com Bio-Manguinhos. Promovemos a capacitação das equipes de todos os Lacens, em Belém, no estado do Pará, no Instituto Evandro Chagas, em duas turmas. Com o esforço conjunto, treinamos novos países latino-americanos e as 27 unidades da Federação, rapidamente.

Ainda no mês de março de 2020, a OMS organizou uma rede de Laboratórios de Referência e nos selecionou para integrá-la junto aos laboratórios do Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC).

A ciência se uniu em termos de projetos em comum, com resultados importantes. Isso não se deu apenas internamente na Fundação Oswaldo Cruz, mas a partir de colaborações com outras universidades e centros de pesquisa no Brasil e no mundo. Essa

união foi imprescindível devido à enorme lacuna de conhecimento em relação ao coronavírus naquele momento. Cerca de um ano depois do início da pandemia, contávamos com mais de 180 mil publicações científicas sobre o SARS-CoV1 – um número de publicações sem precedentes, e que continua em crescimento, para um patógeno em um período de um ano. No entanto, muitos elementos ainda precisam ser conhecidos.

Participamos da criação de uma rede genômica no âmbito da Fiocruz, com o apoio da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas (VPPCB) da instituição. Essa rede engloba pesquisadores das diferentes unidades da Fundação em diversos estados brasileiros, trabalhando intensamente na caracterização genômica dos vírus circulantes nos estados. Apesar do foco em Covid, é um incrível investimento com resultados para todas as áreas do conhecimento, em termos de melhoria das condições de saúde e redução do impacto social, econômico e psicológico, em níveis individual e populacional.

Nos primeiros meses de atuação no contexto da pandemia de SARS-CoV1, de janeiro até maio de 2020, trabalhamos no laboratório de segunda a segunda, até as 21h. No começo de uma pandemia, não é possível ir para casa às 17h, não há fim do expediente. Hoje, continuamos trabalhando muito, com poucos momentos de relaxamento.

Ainda que tivéssemos uma dimensão do desafio que estávamos enfrentando, não poderíamos antecipar a gravidade dos acontecimentos, a mortalidade altíssima e a imensa tristeza em nível mundial. É uma luta de todos nós, da sociedade e de cada um fazendo a sua parte para que consigamos vencer o mais rapidamente possível esse grande desafio que se instalou na nossa vida.

É IMPORTANTE
FRISAR QUE MUITAS
DAS NOSSAS
GESTORAS E DAS
PESSOAS QUE ESTÃO
À FRENTE DESTE
TRABALHO SÃO
MULHERES MUITO
DEDICADAS



PRODUZINDO A VACINA, SALVANDO VIDAS

ROSANE CUBER GUIMARÃES

Bio-Manguinhos¹ começou sua atuação na pandemia de Covid-19 por meio do fornecimento de kits de diagnóstico. Assim que saiu o sequenciamento do RNA viral, a nossa pesquisadora doutora Patrícia Alvarez Baptista, junto com a doutora Marilda Siqueira, fez o trabalho de padronização e desenvolvimento de um kit molecular para diagnóstico da Covid-19 por PCR em tempo real. Eu me lembro que, no dia 12 de março de 2020, estava na Anvisa discutindo pela primeira vez o registro desse kit. Nós atuamos também em apoio aos Laboratórios Centrais de Saúde Pública (Lacens). Ao termos conhecimento de que os casos de Covid-19 eram muitos e que os Lacens não teriam capacidade para fazer todos os diagnósticos, instalamos, em Bio-Manguinhos, uma unidade de apoio ao diagnóstico.

Hoje, a Fiocruz gerencia quatro grandes centrais de alto processamento de amostras, com cada uma fazendo, em média, de 10 mil a 15 mil testes por dia. Somente essas quatro unidades de apoio ao diagnóstico já foram capazes de processar mais de 7 milhões de testes. Bio-Manguinhos alcançou uma capacidade de produção de cerca de 500 mil reações por semana. A nossa primeira atuação no enfrentamento da pandemia foi exatamente na área de diagnóstico. Atualmente temos estruturado um escritório que gerencia essas centrais e dá suporte à Coordenação-Geral de Laboratórios de Saúde Pública (CGLAB), que é o órgão do Ministério da Saúde que coordena os laboratórios centrais.

Estamos ainda nessa frente de diagnóstico, produzindo novos testes.

Desenvolvemos um primeiro teste e depois o aperfeiçoamos. Temos registrados três testes para diagnóstico RT-PCR e dois testes rápidos para diagnóstico de IgM e IgG. Também já temos registrados mais três kits de testes rápidos para antígenos. Então, em um primeiro momento da pandemia, em 2020, Bio-Manguinhos estava bastante focado na questão do diagnóstico. Em paralelo, também atuamos no estudo clínico Solidarity, da Organização Mundial da Saúde (OMS). Bio-Manguinhos forneceu um dos medicamentos desse estudo, o biofármaco Betainterferona 1a 44×g /0,5 ml.

Em paralelo, nós criamos um grupo de prospecção para analisar o cenário mundial de desenvolvimento de vacinas contra Covid-19.

1. Site de Bio-manguinhos com atualizações constantes sobre o Novo Coronavírus:





FOTO: ASCOM BIO-MANGUINHOS/FIOCRUZ

O intuito era saber quais estavam em estudo clínico, quais eram as mais promissoras e as que possuíam plataforma de produção que poderia ser internalizada por Bio-Manguinhos, para que conseguíssemos entregar e produzir nacionalmente uma vacina de forma independente. Esse grupo de prospecção levou os resultados das pesquisas e estudos ao Ministério da Saúde e, considerando uma série de fatores, incluindo a questão da internalização da plataforma por Bio-Manguinhos, a vacina de Oxford/AstraZeneca foi a escolhida, decisão tomada em conjunto com o Ministério. Havia outros grupos de trabalho atuando, paralelamente: um jurídico, para discutir o contrato de transferência de tecnologia que possibilitou trazer para o Brasil as 100 milhões de doses da vacina contra Covid-19; e o grupo regulatório, formado para cuidar da parte de documentação, já que as agências regulatórias, com o intuito de agilizar a introdução das vacinas no mundo, deram a possibilidade de uma nova forma de submissão de registro, que é a submissão contínua. Dessa forma, a partir do momento que os dados eram gerados, já entravam na documentação que seria enviada à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Nossa primeira reunião com a Agência foi em junho de 2020, quando apresentamos nossa área produtiva e os processos iniciais de fabricação que iríamos introduzir em Bio-Manguinhos. Começamos os preparativos da área fabril e o recebimento de toda a documentação até que, em outubro, a Anvisa avisou que faria uma inspeção na planta industrial da empresa que estava nos fornecendo o ingrediente farmacêutico ativo (IFA), na China. Fui uma das pessoas escolhidas para ir com a Agência e tivemos uma longa jornada por lá. Ficamos 15 dias em quarentena em um hotel e, depois, uma semana realizando a inspeção. Na China, conhecemos e entendemos como é o processo de produção, e participamos da inspeção junto com a Anvisa. Realmente, foi uma experiência ímpar na minha vida.

Trabalhamos primeiro na questão do registro para uso emergencial de vacinas prontas, pois precisávamos começar a vacinação o mais rapidamente possível. Então, trouxemos do Serum Institute, da Índia, também produtor da vacina Oxford/AstraZeneca, 2 milhões de doses de vacinas prontas e entramos com o pedido de uso emergencial em duas semanas. Elaboramos

toda a documentação necessária para a Anvisa, que em dez dias emitiu a autorização.

ESTAMOS MUITO FELIZES COM ESSAS CONQUISTAS, MAS AINDA NOS DEDICANDO 24 HORAS.

Implementamos efetivamente o turno noturno em Bio-Manguinhos, com diversas áreas trabalhando diuturnamente para conseguirmos entregar os 100 milhões de doses que estão incluídas no contrato da Encomenda Tecnológica (Etec) e também internalizar a produção. Temos o objetivo de, até dezembro, produzir o IFA nacional em Bio-Manguinhos. Para isso, estamos adequando

as áreas fabril e de produção. Nesta semana chegaram os primeiros tanques de 2 mil litros de produção da vacina. Vamos solicitar à Anvisa que faça as inspeções nessas áreas, provavelmente entre abril e maio, para obter as condições técnicas e operacionais. A partir daí, começamos a fazer os lotes de engenharia e validação, para termos, até o final do ano, a vacina nacional disponível para a população brasileira. É uma honra e um orgulho imenso. É importante frisar que muitas das nossas gestoras e das pessoas que estão à frente deste trabalho são mulheres muito dedicadas. Todas com bastante motivação e garra para alcançarmos nossos objetivos.



AO MESMO
TEMPO, INICIAMOS
PESQUISAS CLÍNICAS
FUNDAMENTAIS
PARA GERAR DADOS
SOBRE A EPIDEMIA
NO NOSSO PAÍS



UM CENTRO HOSPITALAR DEDICADO À COVID

VALDILÉA VELOSO

Esta é a terceira epidemia da minha vida profissional. Comecei lá atrás, com a pandemia da Aids. Passamos pela dengue – eu, particularmente, não tive um envolvimento direto no enfrentamento da grande epidemia de dengue aqui no Brasil. Vivemos a pandemia da gripe, H1N1, a primeira emergência em saúde pública decretada pela Organização Mundial da Saúde. Agora, vivemos essa terrível pandemia de Covid-19.

O Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI) – atuante em pesquisa, assistência e ensino – é referência para doenças infecciosas, em especial, as que ameaçam a saúde pública, como temos agora a Covid-19. Quando ouvimos notícias dos primeiros casos na China, acreditávamos que seria uma doença restrita à Ásia, que não alcançaria as Américas. Quando percebemos o aumento de casos, antecipando a grande probabilidade de chegar ao Brasil, começamos a nos preparar. Retomamos, por exemplo, o treinamento para o enfrentamento do ebola – nós fomos referência para os casos suspeitos de ebola no Brasil. Verificamos qual seria o material necessário, se precisaríamos adquirir roupas especiais (como os macacões utilizados para o enfrentamento do ebola); também treinamos os profissionais e gravamos um vídeo demonstrando o uso dos equipamentos de proteção individual.

Quando chegou realmente o primeiro caso, antes do primeiro caso autóctone de ocorrência de transmissão no Brasil, nós já havíamos separado uma área com estrutura de isolamento no nosso centro hospitalar antigo, com um número pequeno de leitos. Não tão boa como as que temos agora, mas já reservamos os quartos, preparamos os instrumentos, respiradores, os equipamentos de terapia intensiva e intensificamos o treinamento do nosso pessoal.

Já no início da epidemia, começamos a receber muitos pacientes que, em pouco tempo, começaram a extrapolar a nossa capacidade de atendimento nos quartos de UTI. O número de respiradores que tínhamos no INI para atender os casos também não era suficiente. Havia uma quantidade considerável de pacientes críticos precisando de UTI. Os enfermos chegavam ao nosso pronto-atendimento e muitos precisavam ser intubados imediatamente, colocados

no respirador. Naquele momento, tivemos que pedir respiradores emprestados. Pedimos ao Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, recebemos empréstimo também do Hospital Geral de Bonsucesso e estávamos realmente muito preocupados com o que faríamos quando não tivéssemos mais leitos para acomodar os pacientes. Em seguida, todos os nossos leitos foram separados para pacientes com Covid-19.

Os pacientes de atendimento regular já não tinham leitos no INI. Então, por uma iniciativa da presidência da Fiocruz, surgiu a possibilidade de construir um centro hospitalar dedicado à Covid-19. Foi um grande desafio: criar e equipar um centro hospitalar planejado para atender 200 pacientes críticos, recrutar profissionais de saúde, treiná-los e começar a atender os enfermos no momento em que o mundo inteiro já estava em busca dos respiradores, dos equipamentos de proteção individual para os profissionais de saúde.

Nós precisávamos adquirir tudo. Foi um esforço hercúleo da equipe do INI, junto com a equipe da presidência, para facilitar as compras e encontrar profissionais qualificados. A ajuda da Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec) também foi fundamental. Em sete semanas, nós construímos esse centro hospitalar e iniciamos a internação dos primeiros pacientes. Foi um recorde! Em meados de maio de 2020, já estávamos com os profissionais treinados para o centro começar a funcionar e enfrentando o desafio de uma doença muito pouco conhecida, com incertezas no manejo dos pacientes.

Nós interagimos muito – virtualmente – com profissionais, médicos e pesquisadores da Europa e até mesmo da China, que já estavam

enfrentando os desafios de manejar esses pacientes críticos há mais tempo do que a nossa equipe. E assim, fomos aumentando a nossa capacidade de internação, aumentando o número de pacientes internados sob os nossos cuidados. Ao mesmo tempo, iniciamos pesquisas clínicas fundamentais para gerar dados sobre a epidemia no nosso país. Contávamos com inúmeros pacientes que nos possibilitavam o estudo das manifestações clínicas da Covid-19. Nós nos associamos a pesquisadores da área básica, como a Dra. Marilda Siqueira, e ao grupo da Dra. Marisa Morgado, para pesquisarmos conjuntamente, gerando dados clínicos e de laboratório com mais rapidez.

O ensaio clínico mais famoso que iniciamos é o Solidarity, um estudo da Organização Mundial da Saúde que continuamos conduzindo. A pesquisa, que acontece em dezenas de países, contribuiu já na primeira etapa para comprovar que alguns medicamentos não funcionam. Logo em seguida, entramos em outra etapa, esperando que alguns dos novos medicamentos apresentassem resultados. Nesse sentido, fizemos um ensaio clínico de plasma, de soro convalescente, e os resultados serão publicados em breve.

Merecem também destaque o ensaio clínico da vacina da Janssen, que teve seus primeiros resultados divulgados recentemente, e os estudos de outros medicamentos ainda não registrados para pacientes internados e atendidos em ambulatórios. Esses fármacos estão sendo utilizados no estudo de reposicionamento de drogas – medicamentos que já existem no mercado e que, por dados de laboratório, demonstraram potencial para tratar a Covid-19. Esses estudos estão em andamento. Além deles, há algumas propostas para análises que vamos iniciar em breve, nos associando a outros centros



FOTO: PETER ILLICIEV | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

de pesquisa clínica no Brasil: ensaios clínicos exigem muitos pacientes e não se consegue fazer apenas com um centro só.

**ESTAMOS ATUANDO EM VÁRIAS ÁREAS
PARA GERAR IMPORTANTES RESULTADOS.
DESENVOLVEMOS EXPERIÊNCIAS E ENSAIOS
CLÍNICOS SOBRE MODELOS DE VENTILAÇÃO DE
PACIENTES COM COVID-19.**

Também produzimos estudos na área de fisioterapia, enfermos em posição prona e equipamentos para garantir mais conforto e melhor adaptação, evitando ferimentos de pressão em pacientes que precisam ficar um longo tempo de bruços, na posição prona.

Temos atuado igualmente na capacitação de profissionais para outros serviços, uma solicitação que nos foi feita pelo Ministério da Saúde. Apoiamos ainda o Ministério no enfrentamento da situação que ocorreu em Manaus, inclusive com a falta de leitos e de oxigênio para os pacientes. Essa questão do colapso do sistema de saúde é grave..

Recebemos os primeiros pacientes de Manaus em fevereiro de 2021. Depois, acolhemos novos grupos de pacientes e continuamos apoiando o Ministério da Saúde no atendimento dessa necessidade. É uma ajuda ao povo do Amazonas e à população no Rio de Janeiro, porque o nosso centro hospitalar tem condições ideais de isolamento para o risco da infecção por variantes. Temos quartos individuais com pressão negativa, temos EPIs de boa qualidade, profissionais treinados. Isso faz com que o risco de disseminação dessas variantes seja muito reduzido.

Todas essas iniciativas são realizadas no apoio ao Estado, ao município e ao Ministério da Saúde, no que está ao nosso alcance, seja na assistência, na pesquisa ou no ensino.

ESTUDOS E
POLÍTICAS PÚBLICAS
COM PERSPECTIVA
INTERSECCIONAL
E DE GÊNERO SÃO
FUNDAMENTAIS
PARA PRODUZIR
REFLEXÕES E
PROPOSIÇÕES SOBRE
AS RELAÇÕES ENTRE
SAÚDE E CUIDADO



HOMENS E MULHERES SÃO AFETADOS DE FORMA DIFERENTE POR EPIDEMIAS? O CASO DA COVID-19 NO BRASIL

DENISE NACIF PIMENTA

Os processos de saúde-doença, as epidemias e seus impactos sociais, econômicos, políticos e culturais são marcados por questões de gênero. A vida e a saúde de homens e mulheres (bem como as de outras identidades não binárias) são afetadas de forma desproporcional pelos processos epidêmicos. No entanto, a ciência, os governos e as políticas públicas continuam, na maioria das vezes, ignorando tal marcador ao desconsiderar fatores associados à categoria gênero. Respostas supostamente “neutras” e homogêneas reforçam e aprofundam desigualdades de forma sistemática. Historicamente, os planos e as respostas de enfrentamento às emergências sanitárias, em geral, não mencionam ou trazem análises sobre os impactos ligados a gênero. Além disso, os sistemas de saúde e de informação epidemiológica, bem como o de dados sociodemográficos, dificilmente trazem dados desagregados e de cunho qualitativo sobre a temática. Tal fato tende a impedir análises mais aprofundadas, invisibilizando sobremaneira os processos de vulnerabilização e marginalização das populações brasileiras.

Após quase dois anos de pandemia, ainda não há no Brasil um plano nacional de enfrentamento à Covid-19. Diante disso, desde o início da pandemia um conjunto de organizações brasileiras e sociedade civil tem se reunido para pautar a luta por direitos humanos. Somente em agosto de 2021 o Ministério da Saúde publicou o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (MS, 2021), com foco na vacinação no território nacional. Apesar de incluir gestantes, puérperas e lactantes como grupo prioritário no plano, outras expressões e identidades de gênero não binárias,

bem como fatores interseccionais, não são mencionados. No entanto, sabe-se que ao redor do mundo e, especialmente no Brasil, as mulheres são desproporcionalmente impactadas pelas epidemias e emergências sanitárias (WENHAM et al., 2020).

O conceito de sexo denota marcadores biológicos de homens e mulheres, ao passo que gênero é um conceito construído socialmente que reflete normas socioculturais, identidades e relações que conformam comportamentos considerados “masculinos” e “femininos”. Homens geralmente sofrem com efeitos

1. O eixo Impactos Sociais possui quatro subeixos: “Covid nas favelas”, “Saúde indígena”, “Ética e bioética” e “Gênero e Covid”. Este texto apresenta os principais resultados do subeixo “Gênero e Covid”. Todo o trabalho desenvolvido neste subeixo contou com a colaboração da Rede Covid-19 Humanidades MCTI, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do projeto “Covid-19 riscos, impacto e resposta de gênero: pesquisa e orientação de políticas”, apoiado pela Fundação Bill & Melinda Gates. As pesquisas se desenvolvem simultaneamente no conjunto da cooperação entre redes de pesquisa para responder ao desafio de analisar e enfrentar a pandemia no Brasil.



2. Gender and COVID-19 Project” é financiado pela Fundação Bill & Melinda Gates. Tem abrangência internacional e o estudo de caso brasileiro é coordenado por D. Pimenta na Fiocruz Minas.

primários de surtos (probabilidade de morte etc.) e as mulheres, com seus efeitos secundários (socioeconômico, entre outros). Destaca-se que a categoria gênero também deve ser pensada no intercruzamento com outros estratificadores sociais, como etnia/raça, religião, localização geográfica, capacidade física, orientação sexual, geração, classe social, entre outros. Portanto, tornam-se imperativas novas pesquisas que compreendam essas interseções em contextos epidêmicos (PIMENTA et al., 2021).

Assim, analisar a pandemia de Covid-19 sob uma lente de gênero é necessário para tornar explícitas iniquidades e vulnerabilidades que marcam o espaço social e que são geralmente invisibilizadas em pesquisas biomédicas, bem como nos dados epidemiológicos e econômicos. Estudos de gênero são fundamentais para produzir reflexões e proposições sobre as relações entre saúde e sociedade, bem como sobre as normas culturais que fazem parte da estrutura social, engendrando subjetividades. Nesse sentido, pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) se mobilizaram para fazer frente a essa situação e contribuir com ações e respostas para políticas públicas pautadas em pesquisa e conhecimento científico por meio do Observatório Covid-19 da Fiocruz.

O observatório foi criado em abril de 2020 com o objetivo de desenvolver análises integradas,

tecnologias, propostas e soluções para a pandemia de Covid-19 pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela sociedade brasileira. Foi estruturado de modo colaborativo, permitindo que as iniciativas e os trabalhos já desenvolvidos e em redes de cooperações internas e externas, voltados para a produção e divulgação de materiais de mobilização, fizessem frente à pandemia. O Eixo Impactos Sociais¹ do Observatório pauta-se em uma perspectiva teórica de que as enfermidades são fenômenos a um só tempo biológicos e sociais, construídos historicamente mediante complexos processos de negociação, disputas e produção de consensos (MATTA et al., 2021).

No contexto dos estudos sobre Impactos Sociais, no subeixo Gênero e Covid, tem-se desenvolvido uma série de pesquisas em parceria com “Gender and Covid-19 Project”² que, por meio de uma lente de gênero, destaca as necessidades específicas de saúde e de vida de mulheres. Por exemplo, os serviços de assistência à saúde integral das mulheres foram afetados, com restrição de funcionamento e interrupções. Tem-se estudado um registro de aumento de gravidezes indesejadas, complicações de aborto, dificuldades de acesso à contracepção, aumento da mortalidade materna e dificuldades de acesso a ações preventivas ou ao tratamento de doenças de mama e ginecológicas, incluindo o tratamento de infecções sexualmente transmissíveis. Nesse

sentido, realizou-se uma pesquisa on-line sobre práticas reprodutivas das mulheres com o objetivo de identificar como essas questões estão ocorrendo no Brasil ³.

O grupo também aprofundou o conhecimento sobre o impacto da pandemia nos profissionais de saúde⁴. Por meio de diversos artigos, relatórios e notas técnicas, demonstrou que falar de profissionais de saúde é também falar sobre a atuação das mulheres nesse campo (já que aproximadamente 70% da força de trabalho no Brasil é feminina). A aplicação de questionários on-line, de âmbito nacional, para profissionais de saúde, já se encontra em sua quinta rodada. Esta última contou com 935 profissionais de saúde de todo o país, em julho de 2021, e descobriu que mais de 83% sentem medo da Covid-19. Quase a totalidade dos respondentes (97,5%) afirmou conhecer algum companheiro de trabalho com suspeita ou diagnosticado com Covid-19 e boa parte dos profissionais (58,3%) diz ainda não ter recebido treinamento para lidar com a pandemia. Também foram analisados os dados sob uma perspectiva de gênero e raça. Além disso, realizou-se pesquisa qualitativa por meio de entrevistas em profundidade em três frentes diferentes: (i) com os profissionais de saúde pública de todo o Brasil que se disponibilizaram nas etapas dos surveys online; (ii) com profissionais da equipe expandida da Covid-19 que atuaram na Região Metropolitana de Belo Horizonte e (iii)

com Agentes Comunitários de Saúde (ACS), Agentes de Combate a Endemias (ACE), Agentes de Promoção Ambiental (APA) e Agentes de Vigilância Sanitária (AVS) nos territórios de São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro para compreender o controle de vetores e arboviroses no contexto da pandemia de Covid-19, todas também com foco em questões relacionadas ao gênero.

O grupo vem trabalhando ainda em questões de masculinidades, buscando refletir sobre o processo de saúde-doença-cuidado em uma perspectiva relacional de gênero e os impactos sociais da pandemia na vida cotidiana de homens e mulheres. Já a violência contra a mulher no contexto da pandemia também foi aprofundada por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O MESMO GRUPO DE PESQUISADORES ESTAR ANALISANDO AS PROPOSIÇÕES LEGISLATIVAS REFERENTES ÀS QUESTÕES DE GÊNERO DURANTE A PANDEMIA⁵.

3. A pesquisa é coordenada pelas doutoras Claudia Bonan Jannotti, do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), Ana Paula dos Reis, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/UFBA) e Denise Nacif Pimenta, do Instituto René Rachou (IRR/Fiocruz). Para mais detalhes:



4. A pesquisa é coordenada por Gabriela Lotta, da Fundação Getulio Vargas (FGV), em colaboração com pesquisadores da Fiocruz e Rede Covid Humanidades. Todas as publicações estão reunidas no website, com acesso aberto.



5. As pesquisas estão em desenvolvimento e são coordenadas pela Dra Marlise Matos (UFMG), em colaboração da Fiocruz e Rede Covid Humanidades.

Além disso, trabalhamos com grupos de jovens negras ativistas por meio de um survey nacional respondido por 152 ativistas de 17 estados e de entrevistas em profundidade que serão realizados com 30 jovens⁶. Realizamos pesquisas qualitativas com mulheres de comunidades urbanas (Cabana do Pai Tomás - Belo Horizonte e Sapopemba - São Paulo) e comunidades quilombolas (Córrego do Rocha - Chapada do Norte, MG e Córrego do Narciso - Araçuaí, MG). Também se encontra em andamento parceria com o projeto Nascer Brasil 2, onde um dos objetivos é analisar os impactos da pandemia nas práticas reprodutivas de mulheres no Brasil⁷.

Por fim, organizou-se um livro sobre história oral, mulheres e Covid, em colaboração com historiadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), em vias de publicação pela editora Letra & Voz.

Dessa forma, não resta dúvida de que a pandemia de Covid-19 no Brasil impacta de forma heterogênea pessoas de diferentes gêneros.

Nesse sentido, estudos e políticas públicas com perspectiva interseccional e de gênero são fundamentais para produzir reflexões e proposições sobre as relações entre saúde e cuidado, bem como entre as normas culturais que fazem parte da estrutura social, engendrando subjetividades em homens, mulheres e pessoas que não se identificam de maneira binária⁸.

E, como pontuação final, a grande maioria das pesquisas supracitadas deste subeixo

foi realizada por mulheres. Mulheres pesquisadoras, cientistas, estudantes de pós-graduação, de movimentos sociais e organizações da sociedade civil, professoras, profissionais de saúde, quilombolas, dentre outras. Todas impactadas de uma forma ou de outra por quase dois anos de pandemia, sem queda substancial do número de casos e mortes. Mulheres com carga de trabalho (dentro e fora de casa) inimaginável e saúde mental prejudicada. Mas que, mesmo no caos político, econômico e social em que se encontra o Brasil pandêmico, produzem conhecimento e pesquisa engajada. Mulheres na ciência que, acima de tudo, resistem!

REFERÊNCIAS

MATTA et al. (org). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE - MS. Secretaria Extraordinária de Enfrentamento à Covid-19 - Secovid. Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19. Brasília/DF, 2021.

PIMENTA, Denise Nacif et al. Leituras de Gênero sobre a Covid-19 no Brasil. In: MATTA, Gustavo Correa; REGO, Sergio; SOUTO, Ester Paiva; SEGATA, Jean (org.). Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

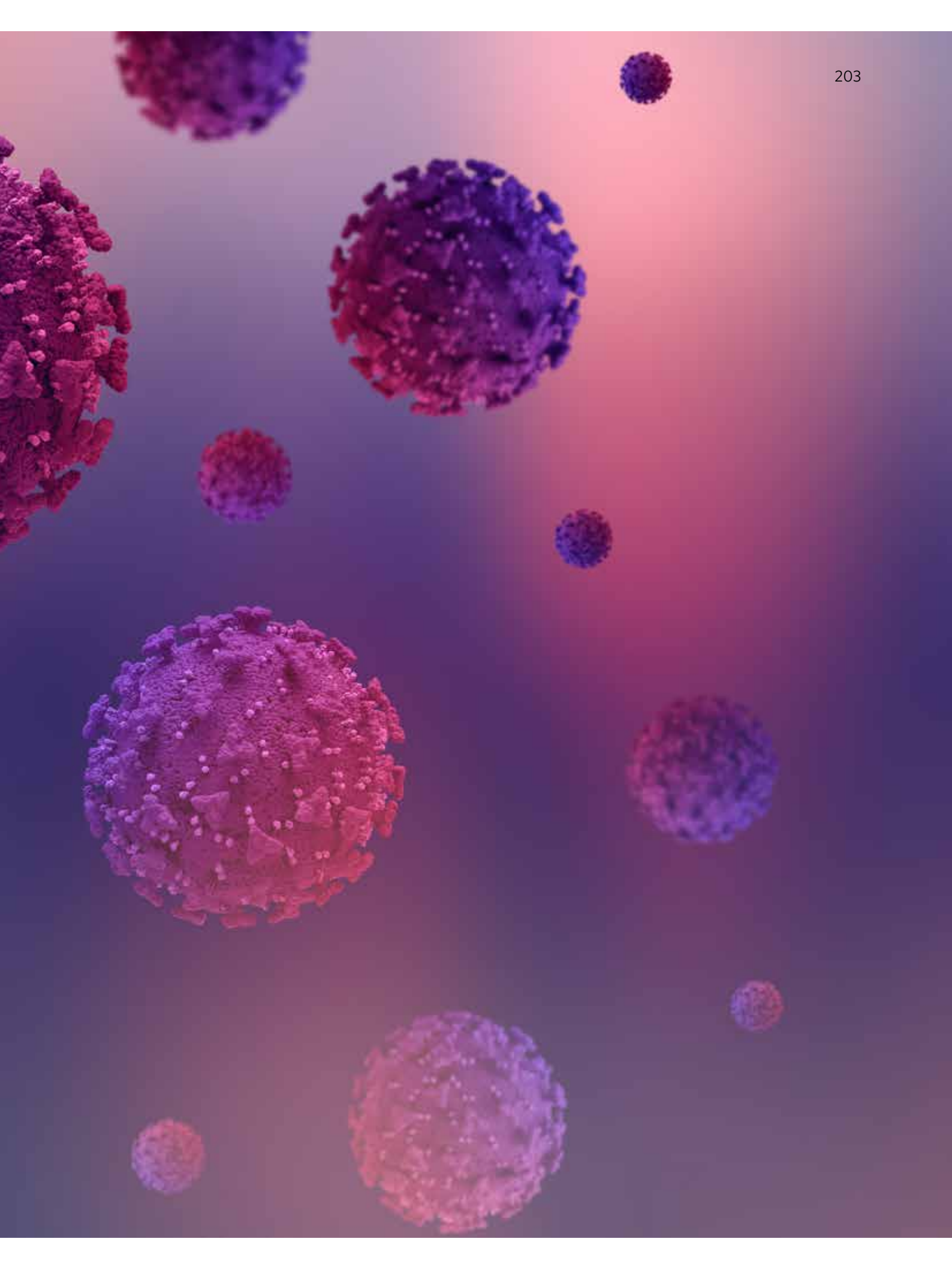
WENHAM, Clare et al. Women are most affected by pandemics: lessons from past outbreaks, *Nature*, v. 583, n. 7815, p. 194-198, 2020.

6. A pesquisa é coordenada pela Dra. Corina Mendes e Marcos Nascimento, do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz)


7. A pesquisa é coordenada pela Dra. Claudia Bonan Jannotti, do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, do Instituto Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz/ RJ), pela Dra. Ana Paula dos Reis, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia (ISC/ UFBA), no contexto do projeto "Gender and COVID-19 Project", financiado pela Fundação Bill & Melinda Gates.

8. O eixo Impactos Sociais, com apoio da Embaixada Britânica no Brasil, desenvolveu um guia para gestores públicos com recomendações inclusivas e sustentáveis para populações vulnerabilizadas. Desenvolvemos o eixo de gênero com acesso interativo on-line.









DESIGUALDADES
E GÊNERO -
INTERSECÇÕES
PARTE 4

TEMOS QUE
AMPLIAR NOSSOS
REFERENCIAIS
TEÓRICOS E NOSSAS
LÓGICAS DE LER
E COMPREENDER
O MUNDO



DESIGUALDADES DE GÊNERO: BREVES DENÚNCIAS E PÍLULAS DE ANÚNCIOS

ANAKEILA STAUFFER

Por ser um curto espaço de fala, pontuarei aqui breves denúncias e pílulas de anúncios históricos que ajudam a nos curar para que possamos construir uma história diferente. Falar sobre desigualdade entre homens e mulheres é abordar os desafios atrelados ao gênero na realidade de grande parcela da população brasileira, nos âmbitos pessoal e profissional. Tratando de cientistas negras, as iniquidades são ainda maiores. Para reduzi-las, precisamos compartilhar informação de qualidade, promover o conhecimento de ponta e, para nos inspirar, ouvir as trajetórias das pesquisadoras já atuantes.

A Unesco apontou que no ano de 2016, menos de 30% dos pesquisadores e cientistas do mundo eram mulheres. Em posições hierárquicas mais altas, o índice se torna ainda menor. De acordo com esse **relatório**¹, as mulheres também têm menos acesso a financiamentos, o que acaba colocando as pesquisadoras em posição de desvantagem quando se trata de publicações científicas de impacto elevado.

A Fiocruz vem realizando um trabalho inovador na redução da desigualdade de gênero. Temos na instituição o Comitê Pró-Equidade de Gênero, que desde 2008 busca promover a equidade de gênero, de relações étnico-raciais e da diversidade sexual — seja nas relações de trabalho, no atendimento às pessoas ou na produção e popularização do

conhecimento. Esses fatores são fundamentais para a defesa dos direitos humanos e o reconhecimento da pluralidade do povo brasileiro.

Nesse processo de reconhecimento e de efetivação de direitos, é importante trazer a questão da desnaturalização do que é ser mulher. Isso é uma formulação inferida de uma diferenciação binarizada que define um papel masculino e um feminino, não biológicos, mas construídos culturalmente. Tornamos naturais essas atribuições porque fomos criados sob esse paradigma. Se pensarmos na teoria da reprodução social, temos a naturalização de que cabe à mulher o cuidado, que por sua vez gera valor para o mundo e uma economia para a sociedade com a execução do trabalho doméstico feito pela mulher. Mesmo quando o parceiro divide as tarefas privadas

1. Relatório da Unesco: Unesco Science Report Towards 2030:



cotidianas, a mulher as administra, ou seja, tem a responsabilidade de fazer o cotidiano privado funcionar. O fato é que é tarefa árdua viver e sobreviver com o acúmulo de tarefas no espaço público e privado.

Historicamente, o trabalho de cuidar evidencia relações fortemente hierárquicas, envolvendo vulnerabilidade e desigualdade social, econômica, etária e de gênero. Mulheres de menor renda têm maior carga de cuidado domiciliar e menor suporte social.

Temos experiências soviéticas em que as mulheres tinham o agenciamento coletivo da dimensão do cuidado. Com o capitalismo, isso se volta para o espaço doméstico: o dentro da casa torna-se responsabilidade feminina. Assim, nosso sofrimento, social e estrutural, é mantido pelo sistema econômico que cria o patriarcado, submetendo a mulher e assujeitando o homem a um modelo imposto. E o opressor não é apenas externo, mas igualmente trazido internamente: repetimos ou aceitamos essa relação de oprimido e opressor, ou como diria Paulo Freire, carregamos o opressor dentro de nós e naturalizamos o *status quo*.

SE ESSE CAPITALISMO SE COLOCA UMA ÚNICA POSSIBILIDADE, O QUANTO PODEMOS NOS PERMITIR SONHAR DIFERENTE? EU, POR EXEMPLO, POSSO AFIRMAR QUE NÃO QUERO ACEITAR MAIS ESSA CONFIGURAÇÃO DE FAMÍLIA BURGUESA E QUERO OUSAR, SONHAR UMA OUTRA SOCIEDADE POSSÍVEL. E O QUE NOS PERMITIMOS SONHAR, NOS PERMITIMOS PESQUISAR.

No que se refere ao âmbito das pós-graduações, é relevante refletir sobre as funções de gestão. Passamos a defender e a realizar a participação das mulheres em cargos de gestão. Mas esse tipo de trabalho possui um elemento braçal, quase um cuidar da administração e das burocracias que são cada vez maiores no âmbito estatal. Como um tempo enorme é perdido cumprindo burocracias, ninguém quer mais estar nesses cargos, que acabam ocupados por mulheres. Assim, não basta encarregar-se da gestão se não mudarmos a lógica de funcionamento, ou de (re)produção de trabalho, capitalista e machista.

Sobre a questão do reconhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileira e africana, apesar de termos a Lei n. 10.639, desde 2003, efetivamente, é muito difícil que as escolas se debrucem sobre esses temas e os vivenciem no cotidiano escolar. Toda a formação dos docentes é pautada na cultura europeia e branca, encoberto-se e mesmo apagando de nossa cultura e memória toda e qualquer referência aos povos negros, de valorização de suas trajetórias e sua ciência. Não basta fazer com que essa temática apareça em nossas escolas nos meses de maio e de novembro. Temos que ampliar nossos referenciais teóricos e nossas lógicas de ler e compreender o mundo.

No entanto, é crucial que isso esteja nas nossas escolas. Muitas vezes, meninas negras não se veem legitimadas e representadas. Mesmo com educadoras do seu grupo étnico-racial no ensino fundamental, conforme essas meninas avançam no grau de escolarização, é cada vez menor o número dessas professoras de pele preta no lugar do conhecimento.

É muito importante reconhecermos que estamos aqui hoje porque uma série de mulheres, nossas ancestrais, lutaram e construíram esse caminho. Se quisermos aprofundar ainda mais o debate das relações étnico-raciais, o que sabemos de nossos povos originários? O que sabemos da cosmologia, da produção de conhecimentos, da história, da linguagem de nossos povos indígenas? O que sabemos das lutas das mulheres indígenas, nossas parentas? Foram as nossas ancestrais que pegaram os pedregulhos e os transformaram em pedras menores, para que machuquem menos os nossos pés, retirando essas pedras, árvores e galhos do meio do caminho, quando possível. E que façamos o mesmo com as gerações seguintes.

Que também não nos esqueçamos que somos nossas origens ameríndias, afrodescendentes. Como salienta o autor Eduardo Galeano (1999), povos indígenas e africanos trabalham na base da nossa comunidade. Não é à toa que ubuntu é uma palavra corrente, demonstrando o fato de que a minha humanidade está inextricavelmente ligada à sua.

NÓS SOMOS PORQUE OUTRAS FORAM CONOSCO E SEREMOS COM TANTAS OUTRAS, MULHERES NEGRAS, INDÍGENAS, DEFICIENTES E TODA A SORTE DE MULHERES QUE HÁ NO MUNDO!

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 12. ed. São Paulo: L&PM, 1999.

UNITED NATIONS. *Educational, Scientific and Cultural Organization. Unesco Science Report Towards 2030*. 2. ed. Paris: Luxembourg by Imprimerie Centrale, 2016.



FOTO: RAQUEL PORTUGAL | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

A SOCIEDADE
FABRICA A
IMPOTÊNCIA
DA VELHICE, DO
MESMO MODO
QUE FABRICOU
A IMPOTÊNCIA
DA MULHER



ENVELHECIMENTO, MORTE, SOBREVIVÊNCIA E VIDA

DALIA ROMERO

A pandemia revelou a necessidade de dar visibilidade à desigualdade de gênero no processo de envelhecimento e saúde da pessoa idosa, considerando o contexto demográfico, socioeconômico e cultural, temas nos quais venho trabalhando há décadas. Nesta apresentação, tentarei focar o motivo do convite: apresentar minha trajetória e mostrar o que me levou pessoalmente à cientista social que sou hoje e ao tema de envelhecimento e desigualdade.

Alguns marcadores de vida me levaram à sociologia. Um deles foi estudar até os 11 anos na escola pequena e pública do bairro pobre onde morava e passar para uma escola privada na adolescência. Esse fato ajudou a entender a vulnerabilidade frente ao contexto e me levou a perguntas que procurei responder com a sociologia. Meus pais terem sido muito pobres e nunca esquecerem suas raízes, serem migrantes da área andina à área caribenha foram outros marcadores vitais.

Em 1979, ingressei na faculdade de Sociologia. Fui bolsista desde essa fase até o doutorado, seja por sorte ou por luta. Importante na minha formação ser assistente de pesquisa em uma equipe multidisciplinar que realizava o primeiro sistema de indicadores sociais e econômicos da Venezuela, chamado Diasper. Tive excelentes orientadores que me ensinavam a não apenas trabalhar a informação

aparente, mas, especialmente, a entender que o processo de produção de conhecimento é permeado pelo poder e que, portanto, para entender a desigualdade social era preciso se perguntar “por que sabemos disso e não daquilo?”, mostrar a invisibilidade.

Comecei muito jovem querendo dar visibilidade ao invisível, e continuei, de diferentes perspectivas, trabalhando no tema da saúde e informação, mas demorei anos para chegar ao meu tema atual: o envelhecimento. Estudei o mestrado no México no final dos anos 1980, ainda guerra fria, quando a demografia estava dominada pela ideologia que defendia, com critérios científicos, que a redução da fecundidade não só era iminente, mas necessária para diminuir a pobreza. Tive excelentes referências de feministas brasileiras no mestrado, como Neide Patarra e Ana Maria Goldani, e de meu orientador Mario Bronfman, que me levaram a questionar os paradigmas científicos.

Não por acaso o primeiro artigo que eu publiquei no Brasil, durante o doutorado, foi para desmistificar a teoria da diminuição da pobreza pela redução da fecundidade. Já era evidente que uma consequência da acelerada redução da fecundidade inexoravelmente levaria ao aumento da população idosa. Era necessário advertir que a mulher, em ambas as fases, levava a maior carga. No que chamavam a nova ordem mundial, dominada pelo neoliberalismo, o abandono do cuidado de idosos por parte do Estado e da sociedade já era colocado como alerta.

O tema do envelhecimento demográfico e da saúde do idoso, no âmbito da epidemiologia, teve um marcador pessoal importante: em primeiro lugar, a aposentadoria de meu pai. Isso levou a grandes mudanças do padrão e ânimo de vida, em parte por mudar seu lugar no poder domiciliar. Minha mãe se reinventou.

Em segundo lugar, a proximidade com o livro *A Velhice – A Realidade Incômoda*, em que Simone de Beauvoir analisa a experiência subjetiva de envelhecer. Foi inesquecível ler a condição da mulher na velhice como um fato cultural, e não apenas biológico. A sociedade fabrica a impotência da velhice, do mesmo modo que fabricou a impotência da mulher. Para Beauvoir, essa percepção de debilidade relacionada à velhice tem relação com a estrutura capitalista: em uma sociedade que tem como valor essencial a ideia de produtividade, os mais velhos, excluídos de um papel ativo na sociedade (BEAUVOIR, 1970), são percebidos como improdutivos e sem futuro, invisibilizando-se a população idosa. Essa imagem de improdutividade é contraditória com a realidade na qual idosos, como os brasileiros, são eixo central na diminuição da pobreza domiciliar e no cuidado dos filhos e netos.

DA MESMA FORMA QUE A DESIGUALDADE SOCIAL E A VIDA INDIVIDUALISTA E CAPITALISTA EXITOSA FAZEM MAL PARA OS RICOS, NO ENVELHECIMENTO, TAMBÉM FICA NÍTIDO COMO O MACHISMO FAZ MAL PARA O HOMEM.

Não é por acaso que as estatísticas de suicídio masculinas são superiores às femininas. E na velhice, encontramos muitas pessoas ricas em grande tristeza, consumindo muitos medicamentos, como antidepressivos, na tentativa de conviver com o individualismo doentio que a sociedade inculca como valor de sucesso social.

Submetida à alienação social, a velhice torna-se um mal para o homem, condição abjeta aos olhos do mundo. Não é por acaso que estamos em plena pandemia e as grandes pautas, inclusive da agenda acadêmica e social, pouco ou nada incorporam a mulher idosa, ou gênero e o envelhecimento, ou racismo entre os idosos. A maior parte dos estudos e políticas públicas também não incorporam a complexidade dos aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais que determinam o modo de envelhecer ou a própria valorização da velhice.

Sendo o envelhecimento um processo, presente ao longo de toda a vida, é preciso entender que o envelhecimento feminino não começa na menopausa, sendo a desigualdade de gênero marcante no curso vital. O plano da **Decade of Health Aging 2020-2030**, da Organização Mundial da Saúde, por exemplo, aponta que a discriminação presente em todo o curso de vida afeta negativamente a igualdade de oportunidades e tratamento para mulheres no mercado de trabalho, incidindo também

na insegurança de renda em idade avançada e no acesso aos benefícios previdenciários. Nos países que fazem parte da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a pensão anual paga a mulheres é, em média, 27% menor do que a dos homens. Em outros lugares, leis sobre propriedade e herança de terras tornam mulheres idosas mais vulneráveis à pobreza. Trabalhadoras idosas são desproporcionalmente afetadas pela automação de funções, mudança tecnológica e inteligência artificial, além de corresponderem à maior parte dos cuidadores não remunerados, incluídos no setor informal.

É fundamental vencer o idadismo (estereótipo negativo do envelhecer) e o patriarcado, que por muito tempo tornam invisíveis as pessoas na última fase da vida, principalmente as mulheres. A busca pela equidade de gênero ao longo de todo o curso de vida levará a melhores resultados em estágios posteriores da vida.

Portanto, os sistemas devem promover a equidade da participação na força de trabalho e das pensões previdenciárias, de modo a elevar o status econômico das mulheres idosas e melhorar o seu acesso a serviços.

Nós, mulheres, depois dos 40 anos, somos em maior proporção que os homens, por certo acúmulo de desvantagens masculinas, como a violência. Hoje, na sociedade brasileira em grande processo de envelhecimento, quando chegamos aos

70 anos, já somos quase o dobro da população masculina.

Em 2020, a expectativa de vida feminina é de 80 anos ao nascer. A do homem é de 72 anos, expectativa da mulher há 20 anos. Essa diferença deve ser analisada por um olhar de gênero no Brasil para uma sociedade mais saudável.

Hoje, em plena pandemia, é preciso defender o Sistema Único de Saúde e explicar que a atenção primária faz bem para todos. Nesse contexto, fiz vários trabalhos com ênfase na desigualdade racial e de gênero no contexto de envelhecimento, morte, sobrevivência e vida. E agora tenho um manifesto público pela defesa das mulheres cuidadoras de pessoas idosas para que, além de outras reivindicações, seja respeitado o plano nacional de operacionalização da vacinação.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. A velhice: A realidade incômoda. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1970.

1. O plano da OMS, original em inglês, está disponível aqui:



AVALIAÇÃO DA
PRODUTIVIDADE
FEMININA PRECISA
SER DIFERENCIADA,
AINDA MAIS
EM TEMPOS DE
ANORMALIDADES



NO BRASIL, O DEBATE SOBRE A MULHER É UMA DUPLA CILADA

ISABELA SOARES SANTOS

No começo da minha carreira científica, não havia esse movimento de recepção das meninas nas ciências, nem na Fiocruz, nem em lugar nenhum. Acompanhei a mudança e ainda é maravilhosa a perspectiva dos resultados futuros. Tudo isso só pôde acontecer pela influência das lutas feministas e por todas as mulheres que estiveram na Fiocruz antes de nós e por tudo o que elas fizeram.

Mulheres, muito mais do que os homens, efetivamente estão presentes nos espaços cotidianos da vida. Entendem a questão local e as necessidades relacionadas às condições de vida na organização da sociedade. Porque são elas que levam as crianças às escolas e praças públicas, os parentes e amigos às unidades de saúde, que entendem o meio de transporte necessário para esses trajetos, que limpam suas casas e a rua da enchente e sabem a importância do saneamento básico.

Discuto bastante a questão de gênero, mais no campo da militância do que no institucional. Meu tema, como pesquisadora e coordenadora de um programa de pesquisa da Fiocruz, são as políticas públicas de saúde – principalmente economia da saúde e as relações entre o público e o privado. Parto do pressuposto de que políticas públicas são necessárias para resolver os problemas das pessoas. A meu ver, são o único caminho possível de mudança em uma sociedade cuja

estrutura e organização é patriarcalista, capitalista, patrimonialista e colonialista, como bem mostra o **trabalho**¹ da Roberta Gondim e colegas publicado no ano passado (OLIVEIRA et al., 2020). Mas como mudar a estrutura?

Em 2019, me propus a incorporar no meu campo de pesquisa a questão de gênero. O planejamento era construir pontos de diálogo em que me aprofundaria. Todos já estão cientes dos estudos científicos que mostram mais efeitos negativos da Covid em mulheres do que em homens. Eu também sou uma dessas afetadas e não consegui fazer o que queria e o plano não pôde ser concretizado. Mas consegui fazer o esforço de me incomodar cada vez mais com as desigualdades de gênero no cotidiano do nosso trabalho e também nos estudos.

A história da divisão sexual do trabalho, que associa a mulher ao espaço privado da casa e ao trabalho doméstico considerado “improdutivo”,

1. Confira o trabalho aqui:



se aprofundou no contexto da pandemia de Covid-19: a mulher está sendo negativamente mais afetada que o homem. Pesquisas recentes do Gender, do grupo do IMS/UERJ, das mães cientistas (Parent in Science), do PLoScience, mostraram que neste período de Covid os homens cientistas brancos conseguiram ter muito menos problemas e queda de produtividade do que as pesquisadoras mulheres.

No Brasil, o debate sobre a mulher é uma dupla cilada. De um lado, faz o trabalho do cuidado e o trabalho fora – como o científico daqui da Fiocruz. E na nossa sociedade capitalista, estes elementos trabalho versus cuidado são tratados como se fossem dicotômicos. Do outro lado, temos a questão da economia do país e a proteção social, sendo tratadas como se também fossem oposições. Ambas são falsas dicotomias que atravessam nossa sociedade, mais que nunca em tempos de Covid.

O trabalho de cuidado vem desse lugar da mulher. Independentemente de ter ou não apoio familiar, de estar casada ou não, de ter ou não dinheiro, é a mulher quem geralmente assume a função de ser responsável pela casa, pela família, pelo bem-estar e pelo cuidado físico. Até antes da Covid, nós, cientistas empregadas formais da Fiocruz, terceirizávamos o trabalho do cuidado do lar para mulheres de periferias, em sua grande maioria de pele preta, que são as pessoas mais pobres do país, muitas trabalhando como empregadas domésticas. Agora, não conseguimos mais. Quem não entendia racionalmente ou não tinha a experiência de cuidar sozinha da casa/família, agora vivencia todos os dias do mês o que é cuidar da casa o dia inteiro e trabalhar de madrugada, porque você só consegue fazer a parte da concentração depois de colocar as crianças para dormir. Oito meses passados de pandemia, estamos exaustas e com dificuldades para aprofundar o pensamento. Viver a vida assim gera problemas que não se resumem na falta de

tempo para fazer ciência, mas problemas mais profundos, pois não há espaço na mente para fazer as perguntas científicas que depois poderão gerar pesquisas.

A sobrecarga de trabalho não é escolha feminina ou pessoal, pois resulta de uma estrutura social. E tanto quem faz quanto quem requer esse trabalho do cuidado, poderia demandar a proteção social do Estado. Para discutir esses aspectos e desafios com a perspectiva da mudança para melhorar a nossa sociedade, teremos que nos incomodar, passando pela discussão do poder e entendendo seu funcionamento, onde ele está, de onde advém e como se mantém.

TODAS AS PESQUISAS DE GÊNERO MOSTRAM QUE O PODER ESTÁ PREDOMINANTEMENTE COM O HOMEM BRANCO. JÁ QUE A MULHER TEM TAL PAPEL NA SOCIEDADE, O QUE O HOMEM DEVERIA FAZER?

Talvez, a partir desse momento, todas as mulheres entendam que o mundo nesse formato não é mais viável. É necessária outra forma de acomodar essa mulher que não dá conta de cuidar da família e do trabalho ao mesmo tempo e se sente sempre não cabendo. O nosso grande desafio é reorganizar e recolocar a centralidade da mulher nos lugares para além do seu papel de trabalho de cuidado. Sabemos da importância do trabalho do cuidado que, embora não reconhecido no mundo capitalista, sem ele os outros trabalhos – considerados nobres – não existem ou nem funcionam. Há um **manifesto**² da Cinzia Arruzza e colaboradoras que tematiza a greve das mulheres no mundo e a importância de sua realização com fins a questionar os valores desses trabalhos. E só com a greve seremos capazes de chacoalhar as bases desse mundo.



2. O manifesto está disponível nesse endereço:



Nossos desafios passam, em primeiro lugar, por organizar todos esses incômodos. Depois, a partir de reflexões e análises, conseguiremos formular e propor mudanças e influenciar novas políticas públicas, mais gerais no Brasil e específicas nos lugares de trabalho. Temos que discutir essas questões na nossa Fiocruz para conseguirmos repensar a ciência que hoje fazemos, com vistas a termos uma ciência que realmente responda a todas as necessidades do país.

Precisamos caber na instituição, pensando também no seu espaço físico. Por exemplo, não basta ter uma salinha para amamentação no trabalho, não basta a pessoa levar o filho quando está doente e ele ser bem tratado pelos colegas. É necessário discutir a carga horária e formular propostas de redistribuir esse trabalho. Além disso, na forma de distanciamento social, o trabalho virtual é mais laborioso e aumentou o tempo gasto para realizar cada atividade. O que antes fazíamos em um dia, hoje levamos uma semana quando preparamos aulas, corrigimos trabalhos na tela etc.

A avaliação da produtividade feminina precisa ser diferenciada, ainda mais em tempos de anormalidades. É preciso também ampliar o período de avaliação de currículos, olhando o todo e não apenas os últimos cinco anos. Falo na esperança de conseguirmos avançar e melhorar as nossas condições de esperar a vida.

REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99%: um manifesto*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

OLIVEIRA, Roberta Gondim de; CUNHA, Ana Paula da; GADELHA, Ana Giselle dos Santos; CARPIO, Christiane Goulart; OLIVEIRA, Rachel Barros de; CORRÊA, Roseane Maria. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a Covid19 e o racismo estrutural. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 9, 2020.

PENSAR A PARTIR
DA CONDIÇÃO
FEMININA E DAS
DESIGUALDADES
QUE AINDA
PRECISAMOS
SUPERAR



“... ONDE A MULHER ESTÁ E COMO ESTÁ NESSES LUGARES QUE CONQUISTA OU QUE SE PROPÕE A ESTAR”

PAULA BEVILACQUA

Os lugares em que estive sempre me provocaram uma reflexão sobre o lugar da mulher: onde e como ela está nesses locais que conquista ou se propõe a estar. Refletir sobre o lugar onde estamos e sobre nossas atividades profissionais pode ser bem interessante para nos colocarmos em um lugar de observadoras atentas sobre novas formas de desigualdades que são produzidas ou repaginações de formas já bem conhecidas de desigualdades, que por vezes podem resultar em condições de maior vulnerabilidade das mulheres e, em situações mais críticas, em violências, as quais também são sistematicamente inventadas e/ou repaginadas.

Do ponto de vista quantitativo, mulheres estão mais presentes em certos lugares do que os homens. Por exemplo, conforme dados do Censo da Educação Superior, as mulheres já são a maioria, há vários anos, de discentes no ensino superior, como ingressantes, matriculadas ou concluintes, seja na graduação ou na pós-graduação (sendo, inclusive, a maioria titulada em cursos de doutorado). Entretanto, não importa apenas acessar, estar no curso e concluí-lo, é também importante pensar em quais cursos as mulheres estão. Análises que consideram essa dimensão apontam a maior presença de mulheres em cursos de licenciatura em relação ao bacharelado e aos cursos técnicos; em cursos relacionados ao cuidado e ao educar, tarefas historicamente desempenhadas pelas mulheres (a responsabilidade pela educação dos

filhos, a responsabilidade pelo cuidado com a família, os filhos, os doentes, os idosos). Então, por exemplo, as mulheres são maioria em cursos de enfermagem, assistência social, pedagogia e nas licenciaturas, pois qualificam para atividades profissionais de cuidado e da tarefa de educar. Em relação à docência, o mesmo Censo da Educação Superior nos mostra que entre docentes em exercício no ano de 2019, a maioria dos cargos era ocupada por pessoas do sexo masculino, seja para a totalidade de instituições de ensino superior (IES), seja para as públicas ou privadas. Assim, não basta as mulheres serem a maioria como discentes nos cursos superiores, ou se titularem mais, pois, a exemplo da docência no ensino superior, ainda é menor a presença delas em atividades profissionais que obrigatoriamente

exigem essas qualificações. Além da docência, as mulheres também são minoria em determinadas áreas e postos na pesquisa científica e em cargos de gestão nas instituições de ensino e pesquisa, sendo este último aspecto ainda pouco explorado nos debates.

Recentemente, assumi a coordenação do curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto René Rachou – Fiocruz Minas. Apesar de ser um cargo de gestão, o que possivelmente agregaria “valor” ao seu exercício, a administração relacionada ao ensino é menos valorizada e almejada do que a função da pesquisa. Sendo assim, um lugar de menos disputas.

Posso dizer que a posição de coordenação de curso de pós-graduação é extremamente sobrecarregada. Requer um trabalho intenso que inclui o preenchimento hercúleo de relatórios, condução de avaliações, gerenciamento de pessoas (docentes e discentes), além da necessidade de uma constante reflexão sobre o programa. No que diz respeito ao processo de avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil, as relações são excessivamente hierarquizadas, principalmente em relação às instituições de controle e avaliação – como a Capes, que estabelece, muitas vezes com pouca negociação, novas exigências e procedimentos que implicam mudanças importantes na rotina da gestão e da condução das atividades acadêmicas. Em alguns programas de pós-graduação, as inúmeras tarefas relacionadas ao processo de avaliação quadrienal são realizadas solitariamente e sem apoio. A gestão acadêmica da pós-graduação, ao contrário de outros cargos de direção e assessoramento em que a função é gratificada – caracterizando uma valorização, ainda que financeira –, não é remunerada.

Pensando sobre essas características, refletimos acerca da proximidade desse trabalho com o trabalho doméstico, sua invisibilidade, sobrecarga e o fato de ser feito de forma solitária. Na Fiocruz, dados sobre a coordenação dos programas de pós-graduação apontam que, na modalidade acadêmica, as mulheres vêm progressivamente assumindo os cargos de coordenação (em 2006, elas coordenavam 29% dos programas; em 2020, o percentual chegou a 68%). Na pós-graduação profissional, as mulheres sempre estiveram à frente da coordenação dos cursos (em 2006, coordenavam 100% dos programas, índice que, em 2020, passou para 69%). Os dados ilustram dois aspectos interessantes. O primeiro diz respeito às diferenças entre os cursos *stricto* e *lato sensu*, com as mulheres acessando a docência, e conseqüentemente a gestão, em cursos profissionalizantes antes dos cursos acadêmicos. E o segundo, que se refere à progressiva presença de mulheres na gestão dos cursos acadêmicos, “desobrigando” os homens das tarefas administrativas e os liberando para atividades mais “nobres”, como a pesquisa.

Apesar da coordenação da pós-graduação ser um cargo de chefia – significando que as mulheres assumem espaços de poder –, as desigualdades persistem, acionando outras dimensões que não apenas a de gênero, já que a pesquisa e a docência na pós-graduação ainda se configuram lugares de privilégio. Devido à necessidade de formação necessária para o desempenho dessas atividades – um ensino superior e uma pós-graduação –, as pesquisadoras são brancas e possivelmente de classe social mais privilegiada. Então, em que medida alcançar essa posição implica rupturas com as estruturas de poder e desigualdades de gênero e outras que se interseccionam?

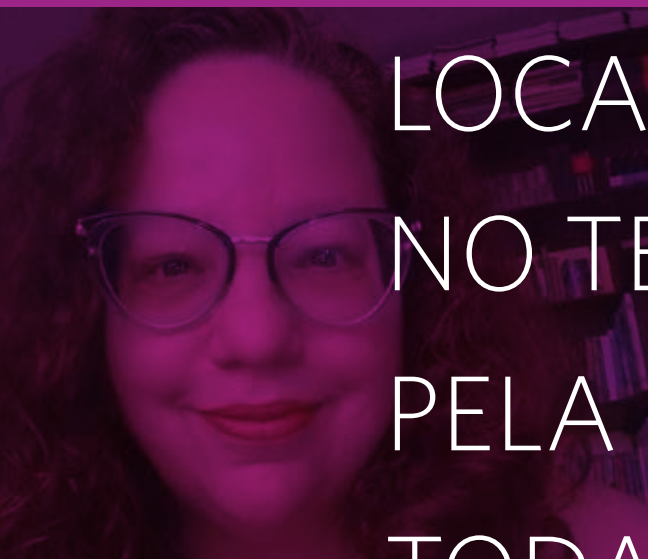
É um duplo desafio romper as iniquidades nesses espaços. Em primeiro, porque nesses lugares, a dimensão da desigualdade de gênero ainda prevalece. Em segundo, pelo fato de serem espaços assumidos por determinados grupos de mulheres com certa trajetória, o que ainda evidencia privilégios.

PARA QUE TENHAMOS ESPAÇOS DE EXERCÍCIOS DE GESTÃO MAIS DEMOCRÁTICOS, DEVEMOS PENSAR A PARTIR DA CONDIÇÃO FEMININA E DAS DESIGUALDADES QUE AINDA PRECISAMOS SUPERAR.



FOTO: BERNARDO PORTELLA | ACERVO FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

ALÉM DO GÊNERO,
ESTAMOS DIANTE DE
PESSOAS MARCADAS
PELA COR, PELA
LOCALIZAÇÃO
NO TERRITÓRIO,
PELA CLASSE E POR
TODAS AS DEMAIS
DESIGUALDADES
GERADAS NAS
RELAÇÕES DE PODER



TRAJETÓRIA, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA NA CIRCULAÇÃO DE BENS E DESIGUALDADES NO CUIDADO

MARTHA CRISTINA NUNES MOREIRA

Precisamos partir das nossas trajetórias – de mulheres, pesquisadoras e trabalhadoras em saúde – para falar com outras mulheres e meninas. Ao remeter às trajetórias, acionamos a ideia de percurso de e com experiências, trocas, encontros, revisões, dobras; onde há experiência e memória. E ao falar da experiência no encontro com a trajetória, aciono a narratividade – do contar e do escrever, do convidar e trazer para perto, oferecer as mãos, o conhecimento e a emoção para a formação.

A experiência como conceito aciona o diálogo com afecção, temporalidade, percurso e ancoragens coletivas. Dessa forma, torna-se um conceito político e dialógico. A experiência não é sinônimo de vivência, percepção, ou algo que remeta a uma ilusão de um sujeito de “biografia única” no mundo. Tal crença desautoriza os efeitos da afecção, dos encontros possíveis entre diferentes mundos. A ideia de que “se você não viveu não pode falar sobre isso” combina com o discurso da autoridade moral. Há que reconhecer essa autoridade, mas também há que recorrer ao encontro pela diferença: de quem não viveu, mas compartilha a experiência de época e de mundo. Essa lógica remete a um diálogo entre o que é meu e o que está na interação com os outros. Como nos lembra Jorge Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21).

A minha trajetória – iniciada na Luta Antimanicomial nos idos da década de 90, do século 20, passando pelos estágios em manicômios com mulheres, hospital especializado em doenças do sangue com crianças e adolescentes, e atuação com crianças e adolescentes em situação de rua em uma Casa de Acolhida – alcança a atenção à saúde mental de crianças e adolescentes já como psicóloga e professora de enfermeiras e enfermeiros, em Volta Redonda/RJ. Mas também como psicóloga que atuava como acompanhante terapêutica de adolescentes com quadros de saúde mental grave, e psicóloga em um presídio de segurança máxima masculino em Bangu/Rio de Janeiro. Essa trajetória não foi planejada ou imaginada como linear. Talvez o que a interseccione seja a necessidade de encontro com tudo o que não alcançaria como

experiência, se não fosse pelo trabalho de cuidado. Sim, um ponto comum para pensá-la talvez seja me localizar na atuação no cuidado em instituições públicas de saúde, apoio social e segurança pública, e reconhecer-me nas línguas da experiência de adoecimento das crianças e adolescentes frequentadores dos universos públicos de saúde, que têm mulheres em sua companhia na maior parte das vezes. Na interdependência do cuidado dessas crianças e adolescentes e suas mães, desenham-se trajetórias de trabalho remunerado e escolaridade. Mulheres com marcas profundas, principalmente quando relacionadas às questões crônicas de saúde e deficiência. Mulheres que após terem seus filhos, e caso não tenham se esmaecido suas redes, conseguiram construir carreiras na saúde, no “cuidado como profissão”, mas mantendo circuitos de obrigação e ajuda (GUIMARÃES, 2020).

Há um aprendizado político quando nos permitimos olhar para o mundo vivido, recuperar o mundo imaginado, e que foi reconstruído, e pensar o quanto de ambiguidade existe, por exemplo, no cuidado. Um aprendizado advém de discutir esse cuidado não enquanto essencialmente humano, mas como uma construção social, um lugar, uma economia, que gera trabalho, sustenta a reprodução social, e também envolve símbolos e desigualdade. Um território também de interesse econômico que pode ter mais ou menos investimento – e essa discussão requer uma crítica ao capitalismo. Cuidado que não é apenas a dimensão poética, mas também valor, economia, circulação de trocas e de bens. Sustenta as pessoas e está sujeito a ser menosprezado, desconsiderado.

Mello é referência na discussão sobre capacitismo no Brasil, e nos lembra que a discriminação dirigida à pessoa com deficiência

existe. Nela reside a lógica que classifica quem pode e quem não pode, que discrimina o corpo com deficiência como falta e falha. Quem ocupa e quem não precisa ocupar. Qual corpo pertence e qual corpo merece ser excluído. A corponormatividade também intersecciona com as gramáticas racistas, masculinistas, heteronormativas, etaristas. E aqui vale reconhecer a necessidade de acionar a interseccionalidade, nas encruzilhadas de Akotirene (2019).

Esse jogo entre normas, marcas, discriminações, exigências, nada invisível para quem o vive na pele, aciona o que é necessário enfrentar nesse universo de desigualdades. Acoplado às questões de gênero, esse jogo de “fazer de conta que não existe”, reservando um espaço separado, demarcando uma suposta invisibilidade, alimenta segredos e retira as pessoas do espaço público. Atualmente, problematizo o ativismo das mães das crianças atípicas, como elas se denominam. Crianças geralmente mal recebidas nos serviços de saúde, nas escolas, nas pracinhas, nas festas. Essas mulheres organizadas em ativismos, falas públicas ou associações, encontram o espaço público como um lugar para falar entre pares, pontuando seu direito de existir.

E ONDE ESCONDEMOS AQUELAS PESSOAS QUE NÃO CONSEGUIMOS TER CONTATO? POR QUE OS OUTROS NOS ASSUSTAM? AO ESCONDER, IMPOSSIBILITAMOS O DIÁLOGO COM A DIFERENÇA E COM O QUE PODE SER INCOMUM. ISSO ATRAVESSA TAMBÉM ESSES CORPOS DE MULHERES, ESSES CORPOS NEGROS. PENSAR SOBRE GÊNERO É DISCUTIR TAMBÉM ESSA LÓGICA DA SOCIEDADE TÃO POUCO AFEITA À DIFERENÇA.

Além do gênero, estamos diante de pessoas marcadas pela cor, pela localização no território, pela classe e por todas as demais desigualdades geradas nas relações de poder. Refletindo sobre isso, abordamos produções que não são naturais, mas influenciadas por como olhamos, classificamos, enumeramos e identificamos os modos de ser no mundo.

Cabe lembrar que ao debatermos gênero, falamos também dos homens. Quando dizemos que precisamos mudar, precisamos dialogar com esses homens e com esse universo da masculinidade, que também proporciona sofrimento.

Outra questão é por que essa memória do espaço da educação é sempre carregada de tanto sofrimento. Por que precisamos produzir – inclusive academicamente – com dor? Por que achamos sempre que seremos desqualificadas ao apresentar algo ao outro? Que atravessamentos residem na minha experiência como mulher, orientadora, branca, nas conversas com uma aluna negra, sempre “nervosa” nas orientações? E isso não é individualmente dela. Provavelmente na construção de sua trajetória, essa mulher ainda se coloca, em um tipo de relação comigo, com memórias que nos antecedem.

Acho que o principal aprendizado na minha trajetória é o viver intensamente a instituição pública. A partir de determinado momento, estudei sem precisar pagar. É por isso que queremos lutar: pelo espaço público da fala, do reconhecimento, e do embate entre a diferença e do que pode ser comum. Para que essas meninas se tornem mulheres sem que precisem pagar com seus corpos e suas dores. Que possamos segurar a mão de todas nós para nos levantarmos.

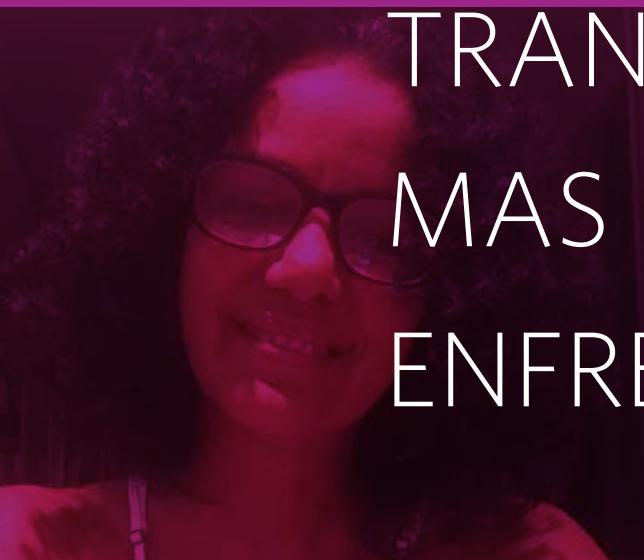
FOTO: ASCOM FIOCRUZ BRASÍLIA



REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. O cuidado e seus circuitos: significados, relações e retribuições. In: GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. *O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.
- MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, out. 2016.

ACREDITAMOS NA
POSSIBILIDADE DESSA
TRANSFORMAÇÃO,
MAS NÃO SEM
ENFRENTAMENTOS



QUAL O LUGAR DE MULHERES NEGRAS NA CIÊNCIA, NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?

ROBERTA GONDIM

Vou começar apresentando o modo como produzo a minha identidade: me identifico como uma mulher cis, amazônida, nascida e criada em Belém do Pará. Isso me institui como sujeita, me inscreve, atravessa meu corpo, minha história, minha memória e meu desejo. Venho para o Rio de Janeiro já adulta, com uma filha de 10 anos de idade. E sigo produzindo minha identidade a partir deste lugar da mulher amefricana, como nos brinda Lélia Gonzalez (2020). Entendendo-me como mulher afrodiaspórica, mas sem esquecer da ancestralidade indígena, minha pergunta inaugural é: qual o lugar de mulheres negras e indígenas na ciência e na produção de conhecimento?

Ao perguntar a partir desse lugar, há de se questionar as dinâmicas e ações que definem o lugar dos sujeitos do mundo. Então, em vez de responder sobre o lugar, pergunto “quem define os lugares?”. Quais os sujeitos, dinâmicas, ações e políticas que definem “lugar de sujeitos”? Em perspectiva histórica, quem tem a propriedade de enunciar o lugar de si e do outro? Acho que já sabemos a resposta...

Esse lugar é definido a partir da demarcação racial, da demarcação genderizada, da demarcação de origem, da demarcação de classe. Falarei de algum desses lugares, em especial, das mulheres negras, a partir de uma produção e demarcação colonial racializada de mundo definidora de lugares. O reconhecimento de produção de lugar nos faz perceber o posicionamento

conferido à mulher negra dentro daquilo que é reconhecido, de uma maneira estabilizada, como produção científica de conhecimento. Ordenada a partir de cânones produzidos no Norte Global, colonial e eurocentricamente definidos, em um dado recorte de ciência e dos agentes produtores considerados como legítimos, muita gente ficou e continua ficando de fora, tendo nas mulheres negras e periféricas um de seus maiores expoentes.

O papel da mulher negra na produção daquilo que é considerado como ciência, como conhecimento válido, é o do não protagonismo. Onde estão essas mulheres no ambiente acadêmico? Limpando os banheiros, as escadas, os corredores, apertando os números dos andares nos elevadores, tirando cópias de documentos, fazendo

café, enfim, apoiando e perguntando sobre o que pesquisadores precisam que seja providenciado.

As mulheres negras estão também presentes cedendo seus corpos para a manipulação “científica” de material biológico, como as células de Henrietta Lacks – uma mulher negra, estadunidense, cuja importância para o desenvolvimento científico e tecnológico em saúde se deu a partir da seção não autorizada do seu corpo –, estão nos corpos usados como cobaias pelo pai da ginecologia moderna, James Marion Sims, dentre muitos outros casos. Refiro-me aqui com esses exemplos às várias camadas de opressão e subalternização que operam sobre mulheres negras em um recorte de raça, de classe e de gênero.

De uma maneira absolutamente minoritária é que ocorre a ocupação dos espaços formais de conhecimento por parte da mulher negra. Joselina da Silva (2010), em seu artigo **Doutoras professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais**¹, mostra que nos espaços reconhecidos como produtores de conhecimento, a presença das mulheres negras diminui gradativamente com o aumento dos anos de escolaridade. Apenas em torno de 10,4% das mulheres negras, com idade entre 25 e 44 anos, concluem o ensino superior. O percentual de mulheres pretas e pardas professoras doutoras de programas de pós-graduação no Brasil é inferior a 3%. E só 7% das bolsas de produtividade são destinadas às mulheres negras.

EU SOU UMA EXCEÇÃO, E NÃO POSSO LER ESSA EXCEÇÃO COMO MÉRITO MEU E DE MEU ESFORÇO INDIVIDUAL. SENDO A TRAJETÓRIA ALGO QUE PRESSUPÕE UM COLETIVO, SER EXCEÇÃO NÃO FAZ PARTE DO MÉRITO DA MINHA TRAJETÓRIA INDIVIDUAL.

Esse lugar que eu ocupo hoje é, fundamentalmente, fruto do esforço das mulheres negras, minhas ancestrais, que lutaram para que algo nesse sentido pudesse se operar. Mas repito, sem políticas públicas reparadoras, eu e as demais companheiras dos 3% acima mencionados, seguiremos sendo exceção.

Os espaços de produção de conhecimento e tomada de decisão são majoritariamente ocupados por corpos não negros e de não mulheres. Portanto, nosso papel como mulheres negras nesse espaço de produção de conhecimento é, para além da resistência, o de transformação. A alteração desse lugar pode se dar com o desvelamento dos elementos que compõem as teias tecidas que naturalizam essa dada ocupação de lugar, subalternizantemente estruturada e reproduzida. Nós, mulheres negras, temos que colocar em nossa agenda de resistência a transformação desse lugar tão normalizado que ocupamos, tão subalterno ou do “não lugar”, ocupados pelos “não seres”, como diz Franz Fanon (2008).

Mas há muitos enfrentamentos necessários no caminho, não é fácil nem banal, mas acredito ser possível produzirmos agendas que caminhem por uma via contra hegemônica. É um pouco dessa agenda que trago no meu fazer cotidiano, dentro de uma instituição de ciência e tecnologia e saúde como a Fiocruz, que como todas as outras instituições de ensino no Brasil é forjada colonialmente e reproduz bases dessa estruturação racial de mundo. Uma agenda da qual faça parte a inclusão de políticas afirmativas para ingresso e manutenção de mulheres negras e periféricas no corpo docente e discente; que a questão étnico-racial, em especial o racismo histórico-estrutural e suas expressões institucionais e sociais, seja incluída nas bases curriculares do ensino; que passem a compor a prioridade das agendas de pesquisa; e que sejam sistemática e amplamente



1. O artigo pode ser conferido aqui:



2. Disponível em:



divulgadas e debatidas as questões e achados de estudos.

Esses são alguns exemplos para pensarmos formas em que as discussões das relações étnico-raciais em saúde precisam compor a agenda de ensino, pesquisa, extensão e de relações interpessoais. Isso é fundamental no sentido da desconstrução do mito da democracia racial que vem mantendo a falácia que narra o Brasil como um país sem racismo. Principalmente no sentido da desnaturalização de marcadores e operadores sociais da desigualdade de base racial.

Finalizo com a **fala**² da Angela Davis, que diz que quando a mulher negra se movimenta, ela move as estruturas. Isso também não é apenas uma metáfora, mas se dá materialmente na medida em que ocupemos espaços de protagonismo, de formulação de agendas, de tomada de decisões. É

nessas arenas da vida em comum, da vida pública e da política que está dada a possibilidade de transformação, ainda que paulatina.

Acreditamos na possibilidade dessa transformação, mas não sem enfrentamentos. Enfrentamentos que são parte da historicidade de todo corpo negro, afrodiaspórico, posto que a nossa diáspora se funda nas bases do escravagismo. Sabemos enfrentar, sabemos que o futuro não é tranquilo, mas estamos aqui para produzir as resistências. Então vamos mover as estruturas, que sob o ponto de vista acadêmico, significa ocupar e falar a partir deste lugar – de mulher negra!

REFERÊNCIAS

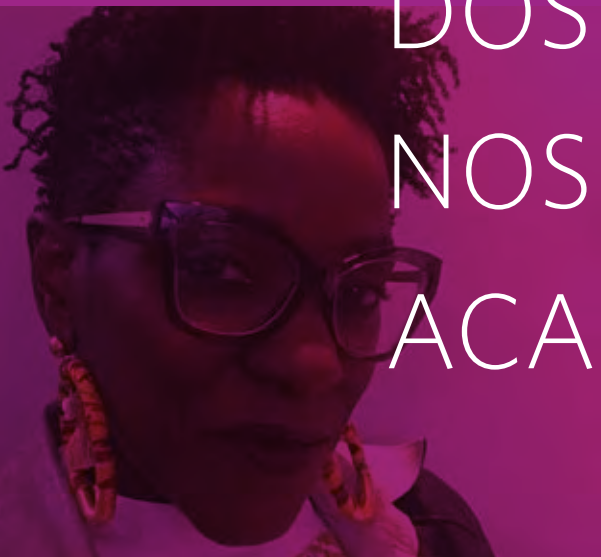
DAVIS, Angela. Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo [vídeo]. 2017. Bahia: UFBA.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

SILVA, Joselina da. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. *Perspectiva*, v. 28, n. 1, p. 19-36, 2010.

QUE SE NORMALIZE
A PRESENÇA
DOS MEUS PARES
NOS ESPAÇOS
ACADÊMICOS



AS DESIGUALDADES DE ACESSO À CIÊNCIA ENCONTRADAS PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM

ROSEANE CORRÊA

É salutar conversarmos sobre a valorização de mulheres negras no campo científico, pois sabemos que a cor é um fator determinante de oportunidades em nossa sociedade. Lélia Gonzales (2020, p. 376) destaca que na formação econômica do Brasil existe uma divisão racial e sexual do trabalho que leva mulheres negras a uma tríplice discriminação, incluindo raça, classe e sexo. Esse sistema gera desigualdades que interferem diretamente no nascer, crescer, viver, trabalhar e envelhecer dessas mulheres. Além disso, fatores determinantes e condicionantes de saúde como alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, trabalho, renda, educação, transporte, lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais para a saúde são impactados pelo racismo no qual se estrutura a nossa sociedade. A doutora Maria Helena Machado et al. (2016a) divulga em sua **pesquisa**¹ o perfil sociodemográfico da enfermagem brasileira.

A equipe de enfermagem é majoritariamente feminina, com cerca de 85% de mulheres, e majoritariamente negra, com 53% de negros, mas esses números não representam uma hegemonia com poder político. Lembramos que a profissão é dividida em categorias, sendo 23% de enfermeiros que possuem nível superior, e 77% de auxiliares e técnicos de enfermagem com ensino médio. Em posse dessa informação e a partir de um olhar interseccional, destaco que existem desigualdades estruturais que dificultam o acesso e a dedicação à ciência por profissionais de enfermagem. Mulheres negras

são exploradas economicamente,, submetidas à remuneração injusta e não condizente com a complexidade do trabalho desenvolvido pela equipe e fazendo com que dois ou mais vínculos sejam necessários para a gestão econômica de seus lares. Adiciona-se uma tripla ou quádrupla jornada diária que inclui, para além do cuidado de si mesma, o cuidado de familiares, cuidado de terceiros e as atividades domésticas.

A pandemia de Covid-19 é a grande vitrine para que se testemunhe o que por décadas vulnerabiliza as trabalhadoras de enfermagem brasileiras.

1. A pesquisa pode ser conferida aqui:



Estão elas na linha de frente no combate à pandemia; contudo, devido a forças neoliberais, têm baixos salários, vínculos trabalhistas frágeis, exposição ao vírus – o que, muitas vezes, é devido a equipamentos de proteção individuais inadequados –, sem o direito de gozar tempo de descanso necessário, sem um dimensionamento de equipe como a legislação resulta. Segundo o **painel Observatório de Enfermagem do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen)**², há um altíssimo número de contaminação dessas profissionais e muitas se tornaram vítimas fatais da doença.

Trata-se de uma realidade estrutural que funciona como barreira ao acesso de muitos profissionais de enfermagem que desejam ascender na carreira acadêmica. O mercado de trabalho exige que o profissional tenha qualificação. Por volta de 73% dos enfermeiros têm especialização lato sensu, entretanto observa-se que 70% dessas formações foram custeadas pelo próprio profissional. Quando observamos a realidade do strictu sensu, que é uma formação que exige pelo menos um tempo maior de dedicação incluindo períodos de dedicação exclusiva a pesquisa, os números são: 3,6% têm mestrado profissional, 10,9% têm mestrado acadêmico, 4,7% concluíram o doutorado e apenas 0,4% dos profissionais de enfermagem têm pós-doutorado, (4) (MACHADO et al., 2016b). Os números são alarmantes e os dados não estão desagregados por raça/cor, por isso acredito que para mulheres negras esse número seja ínfimo.

Com a implantação do SUS e a universalização da saúde, aumentaram as demandas por profissionais de enfermagem e houve um crescimento nas oportunidades de emprego. Esse processo aqueceu o mercado e criou vagas em faculdades de Enfermagem. Segundo **Poz et al**³ (2013), entre os anos de 2000

e 2011, as instituições públicas de ensino aumentaram em 124% o número de vagas; em contrapartida, as instituições privadas passaram a ter mais 642% de vagas no período. Há a preponderância de formação profissional por instituições privadas e um perfil de estudantes que vivem com até três salários-mínimos.

USAR A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA ANALÍTICA PARA PROBLEMATIZAR A INSERÇÃO DE MULHERES NEGRAS DA ENFERMAGEM NA CARREIRA ACADÊMICA É MUITO ALÉM DE UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA SOCIAL, É ESTUDAR AS DESIGUALDADES ATRAVÉS DE VÁRIAS CATEGORIAS DE PODER.

É um processo de investigação crítica que visa transformar as relações de poder. É uma prática que empodera a comunidade e os indivíduos. Em um olhar sobre classe, técnicas e auxiliares de enfermagem são desvalorizadas, submetidas a condições de trabalho desumanas e correm o risco de levar infecção para a família.

A minha história pessoal é atravessada por muita luta, no entanto tive vantagens sociais que me permitem me dedicar ao trabalho e mais tardiamente à ciência e à academia. Por ser a mais nova da família, não precisei trabalhar e estudar ao mesmo tempo, fato raro para mulheres negras jovens. Essa pequena vantagem possibilitou me dedicar aos estudos e ingressar em uma universidade federal. Quando comecei a trabalhar, não tinha filhos nem idosos sob minha responsabilidade, então cursei pós-graduação custeada pelo meu salário para galgar melhores oportunidades de emprego. Trabalhei exclusivamente por 21 anos até que pude retornar à academia para o mestrado.



2. Observatório da Enfermagem. Disponível em:



3. Disponível em:



O Programa em Saúde Pública do qual sou aluna é coordenado por uma mulher negra, a professora doutora Marly Cruz, que particularmente é o meu maior símbolo de representatividade. Eu me lembro que, no dia da minha prova de seleção, a professora Marly entrou na sala para desejar boa sorte a todos. Ao vê-la, senti uma segurança maior que a Fiocruz também seria um lugar para mim. Para além disso, sou orientada por uma mulher negra, a professora doutora Roberta Gondim. O meu caso, apesar de eu ter tido a oportunidade de me dedicar à ciência, mesmo após muitos anos, não é a realidade da maioria das mulheres negras enfermeiras. Pelo contrário, é a exceção que confirma a regra de exclusão de outras como eu. Que se normalize a presença de meus pares nos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: Uma abordagem político-econômica. In: GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar; 2020.

MACHADO Maria Helena; AGUIAR FILHO Wilson; LACERDA, Wagner Ferraz de; OLIVEIRA Eliane de et al. Características Gerais da Enfermagem: o perfil sócio demográfico. *Enfermagem em Foco*, v. 7, n. esp, p. 9-14, 27 jan. 2016a.

MACHADO Maria Helena; WERMELINGER, Mônica, Carvalho de Mesquita; OLIVEIRA, Elaine de; AGUIAR FILHO Wilson et al. Aspectos Gerais da Formação da Enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros técnicos e auxiliares. *Enfermagem em Foco*, v. 7, n. esp., p. 15-34, 27 jan. 2016b.

POZ, Mario Roberto Dal; PIERANTONI, Celia Regina; GIRARDI Sábado. Formação, mercado de trabalho e regulação da força de trabalho em saúde no Brasil. In: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. *A saúde no Brasil em 2030: prospecção Estratégica do Sistema de Saúde Brasileiro*. Organização e Gestão do Sistema de Saúde. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz; 2013. v. 3.

A PRESENÇA INDÍGENA
NA ACADEMIA É
UMA QUESTÃO
DE REPARAÇÃO
HISTÓRICA E JUSTIÇA
SOCIAL, MAS TAMBÉM
DE VALORIZAÇÃO
DA DIVERSIDADE
DE SUJEITOS E
EPISTEMOLOGIAS
NA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO



MULHERES INDÍGENAS, CIÊNCIA E SAÚDE NA FIOCRUZ

ANA LUCIA DE M. PONTES

A Fiocruz tem uma longa trajetória em defesa dos direitos dos povos indígenas, na discussão das desigualdades sociais e em saúde que lhes afetam e de fortalecimento das ações e políticas de saúde direcionadas a essa população. Em 1986, **Sérgio Arouca**¹ esteve na mesa de abertura da 1ª. Conferência Nacional de Proteção à Saúde do Índio, parte da 8ª. Conferência Nacional de Saúde, que gerou os subsídios para formulação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI-SUS) criado pela Lei n. 9.836/1999. Essa trajetória envolve a realização de pesquisas, formação de pesquisadores e profissionais de saúde, cooperação técnica, apoio às comunidades e organizações indígenas, entre outras iniciativas.

A situação de saúde das mulheres indígenas, entre 14 e 49 anos de idade, foi investigada nacionalmente pelo **I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas**², realizado entre 2008 e 2009, que evidenciou o baixo acesso ao saneamento básico e ações de pré-natal e a presença de problemas nutricionais, como sobrepeso, obesidade e anemia (**COIMBRA et al., 2013**³; **BORGES et al., 2016**⁴; **GARNELO et al., 2019**⁵). E, com vistas a apoiar a atuação de enfermeiros e médicos nos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), foi realizado, entre 2015 e 2016, o **Curso de Capacitação em Atenção à Saúde da Mulher Indígena**⁶.

Particularmente destacamos a ampla produção científica sobre a temática disseminada pela revista **Cadernos de Saúde Pública**⁷ e pela **Editora**

Fiocruz⁸, que têm evidenciado as persistentes iniquidades em saúde e sociais que afetam os povos indígenas. Algumas publicações abordam especificamente a saúde da mulher indígena, como os livros **A Cosmopolítica da Gestação, Parto e Pós-Parto: práticas de autoatenção e processo de medicalização entre os índios Munduruku**⁹ e **Atenção Diferenciada: a formação técnica de agentes indígenas de saúde do Alto Rio Negro**¹⁰. Em 2021, a editora Fiocruz estreou uma série de vídeos relacionados ao Dia Internacional da Mulher, sendo o primeiro sobre a **luta das mulheres indígenas**¹¹. Os conhecimentos e práticas de parteiras têm sido valorizados por projetos audiovisuais como a playlist com **receitas**¹² na Vídeo Saúde e pela organização de **eventos**¹³.

1. Sérgio Arouca:



2. I Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas:



3.



4.



A organização e visibilização da produção técnico-científica, documental, didática e audiovisual sobre o tema têm sido disponibilizadas na **BVS Saúde dos Povos Indígenas**¹⁴, lançada em 2019.

Nos últimos anos, pesquisadores da Fiocruz, em parceria com o GT de Saúde Indígena da Abrasco, têm realizado diversas iniciativas para ampliar a participação indígena nas atividades acadêmicas da área de saúde coletiva. Nessas ações, observa-se a forte presença das mulheres indígenas, que têm ganhado maior visibilidade nos últimos anos nas universidades, no movimento indígena e na política. Vale destacar que, em 2019, a aula inaugural do curso de especialização em Saúde Pública da ENSP foi realizada pela primeira deputada federal indígena, **Joenia Wapicha**¹⁵, advogada indígena de Roraima, que também foi destaque da revista **Radis**¹⁶.

Essa presença das mulheres indígenas na academia foi destaque no **8º. Congresso Brasileiro de Ciências Humanas e Sociais em Saúde**¹⁷, sendo a primeira vez que uma mulher indígena, Elisa Pankararu, discursou na abertura de um evento científico da **Abrasco**¹⁸. Em 2019, o projeto **Vozes indígenas na produção do conhecimento e formulação das políticas de saúde indígena**¹⁹ organizou uma oficina com um coletivo de 20 pesquisadores indígenas, dentre os quais 15 mulheres. A partir da oficina se produziu um conjunto de curtas sobre as trajetórias indígenas



do território à **academia**²⁰, que mostram as vivências e perspectivas das mulheres indígenas. Também se estruturou um comitê editorial, composto por seis pesquisadores indígenas (cinco mulheres), que organizaram duas **chamadas públicas**²¹ para **trabalhos de autoria indígena**²², lançadas em julho de 2020.

Elas devem ser finalizadas e lançadas novamente ainda em 2021. Essas iniciativas marcam uma mudança radical e necessária de reconhecimento das mulheres indígenas como produtoras de conhecimentos científico, com suas **particularidades**²³. Há que se destacar que até o momento existem duas mulheres indígenas que concluíram **mestrado e doutorado**²⁴ na Fiocruz, havendo, em 2021, somente duas indígenas matriculadas nos programas *stricto sensu*.

A presença indígena na academia é uma questão de reparação histórica e justiça social, mas também de valorização da diversidade de sujeitos e epistemologias na produção do conhecimento.

ESSA PRESENÇA DAS MULHERES INDÍGENAS NA ACADEMIA É RESULTADO DOS AVANÇOS DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NAS UNIVERSIDADES, QUE PRECISAM SER AMPLIADAS E FORTALECIDAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FIOCRUZ.

5.



6.



7. Destacamos alguns
suplementos temáticos:



8. Coimbra Júnior e Garnelo (2004)



9.



10.



11.



12.



13.



14.



15.



16.



17.



18.



19. Iniciativa coordenada
pr Ana Lucia de M. Pontes,
Ricardo Ventura Santos
e Felipe Rangel de Souza
Machado, da ENSP, e Inara
do Nascimento Tavares
(Instituto Insikiran/UFRR)
e apoiado pelo projeto
“Promoção e vigilância em
saúde para o fortalecimento
de práticas relacionadas ao
Subsistema de Atenção à
Saúde Indígena e integração
do SUS”, coordenado pela
Vice-Presidência de Ambiente,
Atenção e Promoção da Saúde
(VPAAPS).

20.



21.



22.



23. Ver texto desta coletânea
intitulado “Ciência e
Saúde desde as Indígenas
Mulheres”, de Elisa Urbano
Ramos, Hipamaallhe –
Braulina Aurora, Inara do
Nascimento Tavares e Joziléia
Daniza Jagso Kaingang.

24.





NOSSA PRESENÇA NA
ACADEMIA É REPARAÇÃO
E LUTA CONTRA
QUALQUER TIPO
DE INJUSTIÇA,
PARTICULARMENTE
CONTRA O GENOCÍDIO
DE NOSSOS POVOS,
O RACISMO E A
DISCRIMINAÇÃO
DE GÊNERO

CIÊNCIA E SAÚDE DESDE AS INDÍGENAS MULHERES

ELISA URBANO RAMOS, HIPAMAALLHE – BRAULINA AURORA, INARA DO NASCIMENTO TAVARES E JOZILÉIA DANIZA JAGSO KAINGANG

A perspectiva decolonial – para nós entendida como indigenização – busca (re)localizar o centro da produção de conhecimento e se volta ao sujeito enunciante apostando em outras experiências políticas, vivências culturais, alternativas econômicas e produção do conhecimento obscurecidas, destruídas ou bloqueadas pelo eurocentrismo dominante. Assim, perguntamos, e se o lócus de enunciação sobre Ciência e Saúde fosse deslocado para as indígenas mulheres? E se o lugar de uma indígena mulher fosse o lugar pelo qual esse mundo se organizasse e produzisse o conhecimento?

Se fizermos esse deslocamento epistemológico, as condições do trabalho intelectual serão diferentes, o caráter da teorização será diferente. O pensamento dos povos indígenas é caracterizado por esta conexão indissolúvel com o território que habita e com todos os seres vivos. Em agosto de 2019, esse modo de ser no mundo foi expresso na **I Marcha das Mulheres Indígenas**¹, quando mais de 2 mil mulheres de 130 povos indígenas de todas as regiões do Brasil gritaram:

“Território: nosso corpo, nosso espírito”²⁻³. Com esse grito, afrontamos este sistema-mundo branco/racista/patriarcal/militar/capitalista e reafirmamos a nossa existência neste mundo. São pelos nossos corpos

que se constituem nossos territórios. Podemos dizer que nossos mundos, nossas vivências, resultam de **nosso protagonismo no cuidado com a terra, ela, mulher como nós.**

As indígenas mulheres têm uma identidade com a terra, pois construímos e somos construídas nela, precisamos desse lugar, onde nossas memórias afetivas, linguísticas e de reconhecimento das nossas identidades são qualificadas e potencializadas.

1. Marcha das Mulheres Indígenas:



2.



3.



PARA O MOVIMENTO INDÍGENA, “A LUTA PELA TERRA É A MÃE DE TODAS AS LUTAS” E AS MULHERES SÃO PROTAGONISTAS NESSA LUTA, A COMEÇAR PELO ZELO COM A TERRA, ENTENDIDA COMO MÃE DE TODOS OS SERES HUMANOS E NÃO HUMANOS, ÁRVORES, VEGETAIS E MINERAIS. O TERRITÓRIO É SAGRADO PORQUE É MORADA DOS NOSSOS ANCESTRAIS.

Na luta pela visibilidade e igualdade em um mundo de muitas discriminações, renunciamos ao silêncio e demarcamos o território na escrita. Em tempos sombrios de perdas de direitos, estamos confiantes na vitória de cada indígena mulher que está em sua mesa, escrevendo, dentro e fora do território, fazendo acontecer novas histórias e defendendo a visibilidade de ser indígena e mulher.

Nossas escritas vão rompendo fronteiras e demarcando nossas culturas próprias, seres de oralidade, nos apropriando da tecnologia da escrita. E nossa escrita em português também reflete nossas trajetórias. Para muitas de nós, a língua portuguesa é a segunda língua. Nosso português tem outras nuances, reflete nossa oralidade e pensamento. A tradição oral é entendida como a arte de contar e ouvir histórias, pois são as histórias dos nossos antepassados, suas maneiras de ver o mundo, que conduzem a trajetória do povo.

Reviver o processo de escrita e o acesso à escola se trata de reviver uma trajetória vivida entre prédios de uma cidade e no banho no igarapé, em uma roda de conversa entre amigos sobre direitos indígenas, reviver as sombras de árvores que nos protegem do sol no caminho da roça com nossas mães e irmãs Baniwa. Mas também é reviver que

é na escola que primeiramente sofremos com o racismo, a discriminação e o preconceito.

Indígenas mulheres, suas trajetórias e caminhos na universidade visibilizam nossa diversidade e capacidade de produção de conhecimento, como intelectuais que partem de seus corpos, de suas culturas e dos ensinamentos de seus povos. Nossa presença na academia é reparação e luta contra qualquer tipo de injustiça, particularmente contra o genocídio de nossos povos, o racismo e a discriminação de gênero. Trabalhamos na fronteira entre academia e ativismo.

Trazemos em nossa produção de conhecimento as histórias de vida e vivências com várias mulheres no cotidiano dentro e fora do território. A reflexão sobre gênero se dá pela vivência nas aldeias, no acompanhamento do movimento indígena nas suas diversas atividades e questões, na educação indígena, na história de luta das grandes mulheres, nas narrativas míticas, que consideram os seres espirituais femininos, também.

E se são muitas as mulheres que possuem a qualidade de guardiãs e detentoras de saberes tradicionais, sobre toda a sua diversidade de procedimentos de cura (como curandeiras, benzedeiros e parteiras), e se são consideradas sábias na mesma dimensão dos homens, é nesse contexto de condições dadas a ambos, que buscamos uma relação de igualdade.

Afirmamos também, desde a experiência das mulheres Pankararu, que pertencemos a sociedades que também possuem um aspecto matriarcal. As mulheres são matriarcas na forma que conduzem suas famílias; ao darem continuidade aos ensinamentos dos costumes, usos e tradições; ao contribuírem financeiramente com as famílias; e ao se organizarem em



associações para buscar os direitos coletivos direcionados às populações indígenas.

As mulheres têm participação ativa nos movimentos e atividades coletivas pela institucionalização das políticas públicas para saúde e educação escolar indígena, e na luta maior pela terra indígena. Ressaltamos essa participação ativa e as redes formadas pelas mulheres para a retomada do território tradicional. Entre as mulheres Kaingang, existe uma rede construída por laços afetivos, sanguíneos ou não, de constante troca de informações, de articulação de ideias e de incidência para favorecê-las nos contextos das comunidades. Mas observamos que nas produções acadêmicas, feitas até pouco tempo, somente a agência masculina era ressaltada e reforçada, cabendo a nós o compromisso de fortalecer e visibilizar ações e vozes das parentas indígenas.

Nos espaços de discussões onde temos nos debruçado para pensar temas como feminismo indígena e/ou todas as relações e atuações das mulheres, em lugares políticos, de trabalho, de lutas, no contexto intra ou extraterritório, percebemos que temos pouco referencial teórico para subsidiar os debates. Por outro lado, temos uma efervescência de pensamentos e discussões entre pesquisadoras indígenas e não indígenas. Seguimos porque precisamos fazer movimento, fazer mudança e lutar pela vida de nossos povos.

Para as indígenas, é prioridade a paridade de gênero e a realização de atividades que envolvam somente as mulheres. Ainda há resistência na participação delas em diversos setores com os quais se relacionam; dentro e fora do contexto da aldeia, encontram desafios e a discriminação de gênero. O surgimento e fortalecimento de parentas mulheres no acesso às universidades rompe a ideia de ser indígena mulher dentro das comunidades indígenas. Ser indígena mulher e mãe fora do território é correr risco, mas, ao mesmo tempo, é um ato político de resistência. É no transitar entre os dois lugares que nós fortalecemos a nossa indianidade, somos a continuação e a força de um povo.

**SE NOSSAS AVÓS
SOFERAM VIOLÊNCIAS E
TIVERAM SEUS SABERES
SILENCIADOS, NÓS, COMO
NETAS, ESTAMOS AQUI
PARA CONSTRUIR NOVAS
HISTÓRIAS NO MUNDO DAS
ESCRITAS, DESENHANDO
UMA NOVA LINHA SOBRE
A HISTÓRIA DE INDÍGENAS
MULHERES. NÓS, INDÍGENAS
MULHERES, ESTAMOS
PRESENTES CADA VEZ
MAIS, COMO PORTA-
VOZES DE MUITAS OUTRAS
MULHERES, VISIBILIZANDO
CIÊNCIAS INDÍGENAS.**

MINIBIOGRAFIAS



ALUNAS PARTICIPANTES DO COLETIVO MOTIRÔ, PARCERIA COM AGENDA LARANJA/IFF/FIOCRUZ.

- Amanda Forte Ferreira, CIEP385 – Alberto Pasquali;
- Ananda Santana Mateus, Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR);
- Camilly Evangelista de Almeida, Centro de Formação Nogueira Mineiro;
- Claudilene Silva Gonçalves, Colégio Estadual Hebe Camargo;
- Daiana Galdino Pinto da Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- Emilly Yorio Camargo Barbosa, Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ);
- Estephane Gonçalves Santos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ);
- Juliana Machado Santos, Universidade Federal Fluminense (UFF);
- Leticia Lucas Mattos, Universidade Federal Fluminense (UFF);
- Letícia Nunes Barros Rodrigues, Colégio Estadual Elisiário Matta;
- Luana Linda da Silva, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ);
- Manuella Vitória Alves da Silva, Colégio Pedro II;
- Maria Eduarda Bento Sampaio, Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ);
- Maria Eduarda Monteiro da Silva Marques, Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ);
- Milena Mota da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
- Maria Luiza Moreira dos Santos, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);

DELAINE MARTINS COSTA - ENSP/FIOCRUZ

Delaine Martins Costa é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com mestrado em Antropologia (UFF) e doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Pesquisadora concursada do Departamento de Ciências Sociais da ENSP e integrante da área de concentração Sociedade, Violência e Saúde (SVS). Professora colaboradora do Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, atua na linha de pesquisa perspectiva socioculturais, nos temas desigualdades sociais em saúde, relações de gênero e avaliação.

LENIRA FRACASSO ZANCAN - ENSP/FIOCRUZ

Lenira Fracasso Zancan, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz), onde atua como pesquisadora adjunta do Departamento de Ciências Sociais. Professora na pós-graduação na área de Saúde Coletiva, com ênfase na Educação e Promoção da Saúde, tem experiência de pesquisa, cooperação e extensão nos temas de saúde, ambiente e políticas públicas, com especial interesse nas dimensões da participação e intersectorialidade, na avaliação de programas de saúde e desenvolvimento local. Membro da coordenação do Projeto Laboratório Territorial de Manguinhos e do Projeto Memórias e Práticas do DCS/ENSP/Fiocruz.

MARIA INÊS CARSALADE MARTINS - ENSP/FIOCRUZ

Maria Inês Carsalade Martins é graduada em Terapia Ocupacional pela Escola de Reabilitação do Rio de Janeiro, da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR), mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Reestruturação Produtiva e Gestão do Trabalho em Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão do trabalho em saúde, processo de trabalho em saúde, educação em saúde, recursos humanos em saúde e formação de recursos humanos em saúde.

MARIA LÚCIA DE MACEDO CARDOSO - ENSP/FIOCRUZ

Maria Lúcia de Macedo Cardoso tem graduação em Ciências Sociais (UnB), mestrado em Development Studies (Mulheres e Desenvolvimento) pelo Institute of Social Studies (Holanda), mestrado em Antropologia (UnB) e doutorado em Antropologia Social (Museu Nacional/UFRJ). É pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais da ENSP/Fiocruz e professora em Metodologia da Pesquisa Social e Teoria Social no mesmo departamento. Desenvolve pesquisa na área de desigualdades sociais, saúde e políticas públicas. Coordena o Projeto Memórias e Práticas do DCS/ENSP/Fiocruz.

ROSANA MAGALHÃES - ENSP/FIOCRUZ

Rosana Magalhães é graduada em Nutrição pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é pesquisadora titular da Fundação Oswaldo Cruz. A sua experiência na área de Saúde Coletiva envolve atividades de ensino e pesquisa, coordenando estudos nas linhas de investigação institucional “Desigualdades Sociais, Qualidade de Vida, Cidade e Saúde” e “Avaliação de Políticas Públicas”. É membro da Comissão de Pós-Graduação do Programa de Mestrado e Doutorado da ENSP/Fiocruz.

ALEXSANDRA RODRIGUES DE MENDONÇA FAVACHO - FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

Alexsandra Rodrigues de Mendonça Favacho tem graduação em Biomedicina pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestrado em Bioquímica pela mesma universidade e doutorado em Ciências (Microbiologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É pesquisadora em Saúde Pública da Fiocruz Mato Grosso do Sul, onde desenvolve atividades de pesquisas sobre: rickettsioses, bartonelose, febre Q e outras zoonoses virais e bacterianas em população humana, de animais (silvestres e domésticos) e de artrópodes. Tem realizado pesquisas sobre SARS-CoV-2 desde o início da pandemia. Tem experiência na área de Microbiologia, com ênfase em Doenças

Infeciosas e Parasitárias, Biologia Molecular e Biotecnologia. Atua principalmente nos seguintes temas: diagnóstico, epidemiologia molecular e tipagem molecular de agentes infecciosos virais e bacterianos. Membro da Comissão Técnica de Biossegurança e Bioproteção (CTBio) da Fiocruz. É coordenadora de Biossegurança da Fiocruz MS. É docente no Programa de Pós-Graduação em Doenças Infecciosas e Parasitárias da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Colabora com a vigilância epidemiológica de rickettsioses lato sensu, em especial da bartonelose, febre maculosa brasileira, febre Q e ehrlichiose no Brasil. Coordena projetos de pesquisa e de desenvolvimento tecnológico. Revisora de periódicos nacionais e internacionais.

ALINE LOPES LACERDA - COC/FIOCRUZ

Aline Lopes Lacerda possui graduação em História e mestrado em Comunicação ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como pesquisadora do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, tendo se especializado no tratamento arquivístico de documentos fotográficos de valor permanente. Tem experiência, também, na área de História e Arquivologia, com ênfase em Fotografia e História, e Fotografia e Arquivos. Desenvolveu seus trabalhos de dissertação e tese, respectivamente, sobre Fotografia e Política, e, Fotografia em Arquivos.

ALINE LOPES SOARES PESSOA DE BARROS - MUSEU DA VIDA/COC/FIOCRUZ

Aline Lopes Soares Pessoa de Barros tem graduação em Administração pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e especialização em Gestão da Saúde e Administração Hospitalar pela Universidade Estácio de Sá (Unesa). Tem experiência em educação, com ênfase em educação em museus. Atualmente é analista de gestão da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e atua no Serviço de Educação do Museu da Vida. Coordena o projeto “Meninas Negras na Ciência” e cursa mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

ANDRÉ LUIZ DA SILVA LIMA – PRESIDÊNCIA / FIOCRUZ

André Luiz da Silva Lima é graduado, com Bacharelado e Licenciatura, em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo desenvolvido seus estudos de mestrado e doutorado em História das Ciências e da Saúde pelo PPGHCS/COC/Fiocruz. Tem experiência em atividades de pesquisa e coordenação de campo em projetos de intervenção socioeconômica em territórios em situação de vulnerabilidades (favelas), e na pesquisa histórica da saúde coletiva.

AMANDA DA ROCHA PAULA REYES – IOC/ FIOCRUZ E PROVOC/FIOCRUZ

Amanda da Rocha Paula Reyes é estudante do Ensino Médio do Colégio Pedro II do Campus São Cristóvão III. Participa do Programa de Vocação Científica (Provoc) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), no Laboratório de Helmintos Parasitos de Peixes, sob orientação da pesquisadora Melissa Querido Cárdenas Rossas e coorientação da pesquisadora Márcia Cristina Nascimento Justo.

ANA LÚCIA DE MOURA PONTES – ENSP/FIOCRUZ

Ana Lúcia de Moura Pontes tem graduação em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP), especialização em Educação e Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), residência médica em Medicina Preventiva e Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestrado e doutorado em Saúde Pública pela ENSP. É pesquisadora do grupo de pesquisas Saúde, Epidemiologia e Antropologia dos Povos Indígenas da ENSP/Fiocruz. Tem atuado em pesquisas qualitativas, formação profissional e projetos técnicos no âmbito da Saúde Indígena, principalmente na sua interface com as políticas públicas de saúde, perspectivas antropológicas dos modelos de atenção à saúde e formação profissional de Agentes Indígenas de Saúde. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia/Fiocruz e do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva/ Fiocruz/Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ)/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)/ Universidade Federal Fluminense (UFF) e do doutorado acadêmico em Saúde Coletiva/Instituto Leônidas & Maria Deane (ILMD/Fiocruz)/Universidade Federal do Amazonas (UFAM)/Universidade do Estado do Amazonas (UEA). É coordenadora do GT de Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), participa do Conselho Estadual de Direitos Indígenas/RJ e atua como apoiadora de lideranças e organizações indígenas.

ANAKEILA DE BARROS STAUFFER – EPSJV/FIOCRUZ

Anakeila de Barros Stauffer é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Educação pela mesma instituição e doutora também em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É pesquisadora e ex-diretora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Tem experiência na área de Educação, com ênfase nos temas: educação profissional em saúde, educação de jovens e adultos (EJA), educação inclusiva e educação de pessoas com deficiência, tendo como foco a deficiência intelectual. Colabora com o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde da EPSJV e é professora do ensino fundamental na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias (RJ), onde atuou na Educação Especial e Inclusiva e na Educação Infantil.

ANDRÉ DE FARIA PEREIRA NETO – FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

André de Faria Pereira Neto tem graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestrado em História pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle), Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Pós-Doutorado em Sociologia da Saúde pela Universidade da Califórnia, San Francisco. É pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública, onde coordena o Laboratório Internet, Saúde e Sociedade (LAISS), vinculado ao Centro de Saúde Escola Germano Sinval de Faria (CSEGSF). É professor credenciado do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde oferecido pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em

Saúde (Icict), da Fundação Oswaldo Cruz. É pesquisador sênior-visitante do escritório da Fundação Oswaldo Cruz em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Desenvolve pesquisa sobre o impacto da internet na relação médico-paciente e sobre avaliação de qualidade de informação em sites de saúde. Criou o aplicativo para atenção primária Meu-Info-Saúde, disponível no Google Play.

**ANDREA DA LUZ CARVALHO -
COGEP/FIOCRUZ E COMITÊ PRÓ-EQUIDADE DE
GÊNERO E RAÇA DA FIOCRUZ**

Andrea da Luz Carvalho tem graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialização em Auditoria do Sistema Único de Saúde pela Universidade Estácio de Sá e em Psiquiatria Social pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), residência em medicina pela ENSP e mestrado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social (IMS). Atualmente é coordenadora-geral de Gestão de Pessoas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e participa do Colegiado Gestor do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz.

**ARYELLA MARYAH COUTO CORREA -
PIBIC/FARMANGUINHOS/ FIOCRUZ**

Aryella Maryah Couto Correa foi aluna de Iniciação Científica (IC)-Ensino Médio pelo Programa de Vocações Científicas (Provoc) e no Instituto de Engenharia Nuclear (IEN)/Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN). Atualmente cursa graduação em Farmácia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é aluna de IC no Laboratório Farmacologia Aplicada em Farmanguinhos, da Fiocruz. Tem experiência na área de Farmacologia, principalmente em inflamação e terapêutica em estudos pré-clínicos.

**BEATRIZ GILDA JEGERHORN GRINSZTEJN -
INI/FIOCRUZ**

Beatriz Gilda Jegerhorn Grinsztejn é graduada em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre e doutora em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é docente e chefe de laboratório no Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas/Fiocruz, líder e investigadora principal do Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiológica em HIV/Aids/Fiocruz, que participa das redes de pesquisa Aids Clinical Trials Group e HIV Prevention Trials Network NIAID/NIH, EUA. Integra redes de pesquisa nacionais e internacionais, como o HIV/Aids Adult Guidelines Development Group da Organização Mundial da Saúde e o Scientific Expert Panel da UNAIDS. Desenvolve ampla colaboração em projetos financiados por agências de fomento e instituições nacionais e internacionais, tais como o NIAID/NIH, a Agência Francesa de Pesquisa em Aids e Hepatites Virais (ANRS), a Canadian HIV Trials Network e o Kirby Institute (Austrália). É bolsista de produtividade do CNPq, cientista do Nosso Estado e pesquisadora Visitante Sênior da Fundação de Amparo à Pesquisa da Amazônia (Fapeam). É consultora do Ministério da Saúde e integra o Comitê Assessor para a Terapia Antirretroviral em Adultos e o Comitê de Pesquisa em HIV/Aids. Faz parte do HIV/Aids Adult Guidelines Development Group da Organização Mundial da Saúde e o Scientific Expert Panel da UNAIDS. É investigadora da rede colaborativa Caribbean, Central and South America (CCASSAnet), que integra a International Epidemiologic Databases to Evaluate Aids (IeDEA) NIAID/NIH, E.U.A. É ainda membro do Comitê Científico da rede Aids Clinical Trials Group. Integra o International Advisory Board dos periódicos The Lancet HIV e Journal of the International Aids Society, sendo editora acadêmica do periódico PLoS One.

CAROLINA CUNHA MONTEIRO - IRR/FIOCRUZ

Carolina Cunha Monteiro é formada em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e em Educação Ambiental pela mesma instituição. É pós-graduada em nível de mestrado e doutorado no Instituto René Rachou - Fiocruz Minas na área de Ciências da Saúde com ênfase em Biologia Celular e Molecular. Seu doutorado teve período sanduíche no National Institutes of Health, EUA. Desenvolve projetos na área de epidemiologia, parasitologia e taxonomia de flebotomíneos e parasitos do gênero *Leishmania*, além de divulgação científica para diversos públicos. É técnica em Saúde Pública na Fiocruz Minas e trabalha na Coleção de Flebotomíneos da Fundação.

CONSTÂNCIA FLÁVIA JUNQUEIRA AYRES LOPES - IAM/FIOCRUZ

Constância Flávia Junqueira Ayres Lopes é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Genética pela UFPE e doutora em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz). Realizou dois pós-doutorados, um na Escola de Medicina Tropical de Liverpool (LSTM), Inglaterra, e o segundo no Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT). É pesquisadora titular em saúde pública no Instituto Aggeu Magalhães/Fiocruz desde 2002, onde atua na área de genética de mosquitos vetores. Foi a primeira coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Biociências e Biotecnologia em Saúde (PPGBBS) da Fiocruz-PE, vice-diretora de Ensino e Informação Científica, de 2013 a 2018, e vice-diretora de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Serviços de Referência, de 2019 a 2021. Pela Fiocruz-PE já orientou mais de 70 estudantes, entre Provoc, Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado. Atualmente coordena a disciplina de Introdução à Pesquisa em Biociências no PPGBBS. Em 2019-2020 coordenou o projeto Meu Verão na Fiocruz, no âmbito do Edital Mais Meninas na Ciência, da Vpeic.

CORINA HELENA FIGUEIRA MENDES - IFF/FIOCRUZ

Corina Helena Figueira Mendes é graduada em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e em direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem mestrado e doutorado em Saúde da Criança e da Mulher pelo Instituto Nacional de Saúde da Criança, da Mulher e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). É tecnologista em Saúde Pública nesse instituto, onde atua como professora e pesquisadora nas temáticas de gênero, sexualidade, direitos humanos, violência e saúde. É idealizadora e coordenadora, junto com Marcos Nascimento, da iniciativa Agenda Laranja IFF Fiocruz, que em 2020, a partir do projeto "Mais meninas na Fiocruz", desenvolveu, em parceria com o grupo Motirõ, atividades sobre gênero, representatividade, ciência e juventude.

CRISTIANA FERREIRA ALVES DE BRITO - IRR/FIOCRUZ

Cristiana Ferreira Alves de Brito é bióloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), mestre e doutora em Bioquímica e Imunologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutora pela Emory University (Atlanta, GA, USA). Realizou estágio como pesquisadora visitante sênior no projeto MaHPIC (Interação parasito-hospedeiro na malária) do Yerkes National Primate Research Institute, Emory University em Atlanta, GA, USA (2015). Tem experiência em Biologia Molecular, principalmente em malária causada por *Plasmodium vivax*, antígenos recombinantes, variabilidade genética e desenvolvimento de estratégias de diagnóstico e de vacinas. É pesquisadora titular em saúde pública do Instituto René Rachou/Fiocruz Minas desde 2002, onde atuou como vice-diretora de Ensino, Comunicação e Informação de 2012 a 2021 e atualmente coordena os programas de extensão e divulgação científica. Secretária regional da SBPC-MG 2021-2023.

CRISTIANA GRUMBACH

Cristiana Grumbach é diretora, roteirista, editora e professora. Astróloga. É mestranda em Criação e Produção de Conteúdos Digitais, curso de pós graduação stricto sensu do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias e Linguagens da Comunicação da UFRJ. Dirigiu os documentários de longa-metragem Morro da Conceição... (2005), As cartas psicografadas por Chico Xavier (2010) e Filmes de Gordinho (2015), e os documentários de curta-metragem O Joelho de Ives (2011), Mestre Adorcino e o estuque ornamental (2013), Bandeira de Mello e a arte do Afresco (2015), Sagrada Família (2018) e Celebração (2018), Filme para Gadelha (2018) e Um microondas foi pro ferro velho (2019). Tem experiência na direção, roteirização e edição de documentários institucionais e programas de TV. Tendo, também, atuado na organização de oficinas nas temáticas de Produção em Documentário, e, Criação e Produção de Documentário. Em 2016, fundou a Escola Doc onde coordena e ministra cursos sobre teoria e prática do documentário.

CRISTIANE NOGUEIRA BRAGA - EPSJV/FIOCRUZ E PROVOC

Cristiane Nogueira Braga Percini tem graduação em Pedagogia pela Universidade Gama Filho e mestrado em Ensino em Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz. É tecnóloga em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e pesquisadora do Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica. Atua principalmente em iniciação científica na educação básica, juventude e divulgação científica. Desde 2000, coordena a etapa avançada do Programa de Vocação Científica no Laboratório de Iniciação Científica na Educação Básica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz.

CRISTIANI VIEIRA MACHADO - VPEIC/ FIOCRUZ E ENSP/FIOCRUZ

Cristiani Vieira Machado é graduada em Medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com residência em Medicina Preventiva e Social pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/ Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), tem mestrado e doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ) e pós-doutorado em Ciência Política na University of North Carolina at Chapel Hill, EUA. É pesquisadora do Departamento de Administração e Planejamento em Saúde da ENSP/Fiocruz e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da mesma instituição. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, é uma das líderes do grupo de pesquisa: Estado, Proteção Social e Políticas de Saúde. Desde novembro de 2018, é vice-presidente de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz.

CRISTINA ARARIPE FERREIRA - VPEIC/FIOCRUZ

Cristina Araripe Ferreira tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestrado em Histoire des Sciences et Épistémologie pela Université Paris 7, mestrado em Engenharia de Produção pela Coordenação de Programa de Pós-Graduação em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Coppe/UFRJ) e doutorado em História das Ciências e da Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC). É pesquisadora titular em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), onde coordena, atualmente, a área de Divulgação Científica, vinculada à Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação. Desde 2018, trabalha também na equipe de Museologia do Museu da Vida/COC. Tem experiência em pesquisa em Sociologia e História das Ciências e da Saúde, com ênfase em políticas públicas de ciência e tecnologia, carreiras científicas e formação de jovens. Tem atuado, principalmente, nos seguintes temas: educação em ciências, iniciação científica na educação básica, difusão do conhecimento científico e tecnológico, educação e saúde, formação de

futuros pesquisadores e incentivo às carreiras científicas (Mulheres e Meninas na Ciência). Atualmente, é responsável na Fiocruz por diversos programas e projetos institucionais na área de educação e divulgação científica, entre eles, o Programa Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente e o Mais Meninas na Fiocruz.

DAIANE SILVEIRA ROSSI - COC/ FIOCRUZ

Daiane Silveira Rossi é graduada em História pelo Centro Universitário Franciscano (UFN), mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e doutora em História das Ciências na Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz. Participou do programa de doutorado sanduíche na Universidade de Évora, Portugal. É atualmente pesquisadora em Estágio Pós-Doutoral na Casa de Oswaldo Cruz, com financiamento da Faperj, bolsista nota 10. Tem interesse pelas seguintes linhas de pesquisa: história da assistência, história da pobreza, história das ciências, história das mulheres, e história do Brasil na Primeira República.

DALIA ELENA ROMERO MONTILLA - ICICT/FIOCRUZ

Dalia Elena Romero Montilla é graduada em Sociologia pela Universidad Católica Andrés Bello da Venezuela, mestre em Demografia pelo El Colegio de Mexico e doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (1999). Atualmente é pesquisadora-chefe e professora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde /Fiocruz e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. Tem experiência na área de Demografia e Saúde Pública, especialmente em avaliação da qualidade da informação, envelhecimento e saúde do idoso, monitoramento de indicadores de saúde e componentes da dinâmica demográfica. Faz parte do corpo docente de curso de Pós-Graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Rede Interagencial de Informações para a Saúde e coordena o Grupo de Informação em Saúde e Envelhecimento da Fiocruz. Também atua na coordenação do GT População e Saúde da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (Abep).

DENISE NACIF PIMENTA - IRR/FIOCRUZ

Denise Nacif Pimenta tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Ciências da Saúde pelo Centro de Pesquisas René Rachou/Fiocruz. Fez pós-doutorado no Centro de Desenvolvimento Tecnológico em Saúde/ Fiocruz e no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/ Fiocruz. Realizou estágio no TDR Career Development Fellowship in Interactive Learning. É antropóloga e pesquisadora no Instituto de Pesquisas René Rachou (Fiocruz Minas). Professora do curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva na Fiocruz-Minas e professora visitante do Mestrado Profissional Educação e Docência (Promestre) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faz parte do Grupo de Trabalho de Gênero e Covid-19 e coordena o estudo de caso brasileiro, parte do projeto “Covid-19 riscos, impacto e resposta de gênero: pesquisa e orientação de políticas” (<https://www.genderandcovid-19.org/>), apoiado pela Fundação Bill & Melinda Gates. Também coordena o eixo Profissionais de Saúde da Rede Covid-19 Humanidades (<https://www.ufrgs.br/redecovid19humanidades/index.php/br/>) em colaboração com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), projeto financiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC). Denise integra seus trabalhos de pesquisa em saúde coletiva com movimentos sociais e sociedade civil, tendo experiência com os impactos sociais de epidemias (em especial, as arboviroses dengue e zika). Também integrou a coordenação conjunta da Rede Zika Ciências Sociais da Fiocruz (<https://fiocruz.tghn.org/zikanetwork/>).

DEUSILENE SOUZA VIEIRA DALL'ACQUA – FIOCRUZ RONDÔNIA

Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua é graduada em Ciências Biológicas com mestrado e doutorado em Biologia Experimental na área de Virologia pela Universidade Federal de Rondônia (Unir). Tem pós-doutorado na área de Virologia Molecular pela Universidade Federal da Bahia/Departamento de Medicina – Serviço de Gastro-hepatologia. Atualmente, é pesquisadora em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz-Rondônia (Fiocruz/RO) e pesquisadora-chefe do Laboratório de Virologia Molecular da Fiocruz-RO. Docente e membro do Colegiado e Corpo Docente Permanente do Curso de Pós-Graduação em Biologia Experimental (PGBIOEXP) da Unir, é orientadora em nível de mestrado e doutorado pelo PGBIOEXP/Unir. Pesquisadora colaboradora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Epidemiologia na Amazônia Ocidental (INCT-EpiAmO), lidera diretório de grupo de pesquisa Endemias Virais da Amazônia. É membro do Conselho Curador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Rondônia (Fapero) e vice-coordenadora de Ensino, Comunicação e Informação da Fiocruz-RO. O grupo de virologia da Fiocruz-RO atua em estudos relacionados com detecção, identificação e caracterização molecular dos vírus das hepatites virais, arboviroses e vírus respiratórios.

EDUARDO DE CASTRO FERREIRA – FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

Eduardo de Castro Ferreira é biólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), mestre em Imunobiologia de Protozoários pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e doutor em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Fiocruz Minas, com período sanduíche no Instituto de Salud Carlos III, Madri, Espanha. É pesquisador em Saúde Pública da Fiocruz Mato Grosso do Sul, desde 2012. Atua como docente permanente e orientador nos Programas de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (PPGMDR) da Universidade Anhanguera-Uniderp e no de Doenças Infecciosas e Parasitárias (PPGDIP) da Universidade Federal de Mato

Grosso do Sul. Tem atuado em temas relacionados à Parasitologia, Biologia Molecular, Meio Ambiente, Saúde Pública por meio da abordagem em Saúde Única, Gamificação e Divulgação Científica. Membro do Conselho Superior da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (Fundect); do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Uniderp; do corpo editorial (editor científico) da revista Uniciências. Parecerista ad-hoc da Agência de Fomento Kroton e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente é coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI) na Fiocruz Mato Grosso do Sul. Atua como revisor de artigos científicos de periódicos, como: “Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo”; “Pathogens and Global Health”; “African Journal of Microbiology Research”; “Cadernos de Saúde Pública”; “Parasites & Vectors”; “Journal of Microbiology & Experimentation”; “Zoonoses and Public Health”; “Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical”; “Interdisciplinary Perspectives on Infectious Diseases”.

ELAINE FERREIRA DO NASCIMENTO – FIOCRUZ PIAUÍ

Elaine Ferreira do Nascimento é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e tem mestrado e doutorado em Ciências pelo Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Atualmente é pesquisadora e coordenadora-adjunta do Escritório Técnico Regional da Fundação Oswaldo Cruz no Piauí. Tem experiência na área de Saúde Pública, atuando principalmente nos temas de gênero, violência contra a mulher e feminicídio, sexualidades masculinas, serviço social, juventude, políticas públicas, questão racial, mortalidade materno-infantil, avaliação de serviços de saúde, doenças negligenciadas, saúde e violência da população LGBTQI+, determinantes sociais de saúde e infecções sexualmente transmissíveis.

ELISA URBANO RAMOS - UFPE, ABIA E APOINME

Elisa Urbano Ramos é graduada em Licenciatura em Letras pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde e tem mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Também tem cursos de aperfeiçoamento em Educação do Campo na UFPE e em Formação para o Programa Escola Ativa pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É indígena do Povo Pankararu e membro da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (Abia). Também coordena o Departamento de Mulheres Indígenas da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (Apoime).

ELIZABETH LEITE BARBOSA - ENSP/FIOCRUZ E APG/FIOCRUZ

Elizabeth Leite Barbosa tem graduação em Fisioterapia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). É especialista em Saúde Coletiva na modalidade de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Coletiva pela Universidade Tiradentes. Mestre e doutoranda em Epidemiologia em Saúde Coletiva pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz, é coordenadora-geral da Associação de Pós-Graduandos (APG) da Fiocruz.

FABIANA DAMÁSIO PASSOS - GEREBO/FIOCRUZ

Maria Fabiana Damásio Passos tem graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialização em Metodologia de Pesquisa em Saúde Mental pela Fundação para o Desenvolvimento de Ciências (FDC), mestrado em Psicologia pela mesma universidade e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB). É diretora da Fiocruz Brasília e pesquisadora e coordenadora de grupo de pesquisa População em Situação de Rua: Políticas, Dispositivos e Ações da Escola Fiocruz de Governo Brasília. Sua formação é voltada principalmente para Psicologia Social. Atua como docente do Mestrado em Políticas Públicas em Saúde e do Mestrado Profissional em Saúde da Família, coordenado pela Fiocruz e Associação Brasileira de Saúde Coletiva. É secretária Executiva do Sistema Universidade Aberta do SUS (UnaSUS).

FABIANE VINENTE DOS SANTOS - ILMDF/FIOCRUZ

Fabiane Vinente dos Santos tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela mesma universidade e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É técnica em Saúde Pública e pesquisadora no Instituto Leônidas e Maria Deane/Fiocruz. Desenvolve trabalhos nas áreas de Sistemas de Conhecimento Ameríndios, Saúde e Migração, Políticas Públicas de Saúde, Gênero, Saúde Indígena, Etnologia Indígena e Militarização de Terras Indígenas. É membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família - Profsaúde e coordenadora do Projeto Numiô-Momoro: Meninas e Mulheres na Ciência.

GEISA PAULINO CAPRINI EVARISTO - FIOCRUZ RONDÔNIA

Geisa Paulino Caprini Evaristo é bacharel em Ciências Biológicas e mestre em Biociências e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), doutora em Bioquímica e Biotecnologia pela Universidade Tecnológica de Delft, na Holanda, e pós-doutora em Genética pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e em análise de substâncias dopantes em atletas de alta performance. Atua na área de análise de metabólitos, peptídeos e proteínas bioativas utilizando técnicas analíticas de cromatografia líquida e espectrometria de massas. Atualmente é pesquisadora da Fiocruz Rondônia desenvolvendo pesquisas na área de bioprospecção de moléculas ativas da flora e fauna amazônica contra doenças tropicais, além de atuar como membro do Comitê de Ética de Utilização de Animais de Laboratório da Fiocruz-RO, do Núcleo de Inovação Tecnológica da Fiocruz-RO e coordenar a iniciativa de divulgação científica "Café com Ciência da Fiocruz-RO".

GENIMAR REBOUÇAS JULIÃO - FIOCRUZ RONDÔNIA

Genimar Rebouças Julião é graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e doutora em Biologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Atua nas temáticas de Ecologia de Insetos Galhadores e Ecologia de Insetos Vetores de Doenças na Amazônia. É pesquisadora em Saúde Pública da Fiocruz Rondônia e chefe do Laboratório de Entomologia. Desenvolve estudos sobre a ecologia de vetores e patógenos, enfocando os grupos de mosquitos, flebotomíneos, maruins e barbeiros. A missão do grupo de pesquisa é produzir e divulgar o conhecimento sobre a biologia de vetores e dos patógenos por eles veiculados, estimar taxas de infecção, avaliar padrões de distribuição temporal e espacial e ferramentas alternativas para a vigilância entomológica, além de formar recursos humanos.

GLAUCIA ELISETE BARBOSA MARCON - FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

Glauca Elisete Barbosa Marcon é graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus Rio Claro-SP, mestre em Farmacologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutora em Ciências Básicas pela Faculdade de Ciências Médicas da mesma universidade. Pesquisadora associada em Saúde Pública da Fiocruz Mato Grosso do Sul e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Clínica Médica, da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. A principal linha de pesquisa são as doenças infecciosas e parasitárias, principalmente a doença de Chagas.

HILDA DA SILVA GOMES - MUSEU DA VIDA/COC/FIOCRUZ

Hilda da Silva Gomes tem licenciatura em Ciências Biológicas e bacharelado em Biologia Marinha pelas Faculdades Integradas Maria Thereza e mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É docente da Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, da Casa de Oswaldo

Cruz (COC/Fiocruz), e da Especialização em Direitos Humanos, Acessibilidade e Inclusão, do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural (DIHS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Tem experiência em metodologias e prática de pesquisa, formação de professores, ensino de ciências, desenvolvimento de jogos educativos, educação não formal, exposições, divulgação científica e popularização da ciência, acessibilidade e relações étnico-raciais. Atualmente, coordena a Seção de Formação do Serviço de Educação do Museu da Vida e o projeto Meninas Negras na Ciência. Integra o Grupo de Trabalho de Acessibilidade do Museu da Vida (MV) e o Comitê Fiocruz pela Acessibilidade e Inclusão das Pessoas com Deficiência.

HIPAMAALLHE - BRAULINA AURORA - UNB E ENSP/FIOCRUZ

Hipamaallhe - Braulina Aurora é bacharela em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é graduanda no curso de Sociologia e Mestranda em Antropologia Social na mesma universidade. É mãe e pesquisadora indígena do povo Baniwa. É pesquisadora no Observatório dos Direitos e Políticas Indigenistas - Obind/UnB/6ª Câmara e Instituto Relacionais, no Laboratório Matula/UnB - dos povos tradicionais - e pesquisadora do projeto de ampliação de dados no projeto Acervo Memórias Indígenas no Brasil (Armazém Memória). Tem experiência nos temas de gênero, saúde, território, violência e indígenas mulheres. É membro cofundador e colaboradora da rede Articulação Nacional das Mulheres Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga) e da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (Abia). Integra o corpo editorial dos projetos "Vozes Indígenas na Produção do Conhecimento" da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz) e "Vozes Indígenas nos Diálogos da Diáspora Indígena".

INARA DO NASCIMENTO TAVARES - INSTITUTO INSIKIRAN DE FORMAÇÃO SUPERIOR INDÍGENA/UFRR, ABRASCO, ABIA E ENSP/FIOCRUZ

Inara do Nascimento Tavares é cientista social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestre em Antropologia Social também pela UFAM. É indígena mulher, faz parte do corpo retomada do povo Sateré Mawé e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Tem experiência em Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando principalmente em saúde indígena, segurança alimentar e nutricional, soberania alimentar de povos indígenas, movimentos indígenas e políticas públicas indigenistas. Compõe o Grupo de Trabalho (GT) Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). É docente do curso de Gestão em Saúde Coletiva Indígena no Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima (UFRR) e pesquisadora da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. É membro da Articulação Brasileira de Indígenas Antropólogos (Abia) e constrói o projeto Vozes Indígenas na Produção do Conhecimento da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz).

ISABELA SOARES SANTOS - ENSP/FIOCRUZ

Isabela Soares Santos tem graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP)/Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Atualmente é pesquisadora do Departamento de Administração e Planejamento em Saúde da ENSP e coordenadora-geral do Programa de Políticas Públicas, Modelos de Gestão e de Serviços de Saúde Pública da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas da Fiocruz (PMA/VPCCB/Fiocruz) e da Comissão de Política, Planejamento e Gestão em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco). Tem experiência nas áreas de Saúde Pública, Economia da Saúde e Políticas de Saúde, atuando principalmente nas relações público-privadas em saúde e na socialização

do conhecimento de políticas públicas de Saúde. É também do Conselho Consultivo do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes).

ISADORA CRISTINA DE SIQUEIRA - IGM/FIOCRUZ

Isadora Siqueira é médica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), especialista em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e doutora em Patologia Humana também pela UFBA. Foi professora de Doenças Infecciosas na Faculdade de Medicina da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Exerceu docência em Pediatria na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e a coordenação da Residência Médica de Infectologia Pediátrica do Hospital da Criança. Atualmente é pesquisadora em Saúde Pública no Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz), na Bahia, professora do Programa de Pós-Graduação em Patologia Humana (UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa (Fiocruz).

JAQUELINE GOES DE JESUS - USP

Jaqueline Goes de Jesus é graduada em Biomedicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, mestre em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa (PgBSMI) pelo Instituto Gonçalo Moniz/Fiocruz e doutora em Patologia Humana e Experimental pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em associação com o Instituto Gonçalo Moniz. Realizou doutoramento sanduíche na Universidade de Birmingham, Reino Unido. Desenvolve pesquisas na área das arboviroses emergentes ZIKV, DENV, CHIKV, YFV, ORV e MAYV. Atualmente, é pós-doutoranda no Instituto de Medicina Tropical de São Paulo – Universidade de São Paulo (IMT-USP), no âmbito do CADDE – Brazil-UK Centre for Arbovirus Discovery, Diagnosis, Genomics and Epidemiology, desenvolvendo pesquisas em arboviroses emergentes. É integrante do Zibra Consortium e fez parte da equipe que sequenciou os primeiros genomas do novo coronavírus (SARS-CoV-2) no Brasil, em parceria com o Instituto Adolfo Lutz.

JISLAINE DE FÁTIMA GUILHERMINO - FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

Jislaine de Fátima Guilhermino é farmacêutica industrial formada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Química Orgânica pelo Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutora em Gestão e Inovação Tecnológica pelo Programa de Tecnologia de Processos Químicos e Bioquímicos/EQ/UFRJ. Atualmente é tecnologista Sênior da Fundação Oswaldo Cruz e coordenadora da Fiocruz Mato Grosso do Sul. Coordena Projetos Especiais pelo Núcleo de Planejamento e Gestão de Projetos (Farmácias Verdes, Plataforma Tecnológica em Fitomedicamentos, Desenvolvimento de Produtos) e é vice-diretora de pesquisa em Produtos Naturais (Farmanguinhos/Fiocruz). É pesquisadora, professora e especialista na área de Gestão da Ciência e Tecnologia, Desenvolvimento e Inovação a partir da Biodiversidade; Cadeias Produtivas e Desenvolvimento Sustentável. Integra o Fórum Permanente de Ciência, Tecnologia e Inovação de Mato Grosso do Sul.

JOÃO MARCELLO BOUERI ROSSIGNEUX - VPEIC/ FIOCRUZ

João Marcello Boueri Rossigneux é estudante de Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Assistente de Comunicação da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, lotado na Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação/Fiocruz. João Boueri também é colaborador especial do programa Mulheres e Meninas na Ciência da Fiocruz, atuando na produção de conteúdo jornalístico da página especial referente à temática. É coautor da publicação Menina Hoje, Cientista Amanhã.

JOSÉ GADELHA DA SILVA JÚNIOR - FIOCRUZ RONDÔNIA

José Gadelha da Silva Júnior é graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela União das Escolas Superiores de Rondônia (Uniron), mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (Unir), atualmente cursando doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em

Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz). Integrante da Academia Rondoniense de Letras, Ciências e Artes (ARL), venceu o Prêmio de Literatura Rondoniense/Categoria Literatura Acadêmica do Governo do Estado de Rondônia (2019). É autor da obra: A desterritorialização da comunidade ribeirinha de São Domingos em Porto Velho/RO: uma análise dos discursos e suas subjetividades, pela editora CRV/Curitiba - 2019. Durante 11 anos, atuou como repórter/editor e apresentador de telejornal na Rede Amazônica (afiliada da Rede Globo). Desde janeiro de 2019, exerce a função de assessor de imprensa na Fiocruz Rondônia, onde desenvolve atividades essenciais de apoio à divulgação científica, no contexto da Saúde Pública no estado.

JOZILÉIA DANIZA JAGSO - IBP/UFSC, ABRASCO E ENSP/FIOCRUZ

Joziléia Daniza Jagso é graduada em Geografia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UnoChapecó), especialista em Educação Profissional Integrada (Proeja) Indígena pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É indígena do povo Kaingang e pesquisadora indígena no tema Mulheres indígenas, suas redes em saúde, educação e território. Membro do Grupo Temático Saúde Indígena da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) e pesquisadora do Instituto Nacional de Pesquisas Brasil Plural (IBP/INCT). É também conselheira no Conselho Estadual dos Povos Indígenas de Santa Catarina (Cepin/SC) e membro da Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga). Participa da Articulação Brasileira de Antropólogos Indígenas (Abia) e da Comissão de Assuntos Indígenas (CAI/ABA). Compõe o corpo editorial do Projeto Vozes Indígenas na Produção do Conhecimento (ENSP/Fiocruz) e Vozes Indígenas nos Diálogos da Diáspora Indígena.

KARINE ARAÚJO DAMASCENO - IGM/FIOCRUZ

Karine Damasceno tem graduação em Medicina Veterinária pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado e doutorado em Patologia Investigativa pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desenvolve pesquisas relacionadas ao papel do microambiente tumoral na progressão do câncer, interação matriz extracelular e células neoplásicas, patologia mamária comparada e resposta inflamatória associada ao câncer. Atualmente, é Pesquisadora em Saúde Pública no Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz-Bahia). É professora do curso de Pós-Graduação em Pesquisa Clínica e Translacional (PGPCT) e do curso de Pós-Graduação em Biotecnologia em Saúde e Medicina Investigativa, ambos da Fiocruz-Bahia.

LUCIANA LINDENMEYER - FIOCRUZ CEARÁ

Luciana Pereira Lindenmeyer é graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Candido Mendes e em Informação Científica e Tecnológica em Saúde pela Fiocruz e mestre em Educação Profissional em Saúde pela Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz). É doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde pesquisa sobre violência, saúde mental e mulheres negras. Assistente Social, atua há 20 anos na área de gestão de pessoas. Contribuiu para o projeto Meninas na Ciência Fiocruz Ceará 2020-2021, com a coordenadora Vanira de Matos Pessoa.

LUCIANA QUILLET HEYMANN - COC/FIOCRUZ

Luciana Quillet Heymann possui bacharelado e licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em Antropologia Social realizado no Museu Nacional/UFRJ e doutorado em Sociologia desenvolvido no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Atualmente é pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), professora e atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (Fiocruz); professora do Programa

de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). É editora associada da seção Fontes da revista História, Ciências, Saúde - Manguinhos. Foi vice-presidente da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e editora da revista História Oral (2016-2018). Integra os seguintes grupos de pesquisa do CNPq: "Arquivos e bibliotecas: apropriações teóricas e aplicações metodológicas" e "Acervos e memória da ciência e da tecnologia em saúde". Desenvolve pesquisas no campo da história e da sociologia da memória, com especial atenção para os seguintes temas: arquivos pessoais, instituições de memória, políticas públicas de memória e usos do passado em contextos de luta por direitos.

LUIZ OTÁVIO FERREIRA - COC/FIOCRUZ

Luiz Otávio Ferreira é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é pesquisador titular do Departamento de História das Ciências e da Saúde, do qual foi chefe entre 2015 e 2018; é docente do Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, do qual foi coordenador no período de 2000 a 2005. É, também, desde 2012, professor associado do Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professor e coordenador de graduação do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio (1986-1991); professor e coordenador de pós-graduação lato senso da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) (1990-2011). Desenvolve pesquisas, publica e orienta regularmente nas seguintes áreas e temas: história das ciências; história das profissões científicas de saúde (engenharia, medicina e enfermagem); história da assistência e pobreza; gênero, ciências e educação.

MARCIA CORREA E CASTRO – CANAL SAÚDE/FIOCRUZ

Marcia Correa e Castro é graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre e doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É fundadora e coordenadora da “Bem TV – Educação e Comunicação”, organização não governamental dedicada a desenvolver, experimentar e sistematizar metodologias que coloquem processos da comunicação a serviço da educação. É também superintendente do “Canal Saúde” da Fundação Oswaldo Cruz, que produz e dissemina conteúdos sobre saúde pública, ciência e tecnologia em saúde.

MARGARETH CRISOSTOMO PORTELA – ENSP/FIOCRUZ

Margareth Crisóstomo Portela tem graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestrado em Engenharia Biomédica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorado em Health Policy and Administration, pela University of North Carolina at Chapel Hill e pós-doutorado pela Medical University of South Carolina. Realizou estágio sênior no Programa Ciência sem Fronteiras da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Universidade de Leicester, na Inglaterra, com vínculo de Honorary Visiting Fellow e atuação no campo da Ciência da Melhoria de Qualidade. Atualmente é docente permanente e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz, com bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Tem ampla experiência em avaliação em saúde, com uso de bancos de dados secundários e aplicação de modelos estatísticos. Também tem experiência em pesquisas com coleta de dados primários acerca de características gerenciais e assistenciais de organizações de saúde. Foi coordenadora-geral do Proqualis, sediado no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica/Fiocruz, e participa do Observatório Covid-19 da Fiocruz.

MARGARETH MARIA PRETTI DALCOLMO – ENSP/FIOCRUZ

Margareth Maria Pretti Dalcolmo tem graduação em Medicina pela Escola de Medicina da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, residência em Pneumologia, especialização em Pneumologia Sanitária pela Fundação Oswaldo Cruz, aperfeiçoamento em Advances in Respiratory Medicine pelo British Council, Inglaterra, e doutorado em Pneumologia pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Atualmente é pneumologista clínica na prática privada e pesquisadora e coordenadora do Ambulatório de Pesquisas do Centro de Referência Professor Hélio Fraga, da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz. Possui experiência em conduzir e participar de protocolos de pesquisa clínica e tratamento da tuberculose e outras micobacterioses. É membro do Comitê Técnico Assessor de Tuberculose do Ministério da Saúde, das comissões científicas das sociedades brasileiras de Pneumologia e Tisiologia e também de Infectologia, da REDE TB de Pesquisa em Tuberculose, do Steering Committee da Boston Medical School e do Expert Group for Essential Medicines List da Organização Mundial de Saúde. É membro do Regional Advisory Committee do Banco Mundial para projetos de saúde na África Subsaariana em tuberculose e doenças respiratórias ocupacionais. É docente da pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e investigadora do ensaio clínico Simplic TB da Global Alliance for Tb Research. Na pandemia da Covid 19, integrou o grupo assessor do Ministério da Saúde na gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta e é membro do grupo assessor do Governo do Estado do Rio de Janeiro e do Grupo ComCiência, coordenado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

MARIA CECILIA DE SOUZA MINAYO – ENSP/FIOCRUZ

Maria Cecília de Souza Minayo tem graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), graduação em Ciências Sociais pela City University of New York, mestrado em Antropologia Social pela UFRJ e doutorado em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/Fiocruz). É coordenadora do Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli e editora da Revista Ciência e Saúde Coletiva, da Abrasco. Ingressou no Departamento de Ciências Sociais em 1985. Contribuiu sobremaneira para inclusão da pesquisa social, de base empírica, e de metodologias qualitativas no campo da saúde. Essa contribuição está expressa no livro O Desafio do Conhecimento, de 1993, hoje em sua décima- quinta edição. Desempenhou importante papel na reestruturação da pós-graduação stricto sensu em Saúde Pública da ENSP, da qual foi coordenadora por quatro anos. Em seguida, foi coordenadora de Pós-Graduação da Fiocruz, colocando em diálogo os diversos cursos e programas existentes, resultando no regulamento geral de ensino da instituição e na organização de novos programas, em diversas unidades da Fiocruz. É bolsista 1A de produtividade do CNPq e pesquisadora emérita da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e da Fiocruz.

MARIA DAS GRAÇAS ROJAS SOTO – FIOCRUZ PARANÁ

Maria das Graças Rojas Soto é psicóloga pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Saúde e Desenvolvimento pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Tecnologista em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, lotada no Instituto Carlos Chagas (ICC) – Fiocruz Paraná, atua no desenvolvimento de ações e projetos de pesquisa psicossociais, educação em saúde, atenção primária em saúde, divulgação e popularização da ciência e saúde nas fronteiras. Cria e desenvolve jogos e passatempos educativos em saúde. Atualmente é vice-diretora de Ensino, Informação e Comunicação do Instituto Carlos Chagas e coordenadora do setor de Extensão e Divulgação Científica do ICC.

MARIELLA SILVA DE OLIVEIRA-COSTA – GEREB/FIOCRUZ

Mariella Silva de Oliveira-Costa tem graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), especialização em Jornalismo Científico pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestrado em Tocoginecologia também pela Unicamp, com intercâmbio na Universidad Complutense de Madrid (Espanha). Tem doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB), com estágio no Centre de Recherche sur la Communication et la Santé da Université du Québec a Montreal, Canadá, e estágio pós-doutoral na mesma área também pela UnB. Tem ênfase de atuação em metodologia de pesquisa, comunicação em saúde, jornalismo científico, saúde nas mídias e assessoria de comunicação. Atualmente, é tecnologista em saúde pública na Fiocruz Brasília (Gereb).

MARILDA AGUDO MENDONÇA TEIXEIRA DE SIQUEIRA – IOC/FIOCRUZ

Marilda Agudo Mendonça Teixeira de Siqueira é graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestre em Biologia Parasitária pela Fundação Oswaldo Cruz, doutora em Microbiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pós-doutora pela Agência de Proteção a Saúde da Inglaterra. É pesquisadora titular do Instituto Oswaldo Cruz/ Fiocruz e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Chefia o Laboratório de Vírus Respiratórios e do Sarampo do IOC, laboratório de referência nacional para influenza pelo Ministério da Saúde (MS) e Organização Mundial da Saúde (OMS), referência nacional para sarampo e rubéola do MS e OMS, e referência nacional para coronavírus para as Américas (MS e OMS). Tem experiência em microbiologia, com ênfase em virologia, atuando principalmente em sarampo, rubéola, influenza e vírus sincicial respiratório. É membro do Scientific Steering Committee da Rede GABRIEL da Fundação Merieux, França, do Technical Working Group for Global Influenza Surveillance and Response System(GISRS) pandemic response plan da OMS, do Task Force for Influenza

Vaccine Roadmap da Univ. Minesota/ Fund Gates e do Measles Rubella Elimination Regional Monitoring and RE-verification Commission/Pan American Health Organization (PAHO).

MARILDA DE SOUZA GONÇALVES - IGM/FIOCRUZ

Marilda de Souza Gonçalves tem graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em duas modalidades: Bioquímica e Alimentos, mestrado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutorado sanduíche em Genética e Biologia Molecular pela Medical College of Georgia e Unicamp. Possui pós-doutorado pela Universidade da Pensilvânia. Atualmente é diretora e pesquisadora titular do Instituto Gonçalo Moniz/Fiocruz, sendo bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Tem experiência em hematologia e genética, com ênfase em Biologia Molecular, principalmente em doença falciforme, hemoglobina fetal, anemias, leucemias e saúde materno-fetal. É professora titular de Patologia da Faculdade de Medicina da UFBA e do Instituto Gonçalo Moniz, de Farmácia da Faculdade de Farmácia da UFBA e no curso de pós-graduação em Biotecnologia e Medicina Investigativa do Instituto Gonçalo Moniz, e de Imunologia do Instituto de Ciências da Saúde da UFBA.

MARINA MARIA RIBEIRO GOMES DA SILVA - ICICT/ FIOCRUZ E COMITÊ PRÓ-EQUIDADE DE GÊNERO E RAÇA DA FIOCRUZ

Marina Maria Ribeiro Gomes da Silva é formada em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestre em Informação, Comunicação e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde no Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz). Tem experiência em assessorias de comunicação de diferentes instituições, pesquisando e desenvolvendo práticas comunicacionais inclusivas, lecionando em diferentes cursos na área da saúde e colaborando para a disseminação democrática e acessível de informação, em defesa de direitos. Atualmente é jornalista da

seção de comunicação do Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação em Saúde (Ctic/Icict/Fiocruz) e integrante da coordenação colegiada do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz.

MARTHA CRISTINA NUNES MOREIRA - IFF/FIOCRUZ

Martha Cristina Nunes Moreira é graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em Ciências Humanas: Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). É docente e pesquisadora bolsista de produtividade do CNPq no Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira/ Fiocruz, onde assumiu a Vice-Direção de Ensino, de 2017 a 2021. Integra o Grupo de Pesquisa do CNPq “Estudos socioculturais do processo saúde-doença-cuidar”. Tem experiência em estudos sociais sobre condições crônicas, raras e complexas de saúde em crianças e adolescentes, bases de apoio e análises de ativismos ligadas aos movimentos das pessoas com doenças raras, teoria feminista do cuidado e vida com deficiência. Também é editora associada dos Cadernos de Saúde Pública e editora-assistente da Revista Ciência e Saúde Coletiva.

MYCHELLE ALVES MONTEIRO - INCQS/ FIOCRUZ E ASFOC-SN/FIOCRUZ

Mychelle Alves Monteiro tem graduação em Química Industrial pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestrado em Tecnologia de Processos Químicos e Bioquímicos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Engenharia de Processos Químicos e Bioquímicos também pela UFRJ. É pesquisadora e chefe do Laboratório de Medicamentos, Cosméticos e Saneantes do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS). Representante dos servidores no Conselho Deliberativo do INCQS e presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz (Asfoc-SN). Tem experiência na área de Instrumentação Analítica, atuando principalmente em análise de resíduos de antimicrobianos em águas e medicamentos.

NATALIA MACHADO TAVARES – UFBA E IGM/FIOCRUZ

Natalia Machado Tavares é bióloga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestre e doutora em Patologia pela mesma instituição, cujo programa de pós-graduação é também vinculado à Fiocruz. Fez período de doutorado sanduíche na França (Antibes), pós-doutorado em Imunologia pela Fiocruz e outro em Indianapolis (EUA) pela Indiana University – Purdue University of Indianapolis (Iupui). Atua em temas relacionados a imunologia, biologia celular, molecular, parasitologia e análise de dados globais, com ênfase em receptores de ativação de imunidade inata envolvendo microRNAs expressos em doenças cutâneas, comorbidades na leishmaniose humana. Atualmente é pesquisadora em saúde pública do Instituto Gonçalo Moniz (IGM/Fiocruz), atuando na área de Imunologia e Inflamação em doenças infecciosas, e professora do curso de pós-graduação em Patologia (UFBA e IGM).

NARA AZEVEDO – COC/FIOCRUZ

Nara Azevedo possui Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é mestre em Sociologia e Antropologia também pela UFRJ e doutorado em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). É pesquisadora titular da Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, onde ingressou em 1986, e docente do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC / Fiocruz). Suas áreas de pesquisa e ensino são: relação de gênero nas ciências; institucionalização das ciências biomédicas; história da saúde; sociologia da ciência. Entre 2005 e 2013 foi diretora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz-RJ.

NÍSIA VERÔNICA TRINDADE LIMA – PRESIDENTE DA FIOCRUZ

Nísia Verônica Trindade Lima é graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre em Ciência Política e doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj). Sua tese de doutorado “Um Sertão Chamado Brasil” conquistou o Prêmio de

Melhor Tese de Doutorado em Sociologia no Iuperj. É professora adjunta de sociologia da UERJ, professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), professora e pesquisadora titular da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Tem experiência em Pensamento Social Brasileiro, principalmente em ciência e pensamento social no Brasil, história das ideias em saúde pública, sertão no pensamento brasileiro, história do desenvolvimento no Brasil e história das ciências sociais em saúde. Em 2020, foi eleita membro titular da Academia Brasileira de Ciências (ABC) na categoria Ciências Sociais. Participa dos conselhos editoriais dos periódicos: Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência; História, Ciências, Saúde-Manguinhos; Caderno de História da Ciência-Instituto Butantan e Escritos da Fundação Casa de Rui Barbosa. É membro da Zika Alliance Network e da Comissão Lancet de Covid-19. Assumiu as copresidências da Rede de Saúde para Todos, da United Nations Sustainable Development Solutions Network, e do Grupo Diretor de Recuperação Econômica, para aconselhar sobre o desenvolvimento de um Roteiro de Pesquisa das Nações Unidas para a Recuperação Covid-19. Desde 2017, é presidente da Fundação Oswaldo Cruz.

PALOMA FERREIRA COELHO SILVA – IRR/FIOCRUZ

Paloma Ferreira Coelho Silva é bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), especialista em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre e doutora em Ciências Sociais pela PUC-Minas, com estágio doutoral na Universidad Carlos III, de Madrid. Possui experiência na área de sociologia e antropologia, com ênfase nos temas gênero, corpo, sexualidade e família. Atualmente, é pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto René Rachou – Fiocruz Minas, trabalhando com as temáticas: redes sociais, capital social, território e territorialidade, ciências humanas e sociais em saúde.

PAULA DIAS BEVILACQUA - IRR/FIOCRUZ

Paula Dias Bevilacqua é graduada em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), especialista em Epidemiologia Aplicada aos Serviços de Saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Medicina Veterinária também pela UFMG e doutora em Ciência Animal pela mesma instituição. Atualmente, é Especialista em Ciência e Tecnologia, Produção e Inovação em Saúde Pública do Instituto René Rachou (Fiocruz Minas), sendo bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Fiocruz Minas. Tem experiência em Saúde Coletiva, com ênfase em Epidemiologia e Ciências Humanas e Sociais em Saúde, atuando nos temas violência, gênero e saúde, feminismo e agroecologia, além de avaliação de políticas públicas.

ROBERTA GONDIM DE OLIVEIRA - ENSP/FIOCRUZ

Roberta Gondim de Oliveira é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), especialista e mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz e doutora na área de Sociologia, do Programa Governança, Conhecimento e Inovação pelo Centro de Estudos Sociais, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Atualmente é docente e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Atua na análise de políticas públicas, planejamento e gestão em saúde, dedicando-se especialmente à produção de conhecimentos e práticas de saúde voltadas a populações socialmente vulnerabilizadas, com foco na atenção primária em saúde, racismo, desigualdades e subalternidades à luz de abordagens decoloniais em diálogo com a saúde coletiva.

ROSANE CUBER GUIMARÃES - BIO MANGUINHOS/ FIOCRUZ

Rosane Cuber Guimarães tem graduação em Biomedicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestrado em Bioquímica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Vigilância Sanitária pela Fundação Oswaldo Cruz. Tem diversas especializações, entre elas Biologia Molecular pela Universidade de Brasília (UnB), Engenharia de Produção pelo Instituto Nacional de Tecnologia, Gestão Industrial de Imunobiológicos pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE). É tecnologista sênior do Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos) da Fundação Oswaldo Cruz, onde atua como vice-diretora de Qualidade. Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em qualidade, boas práticas, biossegurança e desenvolvimento de vacinas virais.

ROSEANE MARIA CORRÊA - ENSP/FIOCRUZ

Roseane Maria Corrêa tem graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especialização em Clínica da Dor pela Universidade Salvador (Unifacs). É membro do coletivo Negro Fiocruz e mestranda na Escola de Saúde Pública (ENSP) da mesma instituição.

SIMONE PETRAGLIA KROPF - COC/FIOCRUZ

Simone Petraglia Kropf é graduada em Sociologia pela Pontifícia e mestre em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e, doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é pesquisadora do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/Fiocruz), do qual foi coordenadora-geral entre 2013 e 2015. Integrou a diretoria da Sociedade Brasileira de História da Ciência entre 2009 e 2012. Vem atuando na área de história das ciências e entre seus temas de pesquisa, destacam-se: história das ciências biomédicas no Brasil no século XX; história da medicina tropical; história da doença de Chagas; história da cardiologia no Brasil (século XX). Atualmente desenvolve pesquisas sobre as relações e trocas científicas e educacionais entre Brasil e Estados Unidos e a circulação de saberes no âmbito da diplomacia cultural interamericana durante a Segunda Guerra Mundial. Mais recentemente vem realizando, ainda, estudos sobre a atuação da Fiocruz no enfrentamento da pandemia de Covid-19.

STEPHANIE DOS SANTOS CABRAL - IRR/FIOCRUZ

Stephanie dos Santos Cabral é graduada no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente é aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e integrante do Comitê de Divulgação Científica do Instituto René Rachou Fiocruz Minas. Assistente de gestão da Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente.

VALDILÉA GONÇALVES VELOSO DOS SANTOS - INI/ FIOCRUZ

Valdiléa Gonçalves Veloso dos Santos é graduada em Medicina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), mestre também em Medicina: Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Saúde Pública em Avaliação de Serviços de Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública/ Fiocruz. É diretora e pesquisadora do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas/Fiocruz e integra a equipe do Laboratório de Pesquisa Clínica em DST e Aids desse instituto. Tem experiência na área de Saúde Pública e pesquisa clínica em aids e hepatites virais, desenvolvendo atividades de popularização da ciência. É docente do curso de pós-graduação stricto sensu em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas e Parasitárias do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas. Participa das redes de pesquisa do National Institutes of Allergy and Infectious Diseases/NIH: Aids Clinical Trials Group (ACTG), HIV Prevention Trials Network (HPTN), HIV Vaccine Network e The Caribbean, Central and South America network for HIV epidemiology (CCASAnet). É pesquisadora principal do projeto de implementação de PrEP na América Latina, liderando o consórcio de instituições no Brasil, México e Peru, e integra os Comitês Técnicos para Terapia Antirretroviral em Adultos, Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e Prevenção da Transmissão Vertical do HIV, IST e hepatites virais.

VALENTINA DOS SANTOS LEITE - VPEIC/ FIOCRUZ

Valentina dos Santos Leite é graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É jornalista da Vice-Presidência de Educação, Informação e Comunicação da Fiocruz desde 2017, vinculada à Coordenação de Informação e Comunicação. Contribui com a Coordenação de Divulgação Científica e com o projeto “Mulheres e Meninas na Ciência”. É coautora do e-book *Menina Hoje, Cientista Amanhã*, publicado em 2020 pela Olimpíada Brasileira de Meio Ambiente da Fiocruz.

VANIRA MATOS PESSOA - FIOCRUZ CEARÁ

Vanira Matos Pessoa tem graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE), especialização em Educação Comunitária em Saúde pela Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE) e mestrado e doutorado em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua há mais de 20 anos no Sistema Único de Saúde, mais especificamente no ensino e na pesquisa em saúde da família, ambiente, trabalho e ecologia de saberes. É pesquisadora associada em saúde pública e coordenadora do projeto *Meninas na Ciência Fiocruz Ceará 2020-2021*.

ZÉLIA MARIA PROFETA DA LUZ - IRR/ FIOCRUZ

Zélia Maria Profeta da Luz é graduada em Farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Biologia Celular e Molecular pela Fundação Oswaldo Cruz e doutora em Parasitologia também pela UFMG. Foi diretora da Fiocruz Minas entre julho de 2012 e maio de 2021. Tem experiência em prevenção e controle para o enfrentamento da dengue, zika e chikungunya com foco na mobilização social e avaliação em saúde. É pesquisadora em saúde pública da Fiocruz e membro do Conselho de Economia da Saúde para Todos, da Organização Mundial da Saúde (OMS). Recebeu Medalha de Honra UFMG (2021) concedida a ex-alunos da instituição que se destacaram por contribuições relevantes à sociedade.

ZORAIDA DEL CARMEN FERNANDEZ GRILLO - FIOCRUZ MATO GROSSO DO SUL

Zoraida del Carmen Fernandez Grillo tem graduação em Ciências Biológicas pela Universidad Central de Venezuela, mestrado em Ciências Biológicas (Entomologia) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutorado em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública. Foi professora da Universidad de Carabobo, Valencia – Venezuela, no curso de Biologia, na Unidade de Biotecnologia e Biologia Celular, de 2004 até 2012. Tem experiência nas áreas de virologia e epidemiologia, com ênfase em arbovírus e culicídeos de importância médica. Em 2014, ingressou na Fundação Oswaldo Cruz do Mato Grosso do Sul como pesquisadora em saúde pública, atuando na área de viroses emergentes e reemergentes.



O **Dossiê Temático** se constitui um espaço de reafirmação da importância da inclusão de mais mulheres em áreas estratégicas para o desenvolvimento do país, especialmente ct&i em saúde. Ele se propõe a ampliar a visibilidade das iniciativas da fiocruz e fortalecer o papel da ciência na redução de desigualdades sociais de modo a reforçar a necessidade de um ambiente institucional cada vez mais diverso e plural na área científica, ao estimular a participação de ainda mais mulheres e meninas, enriquecendo todos os campos do conhecimento, num ciclo virtuoso.

Realização



MINISTÉRIO DA
SAÚDE

